

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LEILA OLIVEIRA RODRIGUES

**VIOLÊNCIA ESCOLAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
ESTUDO EM ESCOLA PÚBLICA DE GOIÂNIA**

Goiânia

2011

LEILA OLIVEIRA RODRIGUES

**VIOLÊNCIA ESCOLAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
ESTUDO EM ESCOLA PÚBLICA DE GOIÂNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFG, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Solange Martins Oliveira Magalhães.

Goiânia

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

R696v Rodrigues, Leila Oliveira.
Violência escolar e formação de professores [manuscrito]:
estudo em escola pública de Goiânia / Leila Oliveira
Rodrigues. - 2011.
190 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Solange Martins O. Magalhães.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal
de Goiás, Faculdade de Educação, 2011.
Inclui lista de abreviaturas.
Anexos.

1. Violência. 2. Violência escolar. 3. Formação docente. I.
Título.

CDU: 37.013.42

Dedicatória

Ao filho, Rodrigo de Oliveira Rodrigues, por me ter apoiado com o seu silêncio e preocupação no momento em que me dedicava aos estudos.

Á filha, Larissa Oliveira Rodrigues, que neste percurso transformou-se em moça vistosa que totalmente respeitou e considerou a importância de adquirir novos conhecimentos e soube aproveitar esses momentos para também aprender a se dedicar a seus estudos.

Aos meus pais, Antenor Gonçalves de Oliveira e Hermita Maria de Souza Oliveira, que permitiram que eu me aproximasse dos estudos, respeitando minha ausência nas horas das quais queriam minha presença.

A minhas irmãs Sirlene, Doris, Magda, Ednair e Marta e, conseqüentemente, meus cunhados e sobrinhos que presenciaram, mesmo a distancia, este momento de estudo.

A meu irmão Sérgio, que, mesmo ausente, foi sempre lembrado por mim no momento deste estudo.

Às Escolas Municipais que trabalhei e que me deu suporte para abrir meus olhos em busca de algo concreto que fortalecesse meus ideais, procurando conhecer o que hoje foi revelado por esse estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo presente da vida lúcida, que, em oração, permitiu-me iniciar e terminar este trabalho.

À orientadora professora Dra. Solange Martins Oliveira Magalhães, que, mesmo nos momentos difíceis, esforçou-se e, com seu carinho e dedicação, conseguiu continuar seu compromisso, assumindo a orientação sempre com o cuidado e amor no que faz. Com ela, através do seu jeito meigo, carinhoso e gentil, aprendi a pesquisar e entender sempre quando me fazia pensar e buscar respostas em meio a inúmeras bibliografias que ofertava. É tamanha o reconhecimento por ela, pela sua amizade e oportunidade que proporcionou experimentar a sensação de entender e dar respostas a várias dúvidas.

À professora Dra. Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de Souza por fazer parte do meu mundo acadêmico e por ter demonstrado atenção, cuidados em dividir seu saber de forma amável e de possível entendimento. É inesquecível seu acolhimento em suas aulas o que animou a vontade de estudar.

À memória do professor Valter Soares Guimarães, que, pelo seu jeito alegre, conquistou seu espaço e deixou marcas em suas publicações que tanto me ajudou na escrita deste trabalho.

À banca de modo geral, por ter aceitado o convite para participar de minha qualificação e defesa. À professora Dra. Alda Osório, pela contribuição precisa do trabalho na qualificação. À professora Sandra Valéria Limonta, que, quando das correções precisas do trabalho, só contribuiu para me fortalecer e avançar nas pesquisas com um tema tão complexo. Á professora Dra Maria José, que conheci em meio aos congressos e reuniões da pesquisa, e deixou claro que é preciso correr atrás para conseguir o que se quer.

À professora Dra Nilza da UFMT, que não fez parte da banca, mas de certa forma me atraiu pela sua sinceridade e carisma demonstrado em alguns momentos que nos encontramos.

Às professoras Maria Margarida e Marília Gouvêa, por transmitir conhecimento em suas aulas com sabedoria e responsabilidade.

Ao professor Marcos Corrêa da Silva Loureiro, que contribuiu através de suas leituras e correções com apreço e qualidade.

A todos os professores de modo geral, que contribuíram para minha vida acadêmica.

À Iremá pela força para continuar meus estudos e ao Sander pela troca de ideias e leitura de projetos por mim elaborados.

À professora Eliane Nunes, por corrigir meus textos durante minha gestão na Escola Municipal Donata Monteiro da Motta e que me fez crescer com seu gesto.

Às professoras e funcionários da rede municipal de ensino que me apoiaram e torceram por mim.

Aos amigos das disciplinas do mestrado e, em especial, ao colega Edson, pela ajuda nas horas de sufoco, com suas dicas e apreciação. À Cida, pelo apoio nas dificuldades encontradas. À Glaucia, que conquistou espaço em meu coração, e, através do seu gesto fraterno, fez-me acreditar que seria possível. À Suelayne, pela troca de experiências. À Silvia, pela troca e conforto nas horas precisas. À Roselene, por adquirir, juntas, a coragem de enfrentar. À Marilza, que me fez entender as várias interrogações no momento de suas colocações. À Ivone, por deixar-me bem a vontade perante o programa, sempre colocando que é um coletivo muito amável.

À todos que, de certa forma, passaram por minha vida e deixaram sua contribuição para esse conhecimento.

Em especial, meu reconhecimento e carinho à todos os funcionários e alunos da escola pesquisada que contribuíram com seriedade e que durante minha permanência lá sempre me acolheram de braços abertos demonstrando sinceridade em seus gestos de carinho.

RESUMO

RODRIGUES, Leila Oliveira. *Violência escolar e formação de professores: estudo em escola pública de Goiânia*. 2011. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa *Formação e Profissionalização Docente e Práticas educativas* e tem como tema a violência escolar. Seu objetivo é entender como vem sendo compreendido o fenômeno da violência escolar pelos sujeitos da escola, especialmente pelo professor do ensino fundamental, no que se refere ao que eles estão fazendo para a prevenção da violência e intervenção nela, como também entender se, de fato, os professores estão preparados para transformar, modificar e prevenir a violência na escola, bem como nela intervir. Também nos interessa saber o que conhecem sobre violência, se o que sabem advém de suas formações sócio-cultural e acadêmica. Neste trabalho, analisa-se também em que medida a violência se apresenta nesse espaço social, profissional, em específico nas relações interpessoais entre alunos e profissionais da educação da escola pública. As questões norteadoras do trabalho são: como é compreendido o fenômeno da violência? Conseguem os sujeitos identificar as várias formas de violência existentes e suas características? Se a violência está presente na escola, a forma como os professores lidam com ela advém da sua formação? Para tanto, o método de pesquisa utilizado foi o materialismo histórico dialético, a abordagem da pesquisa foi a qualitativa, e o tipo de pesquisa foi o estudo de caso. A pesquisa foi realizada no ano de 2010 em uma escola pública de educação básica localizada em um setor periférico de Goiânia, capital do estado de Goiás. Os sujeitos foram dez professores e 26 alunos. Foram realizadas observações das aulas e entrevistados todos os professores e os nove alunos que, segundo a escola indicada pela Secretaria Municipal de Educação, tinham apresentado envolvimento com violência. Com as entrevistas, procurou-se concentrar informações sobre as experiências vividas pelos sujeitos tanto em relação à família quanto a seu convívio social, principalmente na escola. Essas informações foram categorizadas segundo o método adotado, destacando-se três categorias, que possibilitaram o entendimento do fenômeno: a) violência e violência escolar; b) trabalho do professor como trabalho alienado e; c) trabalho docente e saberes docentes. A pesquisa detectou que a violência física está muito presente nos conflitos entre os alunos na escola e, em muitos casos, há explicações coerentes sobre como evitá-la. Entretanto, existe uma incapacidade para fazê-lo, seja pelas condições objetivas em que vivem os sujeitos, ou pelas condições subjetivas que envolvem o fenômeno da violência. A maior contribuição da pesquisa foi desvelar as marcas visíveis e invisíveis da violência no contexto escolar. Alerta-se para o fato de que a falta de preparo do professor para atender à violência encontra-se, segundo os próprios professores, em sua formação inicial e continuada.

Palavras-chave: Violência. Violência escolar. Formação docente.

ABSTRACT

RODRIGUES, Leila Oliveira. School violence and formation of teachers: a study in a public school of Goiânia. 2011. 190. sh. Dissertation (Mastership in Education) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

This work is linked to the research line *Formation and Professionalization of Teachers and Educational Practices* and its theme is school violence. It has as aim to understand how the phenomenon of school violence has been understood by the school subjects, especially by teachers of fundamental school, in what it is related to whatever they are doing for violence prevention and for intervention on it, as well as to understand if, in fact, the teacher have been prepared to transform, modify and prevent violence in school. We are interested too to know what they know about violence, if whatever they know come from their socio-cultural and academic formations. In this work it is also analyzed at what extent violence occurs in this social and professional space, specifically in interpersonal relationships between students and education professionals in public school. The leading questions of the study are: how is understood violence phenomenon? Do the subjects get up to identify the several forms of violence and its characteristics? If violence is present in school, does the way how teachers manage it have origin in their formation? The research method used was the historic and dialectic materialism, the research approach was the qualitative one and the research type, the study of case. The research was carried out in 2010, at a public school of basic education in Goiânia, capital of the state of Goiás. The subjects were ten teachers and twenty-six students. Observations of classes and interviews with all the teachers and with nine students, pointed by the Municipal Education Secretary as involved with violence were made. With these interviews we intended to concentrate information about the experiences lived by the subjects, both related to family and to social living together, especially in school. These informations were categorized according to the method adopted. From the categories, have been emphasized three: a) violence and school violence; b) teachers' job as alienated work; c) teachers' job and teacher knowledge. The research revealed that physical violence is very present in conflicts among students in school and, in many cases, they have coherent explanations about how they can avoid it. Nevertheless, they are unable to do it, sometimes because of their objective conditions of life, sometimes because of subjective conditions which involve the violence phenomenon. The more important contribution of the research was to reveal the visible and invisible marks of violence in school context. We alert to the fact that the lack of teachers' preparation to deal with violence is, according to teachers themselves, due to their early and continued formation.

Keywords: Violence. School violence. Teachers' formation.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ABA - Associação Brasileira de Antropologia
ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ASHA- Auxiliar de Serviços de Higiene e Alimentação
CEFPE – Centro de Formação dos Profissionais da Educação
CMAI- Centro Municipal de Apoio à Inclusão
CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil
DEPAI – Delegacia de Polícia de Atos Inflacionários
DI – Deficiente Intelectual
DPCA- Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente
DSTS – Doenças sexualmente transmissíveis
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA- Educação de Jovens e Adolescentes
FE - Faculdade de Educação
FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
GIRO – Grupo de Intervenção Rápida Ostensiva
GT – Grupo de Estudo
HUGO – Hospital de Urgência de Goiânia
IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
MHD - Materialismo Histórico Dialético
PNEDH - Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos
PPP – Proposta Político Pedagógica
PROERD- Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
RAIVA - Rede Aberta de Investigação da Violência
SESI – Serviço Social da Indústria
SME - Secretaria Municipal de Educação
TCO - Termo Circunstanciado de Ocorrência
UFG - Universidade Federal de Goiás
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URE - Unidade Regional de Educação

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ABREVIATURAS	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. A VIOLÊNCIA E SUA COMPLEXIDADE	20
1.1 Concepções de violência.....	21
1.2 A violência como fenômeno social: uma perspectiva sociopolítica.....	25
1.3 O fenômeno da violência na perspectiva da antropologia, da filosofia, da sociologia, da psicologia e da educação	35
1.3.1 A perspectiva antropológica	36
1.3.2 A perspectiva filosófica.....	39
1.3.3 A perspectiva sociológica	43
1.3.4 A perspectiva psicológica	48
1.3.5 A perspectiva educacional: contribuições da ANPED.....	53
1.4 Sínteses da questão da violência.....	66
CAPÍTULO 2. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A VIOLÊNCIA: “VIOLENCE DOUCE” ...	68
2.1 A compreensão conceitual de violência escolar.....	71
2.2 Saberes docentes e o fenômeno da violência escolar.....	75
2.3 O método, abordagem e o tipo de pesquisa	78
2.4 O percurso da pesquisa e os sujeitos	82
2.4.1 Procedimentos da pesquisa	85
CAPÍTULO 3. VIOLÊNCIA ESCOLAR: O QUE SE DESVELA?	88
MARCAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	88
3.1 Resultados da pesquisa	88
3.1.1 Violência e violência escolar.....	94
3.1.2 Trabalho do professor como trabalho alienado	104
3.1.3 Trabalho docente e saberes docentes	111
3.1.3.1 Saberes estruturados revelados pelos professores	118
3.1.3.2 Saber contextualizado revelado pelos professores.....	119
3.1.3.3 Saber afetivo revelado pelos professores	119
3.1.3.4 Saber pedagógico e sistematizado	119
3.1.3.5 Saber pedagógico e sistematizado revelado pelos professores	119

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	139
APÊNDICES.....	149
ANEXO.....	188

INTRODUÇÃO

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência, um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. Paulo Freire. (1996, p 23).

Interrogarmos sobre as várias formas de violência existentes no âmbito escolar nos despertou para o questionamento de: se os sujeitos identificam a violência escolar, suas formas e características; se a violência está presente na escola; como os professores lidam com ela; se a formação docente trabalha a questão da violência escolar; como os professores se comportam frente à violência escolar; se são vítimas ou possíveis agentes dessa violência e, ainda, em relação à escola: se as práticas e rotinas pedagógicas da escola são eficazes no combate à violência e sua prevenção; se a escola pode contribuir para o combate à violência; se as normas institucionais contribuem para manter ou combater as condutas violentas na escola.

Todas essas interrogações possibilitaram desenvolver um trabalho direcionado a análise e compreensão do fenômeno da violência na escola. As respostas a todas as perguntas se encontram no corpo do trabalho, mas faremos aqui um apanhado geral do que se destacou em relação a todos os questionamentos.

Começar a responder a essas questões nos remete à lembrança de que a forma encontrada para se chegar aos resultados só foi possível em virtude da disposição do coletivo da escola de contribuir para uma pesquisa com esse tema. Isso nos fez pensar que, pelo fato de já 'estarem no gargalo' de tantos fatos violentos ocorridos naquele ambiente, não tinham qualquer temor de serem investigados. A participação na pesquisa constituiu-se de certa forma em um grito de socorro pelas condições em que trabalham, em meio à violência escolar. Nessa perspectiva, fazemos alguns questionamentos:

- a) como é compreendido o fenômeno da violência?
- b) os sujeitos conseguem identificar as várias formas de violência existentes?
- c) os sujeitos identificam a violência escolar, suas formas e características?

- d) se a violência está presente na escola, a forma como os professores lidam com ela advém da sua formação?

A investigação sobre a violência na escola revela-se um estudo atual e de grande relevância diante das manifestações que se apresentam nos contextos escolares. Pesquisar esse tema é no mínimo uma necessidade profissional porque a violência nas escolas não é um fenômeno recente, mas extremamente preocupante. Abramovay (2002).

Não podemos esquecer-nos de que a escola é uma instituição social e não pode desconsiderar o que se passa na sociedade em que está inserida; sobretudo, é pressionada a tomar posições sobre o que acontece com seus alunos dentro do recinto escolar e, conseqüentemente, resolver determinados problemas cotidianos que os alunos trazem de sua vida externa à escola.

Com base em minha experiência como professora do ensino fundamental da rede pública de Goiânia há alguns anos, convenci-me através da vivência e de relatos de colegas da profissão de nossas dificuldades para atender os alunos com características violentas, o que me despertou o desejo de pesquisar sobre violência escolar e sobre os conflitos que surgem a cada momento.

Percebemos que a escola pública se transforma, em alguns momentos, em palco de violências de classes. Confirmamos na coleta de dados da escola investigada, as péssimas condições de trabalho dos profissionais e de atendimento aos alunos. O aluno é atendido em uma estrutura física que, de certa forma, destina-se à classe desfavorecida, incluindo nesta sua localização geográfica e a comunidade local. Diante dessa realidade, mesmo que haja compromisso por parte do professor no sentido de intervir e prevenir a violência, também ele se torna vítima reprimida, sem condições de atender sozinha a situação, de modo que fica inviável conduzir seu trabalho por um caminho oposto ao dia a dia em que o aluno se vê envolvido com a violência.

Nesse sentido, busca-se um entendimento da violência escolar e, para que este parta de fatos reais, optou-se por realizar a pesquisa de campo em uma escola pública identificada com maior índice de violência, tal como informado pela Secretaria Municipal de Educação (SME).

Com o olhar de professora, coordenadora e diretora de escola pública, entendia, antes da pesquisa, que conflitos dentro do ambiente escolar geram

desconforto, quando um aluno se demonstra agressivo e toda a comunidade escolar o rotula como bravo, nervoso e violento. Sabemos que, não por irresponsabilidade nem do professor nem do aluno, ambos se envolvem no fenômeno da violência, o que leva à necessidade de se apurarem esses desconfortos, razão que motivou a realização desta pesquisa.

A indagação incide sobre a possível criação de espaços públicos na vida escolar que permitiriam o reconhecimento das diferenças, a emergência de conflitos e de práticas de negociação para a sua resolução, a atenuação das desigualdades e a tolerância (SPOSITO, 1998, p. 5).

Assim, alertamos para o fato de que a violência presente no contexto escolar somente contribui para a negação do direito da criança a uma escola digna e confortável é uma forma de violência contra a própria cidadania das crianças; em último caso, contra a sua constituição como cidadã. Deixar de alertar os formadores de opinião e os próprios professores sobre a real situação de modo a permitir-lhes refletir e posteriormente trabalhar em prol da redução da violência, para que não se neguem os direitos da infância e lhe sejam proporcionadas harmonia e segurança é, nesse sentido, ser cúmplice de uma violência, que aqui chamamos de invisível.

Dessa forma, acreditamos que este trabalho contribuirá para o entendimento da violência que domina a sociedade e ajudará na busca de soluções para situações de violência dentro do ambiente escolar.

Nesse sentido, compreendemos que a violência no contexto da escola é um fenômeno social que pode apresentar-se em diferentes tipos de contextos educativos, alterando as relações interpessoais e acabando por prejudicar o processo ensino-aprendizagem. Julgamos que se trata de discussões importantes porque a violência traz sérias consequências para a educação, de modo que, para pensá-la e reconhecê-la, é preciso também investigar a formação e atuação dos professores, uma vez que a questão da violência se torna um grande desafio para eles.

Assim, nossos questionamentos visam à compreensão do fenômeno da violência; para entender como os sujeitos identificam-na no contexto escolar, suas formas e características, bem como o reconhecimento de se os professores, diante da presença da violência na escola sabem lidar com e como se comportam perante ela. Visa-se a reconhecer ainda se estes professores são apenas vítimas ou também possíveis agentes da própria violência escolar e se a escola, por meio de suas

práticas e rotinas pedagógicas é eficaz no combate à violência e na sua prevenção. Trabalham os professores a questão da violência no contexto escolar? O que estão eles fazendo para nela intervir? Estão preparados para transformar, modificar e prevenir a violência na escola? A escola pode contribuir para o combate à violência? As normas institucionais contribuem para manter ou para combater as condutas violentas na escola?

Essas questões permeiam o objetivo geral e específico desta pesquisa e buscam identificar os conceitos de violência, seus significados, suas formas e como esta se manifesta no contexto escolar.

Abramovay relata que “implicações da violência e suas diferentes manifestações no espaço escolar têm preocupado, de forma especial, toda a sociedade. Assim, para entender tal fenômeno, torna-se indispensável conhecer o ambiente escolar.” (ABRAMOVAY, 2002, p. 121). Por isso, para o entendimento do fenômeno da violência, temos como base os argumentos teóricos de Abramovay (2009), Adorno (1995) Arendt (1994), Brandão (2008), Charlot (2002), Chauí (1999), Clastres (1982), Da Matta (1982), Debarbieux & Blaya (2002), Fante (2005), Foucault (1979) Loureiro (1999), Maffesoli (1987), Magalhães (2004), Michaud (1989), Marra (2007), Pesavento (2006), Pinheiro (1992), Velho (1996), Waiselfisz (2003), Wieviorka (2002) dentre outros.

Enquanto educadora da rede pública de ensino, acredito ser preciso que se criem condições através formação continuada, para que os professores reflitam sobre a alta ocorrência de violência nas escolas. É necessário que estes se humanizem e ao se humanizarem, revejam seus modos de pensar, agir e entender as razões da violência. Desse modo, poderão refletir sobre essas com base em conhecimentos que lhes permitam a identificação das contradições existentes na prática educacional de modo a se criar no aluno e no professor a consciência de que a violência não é solução para os problemas do seu cotidiano, de modo que consigam libertar-se dela, que, atualmente os cercam, seja em casa, seja na escola ou nas diferentes instâncias da sociedade.

Para tanto, é preciso tomar conhecimento de algumas situações encontradas na pesquisa da escola. Refiro-me a saber como a violência acontece na escola para o que é preciso que se verifiquem as ações violentas praticadas no seu cotidiano e se estas, de alguma forma, comprometem a aula e a aprendizagem do aluno; ou seja, uma pequena atitude que compromete a violência não resolvida no contexto

escolar pode denotar grandes prejuízos para alunos e professores, sem que se saiba que se trata de violência. Por isso a contribuição ou alerta desse trabalho pode trazer à classe de professores contribuições importantes para alertar sobre indícios de violência dentro da sala de aula.

Nesse intento, há que se levar em consideração se a formação do professor lhe oportunizou entender a condição de violência na escola e se o contexto sócio-histórico e político o tornaram capaz de reconhecer ações violentas no contexto escolar e, ainda, se o professor está preparado para enfrentá-las. Entretanto, não basta observar a história da infância e nela identificar momentos extremamente violentos contra as crianças. O que importa é recompor o concreto pensado identificando palavras, gestos, atitudes que naturalmente passam despercebidos pelos sujeitos, que, sem vacilar, transmitem uma violência escolar aparentemente invisível aos seus olhos. Digo invisível porque, em minha convivência como professora, a reflexão sobre esses momentos de violência começam a engatinhar e, entretanto, percebemos que esta está presente no contexto de forma camuflada, difícil de ser reconhecida.

Enfim, há, de fato, muitas formas e ações presentes na sociedade que, embora visíveis, ainda não são consideradas violentas. Por serem consideradas naturais, as pessoas agem como se estivessem totalmente corretas, o que não as livra de culpabilidade, inclusive jurídica, ainda que tomem essas atitudes sem saber que se constituem em formas de violência escolar.

Levando em conta a necessidade de fundamentação teórica para apreensão do objeto de pesquisa em sua amplitude, refere-se no Capítulo 1, *A violência e sua complexidade*, às origens da violência e a sua posterior banalização. O estudo foi realizado com base em ampla revisão bibliográfica do tema, considerando-se alguns pontos importantes, com o objetivo de se entender a história social e fundamentar uma compreensão dessa realidade. Ajuda a entender também o conceito de violência, definindo-a como todo comportamento que leva ao sacrifício do outro ou o deixa constrangido ou vexado perante determinadas situações; em decorrência, violência escolar é todo ato que coloca em risco a integridade, psicológica ou física de outrem dentro do ambiente escolar.

Envolvendo os campos antropológico, filosófico, sociológico, psicológico e educacional, a pesquisa aponta, mesmo que sem grande aprofundamento, alguns aspectos, desde o período pré-histórico até os dias de hoje, que nos ajudam a entender que a violência pode ser justificável, mas nunca será legítima.

O Capítulo 2 refere-se à formação docente e aos saberes do professor que convive com os alunos no dia a dia em sala de aula, aos relacionamentos interpessoais e suas influências no clima escolar e no contexto educacional brasileiro. Ainda nesse capítulo, com base nos autores e nas percepções dos sujeitos entrevistados, coloca-se a possibilidade de uma intervenção na formação de professores. O capítulo tem como título *A instituição escolar e a violência: "violence douce"*. Esse vem questionar se, de fato, as instituições estão com receio da violência ou se estão procurando resolver o problema. A investigação apresenta estudos e pesquisas que identificam a ação do sujeito violento na escola, numa abordagem que visualiza o comportamento do professor diante de sua formação, sua preparação para lidar com a violência, apontando, buscando e atribuindo saberes para intervenção diante do atrito dentro da escola. Apresenta também o despreparo do professor para atender à violência, tanto em sua prática, como em relação aos conhecimentos sobre o tema. Nesse sentido, os autores Arroyo (2002), Barth (1993), Facci (2004), Fichtner (1985) Guimarães (2004), Lessard (2006) Marcovich (1985), Nóvoa (1995), Perrenoud (1993), Sacristán (1999), Saviani (1991), Silva (2008) Souza (2006) Sposito (1998) e Taubenschiac (1985) contribuem para a construção do trabalho.

O capítulo 3, *Violência escolar: o que se desvela? Marcas visíveis e invisíveis da violência no contexto escola* apresenta o percurso da pesquisa de campo realizada por meio do levantamento de informações junto a alunos e professores de uma escola pública apontada pela Secretaria Municipal de Educação como possuidora de altos índices de violência. As observações e entrevistas procuram respostas aos questionamentos envolvendo a história em torno da violência e da violência escolar de uma escola pública. A pesquisa busca analisar o objeto desde sua construção teórica apresentada nos capítulos 1 e 2, utilizando como pressuposto o método do materialismo histórico dialético (MHD), que, segundo Triviños (1987), ajuda a desvelar as contradições sociais que nem sempre estão claras no contexto social. Nessas contradições, a questão da violência na sociedade e na escola precisam ser bem estudada nos cursos de formação inicial e continuada de professores.

Para conduzir a pesquisa no método do materialismo histórico dialético, Bogdan e Biklen (1994), Brandão (2002), Chizzotti (1991), Cury (1985), Freitas (2002), Frigotto (1996), Gadotti (2000) Gatti (1997), Guerra (2005), Lima (2010),

Mészáros (2006), Ortega (2002), Rodrigues (2000), Sacristán (1999), Spink (1999) e Triviños (1987) direcionam nossas reflexões.

Por determinação do método, o campo de pesquisa necessariamente precisava pertencer à rede pública. Contamos com o apoio da SME, que nos apresentou uma lista de treze escolas com características violentas. Diante desta, utilizamos critérios de escolha e, assim, selecionamos a escola que atendia crianças em bairros populares e tinham em seu quadro funcional professores de faixas etárias distintas e sujeitos que tivessem passado pela formação acadêmica em momentos diferentes. Dentre essas características necessárias e com autorização para conhecer o dia a dia da escola, fomos recebidas com lisura pela equipe da unidade educacional.

Atendendo aos critérios, confirmamos, a pesquisa foi realizada em uma escola pública de educação básica da capital de Goiânia-Goiás, localizada em um setor periférico, apontada pela SME como escola com características violentas. Os sujeitos da pesquisa nessa escola foram seus professores e alunos; os procedimentos de coleta de dados utilizados foram observações do dia a dia em cada aula e entrevistas com alguns alunos e com todos os professores que atendiam a turma, verificando-se, se de fato, as informações que a SME fornecera coincidiam com o foco da pesquisa. Houve o cuidado quanto à pluralidade e aos tipos de informantes entrevistados, com o objetivo de se apurar se havia violência escolar e qual era o tipo de violência que existia ali.

Outro critério também utilizado referiu-se à escolha da sala de aula. Após contato com a escola, o coletivo de professores, ciente da pesquisa e tendo-a autorizado, indicou a turma que apresentava características violentas, que, na visão deles tratava-se de alunos que traziam transtornos aos professores e à escola, perturbavam as aulas e estavam em constantes confusões, atritos e, de certa forma, despertando para a violência.

Após aceitação da escola para a realização da pesquisa e com a anuência dos professores responsáveis pela turma para sua participação, estabeleceu-se uma previsão com o coletivo, tendo ficado acordado que toda a pesquisa aconteceria no período de agosto a outubro de 2010, três meses, portanto, em quatro semanas destinadas às observações em momentos escolhidos pela pesquisadora, o que contemplou todas as aulas. As observações ocorreram em caráter exploratório para uma maior aproximação do problema estudado, favorecer um contato inicial,

identificar os tipos de violência existentes no local e, sobretudo verificar a veracidade dos fatos que seriam relatados nas entrevistas.

No que diz respeito às entrevistas, não houve escolha de professores para participar; todos os que atendiam a sala de aula observada aceitaram participar da entrevista e consentiram na observação de suas aulas. Quanto aos alunos, os vinte e seis matriculados foram observados, mas foram convidados para a entrevista apenas aqueles que manifestaram tendência a violência constatada durante a observação nas aulas, sendo selecionados dentre eles os que aceitarem ser entrevistados e, conseqüentemente, foram autorizados pelos responsáveis a participar. As entrevistas concentraram-se nas experiências vividas pelos sujeitos em relação à família e ao seu convívio social, principalmente na escola. Nessa fase da entrevista, o objetivo foi descobrir a maneira de pensar, agir, revelar as crenças, as motivações e as atitudes dos sujeitos em relação ao tema pesquisado.

O percurso da pesquisa comprovou, de certa forma, o parecer da SME, porque detectou a presença de violência física, confirmada através da observação de pequenos conflitos entre os alunos na sala de aula. Assim, os meninos apresentaram maior incidência do fenômeno; eles relataram a violência estando nela envolvidos. Já as meninas relataram a violência com conotação de valores, sendo elas contra a violência física, tendo demonstrado enfaticamente que esta é ruim para as relações na escola. Esses e outros dados ou informações sobre a violência escolar são relatados e discutidos com maior profundidade ao longo do capítulo 3.

Nas considerações finais comentamos o contexto e o aspecto físico da escola pesquisada, de certa forma desgastada, a crescente violência no espaço escolar, a insegurança por parte dos professores, seu despreparo para lidar com a violência e conseqüentemente seus saberes e sua formação, que não são suficientes para resolver pequenas ações de violência na escola, embora anseiem para consegui-lo.

Mas, diante das ansiedades no cotidiano do professor, bem como em minha carreira profissional, a pesquisa ajuda a pensar a realidade de forma a perceber as múltiplas determinações, as contradições, o trabalho do professor e a alienação, além de trazer o concreto pensado que nos faz entender melhor a realidade pela mediação teórica. Compreender a situação através de uma pesquisa científica significou verificar os problemas relacionados à violência por outro ângulo, ver o ambiente propício, de certa forma, aos vários tipos de violência, o que gera uma 'naturalidade' na percepção dos fatos, aumenta ainda mais a necessidade educativa

de lutar pela causa da criança, descobrindo ainda mais os fatores que indicam a violência no ambiente escolar e como agir para mediar na escola a agressividade e o conflito, a fim de regulá-los pela palavra e não por outras formas de violência (CHARLOT, 2002).

CAPÍTULO 1

A VIOLÊNCIA E SUA COMPLEXIDADE

Longe de ser uma instância passiva, a escola pode ampliar a violência ou contribuir para a construção da paz na sociedade (DEBARBIEUX & BLAYA, 2002, p. 10).

Este capítulo busca entender o fenômeno da violência em suas múltiplas determinações, atentando para as contribuições da Antropologia, da Filosofia, da Sociologia, da Psicologia e da Educação. Ademais, por se tratar de temática relacionada à escola pública, tal fenômeno, dentro ou fora dos muros escolares, afeta diretamente o âmbito das instituições escolares, sendo, pois, necessário refletir a respeito das discussões contemporâneas acerca da violência escolar. “Nós, educadores, não estamos sabendo entender, decodificar o pedido de socorro da sociedade que quer ou precisa mudar, inscrito nas mensagens desagradáveis, embutida nos gritos dissonantes que ainda só identificamos como violência.” (LOUREIRO, 1999, p. 59).

Precisamos refletir sobre que violência é essa atingindo a escola para podermos preveni-la e combatê-la. Será que pessoas envolvidas no fenômeno da violência não criam no ambiente um reforço invisível que aumenta essa violência, naturalizando-a? Na escola não é muito diferente: pensa-se nos devidos esclarecimentos, tanto por parte dos educadores quanto dos alunos, se não conscientizados, pode-se gerar violência. No caso dos professores, é urgente e necessário repensar a violência e esclarecer os alunos que o ato violento não é correto. Refletir sobre a questão ainda enquanto criança quando esta convive com a violência e recria momentos que, se não conscientizados, não a ajudarão a distanciar-se de situações de violência, podendo, ao contrário, ultrapassando os muros da escola e atingindo a sociedade, contribuir para torná-la um adulto violento.

O conhecimento do contexto atual no qual a escola pública brasileira está inserida permite perceber que esse contexto é fortemente marcado pela desigualdade, como consequência, sobretudo, de um sistema econômico, capitalista, em que se dá a exploração do homem pelo homem. Em um contexto social violento, é preciso que a escola seja um espaço de novas significações. Sobretudo no que tange às relações interpessoais, estas devem ser preservadas no

sentido de veicular valores que combatam a violência. É o que precisa ficar claro para toda a sociedade, especialmente para professores e alunos.

Um alerta, “longe de ser uma instância passiva, a escola pode ampliar a violência ou contribuir para a construção da paz na sociedade”, afirmam Debarbieux & Blaya (2002, p. 10). É necessário compreender a dinâmica da violência na escola, olhar seus detalhes com conhecimento e coerência para ajudar o professor a entendê-la de acordo com a realidade vivida pela escola e por toda a comunidade envolvida. Para tanto, nosso próximo passo é entender o conceito de violência.

1.1 Concepções de violência

Para o entendimento do fenômeno da violência escolar, faz-se necessário um estudo que tente compreender o conceito com base nas concepções de diversos autores. Nesse sentido, aponta-se o pressuposto de que o estudo inerente a esta temática deve levar em conta a análise da realidade “em comparação com outras realidades” e sua historicidade (MARRA, 2007, p. 33). Afinal, a violência não é a mesma em períodos históricos distintos, quer se trate das manifestações tangíveis do fenômeno e suas representações ou da maneira como as ciências sociais a abordam.

Nesse percurso, Michaud (1989) alerta para a dificuldade de se estabelecer o conceito de violência, já que os usos correntes do termo apresentam contrastes entre os sentidos e a própria etimologia da palavra. Cita-se como exemplo os dicionários de francês contemporâneo, onde violência é definida como o

fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação; b) o ato através do qual se exerce a violência; c) uma disposição natural para a expressão brutal dos sentimentos; d) a força irresistível de uma coisa; e) o caráter brutal de uma ação (MICHAUD, 1989, p. 7).

Ainda para Michaud (1989), referindo-se à etimologia do termo,

“violência” provém do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital (MICHAUD, 1989, p. 8).

De acordo com os autores, ressalta-se a importância de compreender a definição de violência conforme os dicionários, tal como o fez Marra (2007, p. 34) que ainda acrescenta o léxico da palavra, ou seja, a violência é entendida como “intervenção física voluntária de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo, cuja finalidade seja destruir, ofender ou coagir”. No caso do dicionário, Soares Amora a violência é definida como “qualidade de violento; abuso da força; ação violenta; ação de violentar.” (2008, p. 770) Entende-se que as definições são diversas, o que requer certo apuramento no trato como tema.

No que tange às suas várias formas de entendimento e conceituação, acredita-se que “o termo violência se apresenta como um significante, cujos significados são histórica e culturalmente construídos [...], dependendo do momento histórico ou contexto social, significados diferentes lhes são atribuídos.” (WAISELFISZ, 2003, p. 15).

Com base nos autores citados, percebe-se um consenso quanto ao estado de opressão em que se encontram as pessoas quando vítimas da violência porque o ato de prejudicar outrem já configura violência. É significativo pensar que os autores consolidaram o entendimento do conceito de violência com a idéia de luta associada à violência, a qual se realizaria também por meio da luta de classes. Isso também significa que o interesse pessoal do poder de dominação do homem pelo homem e do homem sobre as coisas realiza-se por meio do exercício da violência, sobretudo ao se criar uma hierarquia social (MICHAUD, 1989). Nesse caminhar, é possível perceber que uma das marcas da violência vai além do confronto entre pessoas, compromete o meio em benefício do homem ou de sua própria vontade de controle em adquirir poder até chegar à própria destruição. Percebemos que “os meios de comunicação de massa invadem cotidianamente nossos sentidos com espetáculos de horror que ora sinalizam a barbárie, ora nos colocam nas vésperas ou ante-vésperas de uma guerra civil” (PORTO, 1995, p. 266).

Ainda conceituando violência cabe também compreender a questão das guerras como manifestações de violência. Sem se querer aprofundar, julga-se interessante apresentar as ponderações de Pesavento (2006) que, ao se compararem os relatos históricos, obras artísticas e também as Sagradas Escrituras, encontra-se uma conotação diferente e simbólica acerca da violência entre os homens. As figuras “A luta dos anjos”, de Gustave Doré, “Os quatro cavaleiros do Apocalipse”, de Albrecht Dürer e “O rosto da guerra” de Salvador Dali, servem apenas de ilustração para o esclarecimento do entendimento da autora:

os mitos, bem o sabemos, são narrativas que revelam e explicam, de forma cifrada, as verdades sobre a vida e assim, mesmo estes mitos ancestrais, atemporais e transhistóricos, falam de coisas identificáveis na existência dos homens: a violência jacente nas relações humanas a marcar a difícil convivência através do tempo (PESAVENTO, 2006, p. 2).

Cabe ressaltar também no entendimento da autora que a violência a que ela se refere não é contemporânea; trata-se apenas modelos de cenas violentas que, de certa forma, impregnaram a humanidade até os dias de hoje, através desse impulso maligno que subjaz ao homem. As obras são as seguintes:

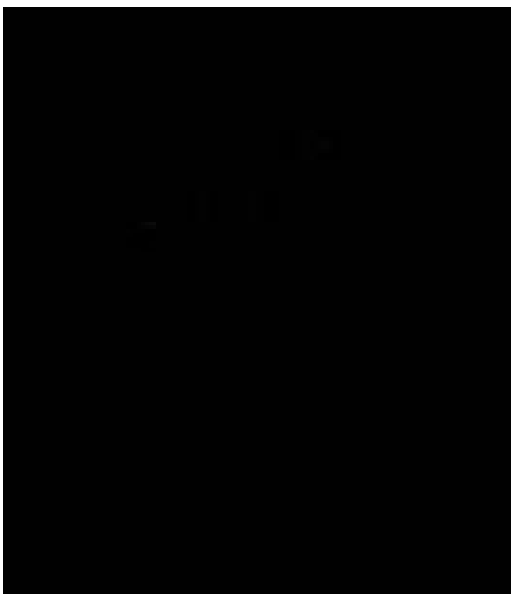


Figura 1: A luta dos anjos. Gravura de Gustave Doré. ilustração da obra O paraíso perdido, do poeta inglês. John Milton, na publicação de 1866
Fonte: PESAVENTO, 2006, p.1

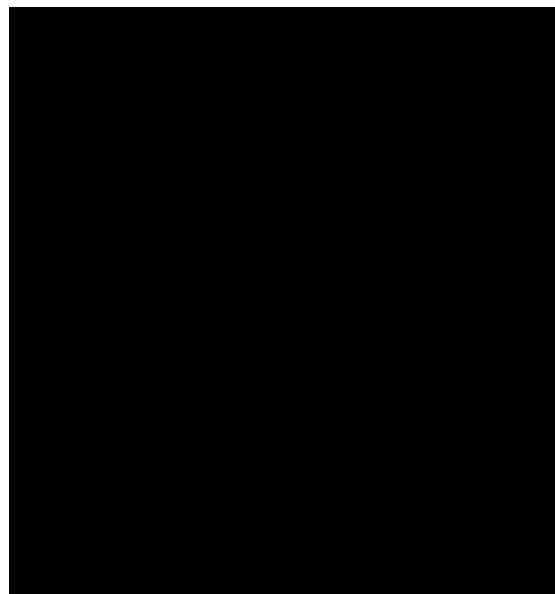


Figura 2: Albrecht Dürer. Os quatro cavaleiros do Apocalipse. c.a. 1497. Veneza, Biblioteca do Museu Correr
Fonte: PESAVENTO, 2006, p.2

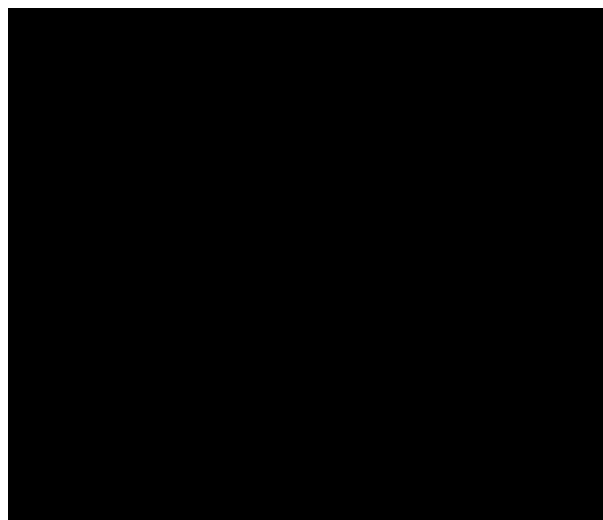


Figura 3: Salvador Dalí. O rosto da guerra, 1940-1
Fonte: PESAVENTO, 2006, p.3

Numa perspectiva histórica, assim como Pesavento (2006), Michaud (1989), também estudando a historicidade do fenômeno da violência, demonstrou num movimento comparativo que a violência, ao longo do período histórico do mundo contemporâneo não se distancia do seu teor atual.

Isso evidencia que, apesar das diversidades das guerras qual o mundo viveu lhe causaram sofrimento, morte e perda humana, o ser humano ainda é capaz de gerar um arsenal nuclear que se desenvolve e se especializa a todo o momento. Michaud considera que existe no mundo atual um hipermercado da violência (MICHAUD, 1989), o que é significativamente mantido pela indústria de armamentos que contribui de forma significativa para a reprodução da violência na sociedade. O quadro de barbárie demonstrado exaustivamente na mídia, estrutura e naturaliza caminhos violentos, deixando sua marca no fortalecimento da ideia de que, para tudo o que o homem deseja, precisa lutar, usar a lei do mais forte para impor regras e, de certa forma, atingir interesses próprios (FOUCAULT, 1987).

Individualmente, a defesa em benefício próprio ou um abuso de poder é que gera a violência. Gilberto Velho, (1996, p. 238) diz que “frequentemente, quase como rotina, esperamos que determinadas instituições ou grupos exerçam a violência para nos defender”. Com o mesmo entendimento, citamos Arendt (1994), quando afirma que na corrida para atingir o poder em benefício próprio sem obter êxito, a opção primeira que se dá é pela ação violenta dependendo da não aceitação do indivíduo, “a temática do poder do seu emprego e aplicação para a de sua criação e manutenção” (p. 8). A autora também expõe como atos violentos a guerra, a rebelião, as revoluções e os momentos de reivindicações. Mas a autora conclui que “a violência destrói o poder, não o cria” (p. 8).

Arendt (1994), numa perspectiva marxista, traz um conceito de violência que se articula à luta de classes e aponta que esta, o capitalismo, a luta pelo dinheiro, pelo poder e a guerra fazem parte da condição do homem diante da natureza. Na concepção de Arendt (1994), a burocratização da vida pública, a vulnerabilidade dos grandes sistemas e a monopolização do poder são as grandes questões denunciadas pela violência, que se explica pela frustração do mundo contemporâneo. Nesse sentido, as transformações das relações humanas em formas de agir privadamente tendem a encontrar na violência, em muitos casos, uma estrutura de atuação, uma vez que representa o caráter instrumental da violência na privatização da vida pública.

Com base nos pressupostos anteriores apresentados sobre o conceito de violência revela que no contexto atual, mesmo que, de forma diferenciada, pode-se dizer que eles se repetem, mas com conceitos e tipologia mais alargados.

Essa afirmação encontra suporte em Abramovay (2002b, p. 19) quando a autora afirma que

o destaque dado à *agressão física* é também questionado por muitos, considerando tanto outras formas de relações agressivas quanto a mecanização e industrialização da violência, como as que se dão em larga escala, por exemplo, as guerras modernas (grifo da autora).

Em busca de um conceito para a violência, Chesnais e Debarbieux (*apud* ABRAMOVAY 2002b, p. 22), assinalam que “o conceito de violência muitas vezes é usado de forma indiscriminada para refletir-se a agressões, incivildades, hostilidades e intolerâncias.” Ainda em Abramovay (2002b) “(...) a violência é, cada vez mais, um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e no privado, estando seu conceito em constante mutação.” (ABRAMOVAY, 2002, p. 13)

Para uma análise conceitual do fenômeno da violência, apoiamo-nos em Arendt (1994), Foucault (1987), Michaud (1989), Velho (1996) e definimos um conceito próprio de violência: trata-se de um fenômeno social cujos sentidos são históricos e culturalmente construídos; por isso, dependendo do momento histórico, social ou sociopolítico, alguns significados diferentes lhe são atribuídos.

Ao compreendermos o conceito de violência como um fenômeno social que atinge indiscriminadamente governos e populações, tanto globais quanto locais, no setor público ou no privado, é inegável que suas marcas vão além do confronto entre pessoas. Há de se pensar como a violência se constitui como fenômeno social.

1.2 A violência como fenômeno social: uma perspectiva sociopolítica

O discurso sociopolítico sobre a violência que sobrepõe-se às questões do processo de democratização, da natureza do Estado e dos limites da democracia brasileira às vezes se confundem. Portanto, os estudos e levantamentos realizados a partir da década de 1980 compõem um mosaico cada vez mais nítido sobre as origens da violência que atravessa a organização social, política e cultural do Brasil (PINHEIRO, 1992). Nesse mosaico, que alguns chamam de sistema autoritário

socialmente enraizado, apresenta-se uma essência, reproduzida até os dias atuais, que procura manter sua ideologia inicial, autoritária, violenta, nas interlocuções sociais.

Numa perspectiva sociopolítica, entendemos que um sistema autoritário e violento conquista espaço no contexto brasileiro e passa a fazer parte do debate e da prática social, apesar das diferenças decorrentes de origens culturais, políticas e religiosas da sociedade brasileira. Dessa feita, os estudos que se referem a este trabalho e a outros relacionados passaram a pesquisar a violência com o fim de denunciá-la e também para propor percursos alternativos de desativação de seus mecanismos. Sabe-se que “a guerra primitiva nada deve à caça, que ela se enraíza não na realidade do homem como espécie, mas no seu ser social da sociedade primitiva, que, através de sua universalidade, ela diz respeito não à natureza, mas à cultura” (CLASTRES, 1982, p.177).

Na sequência, entende-se que a violência se tornou um fenômeno social quando se incorporou a um conjunto de fatores que passaram a determinar ou influenciar o comportamento dos grupos sociais, como um processo qual mostra algo de anormal na sociedade, algo que às vezes é assombroso na consciência das pessoas; ela designa o ser das coisas para se opor a coisa em si mesma, e, ainda, e o mais importante, designa o ser das coisas para além da sua aparência (VIGOTSKY, 2004a).

Conforme explicita Clastres (1982, p. 175), quando “inerente ao homem como ser natural, a violência determina-se [...] como meio de garantir a subsistência, como um meio de um fim naturalmente inscrito no cerne do organismo vivo: sobreviver”. Entretanto, na sociedade atual, a violência tem sido praticada de forma direta ou indireta:

direta, quando atinge imediatamente o corpo da pessoa que sofre; ou indireta, quando opera através da alteração do ambiente físico na qual a pessoa se encontra; ou também quando se subtraem, se destroem ou se danificam os recursos materiais. Tanto na forma direta quanto na forma indireta prejudicam a pessoa ou o grupo alvo. [...] A ação de violência tem em vista uma alteração danosa do estado físico do indivíduo ou do grupo (MARRA, 2007, p. 34-35).

Se a analisarmos a partir da ótica vygostiskiana, a violência passa a fazer parte da constituição social da mente dos sujeitos como algo natural, a partir de elementos que compõem a cultura. A extraordinária longevidade da cultura de

práticas autoritárias na sociedade brasileira, por exemplo, acabou por gerar uma estrutura de poder que pressupõe a negação dos direitos da maioria da população. A presença da violência na sociedade brasileira se deve mais às relações de poder (intrinsecamente violentas) do que às relações econômicas, analisando as conexões de um sistema de poderes múltiplos (PINHEIRO, 1992). Assim procedendo, o autor procura explicar a violência brasileira em geral e a violência específica na fase atual. Ao pensar a questão, torna-se claro que modificações ocorridas no regime político não podiam implicar por si mesmas, o desaparecimento das estruturas autoritárias.

Pensando com o autor, os governos autoritários tiveram sucesso em manter certa ordem por meio da violência até hoje presente na cultura política brasileira. Também a formação da sociedade de certa maneira foi transferida das instituições políticas às microinstituições, às microcenos em que as interações concretas acontecem, compondo o fenômeno da violência intrinsecamente na cultura brasileira.

Essa performance social violenta de autoritarismo socialmente enraizado, segundo Pinheiro (1992), se dá através da interiorização dos métodos impostos pela força ou com doçura, pelos grupos que detêm o poder e que dele se servem para limitar a representação, e as condições da participação política das pessoas. É nesse sentido que Célia Marra (2007, p. 33) nos ajuda a compreender que a violência tem “determinação histórica e cultural [...], alia-se à subjetividade, inegável crivo de análise e julgamento que o impregna de aspectos valorativos” da cultura.

Da Matta (1982) também reflete sobre o autoritarismo, relações hierárquicas e violência; articula novos elementos que caracterizam o desenvolvimento do fenômeno da violência na sociedade brasileira, avançando ao propor uma análise que relaciona crime e norma, conflito e solidariedade, ordem e desordem, violência e ato social habitudinário. Para entender essa relação, Da Matta (1982) divide a sociedade brasileira em categorias sociológicas fundamentais: a casa (pessoa, emoções/espço privado), a rua (lei, disciplina/espço público) e o outro mundo (crenças, valores). Indica mundos e espaços separados que requerem a construção de linhas de comunicação e de relações, o qual subtende que a sociedade funciona por meio do acionamento do código das relações pessoais e das leis da economia política, sintetizando relações objetivas que em suas conexões estruturam o fenômeno da violência no sentido relacional e dialético.

Conforme Da Matta (1982), as tentativas de unir por meio de uma intervenção direta, no plano das leis universais e igualitárias, o mundo da rua com a moralidade particular e hierarquizada do mundo da casa, transforma em iguais os diferentes. Então o dilema da sociedade brasileira consiste na oscilação entre os diferentes códigos do plano e outro onde acontece a violência; se a justiça erra, por exemplo, abre-se outra porta para a justiça pessoal.

Atentando para as palavras do autor, ele ainda descreve que o modo como a violência é discutida no Brasil, manifesta a presença de dois códigos complementares na sociedade brasileira: o discurso erudito, que é incisivo em relação à estrutura do sistema e não permite a compreensão da cotidianidade, e o discurso do senso comum que, ao contrário, capta o fenômeno da violência no seu caráter moral e pessoal. O primeiro assume uma atitude autoritária, corretiva e disciplinadora, a violência hierarquizada, e o segundo se refere ao universo de relações pessoais e se baseia na experiência diária. Uma relação que caracteriza a violência como fenômeno social.

Nesse viés, Da Matta (1982), afirma que há uma visão hierárquica da sociedade na qual a complementaridade de posições sociais e a gradação de linhas de poder e riqueza são básicas e essenciais na definição do fenômeno da violência.

A partir dessa circunstância, entende-se que o fenômeno da violência, que tem uma relação crítica com a ausência de mediação e com o contexto, no qual as pessoas se confrontam como indivíduos motivados exclusivamente por seus interesses, percebemos que a oportunidade de usar a força física se cria numa inusitada igualdade, fazendo com que a violência rompa as mediações da lei, dos costumes e da moralidade sem intermediários e abandonando a regra que engendra a ordem.

Ainda com Da Matta (1982), entendemos que as leis citadas demonstram o conflito de uma sociedade relacional e o fenômeno da violência contra a infância e adolescentes. Temos, no entanto, variados exemplos que exprimem a polêmica da violência, um deles o projeto lei que ficou conhecido como a “Lei da Palmada”. O Projeto de lei nº. 2654/2003, após aprovação em primeira instância no plenário da Câmara de Deputados Federais do Brasil, ainda está em tramitação para aprovação total e necessariamente todos educadores deveriam apropriar-se dele (SILVA, 2008).

Ainda atinente a essa questão, o Título VII, capítulo II do Estatuto da Criança e Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, no que se refere aos crimes e às infrações administrativas, diz no seu art. 245:

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar às autoridades competentes os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus tratos contra criança ou adolescente. Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência (ECA-BRASIL, 2001).

A lei citada implica a noção de cidadania, que apresenta o indivíduo de um lado, e um sistema de leis válidas para todos e para qualquer espaço social de outro. Entende-se que o cidadão é dotado de autonomia, espaço interno, privacidade, liberdade, igualdade e dignidade e que só pode exercer esses direitos em um espaço social homogêneo, capaz de garantir o seu reconhecimento em todos os âmbitos da sociedade, pois a atribuição desses direitos possui um caráter nivelador e igualitário.

Até aqui, compreendemos que a violência enquanto fenômeno social tem suas raízes na constituição sociopolítica brasileira. Essas raízes formalizam ou hierarquizaram as pessoas envolvidas nas relações sociais, constituindo uma consciência social que evidencia uma sociedade internamente dividida, embora complementar, que sustenta uma espécie de luta entre o mundo público das leis universais e o universo privado da família. Essa pressão invisível revela um duplo código universal – público, que iguala inferiorizando, e o individual – privado, que humaniza e valoriza hierarquizando. Isso gera uma enorme contradição no seio da sociedade brasileira, e por meio dessa contradição manifesta-se um grande peso que paira sobre as relações sociais, definindo-as na forma como a violência foi e está sendo naturalizada no contexto sociopolítico brasileiro.

Isso revela que não há um discurso nem um saber universal sobre a violência, pois cada sociedade está às voltas com a sua própria violência, que, segundo seus próprios critérios, trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito. Crê-se, pois, sobretudo na sociedade brasileira, ser a maioria dos casos de violência não reconhecidos como tal nem passíveis de serem processados pela lei porque não são concretamente denunciados, registrados, julgados e punidos. Essa ausência de denúncia configura uma sociedade que convive com a violência estruturada culturalmente, ou seja, naturalizada através das relações patriarcais

vigentes no âmbito familiar, por meio das relações sociais e de trabalho de tipo rigidamente classista-hierárquico e, ainda, racista e sexista, de inclusão e exclusão.

Em razão da história de nosso país, convivemos com um conjunto de mediações materiais, culturais, e – por que não? – subjetivas, que tendem a naturalizar o fenômeno da violência. Isso faz com que este não seja percebido como violência, porque não chega a ser identificada, isolada, eliminada das relações sociais. Ela tende a ser negligenciada por uma ação específica de luta em termos de sua erradicação, que, se fosse realizada, contribuiria para a consolidação de um sistema de direitos fundamentais, civis e sociais, operante e desejável.

Isso, para Michaud (1989) em suas reflexões, significa entender que não é possível ater-se apenas à violência perpetrada através de danos físicos, observando somente os dados quantitativos (que nem sempre são confiáveis e neutros), ou as normas punitivas e os meios repressivos. Procurar entender a violência como fenômeno naturalizado na sociedade é revelar suas inúmeras faces que historicamente acabam definindo o funcionamento das relações humanas, sociais, políticas no espaço em que acontece sua dinâmica.

Ainda acerca da análise da violência naturalizada, radicada na sociedade brasileira contemporânea, ressalta-se que ela parcialmente pode ser identificada com a criminalidade, por exemplo, a qual, em tese, deveria ser denunciada pelos cidadãos, investigada pela polícia, julgada pelos tribunais, registrada pela estatística, punida e erradicada. No entanto, a naturalização da violência demonstra que existe uma área muito ampla de violência não reconhecida e não passível de ser processada pela lei.

Suas inúmeras faces manifestam e implicam a necessidade de colocar em discussão as relações existentes em sua identificação, na denúncia e no reconhecimento social, ampliando a consciência de que ela não se apresenta em fatos e cenários isolados, mas sim interconectada por relações objetivas e subjetivas. Para ressaltar as verdadeiras dimensões da questão e individualizar os seus mecanismos de reprodução e de propagação, não é possível utilizar uma ótica limitada.

Deve-se lembrar também que a violência tem propósitos que visam não apenas a reprimir direitos, mas também a impor pesadas barreiras à constituição de uma vida coletiva autônoma e promover a reforma moral dos cidadãos como estratégia de dominação e de sujeição dócil de muitos à vontade de alguns

(ADORNO, 1995). Isso significa dizer que em uma sociedade qual lida com a conversão da diferença em desigualdade, no estabelecimento de relações sociais legitimadoras da existência de opressores e oprimidos, de dominadores e dominados, de superiores e inferiores, a violência torna-se uma ação social aceitável, legitimada, normal, porque a mentalidade dominante faz com que as pessoas aceitem serem tratadas como coisas e não como sujeitos, cidadãos.

Diante dessa resignação, caracterizada pelo medo das pessoas de reivindicar seus direitos, são estes inibidos pela ideologia das classes dominantes onde se percebe uma naturalização da parte dos indivíduos de aceitar tudo conforme previsto, com o fim de não causar atritos e desentendimentos. Para que essa violência não apareça como tal, ela se configura como algo normal, que naturalmente precisa mesmo acontecer. Assim, a violência afirma-se cada vez mais como forma de ação social que visa não a anular o outro nem a suprimi-lo, mas a fazer que ele se aceite e subsista como dominado, alienado e oprimido.

As elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbana) tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder (FREIRE 1987, p. 85).

Essa não é uma relação estranha na sociedade brasileira, que tem uma história política e social de violência. Há séculos, a maioria da população brasileira está submetida a uma força que se impõe sobre ela, fazendo com que o desejo de poucos prevaleça sobre os da maioria, sempre sujeitada a uma obediência perversa, a uma cultura de medo, evidenciando que, na verdade, a violência tem suas raízes na própria história do país. Somente a título de exemplo, nota-se que o Brasil é um país que se compõe por grupos sociais que ainda lutam por sua autonomia, o que, conseqüentemente, deixa transparecer relações violentas permanentes nas estruturas da sociedade, mantidas pelas elites, pelas classes dominantes que, por conseguinte, controlam a dinâmica social.

É preciso lembrar, ainda, que a ocupação européia do atual território brasileiro foi feita mediante a destruição de centenas de culturas indígenas e da morte de milhões de ameríndios no confronto direto com o colonizador. Por meio de doenças, da escravidão e do desmantelamento de sua vida social, os índios brasileiros foram, em grande parte, dizimados, o que revela que a violência já se fazia presente no descobrimento do Brasil.

A violência no Brasil tem o marco no passado escravagista que é um traço cultural importante, a escravidão, que implica uma dominação violenta, física e simbólica que atingiu os índios e, sobretudo a mão de obra africana durante quase quatro séculos; como objeto de tráfico, milhões de indivíduos provindos de diferentes regiões e culturas africanas foram trazidos para o território brasileiro, reforçando a dimensão de exploração que configurava e naturalizava a violência predominante à época.

Outros povos também se incorporaram ao país de modos diferenciados, como os espanhóis, italianos, holandeses, alemães, japoneses e diversos outros grupos étnicos. A incorporação dessas minorias foi repleta de episódios de arbitrariedade e violência, com situações de exploração e discriminação (SEYFERTH, 1998).

No Brasil, as formas de dominação através de mecanismos conhecidos de exercício da força física, como a tortura, fenômeno bastante generalizado, não são poucos os episódios ou situações de conflito com luta aberta, causando mortos, feridos e vítimas em geral. É o que faz presente em conflagrações internas, dentre elas a Guerra dos Farrapos, a Balaiada, a Cabanagem, a Revolução Federalista, Canudos, Contestado, os movimentos de 1924 e 1932, e assim por diante. No Estado Novo e no regime militar foi absoluto o exercício do poder pelos governos centrais autoritários e antidemocráticos. Mesmo em períodos democráticos, frequentemente registram-se fatos que realizam essa vertente de exercício do poder.

Cabe ressaltar que a sociedade brasileira tradicional, com base em um complexo equilíbrio de hierarquia e individualismos, tem desenvolvido, associado a um sistema de trocas, reciprocidade na desigualdade e patronagem, o uso da violência por atores sociais bem definidos (FALEIROS, 1995), o que contribui para a naturalização da violência.

Não se pode esquecer, a propósito, de referir-se ao que se sucedeu ao final da ditadura. Pinheiro (1992) afirma que o governo democrático que emergiu, não conseguiu assegurar um dos requisitos básicos da sociedade democrática para o controle da violência, tanto no que concerne às práticas arbitrárias dos agentes do Estado como também no que se refere à violência ilegal presente nas relações privadas ou públicas entre cidadãos.

Para o autor, essa falta de controle não deriva da crise do Estado, mas da plena continuidade com o passado, destacada por Pinheiro (1992), com os métodos

de repressão desenvolvidos durante as décadas de 1960 e 1970 que repercutem até os dias de hoje, porque continuam a existir e são usadas com maior frequência contra os suspeitos de delitos penais ordinários, mas também, infelizmente, com pessoas comuns, menores de idade e adultos civis, ignorando-se as leis vigentes. Assim como o assistencialismo, o coronelismo, favorecimentos, enfim todos os motivos que configuram ao favoritismo.

Nas análises de tais fatos enfatiza-se que a passagem para a democracia política não elimina automaticamente a ilegalidade; que, ao contrário, existe uma continuidade decorrente da ditadura, de modo que a tortura, a eliminação de suspeitos e outras práticas habituais da pedagogia do medo, sistematicamente aplicadas às classes populares, ainda persistem consagrando a impunidade da violência ilegal.

Ainda assim, a política econômica adotada a partir de 1964, cria na sociedade brasileira um profundo dualismo em que de um lado, encontra-se uma moderna sociedade industrial, revelada por indicadores econômicos, e do outro, aponta os indicadores sociais de uma sociedade primitiva vivendo em nível de subsistência, em condições de marginalidade urbana, de completa miséria, conforme alerta Faleiros (1995),

A privação do poder do sujeito está articulada com a privação da satisfação das necessidades, pois a miséria nem sempre gera revolta e está associada, por sua vez, a uma relação de exploração e de clientelismo. A relação de exploração é, por sua vez, acobertada pela relação clientelista [...] as necessidades básicas estão definidas em função do sério prejuízo que seu não atendimento acarretaria para a realização da sobrevivência, da autonomia, e fundamentalmente da participação social (FALEIROS, 1995, p. 482)

Pinheiro (1992) também ressalta a extraordinária longevidade da cultura e das práticas autoritárias, entendendo que a modificação que ocorreu no regime político não implicaria por si mesma o desaparecimento das estruturas autoritárias. Ao contrário, o autoritarismo socialmente enraizado é a interiorização dos métodos impostos, à força ou não, pelos grupos que detêm o poder.

Cabe lembrar que a dinâmica social que advém desse tipo de relações não poderia subsistir se não contasse com amplo apoio e legitimação na sociedade em que as práticas cotidianas da pedagogia do medo são vistas como parte integrante da normalidade.

Caso se tente mapear o panorama atual, verificar-se-á que ele apresenta características que alteram e agravam o quadro tradicional. Em pleno século XXI, não há mais como disfarçar ou tentar diminuir a gravidade do fenômeno da violência na sociedade brasileira contemporânea. Ninguém mais se sente seguro, aumentam as listas de vítimas de roubo, assalto, sequestro e, eventualmente, assassinato, até dentro de salas de aula! Naturalizada, a violência permeia todas as classes sociais, sendo as pessoas atacadas de forma brutal; não há lugar protegido, seja em igrejas, templos, quartéis, delegacias, grandes prédios empresariais, cinemas ou escolas. Em qualquer lugar as pessoas estão sujeitas a serem humilhadas, desrespeitadas, violentadas de todos os modos.

Já é sabido que não se trata de um processo recente, mas de algo que se vem acelerando nas últimas décadas, atingindo proporções assustadoras e põe em xeque o próprio Estado Nacional, tendo em vista que o poder público não consegue mais controlar a criminalidade e aparece gravemente contaminado por ela. Sem dúvida, a pobreza, a miséria e a iniquidade social constituem historicamente fatores condicionantes da disseminação da violência. Mas, para além da história da violência no país, ainda se pode afirmar que outro fator condicionante é a falta de atenção para a dimensão moral e ética do sistema de valores na compreensão desse fenômeno.

Considera-se que a perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas destrói expectativas de convivência social elementares. Filósofos, pensadores e cientistas sociais das mais variadas orientações mostram como a sociedade só é viável mediante um mínimo compartilhado de valores.

O ataque físico a pessoas idosas e aos jovens nas madrugadas, por exemplo, já se tornou rotina no cotidiano das grandes cidades brasileiras. Esse tipo de evento era, até pouco tempo, muito raro no Brasil. Motivo de escândalo e indignação, mas que se banaliza, assim como outras notícias de crueldade contra mulheres, crianças, adolescentes, pessoas doentes e outros que são visíveis, incontroláveis, que existem, mas que ainda não se consegue resolver. Trata-se, claramente de uma crise ético-moral. Inclui-se aí o Estado ao cobrar impostos e não nos garantir as mínimas condições de cidadania como saúde, educação entre outros.

Não se trata de discutir aqui a crise ético-moral; basta-nos entender que na sociedade tradicional, por exemplo, faziam-se presentes valores que consagravam e legitimavam determinado tipo de violência. Pode-se citar mecanismos de controle

social que marcavam uma moralidade básica compartilhada: senhores contra escravos, a autorizada violência contra mulheres e crianças, até valores que ainda legitimam a utilização de recursos e estratégias criminosas cada vez mais elaboradas, em desrespeito aos princípios que regem a cidadania para uma sociedade que busca erradicar o fenômeno da violência por meio da ação do Estado e da melhoria da condição econômico-social.

Atualmente, acredita-se que um projeto capaz de mobilizar a nação passa, inevitavelmente, não só pelo estabelecimento de uma política efetiva de segurança pública em conformidade com a ordem democrática, mas essencialmente pelo processo educacional. Talvez, através deste se possa superar a crise ético-moral ao se fundamentar uma atitude colaborativa, contribuindo em um esforço conjunto e múltiplo na implementação da cidadania, condição básica para o futuro da nação brasileira, confiando-se que nesse processo se possa substituir a violência pelo reconhecimento do conflito consignado, pela negociação, pela mediação, pela intervenção, até por sua erradicação.

Assim, a violência pode ser negada, reconhecida ou naturalizada pelas pessoas, o que passa pelo plano cultural, institucional, socioeconômico e sociopolítico, que acabou por naturalizar o fenômeno da violência consagrando sua impunidade. Resposta para reduzir ao mínimo o nível de violência que vigora no país e em suas instituições ainda não se tem, mas já se sabe que as respostas passam pelos diversos mecanismos que a geram, a reproduzem, a legitimam e a naturalizam. Desse modo, o conhecimento desses mecanismos se impõe como necessário, para o que se buscam as contribuições da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia, da Psicologia e da Educação.

1.3 O fenômeno da violência na perspectiva da antropologia, da filosofia, da sociologia, da psicologia e da educação

Recorre-se às contribuições da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia, da Psicologia e da Educação para a compreensão do fenômeno da violência no âmbito da educação e da escola, em suas múltiplas determinações, procurando-se verificar os sentidos e significados propostos por esses campos de estudos. Não é demais desejar articular a contribuição desses campos de estudo com o que já foi descrito sobre o fenômeno da violência, pois estes auxiliarão a construção de nosso

caminhar em direção ao conceito de violência escolar. Deve-se lembrar que sem entender o conceito a partir de diferentes perspectivas possivelmente não há como compreendê-lo no contexto da escola.

1.3.1 A perspectiva antropológica

Segundo Michaud (1989, p. 75), “o homo erectus, há cerca de 1,7 milhões de anos, é carnívoro [...]; é um predador que caça e que caça tanto os animais quanto seus semelhantes.” As perspectivas antropológicas, segundo as análises propostas pelo autor, apontam o período pré-histórico como o da origem da violência, ou seja, para ele, a violência faz parte da própria evolução do homem enquanto espécie, em decorrência das características primitivas do *homo sapiens*.

De acordo com a contribuição de Clastres (1982), antropólogo e etnógrafo francês, a violência é

inerente ao homem como ser natural, a violência determina-se, portanto, como meio de subsistência, como meio de garantir a subsistência, como um meio de um fim naturalmente inscrito no cerne do organismo vivo: sobreviver. Daí a identificação da economia primitiva como economia de predação. O homem primitivo é, enquanto homem, votado ao comportamento de agressão. Na medida em que é primitivo, encontra-se ao mesmo tempo apto e determinado a sintetizar sua naturalidade e sua humanidade na codificação técnica de uma agressividade desde então útil e rentável: ele é caçador (p. 175).

Autores como Clastres (1982), Teixeira e Porto (1998), e Maffesoli (1987) concordam que, embora a violência esteja na base da estrutura da vida em sociedade, todas as coletividades históricas procuravam controlar a violência, entendendo que ela remete ao confronto e ao conflito, manifestando-se em instabilidade e desacordos sociais.

Teixeira e Porto (1998) e Maffesoli (1978; 1987), autores que tratam do assunto em uma perspectiva antropológica, acordam que a violência tem uma herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional. Maffesoli (1987) entende a violência como modulações que se agrupam em três modalidades: violência dos poderes instituídos, violência anômica e violência banal. A violência do poder instituído, oficializado, refere-se ao descaso do poder em relação aos demais; trata-se do uso da força que oprime uns e outros ignorando afetos, desejos e vontades. A violência anômica relaciona-se ao fenômeno estruturante do fato social, em um

movimento de duas mãos: como destruição e construção, em uma íntima correlação entre elas. A violência banal é uma discordância íntima, interna, que se expressa pelas facetas da ironia, do cômico e, precisa ser tratada na sociedade em caráter emergencial.

Para Maffesoli (1987), violência "é uma forma envolvente que tem suas modulações paroxísticas, é uma doença em que os autores se expressam em uma maior necessidade" (p. 9). Nesse sentido, a violência, ao mesmo tempo em que pode causar constrangimento, dor, horror e morte, é considerada como estruturante coletiva.

Segundo a antropologia, a violência tem estado presente nos vários períodos históricos, exigindo certo grau de socialização para ser mantida sob controle. Nas sociedades primitivas, por exemplo, o controle dava-se mediante mecanismos de ritualização, permitindo o entendimento de que a violência não pode ser eliminada, mas deve provocar uma atitude de astuta negociação, com o intuito de socializá-la. Nas sociedades tradicionais, a violência jamais foi inteiramente contida, tendo estado sempre presente em guerras, homicídios, violência formadora, buscando seu controle por meio da educação e da socialização de jovens.

No que se refere às sociedades modernas, Teixeira e Porto (1998) salientam que,

ao lado da manutenção das formas conhecidas de violência - que atualizam o delinquente, o criminoso, o rebelde, o herói combatente -, novas formas surgem, ligadas a condições sociais e culturais inéditas e inconstantes. Com isso, são ampliadas tanto a sua visibilidade quanto a consciência de sua existência. Mas, diferentemente do que ocorre nas sociedades tradicionais, nas modernas, o monopólio e a racionalização da violência conduzem, de um lado, ao desencadeamento que nada consegue reprimir, conforme atesta o aumento gradativo da criminalidade e da insegurança urbana, e, de outro, à interiorização das normas (p. 8).

Entretanto, nas sociedades modernas, de acordo com Maffesoli (1978; 1987), a violência distancia-se dessa base estrutural e aproxima-se do uso da força física, monopolizado pela organização política e pelos poderes instituídos. Isso significa que a violência é monopolizada, legitimada, o que conduz a uma ideologia naturalizada da tranquilidade da vida social. Em outras palavras, a organização política, que é uma prática legal na sociedade atual que procura domesticar os cidadãos.

Ainda não se pode esquecer o antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1996) que, ao relatar sobre a violência, diz que "a vida social, em todas as formas que

conhecemos na espécie humana, não está imune ao que se denomina, no senso comum, de violência, isto é, ao uso agressivo da força física de indivíduos ou grupos contra outros” (p. 10). Entretanto, na mesma linha discursiva de Michaud (1989), o antropólogo assume que a violência tem caráter destrutivo e negativo, estruturando-se, ao longo da evolução das civilizações, até a barbárie da violência no mundo atual.

Mas ao tratar da especificidade da violência, Rifiotis (2006, p. 2) faz uma crítica a uma visão de violência pautada apenas no campo antropológico ou cultural.

A contribuição da antropologia não seria efetiva para a compreensão das experiências sociais em curso se ela fosse integrada ao campo da pobreza, da urbanização fundada na migração interna, da desigualdade econômica e social, da exclusão social. Por outro lado, agindo pela premência, talvez não consigamos atingir a eficácia na nossa ação, pois, submetendo-nos à urgência da atualidade nada nos garante que o nosso pensamento não seja outra coisa que a sua própria duplicação. Por esta razão consideramos necessária uma avaliação do campo em que se inscrevem as nossas próprias práticas. A demanda por estudos antropológicos da violência não pode contribuir para ampliar um equívoco que seria, grosso modo, substituir uma explicação, digamos, “sociologizante”, por outra sua homóloga no campo da “cultura”. Afinal, no estágio atual dos nossos conhecimentos, é problemático postular qualquer centralidade explicativa, seja ela, por exemplo, política, econômica, cultural. Por outro lado, ao evocar traços políticos ou culturais, tais como processo colonial, escravidão, tradição patriarcal, ou mesmo machismo, racismo, etc, para explicar as diversas formas da violência e os impasses do processo de democratização no Brasil contemporâneo, colocamos barreiras ao nosso próprio pensamento.

Numa postura que procura religar saberes, Rifiotis (2006) afirma a importância da contribuição antropológica da violência, segundo a qual é preciso compreender a presença da violência na evolução da espécie humana, mas não se deve considerar apenas as dimensões da cultura, da política, economia para se chegar um entendimento dos condicionantes da violência.

Aquino (1998) também evidencia que é importante evocar traços políticos e culturais no entendimento da violência, pois se trata de dar ênfase às determinações macroestruturais, ou seja, o entendimento da violência passa a levar em consideração “as coordenadas políticas, econômicas e culturais ditadas pelos tempos históricos atuais” (AQUINO, 1998, p.8).

Esquemáticamente, Rifiotis (2006) elaborou uma revisão bibliográfica sobre as tendências atuais no estudo da violência no campo da Antropologia, das produções científicas sobre a violência no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1980 revelada em seus estudos selecionados que tiveram lugar com a organização de

grupos de trabalho e mesas-redondas nas reuniões regionais e nacionais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), iniciativas que redundaram na organização da Rede Aberta de Investigação da Violência (Raiva) e chegou à conclusão de que parece ser possível apontar uma convergência conceitual acerca da violência, priorizando-se estudos no campo da cidadania e dos limites da ação do Estado, o que é favorável ao entendimento do fenômeno da violência e para a realização de outras pesquisas.

Rifiotis (2006) ainda afirma que as constantes e recorrentes observações etnográficas mostram que a ocorrência da violência nas sociedades tradicionais não foi suficiente para superar a condição envolvente do fantasma da violência.

O rico entendimento fundamentado em autores como Teixeira e Porto (1998), Maffesoli (1987), Velho (1996), Rifiotis (2006) e Aquino (1998) serve para reforçar no campo da Antropologia a necessidade de compreender a importância da cultura, dos costumes e dos valores, na definição das práticas sociais que envolvem o fenômeno da violência. A Antropologia ajuda-nos a apreender a visão de mundo proposta, seus códigos culturais, os ritos como dispositivos que poderão compor a verdade social e histórica, os mitos e crenças a respeito da complexidade da violência na sociedade e na cultura dos tempos atuais.

1.3.2 A perspectiva filosófica

Considerando que se faz necessário conhecer um pensamento elaborado, para sugerir caminhos que apontem para o fim da violência é que a concepção filosófica destaca-se neste trabalho, no que se refere ao aspecto filosófico das discussões e à necessidade de entender mais profundamente o problema para promover a efetivação de novas práticas e novas oportunidades sociais. Arendt (1994) afirma que

ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial [...] Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos (p. 16).

Da contribuição de Arendt (1994), ressalte-se o significado da palavra alemã *Gewalt* (violência), que contém mais significados do que *Violentia* (violência e força),

pois implica também poder e autoridade. A autora concebe a violência como questão moral, referente aos meios e fins, ou seja, a violência é concebida, por ela, como instrumental.

Ainda Arendt (1994), apoiada no pensamento de Marx e Engels, afirma, em seu principal trabalho sobre a violência afirma que esta não é um fim em si mesma, mas somente meio. A reflexão filosófica da autora altera parte do entendimento proposto pela antropologia sobre a violência, pois ela nega a possibilidade de esta ser tomada como parte da essência humana. Com base nessas proposições, a violência passa sempre a necessitar de “orientação e justificção pelos fins que persegue” (ARENDR, 1994, p. 128). Um aspecto novo e importante é que a autora diferencia justificção de legitimação, afirmando que a violência pode ser justificada (dependendo de seu fim), mas nunca é legítima, pois não pode ser considerada um fim em si mesma.

Xavier (2008) explicita o pensamento de Arendt (1994). Para ele, ao fazer uma diferenciação entre poder e violência, a autora faz emergir a necessidade de não reduzir o mundo político às relações de domínio. No pensamento arendtiano,

os homens têm a liberdade de escolher agir em conjunto (ou seja, não são “determinados” nem a ser violentos, nem políticos) e dessa forma recriar a si próprios e ao seu mundo. Mais do que isso, essa liberdade e esse agir em conjunto são considerados como naturais a eles, partes de sua essência. Arendt [...] é profundamente kantiana nesse sentido: o impulso à sociabilidade é natural ao homem, tanto a própria origem do que é ser humano, quanto sua mais alta finalidade [...]. Portanto, “estar entre os homens” (ser sociável, a condição da “pluralidade”) representa parte da condição humana tanto para Kant como para Arendt. Nesse mundo político compartilhado pelos homens, as atividades específicas da condição humana são o discurso e a ação, ambos claramente vinculados à questão da violência. O discurso constitui-se em grandeza humana, que se contrapõe à violência, possibilitando a vida na *polis*: o ser político, o viver numa polis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através de força ou violência. (XAVIER, 2008, p.4 – grifo do autor)

Outro aspecto importante é que o sujeito arendtiano é ontologicamente criador, pelo fato único de seu nascimento, pela ação e pelo seu discurso livre. A perspectiva filosófica arendtiana revela fatos considerados de grande relevância para o entendimento da violência. Dentre eles se destaca que em cada homem que nasce existe a possibilidade de realização da liberdade e da singularidade humana, o que significa haver transformação dos sujeitos e do mundo, desde que as condições materiais de produção da vida levem a essa transformação. Não existe

uma esperança, mas uma possibilidade concreta de transformação dos homens e do mundo, desde que as condições materiais de produção da vida sejam mais justas e equilibradas.

O fato é que, para Arendt (1994), o nascimento de um sujeito entrelaça vontade, escolha e responsabilidade, ação consensual e pública, um sentido de transformação do mundo pela singularidade, liberdade e comunicação desses atos pelo discurso que concebe a postura do homem. Para a autora, “é verdadeiro que os fortes sentimentos fraternais engendrados pela violência coletiva desencaminham várias boas pessoas para a esperança de que uma nova comunidade política, juntamente com um ‘novo homem’, se originasse daí.” (ARENDR, 1994, p. 51 – grifo do autor)

Ao se relacionarem os elementos-chave da filosofia de Arendt (1982), percebe-se a idéia central de humanismo, o que traz um entendimento de que o sujeito deve colocar-se no lugar dos outros, por meio de uma ideia de humanidade em cada homem. A autora completa: “os homens são humanos, e podem ser chamados civilizados ou humanos na medida em que essa idéia se torna o princípio não somente de seus julgamentos, mas também de suas ações.” (p. 75)

Não somente nas propostas de Arendt, como também nas do filósofo Foucault (1979; 1987), cujas obras sustentam o entendimento do papel desempenhado pela violência na sua concepção das relações de poder, descreve que a violência pode ser um instrumento utilizado nas relações de poder, mas não como princípio básico da sua natureza. Sem descartar a importância da utilização do recurso à violência por aqueles que exercem o poder, Foucault (1987) explica que a atuação do poder se dá de formas muito mais sutis, não se exercendo basicamente em aspectos negativos ou por meio da violência física.

Foucault (1987 p. 63) ainda revela que o poder deve ser compreendido como uma maneira pela quais certas ações podem estruturar o campo de outras possíveis ações. Ele pressupõe que o poder não seja a violência e sim uma estrutura de ações; que o poder induz, incita, seduz, facilita, dificulta ou constrange, é sempre um modo de agir, um conjunto de ações sobre outras ações, como revela:

poder e saber estão diretamente implicados; [...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas

relações de 'poder-saber' não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas (FOUCAULT, 1987, p. 27 – grifo do autor).

Para a composição deste trabalho, o livro “Vigiar e punir” foi utilizado com o intuito de se entender o lado punitivo vivido pela sociedade no decorrer da história. No livro Foucault (1987) introduz a discussão sobre a importância do corpo para as relações de poder

como conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de ponto para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber.” (p. 27)

A atuação do poder sobre os corpos, que Foucault (1987) chama de biopoder, precisa ser percebida nas suas especificidades. Vale dizer que, com essa denominação, o autor designa dois níveis de exercício do poder: de um lado, as técnicas que têm como objetivo um treinamento ortopédico dos corpos, as disciplinas e o poder disciplinar; de outro, o corpo, entendido como pertencente a uma espécie (a população) com suas leis e regularidades. “O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’.” (FOUCAULT, 1987, p. 132 – grifo do autor)

A proposta de Foucault (1987) articula uma nova relação entre o poder e os corpos, que são considerados corpos dóceis por serem disciplinados à sujeição em uma relação com um mecanismo de manipulação que favorece comportamentos capazes de atender mecanicamente através de suas habilidades, prontos para obedecer, onde “o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia-política’: que é também igualmente uma mecânica do poder [...]. A disciplina fabrica assim corpos submissos, exercitados, corpos “dóceis.” (FOUCAULT, 1987, p. 119, grifo do autor).

O campo da Filosofia procura envolver em suas reflexões e discussões sobre a violência a questão de sua natureza, a cultura, a necessidade e a liberdade, as regularidades e as regras, o indivíduo e a sociedade, a identidade e a alteridade, a ética, o direito e a moral, o poder, a política e a cidadania, o corpo, a razão, a ideologia, a legitimação, aspectos que se articulam para favorecer o entendimento da violência.

Avaliando as contribuições propostas por Arendt (1994) e Foucault (1987) entre outros do campo da Filosofia, percebe-se que as discussões sobre a violência acentuam, desde tempos imemoriais, uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados, a fim de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social. Também reafirmam que a violência pode ser justificada, mas nunca é legitimada, pois não pode ser considerada um fim nela mesma; para eliminá-la ou controlá-la deve-se retomar a idéia central do humanismo.

1.3.3 A perspectiva sociológica

Os estudos que se destacam no âmbito sociológico procuram elucidar como a violência contemporânea se renova tanto em suas percepções subjetivas quanto em suas realidades históricas. Para tanto, a Sociologia especificou um campo para o estudo da violência – a sociologia da violência -, cujo objetivo é demonstrar que a violência perpassa o sistema de relações sociais.

A Sociologia traz em grande importância o modo como se fala da violência e de suas mudanças contemporâneas, que, mesmo no discurso científico, derivam do estado do fenômeno e de suas transformações objetivas, influenciando as percepções e modelando representações que só de maneira mais ou menos artificial correspondem às expressões concretas do fenômeno.

Do ponto de vista sociológico, a violência tem a ver com mudanças que afetam o conjunto da sociedade, como a desarticulação promovida pelo efeito do neoliberalismo, o qual mantém relações sociais próprias, típicas da era industrial; prega a igualdade individual, a solidariedade coletiva e identidade nacional, mas sustenta um sistema bastante incoerente que promove a desintegração sociopolítica da sociedade. Como afirma Frigotto (1989), o determinismo econômico nos obriga viver em condições alienadas e alienantes (FRIGOTTO, 1989; MARX; ENGELS, 1989).

A título de entendimento, a violência está relacionada a diferenças culturais, engrenadas nos processos civilizatórios, proposições geopolíticas, aperfeiçoamento tecnológico e científico no domínio das armas, com o poder do Estado, com conflito estrutural de classe, com as referências crescentes de seus protagonistas a uma identidade étnica ou religiosa (atavismo), com a falta de debate, a falta de agentes políticos ou intelectuais capazes de romper o consenso relativo à violência e com o

debate sobre as modalidades mais fundamentais da dominação. Assim o campo da sociologia trata aspectos que, se não forem levados em consideração, tornam a violência suscetível de ser negada ou banalizada.

Wieviorka (1997) afirma que, para tomar a medida das principais mudanças teóricas relativas à análise da violência pelas ciências sociais, o melhor é considerar o caminho percorrido desde a época em que o fenômeno podia ser massiva e diretamente relacionado a conflitos, ao seu funcionamento, às suas disfunções, ou a uma crise. Para o autor, do ponto de vista teórico, a sociologia define um paradigma da violência que pede que ela seja analisada no interior de um espaço teórico complexo, capaz de integrar o campo do conflito e o da crise, que subtece a capacidade que cada um tem de lidar com a violência de forma a amenizar e não a instigar.

Após essas considerações de Wieviorka (1997), assegura-se ser possível expandir a análise da violência, de um lado, com a finalidade de levar em consideração o sujeito excêntrico, que atua fora de qualquer sistema ou de normas, e, de outro, levar em conta condutas que, além da crise, são reveladoras de uma verdadeira desestruturação ou de anomalias capazes de conduzir à desordem e à barbárie. Desse modo, a violência pode ser entendida de forma objetiva e subjetiva, entendimento com o qual a sociologia procura distinguir os problemas, mostrando como a violência contemporânea se renova em suas percepções subjetivas diante de suas realidades históricas.

Com o propósito de uma reflexão sociológica sobre o tema, Da Matta (1982, p. 19) recomenda as seguintes atitudes metodológicas relacionais e dialéticas para o estudo da violência:

a) adotar uma perspectiva histórica na análise, isto é, especificar a sua dinâmica no tempo e no espaço, correlacionando-a com outros fatores, sem abandonar o seu caráter de universalidade e abrangência; b) evitar uma discussão de viés valorativo e normativo, ou seja, um discurso a favor ou contra, que dificulta o entendimento do fenômeno. Assim, como todo fenômeno social, a violência é um desafio para a sociedade, e não apenas um mal. Ela pode ser elemento de mudanças; c) relacionar o crime à norma; o desvio à regra; o conflito à solidariedade; a ordem à desordem; o cinismo à consciência e ação sociais. Porque o crime e o castigo, a ordem e a desordem, a violência e a concórdia revelam, também, as formas de propriedade e de governo, bem como as leis do mercado.

Portanto, o aspecto sociológico da violência revela sua importância pelo simples fato de a vida das pessoas constituir-se em comunidade. Porto (1995) relata, para além da historicidade, que se faz necessário entender o contexto social

no qual o fenômeno da violência está ocorrendo. Foucault (1987) exemplifica citando casos de barbáries, alguns já extintos.

Apresentamos exemplo de suplício e de utilização do tempo. Eles não sancionaram os mesmos crimes, não punem o mesmo gênero de delinquentes. Mas define bem, cada um deles, um certo estilo penal. Menos de um século medeia entre ambos. É a época em que foi redistribuída na Europa e nos Estados Unidos, toda a economia do castigo. Época de grandes 'escândalos' para a justiça tradicional, época dos inúmeros projetos de reformas; nova teoria da lei e do crime, nova justificação moral ou política do direito de punir; abolição das antigas ordenanças; supressão dos costumes; projeto ou redação de códigos 'modernos' [...] No fim do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa de punição vai-se extinguindo. [...] A confissão pública dos crimes tinha sido abolida na França pela primeira vez em 1791, depois novamente em 1830 após ter sido estabelecida por breve tempo; o pelourinho foi supresso em 1789; a Inglaterra aboliu-o em 1837 [...] A execução pública é vista então como uma fornalha em que se acende a violência. [...] a guilhotina utilizada a partir de março de 1792 é a mecânica adequada a tais princípios (FOUCAULT 1987, p. 11-16, grifos do autor).

Foucault (1987) se refere à violência afirmando que cada período histórico possui suas próprias leis. Nesse pensamento, percebe-se que essas foram herdadas e tratadas de forma natural ou naturalizada na questão da violência. Para tanto, fatos reais apresentados pelas figuras 4 e 5 comprovam a barbárie que se viveu, provavelmente em épocas da antiguidade, conforme Alberto e Schulz (2009) explicita:

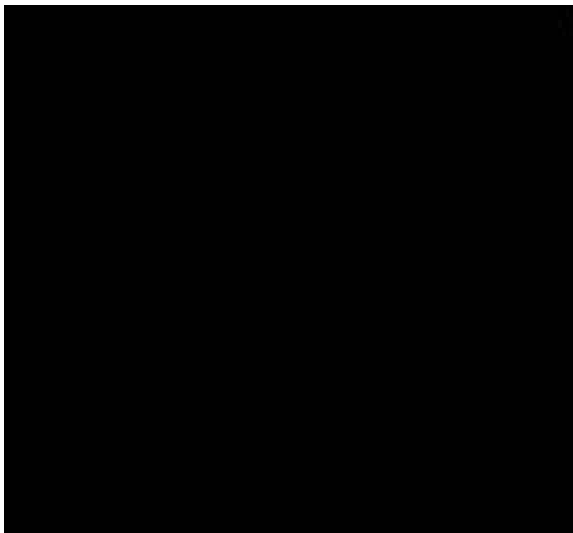


Figura 4: Tortura e execução na antiguidade - An 18th-century drawing of a public execution by saw in ancient Persia. Torture inspired "loathing, dread, horror and disgust" in a ruler's subjects. A Tortura na História: a Antiguidade by Jorge Alberto, 17/05/2009. Artigos, Aventura, Brasil, Citações, Comportamento, Cultura, Ditadura, Educação, História, Jornalismo, Leitor, Livros, Opinião, Política • 8 Comments



Figura 5: A perseguição dos protestantes na França - Persecution of Protestants in France: A Huguenot is suspended from a chain over a fire. A Tortura na História: a Antiguidade by Jorge Alberto • 17/05/2009 • Artigos, Aventura, Brasil, Citações, Comportamento, Cultura, Ditadura, Educação, História, Jornalismo, Leitor, Livros, Opinião, Política • 8 Comments

Essas figuras ilustram bem as reflexões de Foucault (1987, p. 25 – grifo do autor), evidenciando que

em nossas sociedades os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. É certamente legítimo fazer uma história dos castigos com base nas idéias morais ou nas estruturas jurídicas.

Numa perspectiva histórica, a violência, as torturas inseriram-se na sociedade desde o início da humanidade e ainda proliferam sem piedade, de forma naturalizada e legitimada. Para o filósofo brasileiro Adorno (1995, p. 317), “a violência encontra-se igualmente enraizada nas relações inter-éticas e culturais nesta sociedade”, e apresenta diferentes mecanismos que são afetados pela violência, dentre eles, a escola,

um meio característico da violência radicada nas estruturas sociais, enraizada nos costumes, manifesta quer no comportamento de grupos da sociedade civil, quer no de agentes incumbidos de preservar a ordem pública. (ADORNO 1995, p. 299)

Para o autor, o crescimento da violência na sociedade brasileira, relaciona-se ao avanço democrático conquistado, que não logrou a efetiva instauração do Estado Democrático de Direito, após os vinte um anos de vigência autoritária (1964-1985), o que fez persistir, conseqüentemente, em violações de direitos humanos.

O campo da Sociologia ainda analisa, na perspectiva do espírito, a violência da competição, conforme um padrão para se alcançar uma posição de poder, dos que tiranizam e embrutecem a si próprios e os outros. Sérgio Adorno (1995) destaca a propósito a violência doméstica contra a mulher, contra a criança, a religiosa, a simbólica, a racial, a física, a criminal, a escolar, a do tráfico de drogas, dentre tantas outras existentes na sociedade, o que acaba definindo outro conceito, o de vulnerabilidade social.

No campo da Sociologia, assim como na Antropologia e na Psicologia, o conceito de vulnerabilidade social é revelado por Abramovay (2002) quando discute as vulnerabilidades sociais, campo de estudo que pretende extrapolar análises de posições, morfologias estáticas e reconhece que os processos contemporâneos que estão em movimento remodelam as relações sociais e suas relações com a

violência. A autora refere-se à generalização do fenômeno. “A violência não mais se restringe a determinados nichos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos” (ABRAMOVAY, 2002, p. 13).

Nesse entendimento revela-se também que a sociedade, portanto, não está livre de qualquer ação violenta praticada ou sofrida, pois, em qualquer lugar, ou a qualquer hora, qualquer pessoa está sujeita a sofrer violência, graças à vulnerabilidade social de todos.

Não obstante os avanços conquistados, os planos de ação governamental que vêm sendo delineados (nível federal, estadual e municipal) e a ação das ONGs, estamos longe de alcançar os propósitos consagrados na Constituição e no ECA. Uma série de desafios coloca-se diante da sociedade e do Estado. Elo frágil e fragilizado da sociedade, crianças e adolescentes acabam vítimas preferenciais da violência. Paradoxalmente, respondem à violência com a única linguagem que o aprendizado das adversidades da vida lhes ensinou: a violência (ABRAMOVAY, 2002, p. 307).

Para exemplificar, Sérgio Adorno (1995) afirma que destacar um conceito de violência implica entendê-la como um do fenômeno social mais singular. A sociologia demonstra que a violência é um fenômeno delicado, por sua ambivalência e heterogeneidade. Pressupõe-se que ela engendra fatos e ações, uma maneira de ser da força, do sentimento ou de um elemento natural, algo, ou alguém que “force outro alguém a agir contra a sua vontade” (MICHAUD, 1989, p. 7). A violência pode estar no fato de alguém, ou de uma comunidade, agir em desacordo com seus interesses próprios, com seus desejos íntimos ou comungados por um grupo. Está implícita, na natureza da violência, a força, a intimidação.

Outro lado da violência é definido por Wieviorka (1997 p. 37-38). A violência

expressa a defasagem ou o fosso entre as demandas subjetivas de pessoas ou grupos, e a oferta política, econômica, institucional ou simbólica. Ela traz então a marca de uma subjetividade negada, arrebatada, esmagada, infeliz, frustrada, o que é expresso pelo ator que não pode existir enquanto tal, ela é a voz do sujeito não reconhecido, rejeitado e prisioneiro da massa desenhada pela exclusão social e pela discriminação racial [...]. Por outro lado, a violência, em lugar de expressar em vão aquilo que a pessoa ou o grupo aspiram afirmar, torna-se pura e simples negação da alteridade, ao mesmo tempo que da subjetividade daquele que a exerce. [...] Essas duas orientações da violência, uma marcada pela subjetividade impossível ou infeliz, a outra por sua ausência ou sua perda, podem muito bem coexistir em um mesmo ator [...] a violência [...] surge e se desenvolve através das carências e dos limites do jogo político, que ele pode também, se as condições políticas estiverem reunidas, regredir ou desaparecer em função de um tratamento institucional das demandas que ela vem traduzir.

Certamente, a falta ou enfraquecimento de políticas públicas criam mais espaços para a violência, de maneira que as mediações ou sistemas de relações escondidos, incompreendidos ou ignorados, carentes ou ausentes, colocam a sociedade em questão diante de suas elites políticas, seus intelectuais, que se recusam a reconhecê-los e a debatê-los, o que, em suma, acaba gerando a violência, que constitui uma forte realidade objetiva.

Assim, o olhar sociológico permite o entendimento de que o conceito de violência é bastante amplo. Percebe-se que o fenômeno da violência que está presente em todas as sociedades, porque não há violência, mas sim violências, cujas origens são muitas, o que caracteriza complexidade. E, ainda, a violência contemporânea muda de fisionomia e de escala, sendo necessário, para identificá-la, alcançar suas formas e significados, que não são apenas e estritamente instrumentais. Seu caráter social pode ser demonstrado por meio das vozes de diferentes segmentos sociais; é um fenômeno que só pode ser explicado com base em determinações históricas e culturais.

1.3.4 A perspectiva psicológica

Essa perspectiva tem uma importância especial para a educação e conseqüentemente é um caminho metodológico, teórico e prático para pensar no campo da formação de professores. Apesar da dificuldade do fenômeno da violência aproximar-se teoricamente a área da Psicologia, em última instância, é no indivíduo, em sua complexa totalidade, que a violência se concretiza como agressão e/ou vitimação.

Neste estudo daremos ênfase às contribuições da psicologia social, porque nos ajuda a compreender conceitos importantes como o processo de identificação, grupos de referências, características de personalidade, relação entre frustração e agressão, diferenciação entre agressividade e violência, buscando ultrapassar um papel apenas paliativo, definindo medidas preventivas dos problemas, ampliando as possibilidades de sua resolução, inclusive da violência.

Vale ressaltar, que a violência para esse campo de estudo, de modo geral define-se como fenômeno humano que se expressa nas relações sociais e também como um comportamento aprendido e culturalizado que pode passar a fazer parte dos padrões emocionais dos sujeitos. À ideia de comportamento aprendido e

culturalizado sugere a psicologia social acrescentar a criação subjetiva e simbólica, que se alimenta de imagens, fantasias, relatos, mitos e emoções, provocando não só a representação de violência entre os sujeitos, mas também o caos, a desordem, a insegurança e o medo.

Para Magalhães (2004), a psicologia social também dá especial atenção aos valores, entendendo-os como mediadores das relações do ser humano com o mundo e nele percebendo a função organizatória da práxis social contrária à violência.

As mudanças vividas e sentidas por todos coletivamente influenciam a definição da *matriz referencial dos valores* que, de forma hegemônica, normatiza as práticas sociais e socializadoras da infância. A matriz referencial dos valores, além de determinar uma concepção de *valor* que adotamos [...] também tem propostas muito concretas sobre o tipo de homem que se quer socializar [...] qual o nosso *comprometimento ético-político* frente à sociedade em que vivemos e qual é a *concepção de educação* que defendemos (p. 142, grifo da autora).

Com esse esclarecimento, é possível afirmar com base na psicologia social que a sociedade define uma matriz axiológica definidora dos processos de socialização. Essa compreensão, segundo Magalhães (2004), ressalta que o adulto consciente deve intervir para que os valores ensinados às crianças procurem construir novas formas de relações sociais não violentas.

No caso da escola, acontece o mesmo: “o professor é uma figura-chave tanto para ações preventivas como para controle de situações de violências na escola” no processo de socialização da infância (ABRAMOVAY, 2002, p. 90).

Não é demais lembrar que o impacto da violência no processo de socialização pode promover relações primárias que levam à constituição de características violentas na subjetividade. Esse impacto acontece pelas nomeações, identificações e diferenciações, que, no processo de socialização, vão se materializando, tornando os sujeitos únicos e singulares, ao mesmo tempo em que são gerais e sociais.

Então, entendemos que, para a psicologia social, o indivíduo desenvolve historicamente processos psicossociais que o tornam pessoa, membro de uma sociedade. À luz dessa realidade, a psicologia social procura analisar e compreender o fenômeno da violência em sua configuração pelo indivíduo em relação social, sobretudo no momento constitutivo do humano, em que as forças sociais se materializam por meio dos indivíduos e grupos. Reafirma-se, como nos

campos de estudo anteriormente analisados, que o ponto de partida para analisar a violência deve ser o reconhecimento de sua complexidade, uma vez que se concretiza em múltiplas formas, qualitativamente diferentes, com diversos níveis de significação e de efeitos históricos.

Nesse sentido, a psicologia social entende que os determinantes mais amplos da violência derivam da estrutura social, do ordenamento social, conforme afirmam Foucault (1987), Wieviorka (1997) e outros, envolvendo um marco dos interesses e valores concretos que acabam caracterizando não só os indivíduos, mas também cada sociedade ou cada grupo social, em um determinado momento histórico.

Entende-se que a violência apresenta-se naturalizada; mostra-se concreta, pessoal ou grupal e historicamente referida à realidade social que a produziu e que a afeta no processo de socialização.

Conforme a psicologia social, ao se dizer que alguém é violento, deve-se captar as relações entre objetividade e subjetividade, além de procurar compreender, ao mesmo tempo, os resultados dessas relações no âmbito da ação social. Essa lógica permite uma aproximação dos sentidos orientadores do fenômeno da violência e, talvez, facilite a compreensão deles, inseridos em contextos sociais, para formular medidas de intervenção.

É importante valer-se da análise de Michaud (1989, p. 80) acerca da violência na perspectiva da psicologia social:

Nenhuma abordagem pode ignorar o fato de que agressão e violência ocorrem em situações, que elas incitam à luta, agressores e vítimas cujos jogos (vitimização e agressão) concentram-se mutuamente, mas certas experiências espantosas concentram-se na dimensão propriamente social dos fenômenos e nos fatores relativos ao grupo ou à autoridade.

O interessante na fala de Michaud (1989) é revelar a violência de que agressores e vítimas são sujeitos e que desencadeia medo e hostilidade, apresentando-se como uma violência oculta, embora se trate de um ato manifesto. O ato violento insinua-se frequentemente como natural, e sua essência passa despercebida. Perceber um ato como violência demanda do homem um esforço para superar a compreensão de sua aparência de ato rotineiro, natural e inscrito na ordem das coisas.

Para compreender a violência no âmbito escolar, é necessário perceber as diferenças profundas entre indisciplina e violência escolar. Segundo Abramovay (2003, p.78), algumas situações [...] podem, no limite, deslanchar a violência, como

atos de indisciplina”, entendendo-se que nesse contexto brincadeiras violentas consideradas de criança precisam ser avaliadas pelo corpo docente com o intuito de se verificar até que ponto elas podem prejudicar alguém.

Em pesquisa realizada no ano de 2009, a autora revela que “os relatos dos professores demonstram que um dos problemas mais sérios que a escola enfrenta na atualidade é a indisciplina” (ABRAMOVAY, 2009, p. 129). Portanto, é comum confundir os conceitos, mesmo porque, no âmbito escolar, violência e indisciplina andam juntas, de forma que atitudes de ameaça, o empurra-empurra dos alunos na hora do recreio, o xingamento, quando não resolvidos, evidenciam negligência ou omissão do adulto.

Essa comparação serve como instrumento para entender o conflito que geralmente se encontra em uma escola, que, naturalmente desconsidera o que o campo da Psicologia discute a respeito da violência psicológica. Conforme Westphal (2002),

a violência psicológica, também denominada tortura psicológica, ocorre quando os adultos sistematicamente depreciam as crianças, bloqueiam seus esforços de auto-estima e realização, ou as ameaçam de abandono e crueldade. Trata-se de um tipo de relação muito pouco estudado entre nós, mas que tem um efeito muito perverso no desenvolvimento infanto-juvenil (p. 105).

Inquestionavelmente, essa compreensão vale também para as atitudes violentas ocorridas no ambiente escolar. Similarmente, enfatiza-se a violência psicológica, conceituada por Azevedo e Guerra (1998, p. 4 – grifo do autor), que considera também como tortura-psicológica os comportamentos psicológicos violentos, que “envolvem pelo menos três dimensões: poder – no sentido de ‘resolver pelo outro’, [...] humilhação: ‘ridicularizar’, chamar por palavrões; coisificação do outro: esquecer e desprezar, não levar em conta o valor/necessidade do outro, cometer injustiça.” Nesse sentido, faz-se necessário entender que a violência psicológica intimida e reprime a pessoa, colocando-a em situações difíceis e sem ação e, de certa forma, com medo.

A violência psicológica consiste, para Koehler (2001b, p 4 - grifo da autora), em

abuso de poder, o controle sobre o outro e elenca uma série de ações/ATOS que são por ela, denominados ‘categorias do abuso verbal’: decidir pelo outro; ir contra o desejo/necessidade do outro; desaprovar; causar insegurança com

ameaças e promessas; causar dano no desenvolvimento/emocional; chamar o outro com 'palavrões'; esquecer e desprezar; acusar o outro de uma coisa que não é verdade.

A autora adverte que três dimensões ocupam esse espaço em meio a essa barbárie: o poder, a humilhação e a coisificação. Esta última está ligada à prática da injustiça, que se assemelha ao bullying, em que “o sofrimento emocional e moral (até físico, eventualmente) da vítima são patentes. É comum que a vítima mantenha a *lei do silêncio*, pois, na maioria das vezes, as agressões são apenas morais e não deixam vestígios” conforme assinala Calhau (2008, p. 7 grifo do autor). A forma de rejeição, discriminação, desrespeito e outras punições humilhantes correm o risco de causar dano à autoestima, comprometer a identidade e personalidade da pessoa, bem como sua moral.

Acrescente-se que o atual *bullying* é uma forma de violência que afeta o meio social e institucional. Fante (2005, p. 27), assim o apresenta:

Bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre a violência escolar. Não se trata aqui de pequenas brincadeiras próprias da infância, mas de casos de violência, em muitos casos de forma velada praticadas por agressores contra vítimas. Elas podem ocorrer dentro de salas de aulas, corredores, pátios de escolas ou até nos arredores. Elas são, na maioria das vezes, realizadas de forma repetitiva e com desequilíbrio de poder. Essas agressões morais ou até físicas podem causar danos psicológicos para a criança e o adolescente facilitando posteriormente a entrada dos mesmos no mundo do crime.

O campo da psicologia define o *bullying* como mais uma das modalidades de violência encontradas no meio social e que repercute, sobretudo nas escolas, na forma de violência psicológica, incluindo sua descrição a violência simbólica e até física.

Já Foucault (1987) destaca a expressão da violência simbólica no contexto escolar. Para o autor, esse tipo de violência é uma forma de poder disciplinador. Ele destaca que “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor.” (FOUCAULT, 1987, p. 143 – grifo do autor)

Segundo Abramovay (2009, p. 23) a violência simbólica é em síntese “uma forma de dominação que se apoia em mecanismos simbólicos de poder que

estruturam as sociedades e fazem com que as pessoas vítimas de violência não necessariamente a percebam como violência.”

A violência simbólica é de certa forma um dos maiores problemas da educação atual, porque, embora não se apresente nitidamente, está inserida no processo educacional em todos os momentos por meio de atitudes consideradas banais, mas que afetam o emocional e o social do indivíduo. Ela age por meio de marcas errôneas e, de certa forma, aceitas por seguirem trâmites burocráticos, mas que acabam revoltando os sujeitos e podem provocar discórdia e muito mais violência no âmbito escolar.

Para tanto, a psicologia social considera a violência um fenômeno social que expressa vários fatores que devem ser levados em conta nas análises do fenômeno. Trata-se das expressões de autoritarismo econômico, da exacerbação do individualismo, da importância do peso histórico em sua definição, das raízes culturais da sociedade que a engendra, da diversidade cultural, da presença de ambientes sociais violentos, das várias formas de sociabilidade. A psicologia refere-se ainda ao conjunto de valores que se relacionam ao fenômeno da violência nas representações simbólicas, e que se deve ter em conta para que se possa compreender a questão da violência escolar e outros aspectos que influenciam a violência psicológica e o bullying, atualmente encontrados no dia a dia das escolas.

1.3.5 A perspectiva educacional: contribuições da ANPED

Neste trabalho, identificamos como vinculados à perspectiva educacional alguns estudos que se preocupam com o fenômeno da violência escolar. Aqui optamos pela produção sobre essa temática, a apresentada nas reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Anped, associação independente que tem como membros os Programas de Pós-Graduação da Área da Educação, bem como professores e estudantes de Pós-Graduação em Educação. Sua finalidade é divulgar a pesquisa de grande relevância na área da educação no Brasil.

Pela importância desses estudos, os trabalhos apresentados contribuíram para ampliar nosso entendimento, e certificar que caminhamos na mesma direção ao divulgar a necessidade de garantir aos professores a compreensão sobre a violência escolar na formação inicial e continuada. Para isso fizemos uma busca em

todos os GTs, amparando-nos em publicações dos últimos cinco anos pelo título do artigo e selecionamos os que se referem ao tema sobre a violência escolar.

É notório nesses estudos que a violência escolar é um fenômeno que, visível e invisivelmente, vem afetando o país, chegando a passos lentos, gerando transtornos à sociedade e à comunidade escolar, inclusive a professores e alunos. Diante desse relevante fato, o que nos surpreende, é que ainda são poucas as publicações focalizando o problema, o que permite pensar que a violência escolar ainda não se constitui objeto de muitas pesquisas. Dos trabalhos publicados em todos os GTs nos últimos cinco anos, apenas cinco falam de algo que envolve a violência escolar. Na publicação dos artigos faremos um breve comentário dos mesmos e destacaremos aqueles que mais contribuíram para esta pesquisa.

Na 29ª Reunião anual da Anped, em 2006, é resultado de pesquisa realizada durante os anos de 2004 e 2005, cujo tema principal é *Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: Desafios e Compromissos*, publicado no GT de Psicologia da Educação, o trabalho *Concepções de Professores Sobre Questões Relacionadas à Violência na Escola Lobato*, de Vivian da Silva, da rede municipal de Belém-PA, distrito de Mosqueiro. Entre os artigos pesquisados, é a publicação que mais se aproxima das questões postas por resposta dada por esta pesquisa embora diga respeito aos alunos maiores, que estudam no Ciclo IV (13 e 14 anos) e retrate a realidade do noturno nas turmas de 5ª a 8ª séries, que pelas falas dos professores, dizem-se intimidados por lecionar no turno noturno.

O artigo mostra ter a pesquisa acontecida em uma escola que discordou, inicialmente, da proposta do município de implantação dos Ciclos nas escolas da rede municipal ao que quase todo o país aderiu. Segundo a autora, o professor perde a autonomia quando nessa organização não acontece a retenção dos alunos, que, assim, deixam de realizar atividades propostas pelos professores e vivem envolvendo-se em atitudes violentas; descompromissado com o ensino, o aluno sabe que automaticamente já está aprovado. A referida pesquisa foi realizada apenas com professores que ao serem indagados sobre o conceito de violência, não conseguiram conceituá-lo; apenas se referiram ao fenômeno, aos tipos de violência existentes, fato também que coincide com a pesquisa de campo aqui realizada. Os professores, ao serem entrevistados, asseveraram que a forma verbal de violência encontrada em sala de aula gera conflitos que, posteriormente, resultam em violência física se não impedidos a tempo.

No artigo, a autora também chama a atenção para a banalização da violência, além de demonstrar um índice alto de violência intrafamiliar e revelar ser esta a causa de o aluno chegar à escola também agredindo seus colegas. Considera que os pais, assim como aqui revelado, são os principais responsáveis pelo comportamento do aluno na escola e responsabiliza o fator socioeconômico pelo fato de os alunos serem violentos. Um dos fatores identificados, que aparecem claramente em nossa pesquisa campo é a coincidência das falas dos sujeitos; os professores afirmam conversar com os alunos, levarem-nos para a coordenação e, se nada resolve, acionam o conselho tutelar, seja para as agressões mais pesadas ou para os casos de reincidência. Outro fator muito importante na mesma fala dos professores está no que se refere ao fato de terem que mudar a rotina da aula para atender conflitos violentos que surgem no momento da aula. Mesmo levando em conta essa realidade na preparação das aulas, ainda não se sentem preparados, muito menos formados para tratar desse assunto.

Lembramos que a pesquisa aqui em resumo, cita como exemplo o medo de chamar a atenção do aluno em sala de aula, de registrar uma nota baixa e, nesse clima de medo e desrespeito, o professor perde toda a ascendência sobre o aluno, o que interfere no conteúdo e no conhecimento. Estes impedem que se ministre uma aula de qualidade, de modo que os professores deixam claro não se esforçarem para administrá-la bem, deixando transparecer também que apenas vão à escola para garantir seu salário no final do mês. É isso que a autora denomina rotinização e banalização por parte dos professores, mas esses alegam, que sozinhos não resolverão o problema e, por isso, temerosos da realidade e apavorados, não querem envolver-se. Foi esse o sentido que a autora extraiu da expressão dos professores perante a violência que enfrentam no dia a dia da sala de aula.

Portanto, a pesquisa analisada desperta a atenção, ainda, para a falta de preparo, tanto na formação inicial e continuada do professor, para atender a situação de violência, porque, de acordo com as entrevistas, o professor se programa para trabalhar a violência integrando-a a sua rotina diária, o que exige grande esforço, devido à falta de formação adequada. Nesse sentido, a autora apresenta três categorias: categoria 1 - *Tipos/nuances de violência*; categoria 2 - *causas/origem da violência* e a categoria 3 - *formas de enfrentamento*. A categoria 3 trata das concepções relacionadas às estratégias tomadas frente à violência pelos professores, uma das quais é o diálogo. A autora acha que essa categoria apresenta

algumas referências que apontam caminhos para a formação de professores para fazer face à violência. Nas entrevistas com os professores, ela encontrou sugestões que ajudam a pensar como a violência interfere na vida profissional dos educadores, na qualidade do ensino e se os mesmos estão preparados psicologicamente e socialmente para atender essa violência.

Assinala também que é exigido grande esforço dos professores, quando tentam trabalhar e assumir o tema violência como conteúdo pautado para as aulas. A desorganização do ambiente é uma rotina cotidiana e, muitas vezes, por medo de represálias, sentem-se tolhidos de chamar a atenção do aluno violento, de atribuir-lhe notas baixas, o que interfere na qualidade do ensino e inverte os papéis na educação: o aluno ganha o espaço de autoridade e, de certa forma, fica o professor sem seu poder. Cabe lembrar mais uma vez que aqui os exemplos citados referem-se ao turno noturno com adultos, diferentemente da pesquisa apresentada neste trabalho.

Consequentemente, diante da situação, fica o professor com dificuldades de trabalhar a temática da violência, na carência de adequada formação inicial e continuada. A autora sugere que, primeiramente, devem-se detectar os problemas de violência que assolam a escola, mas acredita que, para isso, são necessárias ações urgentes e concretas capazes de contemplar a questão. Dentre essas ações está a formação apropriada para os professores e a discussão da questão e o diálogo na escola como um todo, atualmente, com vistas a se enfrentar a violência. Afirma categoricamente que a formação inicial e a continuada não resolvem a questão, que não há formação atualizada nem preparação para os professores enfrentarem os problemas da violência e dos jovens da atualidade. Afirma também que, necessariamente, os professores precisam ser parceiros, mas ainda não estão preparados para atuar e finaliza afirmando que é preciso haver informação e principalmente serem aparelhados para executar a prevenção à violência.

Já na 30ª Reunião Anual da Anped, no ano 2007, cujo tema foi “30 Anos de Pesquisa e Compromisso Social”, encontramos no GT 20 - Psicologia da Educação, o artigo *Aids, Drogas, Violência e Prevenção: Representações Sociais de Professores do Ensino Médio*, de Vera Maria Nigro de Souza Placco, da PUC-SP. Esse artigo distancia-se da pesquisa aqui realizada por tratar do ensino médio, mas percebemos que, mesmo assim, contribuiu para comparar que o proposto é o mesmo em todas as obras publicadas, ou seja, conclui-se que as respostas dos

sujeitos de sua pesquisa revelam as mesmas necessidades no que diz respeito ao preparo do professor para resolver a questão. É interessante perceber que no âmbito da psicologia também se pensam aspectos da formação de professores, e também se sugere o desafio de produzir conhecimentos no intuito de que se sejam produzidos argumentos e conhecimento para a formação dos professores, com informações precisas para a prevenção e superação dos fenômenos encontrados na escola em torno da Aids, Drogas e Violência.

Com essa intenção, a autora busca pensar os desafios de se produzir conhecimento que vise a preparar os professores para atender à sociedade atual, acreditando que, na relação com o objeto, é possível gerar novos valores para conhecimentos equivocados, referindo-se a autora à representação social, construída no coletivo, interpretando o real e modificando o indivíduo. As informações recebidas no meio social precisam ser avaliadas e, conseqüentemente, refinadas para que se apresente uma versão divergente do que é visto através da mídia, que reforça as crenças, valores, os preconceitos no meio social e no senso comum. É preciso concretizar esse conhecimento e gerar um novo olhar para o que se vê e não simplesmente deixar ancorar determinadas atitudes como exatas e verdadeiras.

A autora explica também, através de seus estudos, que a relação com o mundo social gera a objetivação, que organiza e dá uma nova forma ao conhecimento, clara, precisa, que facilita a compreensão do conceito que se dão às coisas através dos valores, das crenças e de outros elementos que constituem o grupo social em que vive o indivíduo, o que ele pode incorporar ou não dependendo da importância que a eles atribui. A autora denomina teoria das representações sociais, uma ferramenta que permite esse tipo de conhecimento, que se constitui na compreensão dos professores da necessidade de ocupar um novo espaço para o estudo das atitudes, da opinião, do raciocínio e outros conhecimentos afins. A autora ainda acredita que nessa lógica, o professor terá condições de compreender a relação com o aluno, com a sociedade e em seu próprio processo da realidade e aí sim possibilitará a discussão para uma nova formação de professores em todos os sentidos e na prevenção dos problemas sugeridos, como Aids, Drogas e Violência.

Ainda nessa pesquisa, o grupo se propôs conhecer as representações sociais de professores do Ensino Médio da rede pública do Estado de São Paulo, sobre Aids, Drogas, Violência e Prevenção, na intenção de intervir e prevenir. A escola nos

três turnos atende aproximadamente 1870 alunos na faixa etária dos 15 aos 18 anos. A equipe da escola é composta por setenta professores, uma diretora, duas vice diretoras e duas coordenadoras. A formação inicial da maioria dos participantes se fez em instituições privadas e eles dizem que investem pouco em formação continuada, razão pela qual apresentam dificuldade em discutir e refletir acerca desses e outros temas de emergência social. Trata-se de questões complexas que, segundo análise da autora, os participantes revelam depender de uma formação inicial na qual não se contemplam disciplinas que abordem a prevenção às DSTS/AIDS, ao abuso de drogas e à violência.

Indica que o grupo realiza diversas etapas da pesquisa, desde 1996, com os alunos de 10 a 15 anos, e desde 2003, com professores, conscientizando-se de um novo saber, mediando a relação indivíduo e mundo, implicando assim um processo da incorporação social e modificando as visões preexistentes, por meio da integração do estranho ao familiar, levando em consideração as características históricas do momento, a formação cultural, de caráter e a compreensão da formação de professores. Estes querem preparar-se para fazer frente em suas salas de aula, através de atitudes adequadas a comportamentos dos alunos em relação a questões tão graves quanto Aids, Drogas e Violência. Nesse caso, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, o questionário e grupo focal.

Nesse aspecto, a violência tratada na pesquisa diferencia da proposta de nossa pesquisa por conter atitudes de adultos que vivenciam a ação diariamente, mas a resposta obtida é a mesma, por tratar dos tipos de violência que ocorrem na escola, como se mostra: física; verbal; ofensas, desobediência e desacato ao professor; atitudes de discriminação; ameaças; violência simbólica; baixos salários e más condições de trabalho; exigências da legislação, em especial do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Além da definição dos tipos de violência nas escolas, a pesquisa revela como os professores tratam das causas e das consequências da violência na escola, problemas de saúde e abandono da escola, mas não abordam as consequências da violência para a prática pedagógica, tampouco suas consequências para a construção da subjetividade dos alunos, aspecto no qual nossa pesquisa avança consideravelmente. Discordamos de que se trate a violência como inata no aluno, pois esta é adquirida na sociedade, na família, através da mídia e na relação com as pessoas.

Todas as abordagens do assunto reveladas pela autora mostram um professor despreparado para atuar na prevenção das DSTS/AIDS, do abuso de

drogas e da violência. A questão da Aids, necessariamente os professores acreditam que apenas o professor de biologia ou o médico consegue ajudar a entendê-la, preveni-la e resolvê-la. Nesse sentido, a autora acredita que a intenção é de se isentar do problema ou apenas desconhecer os fatores que levam o indivíduo a ser dependente químico. O autor percebe também, por parte dos professores, um impedimento de atuar, que os distancia do problema, porque durante a formação inicial não se favoreceu o entendimento da ação preventiva, e aponta que informações negadas ao professor o desrespeitam, amedrontam-no e geram preconceito em relação às drogas, produzindo, enfim, certa vulnerabilidade docente.

A autora revela também, que o tema Aids foi enfrentado por parte dos professores com certo descaso no trato das questões a ela pertinentes junto aos seus alunos, por considerá-la articulada a todas as fontes de informação, e que há doenças mais graves que precisam ser tratadas. Ao mesmo tempo, ao serem investigados, demonstram impotência e também medo por não saberem como enfrentar a doença, a morte e possíveis sequelas, demonstrando-se, nessas atitudes, despreparados para falar sobre o tema em sala de aula e se articular com o coletivo de professores. Em relação aos alunos, os professores demonstram-se preocupados e revelam que gostariam de estar preparados para falar desse assunto, admitindo ser a escola o local para desenvolver trabalhos preventivos, mas que os profissionais responsáveis pelo tratamento da doença deveriam estar à frente desse trabalho. Pensam que em casa já há um diálogo direcionado a isso, mas admitem também que os pais estão muitas vezes ausentes desse papel.

Apontam a necessidade de formação para discutir a problemática e consideram que a ação preventiva vai além da transmissão de informações técnico-científicas; que informações isoladas não produzem mudanças de valores, atitudes ou comportamentos, mas que, necessariamente, é preciso construir uma proposta, um projeto de formação docente que prepare o professor para ações efetivas. A autora adverte que percebe na fala dos professores a necessidade de trabalhos contínuos de formação.

Diante da questão da violência escolar, os professores também revelam medo, pavor, frustração, porque se sentem incapazes de conviver com a violência que envolve as escolas. Falar do assunto já é motivo para apavoramento, embora se tenha revelado que os professores da escola pesquisada não experienciaram situações de violência nas escolas em que lecionam, mas têm representações muito

nítidas do perigo que representado pela violência e dela e sentem medo. Um aspecto importante do artigo, que nos ajudou consideravelmente, foi o relato de que, para enfrentar a violência escolar, os professores dizem realizar atividades didáticas usando o conteúdo administrado com o objetivo de efetivar esse enfrentamento e analisam informações expostas pelos meios de comunicação, realizam atividades em equipe, onde todos os alunos participam. No entanto, também questionam que não é este o papel deles, papel que acreditam ser de outros profissionais, admitindo que a escola e seu corpo docente, em sua prática pedagógica, não estão preparados para encarar a violência ressaltando a necessidade de formação para a questão.

Na concepção da autora, de acordo com esse pensamento, a formação dos professores está defasada, o que é demonstrado na fala dos próprios professores, e precisa ser reestruturada para fazer face aos problemas da atualidade, através de uma nova roupagem para atender os novos tempos.

No que diz respeito à pesquisa aqui realizada, esta também mostra que há um consenso entre professores e pesquisadores da área da educação de que a formação de professores deve ser repensada de modo que estes possam ter condições de agir eficazmente diante da realidade da violência nas escolas. Para a prevenção da violência, os professores da pesquisa analisada por Placco (2007), assim como os professores pesquisados, consideram que a questão é tratada em situações informais, em conversas a respeito. Consideram também que a família é muito importante no trabalho de prevenção, acham que seja necessário incluir essa problemática nos cursos de formação inicial e continuada dos professores, e que, de fato, não têm condições de enfrentar e intervir na violência se não houver uma sólida formação, tanto inicial como continuada que trate a questão com critério, com seriedade, e como fator primordial para a educação da criança e do adolescente em sua fase escolar.

Na 31ª Reunião da Anped, no ano de 2008, com o tema *Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação pública*, foram publicados dois trabalhos: *A Violência no Âmbito Escolar: Considerações Sobre a Violência da e na Escola*, de Joyce Mary Adam de Paula e Silva e Leila Maria Ferreira Salles, da UNESP, no GT-13 - Educação Fundamental, e *Infância e Violência: um estudo sobre a representação da infância em contexto de narco-experiência*, de Fernando Rodrigo dos Santos Silva, da PUC-Rio de Janeiro, no GT -16: Educação e Comunicação.

A publicação no GT – 13 se refere ao desenvolvimento de uma cultura da violência, banalizada e naturalizada em suas diferentes formas, um dos aspectos que coincide com a naturalização da violência aqui apresentada, embora na pesquisa citada, as autoras investiguem jovens e aqui o estudo se refere a crianças. Com o mesmo intento, as autoras investigam a violência na sociedade, na escola e na vida dos jovens na cidade de Rio Claro, no interior do Estado de São Paulo, com índice de criminalidade dos mais altos da região.

Destacam que a violência está se tornando cada vez mais frequente no dia a dia dos jovens e que já vêm sendo consideradas normais suas marcas no cotidiano. Revelamos que a pesquisa citada também concorda com a diferenciação da violência que atinge a escola, e assim atribui grande valor à contribuição de Charlot (2002) para o entendimento da violência, podendo-se dizer que na pesquisa aqui realizada essa contribuição se deu no sentido de compreender e identificar a violência que encontramos na escola. Para a classificação dos fenômenos violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola Charlot (2002), revela que a do tipo *na* escola está presente e em consonância com outros estudos apresentados. Nesse sentido, a violência contra o patrimônio escolar, contra o adulto e contra a instituição é tema que também aflige os estudiosos e com isso acredita-se que nesse contexto começa a ampliar-se o espaço entre os educadores para se pensar uma proposta de discussão conjunta entre alunos e equipe escolar. Consideramos que se tratou de uma escolha teórica que abarca bem o tema e de forma clara, com entendimento teórico e prático da violência que perpassa a escola.

Para esse estudo, foi utilizada a metodologia da entrevista de grupo, composto de professores, coordenador e jovens considerados bons alunos, tanto, jovens que se localizam na zona central da cidade como por outros provenientes de bairros pobres, periféricos e com alto índice de violência urbana. Revelou-se que a escola tem fama de ser violenta, sobretudo porque havia ocorrido o assassinato de um aluno dentro dela. Os alunos revelam haver discriminação, preconceito e ironia dos professores em determinadas situações.

Destaque-se a fala dos professores, segundo a qual tudo parece começar como brincadeira entre iguais, irrelevante, sem importância, ainda que sempre indique certo desprezo em relação ao outro. Aparentemente, isso se assemelha ao que aconteceu em nossa pesquisa, quando considerações como essas também fazem parte da fala dos professores.

Silva e Salles (2008) relatam que a instituição escolar se organiza em torno de regras. A escola impõe um código disciplinar igual a todos os alunos, o que, inclusive, permite classificá-los. Assim, é difícil para a instituição adaptar-se às rupturas da rotina diária. Ao mesmo tempo em que se responsabiliza o professor pela minimização da violência, como se este fosse capaz de administrar os conflitos com justiça e sem humilhações, pensa-se ser injusto colocar toda a responsabilidade da violência sobre eles, em vista de suas condições de trabalho.

Já a publicação no GT-16 *Infância e Violência: um estudo sobre a representação da infância em contexto de narco-experiência* se refere ao resultado de uma pesquisa relatada em um trabalho recém defendido em um programa de pós-graduação, que se insere no campo das pesquisas relacionadas a produtos midiáticos aos quais as crianças brasileiras têm acesso. Essa temática diz da relação das crianças com produtos midiáticos cujo conteúdo é violento, como se a relação do conteúdo violento com a infância fosse uma relação direta e passiva. Com essa intenção investigou crianças pobres da cidade do Rio de Janeiro, tomando como base o cinema brasileiro a partir de filmes conhecidos como *Central do Brasil* (Walter Salles Jr, 1998, Br) e *Cidade de Deus* (Fernando Meireles, 2002, Br), dentre outros. A pesquisadora investigou quinze crianças de faixa etária de dez anos, em uma escola que funciona dentro de uma casa tutelar na cidade do Rio de Janeiro, cuja clientela majoritária é composta por crianças residentes em uma comunidade próxima, em relação à qual notícias sobre tráfico e violência são comuns na grande mídia. Junto a essa clientela o autor se propôs analisar a perspectiva infantil diante de filmes, sua experiência social, o que pressupõe concebê-las como produtoras de cultura.

Para realizar a pesquisa, o autor trabalhou as categorias de representação desenvolvidas pelo historiador francês Roger Chartier. Por outro lado, cita filmes que as crianças assistem e que podem influenciar suas atitudes, já comprometidas devido cenas inadequadas, afirmando que a atitude tendenciosa que transmitem pode gerar imitação do que muitas vezes é colocado como certo. Cita como exemplo o valor atribuído aos bandidos, na cena da “guerra”, quando muitas crianças demonstram gostar de cenas onde a reação do bandido é louvável, como o poder de segurar armas, o poder encarnado pelo chefão que aparece nos filmes. Enfim, a vontade de enfrentar autoridades como, por exemplo, matar policiais poderá transformar alguém em um grande bandido.

O autor acha que ocupar-se em pesquisar a produção de filmes com características violentas é assumir o risco como valor. Portanto, preocupa-o o acesso a certos conteúdos dos filmes em determinada faixa etária da criança, pois vão sendo construídos valores que representam perigo para a formação intelectual e cidadã das crianças, devido à aproximação do erro através do modo de agir dos personagens. Preocupa-se também com a condição em que esses filmes são vistos, entendendo ser preciso tratar, nesse intento, com os saberes necessários para assisti-los. O que despertou a atenção foi à questão de esses valores serem importantes no sentido de contribuir para a prevenção da violência, porque, na pesquisa campo aqui realizada, também aparecem valores atribuídos pelas crianças a colegas que querem aparecer dizendo que são fortes e, por isso, ameaçam bater nos colegas. Valores errôneos adquiridos e muitas vezes respeitados por não lhes ter sido atribuído o valor alternativo de respeito ao outro, ou seja, a criança acha que está certa por não ter sido corrigida por ninguém.

No ano de 2009, a 32ª Reunião anual da Anped, cujo tema foi *Sociedade, cultura e educação: novas regulações?*, foi apresentado o artigo *Violência Escolar: medo e insegurança nos tempos e espaços da escola*, de Julio Gomes Almeida no GT 13 - Educação Fundamental. Esse artigo é resultado das discussões que vêm sendo realizadas no Núcleo de Pesquisa e Estudo sobre Formação em Ambientes Organizacionais, ligado à linha de Pesquisa *Sujeitos, Formação e Aprendizagens*, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo.

O autor relata que o objetivo da pesquisa foi estudar a formação de educadores, com a intenção de contribuir para outros estudos no que se refere ao cotidiano das escolas e à reflexão sobre a própria prática dos educadores. Nesse sentido, a experiência confirma a escola como espaço formativo onde cada um pode avaliar seu desempenho, estabelecendo um vínculo dinâmico entre atuação profissional, formação continuada e produção de conhecimento.

A pesquisa destaca a questão da violência escolar e a intensidade de sua exposição na mídia, mostrando a escola como local de aflição, para educadores, educandos e seus familiares. Mostra que a violência faz parte do cotidiano e atinge todas as camadas sociais, de diferentes formas, mas principalmente atinge a integridade física das pessoas em todas as instâncias da sociedade. Segundo o artigo, a discussão sobre a violência e sobre o contexto onde ela se manifesta é fundamental para se pensar uma maneira de intervir na escola na perspectiva da

constituição de um ambiente onde seja priorizada a construção de vínculos construtivos. Conforme relata o autor, o medo, a insegurança atinge espaços na escola que não podem ser esquecidos, em função do que se necessita da presença policial e da instalação de grades com cadeados em portões e portas, o que acaba por construir outra identidade para a escola. O autor destaca ainda que, embora a violência nem sempre seja explícita, causa grandes danos ao processo de ensino aprendizagem e à identidade das crianças.

Nesse sentido, deixa claro que é preciso reconstruir valores, práticas sociais e educacionais mediante o desenvolvimento, na escola, de um trabalho que se refira à violência. Conforme relata a pesquisa, o autor está atento também aos valores veiculados na escola hoje, onde se criam condições para as crianças aceitarem como naturais as situações injustas ou são elas incentivadas a encontrar individualmente alternativas para a situação da violência, cuja solução é vista como um problema individual. Assim, verificamos que estamos certos, quando dizemos ser necessária uma reflexão em torno da questão da violência, a fim de propiciar formas de fazer com que os professores atuem com firmeza em relação às situações que a geram, porque, muitas vezes o professor, em sala de aula, vê uma briga entre alunos como algo corriqueiro. Com base na hipótese levantada pelo autor, acreditamos que essa pesquisa contribui para o entendimento de reorganizações de valores, práticas psicossociais, educacionais, o desenvolvimento no interior das escolas, de trabalhos voltados para a prevenção e a extinção da violência.

Desta feita é preciso levar em consideração que as crianças chegam às escolas com direitos iguais em idades próximas, mas muito diferentes no que tange aos aspectos culturais e sociais, porque vêm de experiências familiares e origens sociais muito diversas. Essa diversidade inicial é geralmente ignorada na escola, que trata todos da mesma maneira, o que, para o autor, reforça o processo de diferenciação. Esse processo continua a desenvolver-se quando não bem administrado, conseqüentemente, podem surgir problemas de aprendizagem, devido à dispersão da atenção, dos comportamentos disciplinares, à ausência de limites claros para a conduta que se manifesta em condições propícias ao desenvolvimento da violência.

Contudo, vê-se que a violência é um fenômeno complexo, para cuja compreensão é necessário considerar aspectos que são ignorados ou inexiste, por exemplo, uma preocupação de atender o aluno no sentido de torná-lo uma pessoa

mais humana. As preocupações mais frequentes giram em torno de torná-lo um cumpridor de ordens, o que, na versão do autor, impede-o de tornar-se um cidadão crítico, comprometido com o exercício da cidadania. A razão disso está, muitas vezes, no fato da escola tratar o aluno de forma homogênea, sem dar atenção às diferenças culturais, geográficas, étnicas, de gênero, sociais, religiosas, econômicas, com base em um padrão, na versão do autor, um ideal de aluno: um ser assíduo, pontual, não questionador. Isso constitui uma forma de alienação, que ignora os fatores externos à escola.

Essa pesquisa publicada propiciou a consideração de um dos pontos estratégicos que se pode trabalhar com o professor em sua função: o entendimento da diversidade presente entre os alunos e a necessidade de que esse entendimento se faça presente na formação inicial e continuada dos professores. Além disso, os órgãos competentes para o estabelecimento de normas e diretrizes para a organização e o funcionamento das escolas, como as secretarias de educação, não podem se eximir desse entendimento, nem deixar de envolver-se num processo que se insere na democratização da educação e, conseqüentemente, das escolas.

A discussão sobre a violência na escola precisa estar presente sobre o tipo de sociedade que se pretende construir, constituída da escola e do poder público. Através da pesquisa aqui discutida, o autor defende, com propriedade, a necessidade dessa ação conjunta, porque sem assim pensar, poderemos ser vítimas da violência e formaremos cidadãos que não aprenderam a viver em sociedade.

Um dos professores entrevistado no trabalho aqui apresentado também relatou ser necessária ter uma organização de uma sociedade com espaços mais humanos, que melhorem a qualidade de vida humana coletiva, onde se aprenda a construir um lugar melhor para si próprio e para os demais. Essa organização pode ser incentivada na escola, em relação aos companheiros em sala de aula, propiciando a construção na criança da capacidade de se tornar um cidadão empenhado na constituição de um lugar melhor, seja na sua casa, no seu bairro, na sua cidade. Não para si isoladamente, mas para viver em harmonia com todos.

Na 33ª Reunião anual da Anped, no ano 2010, cujo tema foi *Educação no Brasil: o Balanço de uma Década*, nenhum trabalho foi publicado tratando desse tema.

A síntese geral dos artigos aqui reportados parte-se do pressuposto da necessidade de o pesquisador vivenciar o problema, pesquisar o assunto que irá

tratar e encontrar perspectivas para a discussão do problema tratado. Isso facilita o caminhar em busca de solução para o problema e cria condições para tal. Acreditamos que mais estudos precisam acontecer e é lamentável a pequena quantidade de trabalhos publicados sobre esse tema, que se tornam cada dia mais sério nos espaços escolares em todo o país.

Embora com análise de apenas cinco publicações, mas esses trabalhos favoreceram amplitude na questão e vieram contribuir muito com o entendimento da questão da violência, porque precisamos nos inteirar do que vem sendo publicado a respeito do assunto estudado. Os artigos apresentados tiveram assuntos em comum e de certa forma, preocuparam com a prevenção da violência e, sobretudo com a formação do professor em participar dessa prevenção. Essa preocupação foi um dos aspectos mais importantes porque também aqui assumimos que, se o professor não for preparado para atender a escola violenta e o aluno em situação comprometida pela ação violenta, teremos grandes problemas na construção da sociedade que queremos.

Conforme relato dos próprios professores, poucos querem envolver-se com esse tema, pois assusta e, de certa forma, repugna, mas que existe e precisa ser encarado por toda sociedade, sobretudo pelos professores e talvez por ser uma questão tão complexa, difícil de resolver há por parte de alguns abnegação pela questão.

1.4 Sínteses da questão da violência

Em breve síntese da questão da violência, entendemos que se trata de fenômeno complexo, cuja análise é de extrema importância para seu entendimento, pois a violência é considerada por muitos como um desafio que gera repúdio e medo. Para Minayo e Souza (1999), qualquer reflexão teórico-metodológica sobre a questão da violência pressupõe o reconhecimento da sua complexidade, polissemia e controvérsia. Por isso mesmo, neste trabalho, a reflexão sobre a violência baseia-se nas contribuições de vários campos teóricos, tentando articular dialeticamente o que cada campo destaca como importante para o entendimento do fenômeno e buscar com essa postura superar o conhecimento parcial até agora demonstrado por muitos.

Como abordamos, as perspectivas filosófica, antropológica, sociológica, psicológica e educacional nos permitem entender o motivo de tantas ambiguidades acerca do fenômeno da violência e nos ajudam a evidenciar que está presente nas relações interpessoais, carrega influências sociopolíticas, econômicas e culturais que se expressam em relações violentas no cotidiano. A contribuição maior foi reforçar o entendimento de que, se a violência é constituída por uma determinada sociedade, e sob determinadas circunstâncias, pode, felizmente, por ela também ser desconstruída e superada pela criação de outras circunstâncias.

Fortalece-se a idéia da possibilidade concreta de entendimento do fenômeno da violência, quando se passa a tratá-lo de forma complexa, histórica, empírica e específica, passível de análise, em virtude de suas expressões em um determinado contexto social. Assim, é compreensível que instituições como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), proponham e financiem estudos que buscam transformações no plano macrossocial, particularmente para auxiliar a proposição de políticas públicas e tentam minimizar ou resolver o problema da violência, especialmente em relação à juventude e à escola, Abramovay *et al.* (2002).

Em continuidade, o próximo capítulo explicitará uma forma específica de violência que ocorre na escola e buscará esclarecer o estado da arte da violência escolar, suas múltiplas formas determinantes e determinações, inclusive no que se refere aos saberes que os professores necessitam para atuar na questão da violência escolar.

CAPÍTULO 2

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A VIOLÊNCIA: “VIOLENCE DOUCE”

Toda ignorância é ignorante de um certo saber e todo saber é a superação de uma ignorância particular (BOAVENTURA SANTOS, 2002, p. 250)

Com Boaventura Santos, iniciamos este capítulo fazendo um recorte particular sobre o fenômeno da violência escolar, buscando, mesmo que parcialmente, meios para que nós professores possamos superar “as venturas e desventuras do exercício da profissão professor”, diante da violência no contexto escolar (Abramovay, 2009, p. 435).

Charlot (2002, p. 434) faz uma distinção entre violência como ação *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola:

a violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas um lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam à violência que visa diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência *contra* a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).

Abramovay (2002, p. 69) ainda acrescenta outros aspectos de classificação do conceito de violência escolar:

- a. *Violência*: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b. *Incivilidade*: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; *Violência simbólica ou institucional*: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

Priotto (2008, p.163-164) afirma, em seus estudos, que *violência escolar* são todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros, praticados no ambiente escolar por alunos, professores, funcionários, familiares e pessoas estranhas à escola. Ainda assim, a pesquisadora utiliza a expressão violência escolar, considerando que ela é a mais adequada por englobar a violência *na*, *da* e *contra* a escola.

Priotto (2008, p.168), no que diz respeito à violência *na* escola, salienta:

esta se caracteriza por diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos. Caracterizam-se como atos ou ações de violência: Física – contra o(s) outro(s) ou contra o grupo, contra si próprio (suicídios, homicídios, espancamentos, deferimentos, roubos, assaltos, ferimentos, golpes, estupro, agressões sexuais, exibicionismo, porte de armas que ferem, sangram e matam; drogas [uso, oferta, venda, distribuição de Alcool, Tabaco, Maconha, Cocaína, Crack, Merla, Anfetamínicos e outros]). Incivildades - desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou *bullying*.

Esses atos de violência envolvem tanto os membros da escola como a comunidade e estranhos à escola. Nas palavras da autora,

em relação à violência *da* escola, mostra-se todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros (qualquer um destes) como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, [...] preconceitos (racismo), a desvalorização (tanto da instituição para com o aluno, como do aluno para si mesmo) (PRIOTTO, 2008, p. 168-169).

Constata-se assim que Priotto (2009) e Charlot (2002) têm entendimento diferente sobre a violência *na* escola, *da* escola e *contra* a escola. Para Priotto (2009), violência na escola refere-se a atos ocorridos no cotidiano da escola, e Charlot (2002) diz que se trata de atos violentos que adentram a escola e que poderiam acontecer em qualquer lugar. Em relação à violência contra a escola, a autora a interpreta como à escola e da escola. Verifica-se que há apenas divergências de denominações, mas ambos os autores estão de acordo sobre a existência da violência na escola e a forma como ela acontece.

Investigar essa tipologia é de suma importância para a realização deste estudo porque na pesquisa considera-se que há a violência *na* escola, *da* escola ou *contra* a escola e a leitura dos dados ajuda a perceber os tipos de violência que ocorrem no contexto escolar.

Afirmando a importância do conceito da violência, vários deles foram explicitados, mas nunca é demais ressaltar a violência escolar para Priotto (2009) que assim o explicita:

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar (p. 162-163).

Esse conceito de violência escolar não se distancia dos demais, pois é sabido que há ações ocorridas na escola que muitas vezes professores, alunos e funcionários consideram normais, mas, na verdade, não o são. Enquanto a sociedade não se conscientizar que escola não é lugar de violência e não é de violência que vive o homem, essa situação só vai agravar, pois “algumas estratégias usadas pela escola se limitam a banalizar a violência” (MARRA, 2007, p. 60). Significa afirmar que qualquer ação realizada em uma instituição escolar que desvalorize o ser humano, fugindo assim do comportamento esperado de uma instituição social é, de certa forma, uma violência.

O crescimento da violência de uma forma bastante acelerada tem desequilibrado a interlocução entre os pares escolares, trazendo entraves à efetivação das intenções da escola, e prejudicando visivelmente a comunidade. Conhecer e compreender esse fato em suas variadas expressões de realização poderá nos esclarecer a forma desejável – e não utópica – de eliminar os conflitos, mas de administrá-los de uma maneira conciliatória a partir da identificação de suas causas; (MARRA 2007, p. 62-63).

Abramovay (2009) revela que “os projetos de intervenção buscam prevenir violências e buscar uma boa convivência, [...] a partir da criação do hábito do diálogo e da resolução de conflitos por meio de soluções apresentadas pelos próprios envolvidos.” (ABRAMOVAY 2009, p. 29)

Historicamente, a violência, conforme já relatado, sempre esteve presente na educação no Brasil como em outras partes do mundo. No caso da violência presente nas escolas brasileiras, podemos afirmar que se trata de um fenômeno que ganhou amplitude por volta dos anos 1980 e 1990, mas na realidade, os casos de violência já faziam parte do contexto escolar muito antes dessa década, conforme Abramovay (2009).

Diante do exposto, para se compreender o fenômeno da violência escolar deve-se levar em consideração não somente o homem individual e seu interior, mas todo o seu contexto, como nos pressupostos antropológico, sociológico e psicológico, dando conta de que alunos e professores são sujeitos concretos, históricos e sociais, que tanto um quanto outro sofre uma influência muito forte de vários condicionantes determinados por sua educação, na família especificamente da qual se originam, a classe social da qual pertence, o país do qual são cidadãos, possuidor de determinadas normas, valores, e assim por diante (MARX 1988).

Esse entendimento nos direciona à busca da compreensão da violência escolar em toda sua complexidade e amplitude com o apoio de conceitos teóricos, trata-se de um fenômeno complexo e multidimensional. Construir o conceito que permite compreender a violência escolar, suas formas e como a formação de professores poderia ajudar na intervenção sobre ela é acreditar que a formação de professores pode propiciar conhecimentos importantes para o desenvolvimento de saberes que capacitem na tarefa de aprender de modo a reconhecê-la, intervir no processo de sua realização e, se possível, erradicá-la do cotidiano escolar.

2.1 A compreensão conceitual de violência escolar

A violência escolar nos últimos tempos, tem-se tornado uma grande preocupação em muitos países. Não se trata de fenômeno característico apenas da sociedade brasileira, estando presente, por exemplo, na França, nos Estados Unidos da América (EUA) e na Argentina, quando se torna visível que a violência ultrapassa o muro da escola (Sposito, 1998).

No entanto, a violência não é um fenômeno novo, tem sido estudada por vários pesquisadores (Charlot, 2002; Sposito, 1998; Debarbieux, 2002; Abramovay 2002), que confirma se tratar de uma barbárie e afeta diretamente a escola, suas consequências são postas às claras, de modo a expressar-se visivelmente através da angústia de diferentes atores da instituição escolar, bem como de outros sujeitos sociais externos a ela. Há momentos em que emerge a figura do aluno e, em outros, a do professor, ora como vítimas ora como sujeitos dessa mesma violência. Trata-se de uma aparente alternância, que na realidade é a expressão da amplitude do fenômeno, que não se restringe a uma categoria ou outra dentro do universo escolar. São comuns no ambiente escolar as agressões entre alunos, ou

professores e alunos, ou dos professores entre si, ou diretores e demais componentes da instituição escolar. Fatos corriqueiros, mas não aceitáveis, pois a escola deve ser um lugar que, necessariamente, seja transmissor de cultura, valores e normas que propiciem “o estabelecimento dos espaços interativos, no contexto educacional, seja orientado a promover relações de troca, de esforços partilhados na construção de soluções comuns, para o alcance dos objetivos coletivos” (ABRAMOVAY, 2002, p.111) em prol de constituir cidadãos.

Concordando com essa ponderação de Abramovay, entende-se que é necessário mais reflexão sobre violência em busca de algo que vem falhando na escola. Entretanto, a preocupação maior não é procurar culpados, mas contribuir para o entendimento das relações que ocorrem no interior da escola dando ênfase ao por que as escolas se tornam violentas. Para construir o conceito que nos auxilie na compreensão da violência escolar, nos apropriamos do conceito proposto por Charlot (2002).

A violência no âmbito escolar em seu agravamento constitui-se o mais sério problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro na atualidade, sendo que “os incidentes violentos se produzem sobre um fundo de tensão [...] uma simples faísca que sobrevenha (um conflito, às vezes menor), provoca a explosão (o ato violento). É preciso, portanto, dedicar-se às fontes dessa tensão” (CHARLOT 2002, p. 440). Para prevenir a não reprodução desse impacto, que afeta diretamente o desempenho escolar, entra em cena o fator exclusão, que suscita tensão entre os jovens e a realidade na qual a escola está inserida, o que compromete o papel do professor e da escola, qual seja, o de integrar diferentes sujeitos à convivência escolar, considerando, para tanto, os interesses, conhecimentos, valores e aptidões de cada um.

Ressalte-se ainda a importância da análise de Abramovay na pesquisa “violência nas escolas”, realizada em 2003. Desenvolvida em quatorze capitais das unidades da federação, trata da percepção que alunos, pais, professores e outros funcionários de escolas públicas e particulares têm do problema. O trabalho mapeou os diversos tipos de violência registrados nas instituições educacionais brasileiras e é tido como referência em toda a América Latina, porque enfatiza também as dimensões socioculturais e simbólicas do fenômeno.

É interessante destacar que, em relação ao contexto escolar, a pesquisa de Abramovay chega à conclusão de que

algumas situações [...] podem, no limite deslançar a violência, como atos de indisciplina, agressões entre alunos e professores, pichações, depredações, não-explicitação das normas de organização da escola, carência de recursos humanos e materiais, baixos salários de professores e funcionários, falta de diálogo e não-interação da família e da comunidade, com os integrantes da unidade escolar (ABRAMOVAY, 2003, p. 78).

Conforme a autora, a pesquisa também aponta que as principais vítimas de violências são os alunos, seguidos de professores, funcionários e diretores. E, ainda, que o impacto mais significativo da violência é tornar o ambiente da escola pouco apropriado. A ideia de que a escola pode ser um lugar inadequado, associa-se à discussão de Sérgio Adorno (1995) na perspectiva sociológica, discutida neste estudo, mesmo que a escola se apresente como *locus* privilegiado do aprendizado, local isento de qualquer suspeita, isso não condiz com a atual realidade da escola. Para o autor, a escola convive com a *violence douce*, o que significa dizer que a escola pode atuar “como aparelho disciplinar exaustivo, destinado a forjar cidadãos devotos às razões da pátria e do Estado” (ADORNO, 1995, p. 311).

No entanto, apesar dessas considerações, a escola mudou bastante em pouco tempo e é

visualizada como *locus* da violência. Ao contrário, nunca aparece à opinião pública como tal. Embora as agressões físicas contra os estudantes, no passado, perpetradas por agentes escolares sob fortes argumentos surpreendentemente educativos, tenham sido repudiadas e abolidas da pedagogia moderna, nem por isso a escola deixou de disseminar a violência de modo velado - *violence douce* - pouco acessível aos olhares intrusos daqueles preocupados em extingui-la de seu cenário (ADORNO, 1995, p. 311).

A maior contribuição dessa reflexão para nosso trabalho é compreender que

por intermédio de diferentes mecanismos, a escola acaba produzindo efeitos violentos: em não poucos casos, estimula a evasão escolar, desqualificando os alunos como carentes, portadores de cultura “inferior”, incapazes para o aprendizado. Basta reportar-se às memórias de bancos escolares, onde predominam as imagens de tédio, rotina, punição, obrigação, desprazer. Em outros casos, a escola reproduz noções ideológicas que transfiguram, por exemplo, a identidade de grupos sociais determinados, como as imagens sobre os negros, as mulheres, as crianças e os indígenas veiculadas através dos livros escolares. Não parecem destituídos de sentido os revides às escolas, manifestos nos conflitos, ora individuais, ora coletivos, às vezes até radicais, entre dirigentes, docentes e discentes e, mais recentemente, nas depredações de que são alvo as instalações e edifícios escolares (ADORNO, 1995, p. 311).

A propósito da lógica do “revide à escola”, faço um parêntese para apresentar a escola pesquisada. Ela se enquadra nessa fala de Adorno (1995) porque faz parte

da contradição manifesta entre o querer e o fazer: ter uma escola de qualidade, sem conflito, sem violência e de boa estrutura física em contraponto com uma escola desestimulante para alunos e professores, com salas de aula escuras, na qual é necessário acender luzes em plena luz do dia, sem ventilação devido ao tamanho minúsculo das janelas constantemente fechadas pela impossibilidade de abri-las. Conta-se com ventiladores, insuficientes, porém para a amplitude do espaço. Na parte externa constantemente há mato ao redor da escola, sendo as atividades esportivas realizadas em chão de terra vermelha com bastante poeira; a lateral da escola dá acesso à rua que se mistura com o mato, contando com suposto parquinho onde o mato se mistura com alguns brinquedos velhos e enferrujados. Assim, toda arquitetura do prédio é visivelmente pouco atrativa que urge necessidade de reformas.

Falar que é desleixo por parte do recurso humano é assumir um equivoco, porque presenciamos momentos de limpeza, realizada pelas funcionárias responsáveis, mas a escola representa em sua estrutura física, um aspecto de abandono, de descaso, dificultando proporcionar pelo menos o básico, o necessário para que alunos e professores se sintam valorizados e possam atender melhor ao aluno desde o processo de ensino-aprendizagem até em sua integração como ser de valor no meio social.

Esta descrição da escola indica uma das faces da violência ali presente; consciente ou inconsciente, ela é fonte de tensões e conflitos que acabam prejudicando o processo pedagógico. Uma possível resposta à situações como esta é proposta por Abromavay e Castro (2006) no livro *Caleidoscópio das violências nas escolas*. As autoras citadas sugerem a implantação do Programa de Mediação e propõe a prática do diálogo para que haja a diminuição da sensação de insegurança, onde

as partes decidam a forma de negociação; os sentimentos possam ser expressados e respeitados; o enfoque se centre na ação futura mais do que na passada; haja imparcialidade; a comunicação e a colaboração sejam facilitadas; a reconciliação e a responsabilidade sejam estimuladas; cada um dos participantes possa entender o processo de resolução; e não haja vencedor nem perdedor. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 72)

Esse programa parece-nos uma importante contribuição para a superação de situações desse tipo, e concordamos com as autoras por entendermos que a proposta consiste em propiciar à escola um ambiente de possíveis diálogos e interatividade, a fim de que os problemas sejam enfrentados e não ignorados.

Entretanto, os estudos nos permitem entender o que é violência, seu conceito, o fenômeno, tipologias e sujeitos envolvidos. As pesquisas também demonstram o dinamismo do fenômeno social e suas intenções. Nosso entendimento sobre a violência escolar é sustentado por todos os autores estudados, que nos dão apoio para nos debruçar sobre nosso objeto de estudo.

A pesquisa desenvolvida apontou marcas visíveis da violência no contexto escolar, mas também no desvelamento das marcas invisíveis em sua maior contribuição. A violência escolar presente na escola, configura-se como fenômeno social naturalizado, envolve vários aspectos sociais, políticos e se evidencia sob várias formas: verbais, não-verbais, tensões, bullying, violência psicológica, simbólica e física. A evidência dessas formas de violência causa medo e desconforto nos membros da escola e revelam a complexidade do tema no fluir da vida cotidiana escolar. Nesse sentido, o fenômeno da violência é sócio-histórico-cultural, construído, portanto, a importância dos meios de prevenção e intervenção sobre ele. Esse entendimento nos remete à formação docente para tentar refletir sobre como é pensada a questão da violência escolar e sobre os saberes docentes necessários aos professores para que possam efetivamente lidar com esta questão no contexto escolar.

2.2 Saberes docentes e o fenômeno da violência escolar

O assunto aqui não é fazer uma intervenção na formação e sim nos saberes que ajudam os professores a tomar decisões em questões de violência, o que de fato os docentes devem saber e saber fazer em casos de violência escolar. Nesse sentido, lembramos Barth (1993), Nóvoa (1995), Lessard (2006) e Silva (2008). Vários pesquisadores propuseram as tipologias e a categorização dos saberes profissionais, citados por Lessard (2006, p. 216, grifo do autor),

A pergunta dos anos de 1980 e 1990 era a dos saberes: “O que é que os novos docentes e os docentes em exercício devem saber e saber fazer?”, e como corolário: “Qual deve ser a base de conhecimento da formação dos docentes?”. No cerne dessa pergunta, está o desafio da profissionalização do ensino e da formação dos professores. Vários pesquisadores propuseram tipologias e categorizações dos saberes profissionais: saberes teóricos e práticos (Perrenoud), saberes pedagógicos e didáticos (*pedagogical content knowledge*, Shulman), saberes artesanais (*craft knowledge*, Grimmer), saberes de trabalho (*working knowledge*, Kennedy; Tardif e Lessard), saberes para ensinar, saberes de ação (Schon), um saber estratégico (Van der Maren) etc.

Essa ampla tipologia indica que os saberes têm um papel importante no desenvolvimento do professor, mas, ao mesmo tempo, o entendimento desse conjunto de saberes pressupõe entender sua complexidade. A busca de entendimento dessa complexidade dos saberes docentes não para de crescer nas pesquisas. Tentaremos sistematizar estes saberes, indicando sua importância para o fenômeno da violência. Com esse objetivo, o saber fazer explicitado por Nóvoa (1995) refere-se a um saber acumulado por meio do aprendizado individual e grupal dos professores que só ocasionalmente é reunido. Para o autor, isso significa que “o professor dispõe de esquemas práticos para realizar avaliações, corrigir provas de exame, solucionar conflitos sociais entre alunos, organizar espaço, etc” (NÓVOA, 1995, p.78) e, particularmente, repassar os valores dominantes de cada época. Neste ponto, entendemos que nós professores ensinamos e praticamos valores de uma determinada época, construindo e (re)construindo dialeticamente nosso modo de ser e fazer. Esse saber apresentado por Nóvoa nos conscientiza de que somos produtores/produzidos da nova realidade, das novas situações sociais, inclusive das violentas.

O básico é entender que podemos atualizar ideias prévias, selecionar o que se pode aproveitar para melhorar a formação de professores Sacristán (1999), construindo condições de trabalhar a violência na escola. Com essa intenção, a Universidade Federal de Goiás (UFG), por exemplo, segundo explicita Valter Guimarães (2004), tem manifestado ações que demonstram maior atenção à melhoria da formação do professor para atender uma nova realidade vigente, ou a necessidade deste saber fazer, conforme explicitado.

No caso específico da UFG, o fato de suas licenciaturas terem sido deixadas mais por conta dos próprios institutos, a vivência de maior abertura nos vários âmbitos da realidade humana, a ampliação de convicções relacionadas à necessidade de atuação multi e interdisciplinar, a sensível melhoria da qualificação nos quadros de docentes dessa universidade nas duas últimas décadas têm incomodado, renovado disposições e proporcionado o surgimento de atitudes mais positivas em relação ao formar professor [...] Nesse processo estão envolvidos, além dos conhecimentos e métodos da respectiva área, aspectos relacionados ao humano, às emoções, à posição sobre valores, políticas e ética (GUIMARÃES, 2004, p.80-81).

Acreditamos que a UFG busca caminhos que proporcionam humanizar aspectos antes não preocupantes. Enquanto isso os saberes docentes em ação encontrados na revisão bibliográfica de Fiorentini (1998) revelam os trabalhos de

Barth e Carr e Kemmis ressaltando que uma preocupação de Barth (1993) diz respeito à formação de professores, e que atribui essa importância tanto na teoria quanto na prática, julgando necessária a construção dos saberes qualificando-os ao mesmo tempo: “estruturado, evolutivo, cultural, contextualizado e afetivo” (FIORENTINI, 1998).

A relação entre os saberes apresentados por Nóvoa (1995) e os de Barth (1993), “amplia esse referencial teórico com as contribuições de Marx (crítica ideológica) e de Paulo Freire (processo de conscientização)” (FIORENTINI, 1998, p. 325), definindo como uma teoria crítica do ensino. Entendemos também que esses saberes, assim pensados, dialeticamente, sustentam a relação teoria e prática. Nessa lógica põe-se à prova os saberes docentes por meio da reflexão crítica e da prática transformadora, práxis, aspecto importante para que medidas de intervenção e prevenção da violência escolar sejam estruturadas.

Esse processo é dialético envolve crenças, ideologias, valores, normas e tudo o que se relaciona à cultura acumulada pelo professor, o que Silva (2008) explica como o conjunto de informações adquiridas ao longo de sua história, e diz que o professor “reagrupa-se em três tipos de saberes que compõem as ações: *saber sobre* o que se faz, *saber fazê-lo* e *saber os motivos* para realizá-lo” (SILVA, 2008, p.131 – grifo da autora) o que relaciona aqui como indispensáveis para o professor ser capaz de lidar com a violência, entendendo que a articulação destes saberes municia o professor e possibilita sua conscientização e atuação numa sociedade tão conflituosa. Outro saber tão importante relaciona-se à busca da formação contínua desenvolvida pelo próprio professor. Quem fala sobre isso é Perrenoud (1993), sugerindo que este saber pode “facilitar o contacto com alunos, famílias, sala de aula, estabelecimentos de ensino, bairros de todos os tipos, e preparar os futuros professores para se adaptarem a todos tipos de redefinição de situações,” (p.151), considerados aspectos importantes no trato da violência escolar, e que fique claro não é possível saber fazer sem saber como fazer.

Conforme as ponderações de Sacristán (1999), as práticas e os saberes docentes configuram “o *habitus* [que] produz ações e reproduz práticas, porque o esquema gerado historicamente assegura sua presença no futuro pelas de formas de perceber, de pensar, de fazer e de sentir” (p. 84).

Entendemos com isso que se faz necessário também estudar a especificidade do saber docente em seu processo de construção e elaboração na

prática pedagógica. Nesse sentido nos apoiamos em Fiorentini (1998), quando concorda com Barth porque “não descarta as contribuições teóricas ou aquelas oriundas da investigação científica no processo de produção de saberes profissionais, nem considera a prática, mesmo que reflexiva, em instância auto-suficiente dessa produção de saberes” (p. 323). E, neste sentido, valoriza-se como o professor estrutura sua prática, o que o motiva e, por isso, também constitui um ponto comum que o ajude na reflexão sobre a violência escolar.

Compreendemos ainda “que a cultura compartilhada, a história de vida e os afetos são elementos constitutivos dos saberes do professor” (SILVA, 2008, p. 136) e definem o seu papel de educador e, dependendo do desenvolvimento desses saberes, teremos um professor com sensibilidade. Essa idéia é reforçada quando entendemos que não há um saber “desligado de implicações de valor, de consequências sociais, de pressupostos sobre o funcionamento dos seres humanos, tanto no plano individual como no coletivo” (SILVA, 2008, p.135).

Por isso, adotamos como pressupostos norteados do entendimento da violência escolar, os saberes docentes explicitados por Nóvoa (1995) e Barth (1993) considerando que construí-los seja um grande desafio para a formação continuada do professor. A articulação desses saberes até aqui discutidos, implica conhecer as teorias implícitas na prática docente, provendo assim as condições para que o profissional modifique suas concepções, atitudes, crenças e ações referentes à violência escolar (SILVA, 2008).

Esclarecemos que os saberes descritos podem ser articulados a partir de uma reflexão crítica, subsidiando um processo importante de conscientização dos professores, pois pode suscitar valores que prezam a dignidade e eticidade humana dos professores, dos seus alunos, de sua comunidade e do homem em todo o universo de sua produção. Nesse movimento a violência escolar não escaparia.

2.3 O método, abordagem e o tipo de pesquisa

Aqui, pretende-se limitar o fenômeno da violência escolar para conhecer seus elementos constitutivos e contextuais por meio dos sujeitos envolvidos - professores e alunos. A metodologia desenvolvida se refere à organização racional da investigação, o que gera decisões específicas, tomadas e justificadas no contexto da perspectiva utilizada. Inicia-se pela descrição e identificação do método que norteia

essa pesquisa, a abordagem e tipo de pesquisa desenvolvido, delineando os seus percursos, além de se pontuar o processo com reflexões teóricas.

De acordo com Souza, Magalhães e Guimarães (2010), as diferentes concepções da relação sujeito-objeto correspondem a maneiras diversas de abordagem e compreensão do processo de conhecimento. A escolha do método a ser utilizado em uma pesquisa desse porte indica como se entende a relação entre sujeito e objeto e qual é a lógica que norteia suas escolhas, definições e conceitos para o entendimento do fenômeno estudado.

Gatti (2002) explica:

os métodos, para além da lógica, são vivências do próprio pesquisador com o que é pesquisado. Não são externos, independentes de quem lhe dá existência no ato de praticá-lo. Os métodos de trabalho precisam ser vivenciados em toda a sua extensão, pela experiência continuada, pelas trocas, pelos tropeços, pelas críticas, pela sua integração mediada pelo próprio modo de ser do pesquisador enquanto pessoa. Sem estas condições falta aquele toque que traz a marca de quem cria, e cria porque integra subjetivamente e criticamente o que uma tradição em certa área de investigação produz historicamente (GATTI, 2002, p. 54-5).

Dessa maneira, compreende-se que o sujeito e o objeto de estudo têm papel ativo na construção do conhecimento e que ambos sofrem transformações, expressando um processo dialético, dinâmico e histórico. Com essa compreensão, esta pesquisa pretende desenvolver a análise do fenômeno por meio dos pressupostos do materialismo histórico dialético (MHD). Apesar de todas as dificuldades com as quais nos deparamos para seguir o método, julgamos importante identificá-lo. A certeza da validade da escolha do método pauta-se nos estudos desenvolvidos por Souza, Magalhães e Guimarães (2009; 2010), que analisaram a produção acadêmica dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Centro-Oeste. Segundo os autores, configuraram-se, reiteradas vezes, muitas dificuldades na escolha e na utilização do método nas pesquisas analisadas.

Os autores sustentam que, na maioria dos trabalhos, a teoria não é o eixo condutor, a estrutura que deveria sustentar todas as etapas da investigação. Assim, revelam que os pós-graduandos não têm dominado a teoria em função de uma série de questões que não é o caso de explicitar agora, necessitando, portanto, de fazer o esforço de debruçar-se sobre uma perspectiva metodológica que sustente as investigações. Então, em resposta à necessidade desse esforço, num movimento em direção à melhoria dos trabalhos na área de educação em geral, e à efetividade

deste trabalho em particular, colocamo-nos na posição de tentar demonstrar nossa intencionalidade na escolha da lógica que norteia este estudo.

Este exercício metodológico requer uma base teórica histórico-dialética para o estudo do fenômeno da violência escolar. Nesse sentido é possível compreender que a abordagem histórico-dialética exige uma aproximação crítica do objeto. Segundo essa abordagem, a produção científica deve ser entendida tanto como produção social, influenciada pelas condições históricas, quanto como impulso renovador dessas mesmas condições. Portanto, esta pesquisa enquadra-se nestes pressupostos, procurando apresentar a marca da realidade sócio-histórica, buscando ao mesmo tempo contribuir para a melhoria dessa mesma realidade (CURY, 1985).

Conforme Souza; Magalhães; Guimarães, (2009; 2010), algumas categorias capazes de identificar os tipos de métodos, especificamente no caso do MHD, consistem em: a) abordar o objeto na perspectiva histórica, com base em suas origens; b) buscar na história as origens do problema, do todo e não de tudo; c) trabalhar com os sujeitos típicos, compreendido como sujeito histórico, social e político, articulado ao seu contexto familiar, ao meio ambiente e à sociedade na qual se insere, o que ajuda a evidenciar e articular as ações de educação como elementos produtores de um saber coletivo que traduzem no indivíduo sua autonomia e emancipação para cuidar de si, da família e de seu entorno; d) apresentar o concreto pensado, evidenciando o objeto que estava oculto, o movimento dialético; e) utilizar o pensamento marxista para análise do trabalho, alienação, ideologia, classe social, contradição, negação, totalidade, universalidade; f) articular teoria e prática e denominá-la práxis; g) apresentar os dados evidenciando seus nexos internos e contraditórios com a totalidade; h) utilizar o referencial teórico. Desse modo, essas foram às categorias que nos auxiliaram no desenvolvimento do método de pesquisa.

A pesquisa qualitativa numa perspectiva sócio-histórica, que tem o materialismo-dialético como referência, deve expressar em seu arcabouço conceitual as marcas de sua filiação dialética. É com essas marcas que assumimos diferentes procedimentos metodológicos de investigação para encontrar o sentido dos fenômenos, assim como interpretar os significados que lhes dão os sujeitos.

Realizar uma pesquisa na abordagem qualitativa tende para o estudo de questões delimitadas, locais, de forma a apreender os sujeitos no ambiente natural

em que vivem, nas suas interações interpessoais e sociais, nas quais tecem os significados e constroem a realidade. Assim, a abordagem qualitativa vem permitindo análises contextualizadas dos fenômenos da realidade social, do conhecimento e do ser humano em sua totalidade (SOUZA; MAGALHÃES; GUIMARÃES, 2009; 2010).

Constatamos também em Chizzotti (1991) o termo qualitativo que implica uma densa partilha com os sujeitos, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, de modo a perceber, nesse convívio, significados visíveis e latentes em acordo com o tipo de pesquisa adotado, o estudo de caso, o qual, segundo Triviños (1987, p. 133), “é uma categoria de pesquisa cujo objeto de estudo é uma unidade que se analisa aprofundadamente”. Lüdke e André (1986) alertam que o estudo de casos deve ser sempre bem delimitado, “ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 17).

De acordo com o método e a metodologia, segundo essas características, a pesquisa buscou sem desconsiderar sua realidade, a totalidade diante de informações detalhadas em fontes de documentos, observações e entrevistas com os sujeitos que ajudou a conhecer o fenômeno da violência e seu momento histórico, sem perder a afinidade com o contexto natural, ambiente, ações e movimentos.

Para essa pesquisa, investigar a violência perpassa pelas ações pedagógicas em suas mais variadas formas, sobretudo a simbólica, psicológica e física, que prejudicam ou impedem a aprendizagem do aluno. Com essa intenção é que se utilizou a observação e entrevistas de professores e alunos em uma sala de aula.

As observações foram transcritas de modo a serem transformadas em um diário de campo, com anotações e algumas reflexões pessoais sobre as situações e contextos observados, inclusive as práticas que envolviam situações de violência e sua solução. A observação foi desenvolvida de modo que fosse possível a interação com os sujeitos, tendo envolvido um período compatível com a participação na vida cotidiana da sala de aula e de outros espaços e, conseqüentemente, foram recolhidos dados que facilitaram a fase das entrevistas.

O objetivo das entrevistas foi buscar elementos para a compreensão de como os sujeitos entendem a violência escolar, destacando-se concepções de educação de mundo e de escola. O momento das entrevistas mostrou-se como uma situação particular que, deve ser compreendida historicamente, de modo a se respeitar o contexto cultural do grupo.

As questões pertinentes ao tema (apêndice 1) foram elaboradas e igualmente perguntadas à todos os entrevistados, mas nas transcrições das entrevistas foram corrigidas algumas falas em conformidade com a norma 'cultura' da língua portuguesa, sem mudar o teor de suas respostas (apêndice 2).

2.4 O percurso da pesquisa e os sujeitos

A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano letivo de 2010 em uma escola pública de ensino da cidade de Goiânia – Goiás, selecionada e autorizada pela Secretaria Municipal de Educação (SME).

Situada na Região Noroeste da cidade atende uma população pobre, que vive em uma região com elevado índice de violência. A escola foi inaugurada em meados dos anos noventa, com um total de quatro salas de aula, passou por ampliação, quando foram acrescentadas mais cinco salas de aula e edificada uma minúscula sala de professores. Segundo a sua Proposta Política Pedagógica (PPP), durante o ano letivo de 2009, houve grande esforço para a realização de reparos, tais como substituição dos vidros quebrados, conserto e instalação de fechaduras com cadeados nas janelas e portas dos depósitos, banheiros, salas de aula, aproximando a uma segurança geral do prédio escolar, com o fito de diminuir o vandalismo recorrente e invasões constantes na escola nos momentos não letivos.

Em 2010, ampliou-se o Ambiente Informatizado, com instalação de novos equipamentos para atender os alunos, mas, durante a pesquisa, não se observou atendimento aos alunos nessa sala, porque segundo fala dos professores a SME adota critérios e por isso não há funcionário disponível no momento. O prédio escolar está bastante pichado, poluição visual que certifica e caracteriza o vandalismo de que a escola é vítima.

A escola campo atende no turno matutino o Ciclo III, com dez turmas de alunos da faixa etária entre quinze e dezessete anos, considerados por alguns funcionários e alunos ser o turno onde ocorre mais violência, pois se trata de adolescentes problemáticos. Em meio a esses alunos alguns já traficaram drogas no interior da escola; são participantes de gangues das torcidas organizadas de futebol da cidade e que trazem sérios problemas; os professores dizem não poder afirmar com toda a certeza, mas acredita serem os maiores responsáveis pelo vandalismo que a escola enfrenta nos finais de semana, feriados e férias coletivas dos funcionários.

No turno vespertino, a escola atende o Ciclo I, com três turmas, na faixa etária entre seis a oito anos, e o Ciclo II, com seis turmas, na faixa etária entre nove a onze anos, que são os sujeitos que participaram da pesquisa e contribuíram empiricamente. Foi escolhida essa faixa etária por ser compreendida como a fase de transição da infância para a adolescência, idade que lhes permite identificar e nomear sua vivência com o cotidiano, por ter pelo menos seis anos de escolaridade e estar acostumado ao convívio com escola, da qual já conhecem o ritmo e as rotinas; consegue responder questões que os aflige, descrever fatos sem fantasia e possibilita maior entendimento. Através de estudos em Vigotsky, (Facci, 2004) deixa claro que “o pensamento da criança de pouca idade é fortemente determinado por sua memória [...]. Quando chega na adolescência, o seu desenvolvimento produz uma mudança decisiva. [...] para o adolescente, recordar é pensar” (FACCI, 2004, p. 208). Nesse aspecto, entendemos que o préadolescente se convivendo com a violência, ainda há chance de ser orientado, auxiliado para formar cidadão de bem e seguro de si, por ainda não ter se envolvido em situações críticas, saber distinguir com certo entendimento o que pode tornar uma pessoa violenta, já conseguir descrever a violência e formas para erradicá-la.

A escola que participou da pesquisa conta com parte de seus alunos oriundos de outros setores periféricos da cidade. Dentre eles e com base em informações fornecidas por funcionários e pela coordenação, a escola recebeu no início do segundo semestre crianças de outro setor da cidade, considerada pela SME como a mais próxima para eles, apesar dos altos índices de violência. As crianças são transportadas todos os dias pelo ônibus da SME com uma funcionária contratada para acompanhá-los no percurso. Os alunos são oriundos de um bairro recém-inaugurado, também de famílias de baixa renda que não dispõem de escolas públicas suficientes no local, precisando por isso deslocar-se, o que já é um fator sutil de uma violência, pois a condição sujeita, de sair do seu território de residência para estudar em outro, pode, numa certa medida, comprometer seu desempenho escolar.

A análise dos resultados aqui apresentada existe na escola um número grande de crianças provenientes de famílias carentes nos aspectos sociais, político, econômico e cultural e, em muitos casos, sem elo familiar solidificado. Os sujeitos da

pesquisa foram alunos e professores, dentre eles, inclui-se aos professores coordenação e direção. A turma observada se refere ao Ciclo II, especificamente a turma F com 26 alunos, variando a idade entre 9 e 12 anos (porque pela modalidade há crianças que atinge o mês de aniversário dentro do Ciclo II). Durante a observação das aulas e após constatar alterações violentas em determinados alunos, se envolvendo ou com histórico de violência, quinze dos alunos foram selecionados e com autorização expedida pela coordenação aos pais para autorizarem a participação na entrevista (Anexo 1), nove aceitaram e consentiram fazer parte da pesquisa, conforme quadro I.

Ainda para preservar a ética na pesquisa foram resguardadas as identidades dos sujeitos; para tanto, seus nomes verdadeiros foram substituídos por letras maiúsculas e números, os quais podem ser identificados por **AM** refere-se aos alunos, sexo masculino e, **AF** às alunas, sexo feminino. **PM** refere-se aos professores, sexo masculino, e **PF** às professoras, sexo feminino. **E** refere-se aos professores efetivos e **CE** aos professores com contrato especial. A numeração é que diferencia os sujeitos entre si, conforme quadro 1 e 2.

Quadro 1: Identificação dos sujeitos da pesquisa - alunos da turma F3

	Sujeitos	Idades
MASCULINO	AM1	11
	AM2	11
	AM3	12
	AM4	12
	AM5	11
FEMININO	AF6	11
	AF7	11
	AF8	11
	AF9	12

Fonte: Pesquisa realizada no 2º semestre de 2010 na Escola Pública.

Em relação aos professores, todos foram convidados a participar e, em um gesto espontâneo, permitiram através de anuência que observassem suas aulas e que fossem entrevistados, um fator motivacional importante para a implementação de ações que visem transformar o ambiente escolar.

Quadro 2: Identificação de sujeitos da pesquisa - professores que atendem à turma F3

Sujeitos		Idade (anos)	Formação	Anos de carreira na profissão	Tempo de carreira na SME	Vínculo com a SME
FEMININO	PPF1	50	Letras/ Pedagogia	30	10 anos	E
	PPF2	27	História	2	1 ano e 10 meses	E
	PPF3	46	Pedagoga	4	1 ano e 2 meses	CE
	PPF4	45	Letras	25	2 anos	E
	PPF5	35	Pedagoga	17	3 anos	E
	PPF6	34	Letras	8	1 ano e 2 meses	E
	PPF7	23	Pedagoga	2	9 meses	CE
MASCULINO	PPM8	50	Matemática	8	8 anos	E
	PPM9	27	Educação Física	1	1 ano e 2 meses	E
	PPM10	34	Matemática	11	9 anos	CE

Fonte: Pesquisa realizada no 2º semestre de 2010 na Escola Pública.

Em relação à pesquisa, jamais houve intenção de denegrir ou expor professores e alunos como culpados da violência que se encontra na escola campo indicada pela SME. Os sujeitos da pesquisa foram, em todos os momentos resguardados, sem deles se fazer qualquer identificação. Em cumprimento ao acordo para seu envolvimento na pesquisa, assumimos revelar os dados com responsabilidade, com fidelidade a maneira como professores e alunos se manifestaram perante o tema violência escolar em todos os momentos da pesquisa, seja na observação em sala de aula ou entrevistas.

2.4.1 Procedimentos da pesquisa

Segundo Bogdan e Biklen (1994), existem vários instrumentos que podem ser utilizados em uma pesquisa, dentre eles a observação, a entrevista estruturada e os cuidados que se devem tomar cuidados com a questão ética das pesquisas em relação aos sujeitos e corroboram, “duas questões dominam o panorama recente no

âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos; o consentimento informado e a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos” (BOGDAN e BIKLEN 1994, p. 75).

Para atender a ética e sermos específicos, as entrevistas estruturadas contiveram dezesseis perguntas, que obedeceram sequência lógica do geral para o abstrato. As mesmas questões foram apresentadas a todos os entrevistados em dois grupos consideravelmente professores e alunos, (apêndice 1) e constituíram uma prática discursiva, conforme explicitado por Spink (1999a; 1999b) para obtenção de dados, o que possibilita informar características como atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento e às práticas dos sujeitos da pesquisa, indo além da descrição da ação.

De acordo com Magalhães (2004, p. 55),

a proposta metodológica de Spink (1999a) visa compreender a entrevista como prática social-dialógica, entendida como conhecimento social. Segundo a autora, as entrevistas são atividades cognitivas e, quando referidas ao conhecimento social, podem ser entendidas como uma construção da realidade. A entrevista como uma prática discursiva, então, mostra-se uma ação (interação) situada e contextualizada, e por meio da qual podemos produzir sentidos e identificar como os sujeitos constroem versões da realidade cotidiana. Em seu relato, a pessoa traz os argumentos utilizados e a explicação de sua ação, além de produzir ativamente realidades psicológicas e sociais. Não queremos dizer com isso que o discurso é tudo pelo qual nos devemos nos interessar, já que ele em si pode não expressar o “todo” a que o sujeito (entrevistado/entrevistador) se refere. Isto é, o discurso é uma das partes em que, como bem mostrou Vygotsky, remonta-se aos motivos de cada sujeito; motivos que não são dados apenas pelo próprio sujeito, mas também pelos seus interlocutores presentes na sua “fala interior”. É interessante destacarmos que, na cena discursiva, muitas vozes são ouvidas e não apenas as dos que enunciam perguntas e respostas.

Entende-se que nesse sentido os procedimentos de pesquisa – observação e entrevista permitiram uma aproximação menos formal dos sujeitos, de modo a perceber como pensam a violência e, em decorrência, como constrói a sua realidade e atuam frente à violência escolar diante das práticas discursivas, do que se revela e permite a produção do sentido viável para o estudo da violência escolar.

Através da utilização desses instrumentos, tentamos propor um significado explicativo do fenômeno da violência escolar; segundo a abordagem dialética e procuramos compreender a dinâmica sócio-histórica, reconhecendo as estruturas. Por uma dinâmica sócio-histórica, entendemos a contextualização da análise no espaço e tempo, identificando a inserção social e histórica dos sujeitos, bem como

obter algum entendimento sobre a forma e também sobre o conteúdo da violência escolar.

Com base no suporte teórico adotado, procuramos conciliar as observações com as entrevistas, tendo por finalidade entender os diversos momentos descritos da observação e narrados pelos sujeitos na entrevista. A observação aconteceu em todo o percurso do aluno assim revelado: no pátio antes do início da aula, foi possível visualizar algumas cenas violentas, como por exemplo, a ameaça feita por duas alunas de bater com uma régua em alguns colegas, outro aluno que jogava migalhas e farelos da sua boca nos demais, que automaticamente contestava com gestos violentos e pedia para parar, senão iria bater.

Por outro ângulo, na sala de aula, foi possível presenciar confusões, quando alguns alunos empurravam cadeiras em direção a outros, pedindo de forma violenta para se afastarem senão seriam esmurrados, dentre esses, outros aspectos que implica a violência escolar apurado pela observação, um dos instrumentos da pesquisa.

Outro instrumento utilizado foram as entrevistas, que aconteceu com tranquilidade. No caso dos professores, realizou no momento de estudo do professor para não comprometer o andamento das aulas, e muito deles, cientes de que haveria entrevistas, procuravam a pesquisadora para sua efetivação, entendendo que estão colaborando para melhorar a qualidade do ensino, o que demonstrou comprometimento com a educação. Quanto aos alunos, o critério utilizado foi sua disponibilidade, a liberação por parte do professor e a anuência dos pais e da coordenadora de turno.

As perguntas para a entrevista buscaram respostas para verificar se de fato havia violência, se sim como ela manifestava e qual o envolvimento dos sujeitos com o fenômeno, o que demonstrou no geral seriedade e compromisso com a questão. Representadas pelas respostas, e ao mesmo tempo configurando um desabafo diante da violência enfrentada na escola e fora dela, os sujeitos revelaram não identificar ao certo as formas de violência, mas se veem presentes quando relatam sobre ou nela estão envolvidos.

CAPÍTULO 3

VIOLÊNCIA ESCOLAR: O QUE SE DESVELA?

MARCAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo, apresenta-se o resultado da investigação, o que gera decisões específicas, tomadas e justificadas no contexto da perspectiva utilizada. Sabemos que este trabalho de pesquisa não apresenta uma conclusão definitiva, pois ainda há muito a conhecer a respeito do fenômeno da violência escolar e os saberes que os professores utilizam para compreender e lidar com as situações de violência na escola. Apesar de compreender que o tema pesquisado não se esgota neste trabalho dissertativo, entende-se ser necessário realizar algumas análises acerca da proposta inicial da pesquisa. E ao destacar essa investigação e entender que diante da necessidade outras pesquisas virão para ampliar os conhecimentos e as análises relativas ao tema desenvolvido, e se necessário contestar alguns relatos que não ficaram esclarecidos nesta dissertação.

Ainda neste capítulo, encontram-se os dados alcançados no campo de pesquisa de acordo com o caminho percorrido na investigação em relação aos saberes docentes e a violência encontrada na escola. Além dos resultados da pesquisa empírica, a observação na escola, especificamente na sala de aula, a análise de conteúdo da falas dos sujeitos pesquisados, três categorias de análise foram estabelecidas aqui: a) violência e violência escolar; b) o trabalho docente alienado; e c) o trabalho docente e os saberes docentes.

3.1 Resultados da pesquisa

Entendemos que os sujeitos investigados são portadores de crenças, valores e normas, o que é comum a todo ser humano; assim o saber constitui-se na influência cruzada entre diferentes elementos da sua cultura (SACRISTÁN, 1999).

Em conformidade com o pensamento de Sacristán (1999), os saberes são expressos, desde que exigidos, em momentos diversos do cotidiano e de forma natural. Incluímos entre esses saberes todas as atitudes, favoráveis ou não à sociedade, inclusive a prática da violência, que envolve a cada dia com maior intensidade a sociedade brasileira e, no caso da escola, considera-se que cada

tarefa do docente exige conhecimento específico, sendo diferente o grau de apoio e a influência do componente pessoal face à do fundamento científico.

De origem das punições físicas que se estabeleceram historicamente como forma de educar; a violência tem fortes vínculos com a tradição quando o processo acontecia com a ajuda de instrumentos que oprimiam e punia, a palmatória é um exemplo de como se exigia o cumprimento da ordem e o respeito à autoridade. “Os primeiros registros históricos deixaram minuciosos testemunhos de como a violência, particularmente a que se manifestava na forma de surras e chibatadas, mediava a relação mestre-pedagogo e discípulo-aluno” (SILVA, 2008, p.77). Portanto, a cultura da violência tem estado presente há muitos anos, tanto nos métodos educativos da escola como nos da família também.

A educação dos filhos é uma prática social com uma vasta história em todos os grupos humanos, constituindo uma espécie de cultura partilhada, em relação à qual temos experiências e opiniões. Apesar da existência de perspectivas distintas, que geram diferenças sociais ou culturais, há algumas permanências de fundo (SACRISTÁN, 1995, p. 69).

Essa forma cultural de educar com violência naturalizou-se na sociedade e; por conseguinte, está relacionada à educação punitiva, que ainda está presente em muitas famílias e produz consequências nas crianças, que, por sua vez a internalizam como natural e, conseqüentemente, copiam sem restrições ações violentas, entendendo que se trata de uma atitude correta a ser disseminada em toda a sociedade, inclusive na escola. Assim, professores e alunos, disciplinados pela violência, tendem a naturalizá-la e ao conviver cotidianamente com situações podem provocar vestígios de violência.

Na escola pesquisada, práticas violentas internalizadas acontecem em ocasiões consideradas momento de brincadeiras como o recreio, por exemplo, se destaca por meio de gestos violentos, como beliscões, tapas, empurrões e que as crianças acatam com naturalidade a prática de bater. Esse comportamento não é exclusividade de alunos de escolas municipais de Goiânia; acredita-se que já está inserida na sociedade como um todo.

Em busca de entender esse processo de violência que atinge a escola, as informações desta pesquisa seguem o percurso que apresentou focos dessa violência através de anotações durante as observações, no que se refere ao objeto pesquisado.

As considerações sobre os fatos a serem expostos como os definidores de violência e, conseqüentemente, a constatação de sua existência real, passaram por uma fase de aprofundamento. Ao se detectarem características de violência no campo de pesquisa, foi revisada constantemente a literatura pesquisada para o entendimento e análise de informações encontradas. Ao final, foi realizada a conferência dos dados, à luz de outros trabalhos que tiveram a mesma preocupação e que pudessem contribuir para a interpretação dos dados. Assim,

as tarefas a serem desenvolvidas na análise qualitativa devem ser esquematizadas, ou seja, deve-se realizar uma descrição detalhada dos passos e das tarefas elaborados. Esse conjunto de atividades permite a delimitação progressiva do foco de estudo e a formulação de questões analíticas. (MAGALHÃES, 2004, p. 58)

A autora aponta os passos a serem seguidos: a) leituras sucessivas do material, ou identificação do sentido da comunicação em análise; trata-se da descrição de um acontecimento, ou de uma avaliação sua; b) busca por regularidades e diferenças no material e distinção dos temas principais, porque isso pode ser realizado pela limpeza do texto, evitando quanto às repetições que aparecem no material e com a seleção dos temas que o pesquisador considera relevantes para sua investigação; é útil fazer uma listagem preliminar e exaustiva dos temas, seguida de uma condensação deles; c) realização, ao longo das leituras, de anotações sobre tudo o que aparentemente relaciona-se ao objeto pesquisado e de seus possíveis significados, inter-relacionando os temas detectados com diferentes características e dimensões identificadas; d) revisões constantes da literatura para a expansão do entendimento e comentários, das observações e especulações a respeito do material obtido pelas análises em questão; e) conferência dos dados, análises e interpretações de outros pesquisadores da área e afins (MAGALHÃES, 2004).

Dessa forma, foi realizado um movimento que sistematizasse os dados empíricos e a abordagem conceitual. Na composição de um quadro significativo e compreensivo de análise da escola campo, utilizamo-nos das entrevistas e das observações dos sujeitos, assim como da análise da PPP da escola.

No contexto da escola, temos a violência física. E com ela percebemos a naturalização quando a maioria dos professores entrevistados disseram que o aluno brinca batendo, e pressupõe-se que, para esses alunos a prática de brincar por

meios violentos está naturalizada que se constrói em suas relações sociais, ora como autores da violência física, ora como objetos dela,

tinham alunos aqui que falavam em fazer umas correrias na hora do intervalo, depois nós descobrimos que as correrias deles eram um tipo brincadeira de cadeia, pegar os alunos e segurar durante o recreio para só soltar na hora de tocar o sinal. (PF6)

Há tem alunos aqui na escola que bate por bater, ele passa vê o colega e dá um chute para machucar, como se fosse um chute mesmo para machucar, não é brincando não, ele quer é bater mesmo, com toda força. (PF2)

Nesse quadro, verificamos que os alunos vivem uma situação de violência como algo comum, aceitam e praticam se apropriando brincadeira própria da idade deles. De acordo com Sacristán (1995), a prática do professor não se resume apenas ao domínio metodológico na ação. O autor acrescenta que a prática se refere também ao social, do qual todos os grupos humanos partilham, gerando uma “cultura alicerçada em costumes crenças, valores e atitudes.” (SACRISTÁN, 1995, p. 70).

Nesse sentido, pressupõe que os professores em relação aos alunos também naturalizam a violência que acontece na escola no dia a dia como brincadeira de criança. Essas contradições expressas na vida dos sujeitos, em seus relatos e atos, sugerem as influências da formação que recebem ou receberam, muitas vezes através da exposição à mídia, pela vida que tem, e pelos valores construídos na família na qual convivem.

Por essa razão, a pesquisa empírica considerou necessário investigar os saberes dos professores, elencar categorias para tentar entender e aproximar-se da sabedoria experiencial dos professores, na tentativa de ajudá-los a enfrentar situações conflitantes que configuram a violência escolar.

O fenômeno da violência identificado nas relações dos sujeitos pesquisados é aqui reconhecido como conflito visível. As causas dessa violência “concreta ou visível” passam pelo reconhecimento da violência presente na escola e podem ser atribuídas ao dia a dia da sala de aula, quando, durante a observação detectamos o desconforto dos alunos e professores em conviver com salas abafadas, com pouca iluminação e com a poluição visual que ofusca o ambiente interno e externo através de pichações encontradas nas paredes. Trata-se de um ambiente caótico e extremamente complexo, exige intervenções imediatas para suprimir essa agressão exposta à violência.

Diante dessa realidade, percebe-se que professores e alunos se sentem incomodados. A maioria dos professores observados demonstrou no momento da aula, um grande esforço em oferecer uma aula de qualidade, mas se frustravam no momento em que os alunos não correspondiam e geravam, em determinadas aulas, um conflito geral. Por mais que se esforçassem, os professores, às vezes sequer conseguiam falar; e diante do silêncio do professor, os alunos giravam cadernos, acertavam o colega com lápis, papéis e outros objetos, que usavam para chamar sua atenção. Nesse momento, aglomerava-se o lixo na sala de aula, o que contribuía para o desconforto maior do ambiente, que somente era limpo após o término das aulas.

O ato desvendado confirma pesquisa de Abramovay (2003), quando os professores entrevistados por ela também sentem desestimulados e diz “ *o maior problema da escola é a indisciplina, falta de respeito, falta de responsabilidade, falta de educação, [pois] os alunos vêm de casa totalmente deseducados*”. (ABRAMOVAY 2003, p. 38, grifo da autora), não atribuindo a culpa deles e sim dos alunos, suas famílias e as péssimas condições de trabalho é que gera o fracasso escolar. O que aqui se revela é que as maiorias dos alunos entrevistados se queixaram de humilhação na família, na escola e na comunidade e assumem que agem da mesma forma com outras pessoas, por entender que é correto agir assim “ser violento”, o que acaba consolidando o círculo da violência sofrida e quando não censurada pelos pais ou professores tende a agravar.

Portanto, pode-se interpretar que o entendimento do fenômeno da violência para Abramovay (2003), os alunos não foram educados em casa para conviver educadamente com as pessoas e as tratam sem respeito e desconsideram sua postura, agindo sem se incomodar. Mas é importante perceber as formas como o professor convive com alunos de natureza violenta, existe uma “bondade original” porque durante a observação constatamos que os professores não gritavam com seus alunos, não os desconsideravam, demonstravam calmos e tranquilos, sobretudo a professora F3 que com dificuldade conseguia ministrar sua aula, não atraindo a atenção dos alunos, e na busca de culpados, atribuíam a responsabilidade por tais fatos à ausência da família, que deixa a cargo da escola resolver os conflitos em que se envolvem alunos comprometidos com ações violentas.

Nesse sentido mesmo encontrando dificuldades em atingir seus objetivos finais em relação a seus alunos e, por conseguinte, a sua profissão, verifica-se que os professores de maneira geral partem para certo conformismo ou, até mesmo, sutilmente desconsideram algumas ações violentas, acreditando que as crianças não carregam ódio dentro de si e, assim, sem perceberem, colaboram para que a violência já enraizada cresça e se desenvolva. Assim revela,

eles são difíceis, mas gosto deles, são bons, precisam serem educados. Às vezes, são violentos sim. Temos que assumir nosso papel, não se pode fazer muito, eu sei, a família precisa ajudar, mas somente ajudando-os seremos bons profissionais. (PF3)

Na visão da professora, ser boazinha com a criança é aceitar que, por questões pessoais, ela não atende às necessidades de uma aula; que jogar papel no chão, brincar na sala de aula são características negativas da criança e não do ambiente a qual convive; que a falta de apoio dos pais gera uma criança sem limites. Em resumo, que as considerações desse tipo revelam que o fato das crianças não se comportar na escola se relaciona à falta de autoridade dos pais. Todos os professores da pesquisa de maneira geral mencionaram que os pais não dão educação aos filhos e a escola tem que dar conta de tudo.

A ideia se limita de que os professores estão na escola para transmitir conteúdos conforme sua formação inicial, apesar de reconhecerem a importância da afetividade e do cuidado que precisam ser dado ao aluno, a escola é o espaço para conhecer e reconhecer posturas diferentes daquelas com as quais as crianças convivem em casa, distante desse entendimento leva a crer que a criança é um sujeito de direitos, direito a princípios, a uma escola com estrutura avançada destinada a atender a suas necessidades.

Configura-se então que o aluno está exposto a uma sutil violência gerada por um distanciamento entre os conteúdos curriculares e a sua vida afetiva, uma isolada da outra e sobressai a que é mais frequente na vida da criança. Dessa feita Weiselfisk e Maciel (2003), adotam o entendimento do fenômeno da violência na escola, aquele que não é expresso e reconhecido pelos professores no decorrer de sua profissão, não por incompetência, por falta de esforço ou compromisso, mas por não se perceberem e sentirem envolvidos na melancolia que gera essa sutil violência.

Estamos ainda engatinhando para perceber que existe violência na escola e que ela precisa ser estudada, analisada e combatida, por isso essa pesquisa não apresenta conclusão definitiva, porque muito ainda há de se conhecer a respeito dos problemas, fatos, experiências e saberes em que os professores se amparam para combater e se esquivar da violência que invade as escolas. Não há um entendimento unívoco sobre o que constitui violência e quais são suas causas, uma vez que, para um determinado grupo uma atitude pode ser considerada violenta enquanto para outros não.

Tentando responder a algumas questões e abrindo espaço para novos entendimentos, com o compromisso de contribuir para mais descobertas sobre o assunto, responder as questões não respondidas nessa dissertação, é que estabelecemos três categorias de análise: a) Violência e violência escolar; b) Trabalho do professor como um trabalho alienado e; c) Trabalho docente e saberes docentes. Na análise dos dados, a intenção foi encontrar respostas para esses entendimentos em relação ao fenômeno da violência que se encontra na escola e se a formação do professor oferece suporte para enfrentá-la.

3.1.1 Violência e violência escolar

Para se entender o que é violência no âmbito escolar, primeiramente procuramos saber como os sujeitos a compreendem no espaço da escola, sobretudo o fenômeno e como se explica o conceito pelos professores e alunos, definindo se há violência no ambiente escolar. Em nossas investigações descobrimos que ao definir o conceito de violência, os professores apresentaram certa restrição e ausência de embasamento teórico, consideramos pelas explicações entendê-lo em sua totalidade, assim os professores ao conceituarem violência, expressaram um conhecimento social, demonstrando-se capazes de descrever sua realidade, seu contexto social e histórico construído através de sua realidade psicológica, professores e alunos foram capazes de expor um conceito pessoal sobre violência, nesse sentido falamos,

eu não sei o nome de todos, só sei que tenho visto acontecer muitas vezes a violência com as crianças. A agressão verbal e física às vezes assusta.
(PF3)

Violência é toda vez que uma pessoa agride a outra, seja fisicamente, verbalmente, moralmente; os tipos de violência são física, moral, verbal e

visual. Penso que a violência nos agride, nossa própria visão é agredida, em todos os sentidos. (PF2)

Existe a violência física, que é muito fácil de identificar, a violência quando um bate no outro, quando um furta alguma coisa do outro, quando um fala mal do outro, essa é a violência física, fácil de identificar. Mas existe a violência psicológica também, essa é mais sutil, os alunos fazem entre si, e muitas vezes os profissionais da escola fazem também com os alunos, mas muitas vezes fazem sem perceber mesmo, a gente faz sem perceber, eu me incluo nisso também porque, embora eu venha me vigiando cada vez mais para que isso não aconteça comigo, mas não sou isento de que aconteça não. (PM8)

Ah eu entendo que violência é muita briga. Brigar e matar. (AM5)

Observamos que, ao falarem da violência, as respostas apresentam características idênticas; as de uma visão ampliada dos processos sociais presentes em sua vida cotidiana, que perpassam pelo plano das relações interpessoais, expressaram gestos com bastante convicção de que se vêem envolvidos nela como sujeitos atuantes (às vezes vítimas, outras agressores), e descreveram que reconhecem a morte do outro ser humano pela violência. O professor M10 relata que, ao perguntar a seu aluno porque faltou aula, esse respondeu tranquilamente que seu irmão era traficante de droga e morreu, que seu pai saiu da cadeia havia pouco tempo por causa de droga também. Na opinião do professor, isso para as crianças se propaga como normal.

Nesse sentido, a forma de organização social, as condições socioeconômicas retratam uma vida que, na visão dos professores, se expressa através fatores que dão origem à violência que afeta a escola. Contudo, pode-se dizer que alguns alunos (os meninos), ao serem entrevistados, apresentavam em sua voz um tom agressivo acompanhado de mudança em sua feição. As alunas, apesar das dificuldades relacionais apresentadas, usavam tom ameno, mais comedido, ao abordarem o assunto, mas não se inibem em dizer que, se precisar, elas também atuam.

Assim, em sala de aula, as atitudes observadas foram confirmadas nas entrevistas, revelando nos alunos um jeito próprio e áspero de lidar com o outro. Atitudes grosseiras foram apontadas também pelos professores em relação aos seus alunos, quando, de modo geral destacam as dificuldades de relacionamento: os alunos pegam objetos para usar sem pedir licença e seguram o colega para que este fique preso sob seu domínio. Tudo implica a presença da violência naturalizada exposta na escola, embora em pequena proporção.

Por essa razão, os alunos, na tentativa de explicarem o que é violência, narram fatos praticados cotidianamente, em suas relações; no seu entendimento sobre violência elencam respostas que abordam o conceito de vigor:

Violência para mim é briga. (AM1)

Violência é bater, é para machucar, é agredir, ameaçar. (AM2)

Violência é brigar, é quando quer matar alguém. (AM5).

Violência é briga, é gente brigando com o outro, dando pancada, essas coisas assim. (AM2).

Para Arendt (1994), esse entendimento de vigor revela que

O *vigor* inequivocamente designa algo no singular, uma entidade individual; é a propriedade inerente a um objeto ou pessoa e pertence ao seu caráter, podendo provar-se a si mesmo na relação com outras coisas ou pessoas, mas sendo essencialmente diferente delas. Mesmo o vigor do indivíduo mais forte sempre pode ser sobrepujado pelos muitos, que não raro entrarão em acordo para nenhum outro propósito senão o de arruinar o vigor, precisamente por causa de sua independência peculiar (ARENDR, 1994, p. 37, grifo da autora).

O vigor, visível na fala dos alunos, pressupõe que se trata de imitação da ação violenta do adulto manifestada no dia a dia através da mídia, na família, na escola e em toda sociedade, configurando-se a eles como algo que favorece domínio sobre outrem.

Para amenizar a sensação de domínio, os professores dizem dialogar com seus alunos. O professor M9 revela: “continuo a insistir que o diálogo é a principal forma de combater a violência”. Na fala do professor, percebe-se que o argumento encontrado por ele para amenizar a barbárie que o aluno vê e com a qual convive mostra o papel do professor de envolver e acompanhar seu aluno para construírem juntos argumentos que o desviem do caminho da violência e façam o aluno que se sobressai em atitudes violentas na escola compreender que o diálogo, de modo geral, é componente primordial para a relação com os demais.

Em se tratando de diálogo, as meninas, sem restrições, demonstraram entendimentos relacionados à violência física no qual se caracterizavam como vítimas e se colocavam no papel de dominadas, incapazes de reagir. Uma delas disse:

eu tenho medo quando meu pai pega o cinto e me bate ... violência é bater muito. Isso é errado, é preciso conversar com a criança, mas não posso fazer nada. (AF7)

Se pensarmos com Marx e Vigotsky, veremos que é a realidade social que cria nossa consciência e que toda operação mental, pensamento, antes de ser intrapessoal é interpessoal, entendemos porque a violência escolar é um fenômeno do nosso tempo. Assim, diante do relato da AF7, não podemos nos esquecer de que ela traz consigo seu cotidiano de violência, que possivelmente compromete sua aprendizagem. Nesse sentido, Duarte (2007) assevera que “cotidiano é aquilo que acontece fora dos muros da escola ou, pelo menos, fora da sala de aula; é a realidade concreta dos alunos; é sua prática social; em suma: é a vida.” (DUARTE, 2007, p. 37)

Mais uma vez, aqui se manifesta, o desejo dessa aluna de diálogo com os professores e o entendimento da relação interpessoal na família e na escola como fator importante para a superação da violência. Mas o diálogo apontado pela maioria dos professores entrevistados como fundamental para a prevenção demonstra, por meio de seus saberes que, para se construir um espaço sem violência, necessariamente diálogo, conversa e entendimento são imprescindíveis. Essa compreensão fica evidente na resposta a uma das questões colocadas no princípio: o que os docentes devem saber e saber fazer em casos de violência escolar? Em suas respostas ficou esclarecido que devem respeitar as situações do dia a dia, ter um esclarecimento do que estão falando a respeito da violência para perceber e saber como esta atravessa o seu cotidiano. Podemos dizer que os professores e alunos constroem uma matriz sobre a violência, sobretudo em termos de certo ou errado dentro do contexto escolar.

Embora mesmo percebendo a violência adentrando o espaço escolar, há uma diferença em relação aos valores apresentados: enquanto as meninas compreendem e dizem que a presença da violência é algo ruim e moralmente errado, os meninos não fazem referência a valores, mas seus conceitos refletem que, no seu entendimento, a violência passa pela força e pelo poder; ser violento ou revidar a violência é ser poderoso, é algo bom e aceitável.

Como exemplo do poder internalizado nos agressores, o aluno.M4 descreve uma briga que presenciou na porta da escola após a aula. Ao ser interrogado pela pesquisadora por que sua colega batia, ele respondeu: “ela gosta de brigar só para os outros falarem assim, ah ela bateu! Fica assim se exibindo porque bateu nos outros, ela gosta de sentir que é forte”. Nessa fala “poder e violência, embora sejam fenômenos distintos, usualmente aparecem juntos.” (ARENDDT, 1994, p. 41)

Falas recorrentes, tanto dos meninos quanto das meninas, suscitam a presença de concepções de Arendt (1994) e de Foucault (1979) sobre domínio e poder. Os meninos colocam-se no papel dominante de agressores, e as meninas, na maioria dos casos, como vítimas. Para Arendt, “poder, vigor, força, autoridade e violência seriam simples palavras para indicar os meios em função dos quais o homem domina o homem; são tomados por sinônimos que têm a mesma função” (ARENDR, 1994, p. 36).

Diante dessas considerações, parece-nos que estamos diante de formas de dominação legitimadas, não tidas como violência, e, por isso, aceitas. Nesse sentido, ao se falar de “violência e violência escolar”, revela-se que os professores são chamados a reproduzirem uma determinada estratégia prática de ação, mas ainda estão engatinhando para construí-las; por isso, revelam ser importante considerar o sentido da prática educativa e de certa forma “compreender as suas consequências no plano da formação de professores e do estatuto da profissão docente.” (SACRISTÁN 1995, p. 68)

Em relação a isso, os professores investigados demonstraram-se bastante esclarecidos sobre a questão da violência intrafamiliar e alegam que surra não é a melhor forma de se corrigir a criança. Nas entrevistas, os professores afirmam que, observando a rotina escolar são contra o uso de método punitivo com as crianças e, categoricamente, acham que a partir do uso desse método, os alunos copiarão seu caráter violento, o que lhes é transmitido pelos pais ou responsáveis; confirmam e repetem que o diálogo é a melhor forma de se educar.

Não só a criança, mas eu acho que toda pessoa, até o adulto, com conversa, mostrando o que é certo, conversando e dialogando se resolve. Agora se já está no meio em que só vê coisa ruim, agressão, drogas, espancamento, fica difícil. (PM9)

Nós temos aluno aqui mesmo na escola que é indisciplinado e é agressivo com os colegas, você chama pai e mãe e esse diz: “vou quebrar sua cara, lá em casa eu te acerto”, avança no menino quase que dentro da escola, você já vê que o problema não é só na criança é na família. (PF3)

A criança vem sem almoçar, vem doente, vem suja. Então tem muitos casos que são assim, e aí se pergunta por que veio doente para escola, sua mãe não está sabendo que está doente? Ele responde que ela falou para ir para escola assim mesmo. (PF2)

As falas dos professores indicam que não são a favor do uso da violência para a educação dos filhos, mas, no espaço da escola, os entrevistados não sabem ao certo como resolver a questão. Nesse sentido, verificou-se que os professores se

preocupam em resolver momentaneamente os recorrentes episódios de violência manifestada pelos alunos entre si. É o que constatamos na fala da aluna F5:

eu acho que tem muita violência aqui na escola, de manhã é o que mais tem, só tem briga.

Esse convívio com brigas constantes em casa e na escola só faz ampliar o espaço da violência no qual tanto aluno quanto professor indicam uma negação do verdadeiro papel da escola, que é ensinar, socializar, humanizar. Um contraponto a esse entendimento, de certa forma aceitando a prática da violência no âmbito escolar, está claramente apontado na posição do aluno em admitir a vontade de praticar atos de violência na escola, como descrevem eles mesmos:

Já vi menino falando para o outro, se você bater, vou arregaçar sua cara. (AF7)

Do lado do professor, aquele que considera a família como responsável pela criação dos filhos:

A família muitas vezes é omissa, ela sabe que o aluno é violento, sabe que o aluno é respondão, sabe que ele muitas vezes tem comportamentos tendenciosos a violência e não faz nada!. (AF6)

Com relação a esse aspecto, Duarte (2007) adverte que “o problema, nesse caso, não é do distanciamento entre as teorias sobre a escola e a realidade do dia-a-dia das escolas, mas sim o distanciamento entre a educação escolar e a vida extra-escolar dos indivíduos” (DUARTE, 2007, p. 37). Nesta pesquisa, uma parte do mundo da escola expressou-se: como os sujeitos vivem o seu cotidiano dentro dela e como se relacionam, no aspecto valorativo e subjetivo, os sujeitos pesquisados, em especial os alunos, que falam sobre o que observam no dia a dia da escola em termos de violência escolar:

Já vi pessoas respondendo às professoras algumas vezes. Já vi brigas, gente brigando com outro, dando pancada, essas coisas assim entre criança e adolescente, aqui dentro e ali na porta da escola. (AM2)

Já vi duas alunas começarem a brigar, puxar os cabelos, na hora que terminou a briga, a professora foi tirar. (AM3)

Já vi dentro da sala de aula, assim: havia uma menina que quando estudou aqui ainda nesse ano, trouxe um canivete para o colégio, o menino não

gostava dela, aí ela tirou o canivete que estava no bolso de outro colega e foi furar o menino que ela não gostava e estava quieto na cadeira fazendo a tarefa, não furou porque ele desviou. Foi uma confusão, o professor chamou a coordenadora de turno, levou para baixo e chamou o Depai (Delegacia de Polícia de Atos Infracionais). (AM4)

Já vi aqui na escola, uma menina da minha sala, chegou em outra menina e do nada, bateu na cara dela, jogou-a no chão e começou a bater nela. (AF6)

Houve outra briga aqui na porta da escola, onde duas meninas se esmurraram aí na porta. (AF7)

No ano passado, na sala de aula, vi dois alunos brigando de tapa. Foi assim: fui ao banheiro, quando voltei, eles já estavam na pancada, brigando no chão e tinha professor na sala de aula. Aí o professor foi correndo separar, mas eles disseram que iam resolver na saída. Mas não teve a briga porque a coordenadora descobriu e os levou em casa e resolveram com os pais deles. (AF9)

Além da rotina violenta com a qual convivem os sujeitos da escola pesquisada, outro fator agravante é o vandalismo que ocorre na escola. A escola apresenta um quadro de poluição visual produzido por pichações e um amplo espaço cheio de matos e poeira. No solo, grande quantidade de pedregulhos e apenas uma calçada estreita para transitar nas partes que levam às salas da escola. Por isso, os professores apontam ser também esse um aspecto importante relacionado à questão da violência escolar,

No meu ponto de vista, a violência mais grave é o vandalismo, não é propriamente uma violência que acontece aqui enquanto corre o dia letivo, mas é uma violência que acontece na escola fora dos horários de aula. (PM8)

Esse professor ainda acentua que a escola necessita de segurança, grades e sistemas de alarme. Esse quadro, no entanto, parece não ser percebido pelos alunos como uma violência contra a escola. Outro fator que nos chamou a atenção foi que, embora os professores, de modo geral, se mostrem atentos para a violência visível estampada na escola, não se sentem envolvidos nela. Em alguns discursos eles colocam seus alunos como sujeitos sem futuro, sem perspectiva, e, de certa forma, os discriminam, manifestando uma violência invisível, que apareceu claramente no relato de uma professora:

Os alunos têm um linguajar de muito baixo calão; penso até que eles acham que estão dentro da casa deles, dentro da suas famílias, no seu círculo social e isso faz com que eles não percebam essa violência como prejudicial. Eu sei que eles gostam da escola e dos professores, mas isso os torna mal vistos por todos, pela sociedade, os tornam pessoas de periferia. (PF6)

Há na fala da professora F6, de certa forma, um acúmulo de contrassensos; aí verificamos momentos em que o professor se diz preocupado com seus alunos e demonstra acolhê-los com carinho e momentos nos quais explicitamente os discrimina.

Os professores se expressam refletindo na prática suas experiências intersubjetivas vividas no dia a dia com seu aluno. No caso da professora F6, esta revela uma atitude de preocupação, mas ainda não reflete sobre suas falas para possíveis mudanças no comportamento do seu aluno. Já na aula da professora F3, observamos que ela, ao se aproximar de determinados alunos, pedia-lhes para se sentarem porque queria falar sobre o conteúdo ministrado, mas muitos deles nem abriam seus cadernos. Em outra situação, quando os alunos perguntavam algo sobre o conteúdo ou estavam copiando do quadro giz, a professora dizia que o tempo já havia se esgotado e precisava ir para outra sala de aula.

Essa atitude e outras, de alunos correrem na sala, baterem nos colegas como forma de chamar a atenção, bem como outros comportamentos impróprios para o momento, foram verificadas em algumas aulas observadas, quando, de fato, o conteúdo não era concluído com precisão. Para aproximá-la de uma reflexão sobre suas aulas, solicitamos, ao entrevistá-la, que descrevesse um tipo de violência vivenciada em suas aulas. Mas, mesmo solicitada a lembrar-se de comportamentos violentos existentes no momento da aula, a professora desconsiderou a existência de qualquer tipo de violência em suas aulas. Ficou claro que ela desconhece ou já naturalizou a violência sutil, invisível, ou violência simbólica, que perpassa por suas aulas e pelo ambiente escolar.

Nesse sentido, a prática pedagógica desguarnecida de uma teoria sólida considera que o ensino se resume apenas à exposição de conteúdo; talvez seja por isso que a professora F3 não se incomoda em apenas lançar conteúdo no quadro giz, segura de que esta é a forma de cumprir seu papel de educadora.

Aqui as contribuições de Saviani (1991) revelam a necessidade de trabalhar um aluno concreto, aproveitando-se o momento da aula para ensinar não um indivíduo empírico, uma abstração, mas sim com todas suas experiências, uma síntese de inúmeras relações sociais. Portanto, não há como isolá-lo de sua realidade e separar conteúdo do momento de conflito em sala de aula, há que se desenvolver uma psicologia que, segundo o autor, leve em conta o indivíduo concreto e não um indivíduo empírico, “o professor não pode fazer corte; o aluno

está diante dele, vivo, inteiro, concreto. É em relação a este aluno que ele tem de agir.” (SAVIANI, 1991, p. 86)

Pensando assim, mais uma vez acreditamos que seja preciso refletir sobre uma nova prática, onde o professor proponha situações que ajudem o aluno a ultrapassar obstáculos e progredir, que não seja apenas uma prática conteudista (CHARLOT, 2005) que o isole de seus problemas. Diante de uma prática conteudista, ainda não percebida como tal pela professora F3, os alunos se mostram desinteressados em aprender e se dedicam, constantemente, a brincadeiras banais, o que leva ao descrédito e ao descaso com o professor. Revelam-se nervosos, incapazes de resolver os conflitos que surgem, geram discórdia entre si e se tornam motivo de preocupação para os demais professores, que custam a fazer com que o aluno entenda e realmente assuma o compromisso com suas tarefas. A referência de determinados professores são os alunos de temperamento violento, a quem temem.

A gente não sabe exatamente com quem está lidando em termos de pessoas violentas, porque a pessoa pode ter um surto de loucura que faz as coisas até sem ver e não se controla. (PF6)

Contrassensos como esse se compreendem porque os professores não têm o hábito de coletivizarem suas práticas. Numa educação associada a um debate social, crenças e anseios podem ser aproveitados na modificação do quadro violento na escola. Mas essa “diversidade nota-se muito claramente em momentos de conflito, nomeadamente entre as expectativas familiares e a acção do professores.” (SACRISTÁN, 1995 p. 67). As diferentes práticas dos professores os revelam mais ou menos perdidos nas práticas sociais, sem ao menos se perceberem na ação, assim como os alunos que com sua prática em determinadas aulas e com as atitudes que envolvem a violência fora da escola, também podem ser condicionados a sensações e valores que rotinizam, que naturalizam a prática da violência, conforme descrito por Gilberto Velho (1996) e Sérgio Adorno (1995).

Assim o movimento que banaliza a violência e aparece no dia a dia das escolas retira dela qualquer característica de horror ou espanto, ou seja, para todos os efeitos, a violência não é reconhecida como violência, enquanto não se manifestar um horror extremo, tal como o revela o professor M10.

Em 2001, eu tive que levar um aluno esfaqueado ao posto de saúde. Um aluno deu duas facadas no outro, eu e o diretor estávamos na escola, o diretor na hora que viu sangue desmaiou. Eu e duas professoras o pegamos, colocamos dentro do carro e o levamos para o hospital [...] ele não morreu, mas com três semanas depois voltou para escola, porque queria me agradecer e disse: “o senhor salvou minha vida.” Perguntei a ele se ia voltar para a escola. Ele disse ter que resolver uns negócios e tal. Uma semana depois o que tinha desferido as facadas nele apareceu com dois tiros na cabeça. Era guerra de gangues, um era chefe de uma e o outro fazia parte da outra.

Pensando na totalidade do relato do professor M10, embora não se trate de fato ocorrido na escola pesquisada, mas faz parte de sua experiência profissional e nos ajuda a entender que as coisas, os fatos, as concepções, os valores relatados estão em relação recíproca e no conjunto que abarca o social mais amplo e o cotidiano dos sujeitos.

Em suma, para os sujeitos, a concepção que têm de violência e de violência escolar está inserida em seu cotidiano, a partir da forma como eles sentem a violência, dela compartilham ou por ela são atingidos. Dessa maneira, muitos, embora com tranquilidade para tratar a questão, sentiam-se desconfortáveis ao falar sobre o assunto. Mas, no geral, conseguiram expressar o que pensam e revelaram, e até com uma concepção ampliada, exemplificado nos depoimentos abaixo:

Violência, é toda vez que uma pessoa agride a outra, seja fisicamente, verbalmente, moralmente. [...] todas as vezes que a gente se sente agredido em um desses sentidos acho que sofremos um tipo de violência. (PF2)

Violência é quando os alunos fazem a briga ficar violenta. (AM7)

Para mim, violência é tudo que afeta a liberdade do outro, afeta a integridade física, mental. (PF6)

No cotidiano da escola, professores e alunos descrevem a violência encontrada em determinadas situações, relacionado talvez, ao contexto que vive e convive no dia a dia, à educação recebida ao longo de suas vidas, o que os torna incapazes de registrar o sentido da violência que para eles de forma clara e objetiva em um olhar do senso comum, é um estado de maldade e que precisa ser tratado, mas ainda estão presos a regras e normas que não conseguem se relacionar com a situação, talvez por se prenderem ao fato de que a escola serve apenas para lidar com questões pedagógicas e científicas.

Assim, desprender-se do emaranhado de saberes adquiridos ao longo da vida profissional do professor é um motivo para pensar na alienação de que trata

este item. A esse respeito, é expressiva a afirmação de Duarte (2007), ao afirmar que “quando o indivíduo não consegue dirigir conscientemente sua vida como um todo, incluída como parte desse todo a vida cotidiana, o que acontece é que sua vida como um todo passa a ser dirigida pela vida cotidiana.” (DUARTE, 2007, p. 39) O autor ainda completa que a alienação há de ser buscada na relação do indivíduo em suas atividades, o que veremos na próxima categoria.

3.1.2 Trabalho do professor como trabalho alienado

Esta categoria ocupa lugar fundamental em nossa descoberta porque nos remete ao entendimento de que

as objetivações genéricas em-si, assim como a estrutura das formas de pensamento e ação da vida cotidiana, não podem ser identificadas com a alienação. Mas podemos considerar um processo de alienação quando as relações sociais impedem o indivíduo de relacionar-se conscientemente com essas objetivações e estruturas, isto é, podemos falar em alienação quando as relações sociais não permitem que o indivíduo se aproprie das objetivações genéricas para-si, não permitem, portanto, que essas objetivações sejam utilizadas pelo indivíduo como mediações fundamentais no processo de direção consciente de sua própria vida (DUARTE, 2007, p. 39).

Assim, o autor, que se utiliza da teorização de Marx, fala que seria dúbio pensar que a escola enquanto processo enraizado nas relações de produção teria o poder de superar a alienação, mas nos remete a entender também que em condições de alienação o ser humano não pode realizar sua humanidade. A alienação instaura-se como resultado da expropriação do trabalho, no caso da escola, do trabalho docente desvalorizado, mal remunerado. Para Mézaros (2006) a alienação desdobra-se em quatro aspectos principais: a) o homem está alienado da natureza; b) está alienado de si mesmo (de sua própria atividade); c) de seu ser genérico (de seu ser como membro da espécie humana); d) e do homem (dos outros homens).

Os professores, em sua relação com a violência escolar, identificam aspectos em relação aos quais o homem está alienado, em especial quando não reconhece a potencialidade de seu trabalho na construção de um mundo melhor. Nesse aspecto, a pesquisa procurou explicitar como os professores entendem o fenômeno da violência, quais são suas necessidades materiais e espirituais, e o entendimento de como essas não podem ser consideradas separadas da formação do ser humano.

Os professores vivem do trabalho e relatam que se sentem desvalorizados perante as condições do trabalho; eles têm consciência disso. Outra forma de alienação é vista no aluno, nesse caso *violence douce* transformada em violência visível, tal como uma estrutura de transformar o impulso em seu contrário, inscrita em seu meio e que se coloca como algo censurável e parte para a agressão. É o que relata a professora F1:

na verdade, lidamos com meninos que carregam certo ritual em seu modo de pensar. A gente sabe que menina pode andar de mãos dadas ninguém fala nada, e menino já não pode. Eu não posso te tocar, então não posso pegar na sua mão, te abraçar. Já que não posso, então eu te bato! Você nunca viu os meninos falarem? “Não, professora, é brincadeira!” Então eles estão se batendo e estão dizendo que é brincadeira, não é, essa é a necessidade muitas vezes que o menino tem de estar em contato com o outro, mas não pode então ele bate.

Para esclarecer a descrição, faz-se necessário entender que “esse carecimento de uma totalidade de exteriorização de vida humana significa também que o indivíduo não pode se objetivar de forma cada vez mais humana sem apropriar-se das objetivações historicamente produzidas” (DUARTE, 2007, p. 40). Assim, embora o professor reconheça que seu aluno está alienado em certas situações, não consegue, sozinho, desprender-se, “através da difusão do saber, o professor visa, segundo as épocas e os lugares, a ‘moralizar o povo’, a formar a Razão, a formar o Cidadão, a desenvolver o indivíduo, a dar sentido ao mundo, etc” (CHARLOT, 2005, p. 92, grifo do autor). A pesquisa verificou, nesse sentido, que professor e aluno, tendem a ser vistos, de certa forma, um como autor e o outro como vítima da violência na escola.

Em observação na escola campo, foi significativo perceber como os alunos ficam alheios à situação de recepção de conteúdos, uma situação que os impede de aproximar dos estudos, necessitando a professora F3 chamar a atenção várias vezes para que ficassem comportados e parassem com os bilhetinhos e conversas paralelas. Em outra aula, os alunos jogavam papéis uns nos outros, comiam goiaba, chupavam pirulitos passados de boca em boca. Apenas alguns alunos se ligavam ao conteúdo transmitido pela professora, outros ignoravam, batendo no papel, correndo em sala, jogando palito de pirulito nas meninas, ignorando totalmente a aula. Se a professora lhes solicitava respostas concernentes à atividade, eles somente sorriam.

Para essa descrição, Charlot (2005) no que tange à formação de professores chama a atenção para a formação, práticas e saberes constituídos em sistemas e

discursos que implicarão novos saberes. Contudo, o professor ainda não apreendeu a direcionar sua aula para buscar os motivos que trazem o aluno ao entendimento de para que serve a escola em suas atividades pedagógicas afins. Assim ele se torna alienado e, ainda mais, seu trabalho deveria ser suficiente para adquirir o produto que ele ajuda a construir.

Em entrevista, alguns alunos disseram estudar porque os pais querem e assinalaram que estudar é ruim, o que automaticamente contribui para a desarmonia e indiferença ao professor, que passa a ser, indiretamente, seu inimigo e o culpado de todas as mazelas que ocorrem ali. Charlot (2002) contribui, afirmando que violência se reflete no âmbito escolar como um todo e não apenas na figura do aluno ou do professor; contamina a própria natureza do ambiente, que, muitas vezes, gera as ações conflituosas, a chamada violência institucional e simbólica, cujas marcas sutis e invisíveis expressam-se em um prédio precário como disse a aluna F8:

Ah eu acho que a escola está bem precária, não tem nenhuma quadra para brincar. Não há estacionamento para os carros.

Professores e alunos não têm, de fato, um espaço físico digno para estudar, a escola não tem atrativo algum para incentivar os sujeitos a ficarem no local com vontade, compartilhar de equipamentos da evolução tecnológica que avança a cada instante, enfim um lugar seguro e atrativo que contribua para estimular o interesse pelos estudos.

Nesse contexto, alunos e professores ficam alienados, contando apenas com o disponível para atender e garantir o ensino. Nesse emaranhado de dificuldades, tornam-se alheios a diversas informações precisas para afastar o aluno de situações vinculada à violência, não percebendo, assim perspectiva de solução; apenas são repassados conteúdos ministrados pela competência e conhecimento do professor já direcionados por sua formação, como descreve Facci (2004):

o caráter da educação do homem é totalmente determinado pelo meio social em que ele cresce e se desenvolve. É importante destacar, entretanto, que o meio nem sempre influencia o homem direta e imediatamente, mas de forma indireta pela ideologia [...] as normas são passadas pela estrutura de classe da sociedade que as gerou e servem à organização de classe de produção. São elas que condicionam todo o comportamento do homem, por isso se pode dizer *comportamento de classe* do homem (FACCI, 2004, p. 175, grifo da autora).

Diante do comportamento de classe, compreender todo o sistema que estrutura o país sem condenar seus direcionamentos leva ao risco de se cair na alienação e de se aceitarem as coisas como estão. Falta apoio, estrutura física e material para mudar o quadro da violência, sobretudo a violência escolar, para o que o professor ainda não se encontra preparado,

Para a violência não aumentar mais do que já está, será necessário que todos envolvam para um ensino de qualidade, com a educação, se dediquem mais às nossas crianças e possam favorecer um melhor entendimento para a violência, porque como vamos combater aquilo que desconhecemos, entender como lidar com essa situação para depois saber trabalhá-la. (PF1)

A sociedade acarreta consequências negativas para ela; por isso os alunos pesquisados não conseguem perceber a triste realidade que os envolve nessa alienação; não sabem como resolver e faltam adultos que conduzam à solução. Assim, o aluno M5 cita um quadro de alienação ao trabalho infantil que rouba de sua infância o prazer em estudar:

moro com minha mãe, meu pai e meus irmãos de oito e catorze anos. Meu pai trabalha de pedreiro, minha mãe de lavar roupa, passar e arrumar a casa dos outros. Às vezes eu trabalho também, eu e meus irmãos carregamos cerâmica lá perto de casa, trabalhamos três vezes por semana. A mulher me chama e paga cinco reais por dia para dividir com meus dois irmãos, fica assim: um e cinquenta para cada um, sobra cinquenta centavos e a gente compra uma bolacha e não sobra nada. Meu pai e minha mãe sabem que trabalhamos, eles falam que é bom porque a gente ganha nosso dinheiro. Eles não acham pouco o que ganhamos. Eu gasto meu dinheiro comprando coisas para comer, o que sobra vai para lan house. Eu acho bom trabalhar porque não precisa toda hora pedir dinheiro para o pai, mesmo que de vez em quando ele dá.

Essas são as contradições visíveis, que clamam por socorro para o combate, também, da violência sutil e invisível. O mesmo aluno percebe o descaso em que se encontra a escola no sentido de garantir acolhimento, mais conforto e lazer: aos alunos

Aqui é tudo terra, não tem nada! Podia ter pelo menos uma quadra de futebol, um parquinho para brincar, podia gramar onde tem mato. (AM5)

Diante desse depoimento, percebe-se uma postura, um novo olhar que o educador pode ter em relação aos fatos cotidianos estampados nas necessidades vitais da criança, e que comprometem seus estudos. Para muitos pais, a escola é o

lugar seguro de deixar seus filhos e muitos, pensam que lá eles serão totalmente educados, mas também não estão preparados para entender que “quanto menos alienada for a vida cotidiana, mais ela fornecerá as condições para os momentos nos quais ocorra o processo de homogeneização, o processo de ‘saída’ da vida cotidiana” (DUARTE, 2007, p. 65 - grifo do autor).

Nesse sentido, também o professor na escola precisa entender como alcançar uma postura crítica reflexiva que possa sustentar um pilar que se fundamente no aprender a conhecer e se relacione com a desalienação de si mesmo, como afirmou Lima (2010, p.13): “na formação do professor um primeiro pilar se fundamenta na aprendizagem contínua e na ênfase de ‘aprender a conhecer’ [...] como desvelamento do homem como cidadão no mundo”.

Entretanto, isso implica a possibilidade de construção de um novo projeto educacional, no qual o professor se sinta respeitado por seu conhecimento pedagógico, dentro e fora da sala de aula. Em uma maneira de formação e atualização desses profissionais (ABRAMOVAY, 2002). Os professores relatam que recebem pouca contribuição para a construção dos saberes que possam prevenir a violência escolar ou como tratá-la:

há muitos cursos ao longo do ano para o professor participar fora do horário de trabalho, que possibilitam as atividades pedagógicas do professor, mas direcionada à violência, ou como lidar com a violência não. (PF1)

Ficamos sabendo de alguns cursos que têm divulgado, mas eu acho que deveria ter cursos obrigatórios que devíamos fazer principalmente para os novos concursados, sobre educação e violência. (PF2)

Eu acho que não tem, pelo menos eu nunca vi, a não ser o ano passado, teve um simpósio, coisa rápida. (PF5)

Não atualizar os professores para um tema que atinge a sociedade é para Saviani (1991) temer a classe dominante pelo discurso transformador e explica que é por ela que se dá o discurso político transformador como manutenção do que lhe é favorável, e por isso revela que ele “pode ser tolerado, as tentativas de concretizar tal compromisso são combatidas das mais diferentes formas sem excluir a repressão violenta quando os demais recursos não se revelam eficazes” (SAVIANI, 1991, p. 58)

Diante da realidade da escola pesquisada, percebemos, durante a observação que alguns alunos tinham um comportamento tranquilo, sem

comprometimento com a violência. No entanto, segundo a professora F4, os alunos aprendem com outros alunos violentos a também serem violentos, o que pode repercutir na aprendizagem em ambas as partes, porque passam a fazer parte de constantes brincadeiras que prejudicam a aula. Nesse caso, já se cristalizou nos sujeitos a impossibilidade de percepção da violência, que se tornou naturalizada. Os sujeitos, embora pratiquem a violência uns com os outros, não se reconhecem como integrantes do processo que gera a violência, o que faz pensar em um processo de alienação. Assim o que evidenciamos foi que os alunos são violentos, cometem violência, mas não se veem violentos, não se reconhecem como tal e os professores, se é que percebem o caráter violento das ações deles, de certa forma as justificam.

Tentamos, colocamos os pontos certos e errados para os alunos, a convivência, o respeito com o colega, com o professor, com os funcionários. Muitas vezes você fala, entra por um ouvido e sai no outro. Então pergunto: Como vai exigir do aluno que ele respeite, porque se ele não é respeitado. Se em casa, o pai e a mãe chegam um para o outro e grita, logo acerta a mão um no outro; ficam se agredindo; usando drogas. Não têm formação, moral nenhuma, tudo normal. Como diz o cidadão: o errado é vir para escola, estudar, isso é errado, às vezes não sei o que estamos fazendo aqui. (PM10)

Sacristán (1998) propõe um “esforço unitário pela melhoria da qualidade do ensino mediante o aperfeiçoamento da prática” (SACRISTÁN 1998, p. 378). Perante da fala do autor, os professores da pesquisa apresentaram em suas falas um grande esforço para aproximar seu aluno do que é considerado certo pela sociedade, mas entre os professores e alunos, diante da realidade tal como ela é, tanto uns quanto outros não se percebem como porta-vozes de valores, apenas internalizam valores de uma classe à qual pertencem; os alunos considerados menores do que qualquer ser na sociedade e o professor assume com dificuldade resolver questões relativas à violência.

Para compreender essa situação, é preciso pensar na vida profissional do professor, o que os leva a fazer algo sem grandes reflexões e entendimento, confirmado pela fala de Sacristán:

Esse conhecimento profissional, acumulado ao longo de décadas e séculos, saturado de senso comum, destilado na prática, encontra-se inevitavelmente impregnado dos vícios e obstáculos epistemológicos do saber de opinião, induzidos e formados pelas pressões explícitas ou tácitas da cultura e ideologia dominante. [...] reproduz facilmente em seu pensamento, em sua

prática, os vícios, os preconceitos, os mitos e os obstáculos epistemológicos acumulados na prática empírica, sob a pressão onipresente da cultura pedagógica dominante e das exigências que a instituição escolar impõe (SACRISTAN, 1998, p. 364).

Nessa definição, consideramos que o autor explica o que encontramos na escola campo, professores que dizem resolver os problemas que aparecem em sala de aula de acordo com o que já fazem os demais colegas da profissão, ou seja, encaminham à coordenação para que tome as devidas providências, porque segundo o professor, no momento da aula fica difícil conversar com os alunos sobre esses assuntos. Não há tempo para se resolverem problemas, porque têm que atender às exigências burocráticas; não há tempo para pensar; o horário é curto e, por isso, apenas se faz o que é possível, num processo que contém vícios, mitos, enfim, uma cultura pedagógica alienada. A violência, em decorrência desse processo de alienação, induz à discriminação pela pobreza, o que é confirmado por alguns entrevistados:

Olha esse bairro quando começou era muito pobre, havia muita carência, hoje não, já é um bairro com melhores condições, se veem ruas asfaltadas. As coisas aqui melhoraram, mas não deixa de ser ainda um bairro violento. (PF1)

Os alunos são de classe pobre, não têm educação, seus pais não têm educação, são violentos, têm um linguajar de muito baixo calão, a gente não pode fazer nada. São pessoas da periferia. (PM10)

Eles são alunos de um bairro novo, construído para atender pessoas de invasão. Os alunos da escola são tranquilos, já melhoraram muito, eles estão em fase de adaptação na escola, têm praticamente todos os dias problemas no ônibus, mas aqui dentro da escola a gente tem conseguido controlar razoavelmente. (PM8)

Percebo que a família dos alunos tem uma pacificidade muito grande, inclusive na hora que a gente sai daqui da escola, eu buzino para as crianças entrando na casa deles e vejo o pai ou a mãe, dou tiau, eles são meio pacíficos. (PF6)

De acordo com as falas, os professores de modo geral demonstraram sentimento de pena, ao mesmo tempo de discriminação em relação aos alunos e ao próprio bairro que se encontra a escola, o que faz pensar em uma barreira invisível entre professor e aluno. Isso significa certa distância entre seu mundo e o do aluno; pressupõe convivência com a situação de domínio que o distancia do seu aluno, atribuindo-lhe uma diferença.

Para Duarte (2007) “é importante frisar que a escola, ao realizar esse papel mediador entre o cotidiano e o não-cotidiano na formação do indivíduo, não tem o

poder de, por si só, produzir a superação da alienação da vida do indivíduo.” (p. 40). Portanto na alienação, cuja característica básica está em identificar-se com o opressor, indivíduos verdadeiramente oprimidos, de classe média comportando-se como indivíduos de uma classe que os domina explicam, muitas vezes, a obediência cega dos professores em apenas atender as necessidades burocráticas e esquecer de atender as necessidades básicas das crianças na questão da violência.

3.1.3 Trabalho docente e saberes docentes

Frente a um trabalho docente alienado, a contradição possibilita uma mudança positiva através da práxis, no caso da violência no contexto escolar. Nesse sentido, dos nove professores pesquisados, quatro voltaram a estudar para adquirir conhecimento específico para lidar com seu aluno, o que significa haver profissionais em educação dispostos a adquirir conhecimentos que venha contribuir para a qualidade de ensino do seu aluno, seu benefício próprio e melhoria para sua atuação.

Aqui tem uma professora que fez pós graduação, eu e mais duas professoras também estamos fazendo pós-graduação em psicopedagogia justamente por esses casos. Eu nunca queria ser uma psicopedagoga na minha vida, sou formada no curso de letras e não tenho nenhuma afinidade com essa área. Resolvi estudar porque, primeiro, eu levei um choque com a realidade da criança pequena, com aqueles palavrões, com aquele jeito de falar um com o outro. Eu sempre trabalhei com o ensino médio, e eu queria dar conta, eu queria atingir esses meninos, eu queria ver se conseguia modificar alguma coisa na vida deles. Resolvi fazer esse curso, e é o que está me ajudando. (PF4)

Eu penso que precisava de alguém despertar e começar a estudar e trabalhar para nos ajudar nessa área, por exemplo, esse trabalho quando concluído poderá ajudar pessoas que não lhes conheceram, porém vai ser um estudo voltado para a violência e poderá ajudar alguém. (PF3)

A alienação, exposta anteriormente, condiz com as condições que o professor ressalta na escola no tocante às questões burocráticas à quais encontra-se exposto. Somos regidos por normas e leis que nos vinculam a fazer trilhar caminhos já constituídos; portanto, pelo próprio sistema não há como fugir, mas pode-se dizer que no caso dos professores já existe em termos pedagógicos entendimento que favorece perceber as causas. Por isso,

é preciso desfazer uma confusão. A elaboração do saber implica em expressar de forma elaborada o saber que surge da prática social. Essa expressão elaborada supõe o domínio dos instrumentos de elaboração e sistematização. Daí a importância da escola: se a escola não permite acesso a esses instrumentos, os trabalhadores ficam bloqueados e impedidos de ascenderem ao nível da elaboração do saber, embora continuem, pela sua atividade prática real, a contribuir para a produção do saber. O saber sistematizado continua a ser propriedade privada a serviço do grupo dominante. Assim, a questão da socialização do saber, nesse contexto, jamais poderia ser assimilada à visão do funcionalismo durkheimiano, porque se inspira toda na concepção dialética, na crítica da sociedade capitalista desenvolvida por Marx (SAVIANI, 1994, p. 81 e 82).

De acordo com Saviani (1991) nós professores, como trabalhadores da educação não podemos desapropriar o saber; por isso, nas questões de violência escolar já deveriam ser esclarecidos ao menos sobre como lidar com a situação e procurar de maneira educacional preparar seu aluno para reagir contra a violência com a qual convive. No processo que o professor desenvolve em seu trabalho, em suas ações, valores e normas, fica claro que em alguns casos, a postura tradicional tem que enfrentar problemas complexos e resolvê-los sem grande conhecimento.

A colocação do autor encontra eco nas observações realizadas na escola campo de pesquisa em torno da violência, onde se observou que os conflitos eram resolvidos de forma pontual, ou seja, no momento em que eles aconteciam. O aluno M4 descreve:

dentro da sala de aula a gente vê brigas, murro, chute. Vê meninos brigando. Outro dia na sala deu um rolo! O menino falou mal do outro e o menino partiu para cima dele, deu um chute, uma "porrada" nele, mas não havia professor. O professor havia saído da sala não sei pra quê, quando retornou o professor separou-os. O menino saiu, mas mesmo assim o outro foi lá deu outro murro na cara dele. Ninguém chorava e ficou por isso mesmo.

O professor volta à rotina de sua aula como se nada tivesse acontecido e, sem qualquer orientação palpável para o aluno, cria-se no ambiente uma faísca para a continuidade da violência ao término da aula ou em outros momentos. Embora, no começo da pesquisa, alguns professores em conversa ocasional não admitissem que existe violência naquele ambiente escolar, eles se contradisseram ao relatar nas entrevistas que:

Os alunos se agredem fisicamente e, se não houver a intervenção do professor ou de outro funcionário da escola, eles se agredem mesmo, tem coisas que eles começam de brincadeira e depois apenam. (PF3)

Por meio dessa fala, a professora F3 evidenciou cuidados no trato da questão, mas não vê saída. Os demais professores também se demonstravam atentos a todos os atos agressivos perpetrados pelos alunos; os que mais tendiam à violência eram os mais observados, os mais solicitados a sentar-se, a calar-se e a deixar de incomodar os colegas. A professora F3 afirmou que não podia piscar que a coisa acontecia, segundo ela, eles aprontam sem que vejam.

Confirmando seu parecer, foi possível perceber atitudes de alunos mexerem com seu colega que estava em atividade e quieto em seu lugar. Uma espécie de satisfação contida, que de certa forma, torna-se impulso para a violência. O fato era registrado praticamente em todas as aulas e com os mesmos alunos. Nesse sentido é preciso desfazer essa alienação que gera conflito e desconforto para a sala de aula. Assim Duarte (2007) deixa claro que “o trabalho educativo refere-se, por um lado, à produção e reprodução do indivíduo enquanto um ser humano, um ser pertencente ao gênero humano e, por outro lado, à reprodução do próprio gênero humano” (DUARTE, 2007, p.49).

A análise dos dados, identifica professores chamando atenção do aluno no momento em que o conflito acontece, seguindo a aula, seu curso natural como se tratasse de um fato corriqueiro. A isso nos referimos como banalização ou naturalização da violência, que, embora em pequena monta, pode ocasionar danos irreparáveis.

Ainda a professora F3 relata um fato em que se expressa a atitude de banalização e um lampejo para uma reflexão na ação.

Um aluno saiu da cadeira dele todo empinadinho. Disse que ia resolver essa parada com a colega e antes que desse tapa na sala, eu levei para a coordenadora e pedi a ela: “conversa com os dois para mim” e relata o porquê de aquela menina se enfezar e agredir um colega, ela tem resistência física, ela pode não continuar batendo muito, mas ela tem condição física de agredir um colega e os meninos se são atacados eles vão atacar, e eu penso se tem jeito de resolver antes deles irem aos tapas a gente tem que resolver. (PF3)

A atitude da professora revela que

a vida cotidiana da sociedade contemporânea torna-se cada vez mais complexa, exige cada vez mais a utilização de conhecimentos e habilidades que não são adquiridos de forma espontânea e natural (DUARTE, 2007, p. 50).

Nesse entender, a compreensão da professora F3 foi uma atitude na hora do conflito, mas nada que o trabalho docente desperte condições de entendimento que

o professor precisa ter no exercício de sua função, para, de certa forma, coibir junto a seus alunos a reprodução da violência. Agindo assim, tentando acertar justifica o fenômeno da violência, de certa forma tornado-a banal, pois passa o problema momentâneo e para o aluno a atitude continua, mesmo quando considera de forma irônica ou cômica, de fato, não percebe que prejudica outrem, MAFFESOLI (1987).

Trata-se de uma atitude paliativa, mas que ainda não atende a uma superação do fenômeno da violência. Por isso, é necessário promover atividades que esclareçam o significado da violência: da violência escolar e da violência nas relações, enfatizando as características negativas dessas manifestações, a fim de alterar o papel desempenhado na escola. Contudo, para que isso aconteça é preciso compreender as desigualdades sociais, econômicas e políticas, a divisão social de classes que constroem diferenças individuais, de capacidades, de habilidades, de inteligência, hoje vistas como diferenças naturais. Urge construir uma noção profunda da contradição do real (social e da escola), que supere as representações e fundamentam as atitudes a se adotar no momento do conflito em sala de aula.

Mas, pelo que apontam os resultados das pesquisas em relação aos saberes adquiridos e à prática pedagógica que envolve a vida profissional dos docentes, confirmam os artigos da ANPED expostos no corpo deste trabalho que a formação acadêmica dos professores não tem possibilitado acesso a saberes sobre o fenômeno da violência na escola.

Facci (2004) revela em seus estudos que o processo educacional não é passivo: “o processo educacional é trilateralmente ativo: é ativo o aluno, é ativo o mestre, é ativo o meio criado por professores e alunos” (FACCI, 2004, p.185). Por isso, é muito importante o professor saber lidar com a violência, haja vista que ele se orienta através das trocas de experiência e do senso comum, mas não tem em sua formação condições de lidar com a violência:

[...] tenho dois cursos: letras e pedagogia, mas todos me oportunizaram apenas conhecer a escola através dos estágios, mas o curso de formação precisa pensar em como trabalhar a questão da violência. (PF1)

Não fui preparada para atender à questão da violência, meu curso foi bem defasado nessa área. (PF2)

Violência escolar só mesmo durante o período da faculdade com trabalhos, algumas palestras, minicursos que a faculdade oferecia. Quando eu podia fazer, eu fazia todos, no mais são palestras, curso e as disciplinas normais, porque não tem uma matéria específica para falar sobre disciplina ou indisciplina. (PF3)

Sou licenciada em letras (português e espanhol); formei há uns dez anos atrás. Então vi disciplina de psicologia que preparava, mostrava um pouquinho dessa realidade das escolas. (PF4)

Na formação, a gente vê muito pouco. (PF5)

No ambiente acadêmico, eu não tive suporte em relação a violência, porque até em seminário, simpósio, nunca trabalhou assim de forma específica a violência. (PF6)

No estágio, às vezes, até tinha violência, mas a gente não observava aquele grupo. Mas pensando, é por isso que fiquei surpresa ao encontrar um aspecto de violência, principalmente no Ciclo II. (PF7)

Na minha formação acadêmica, tive alguns momentos de discussão, não na minha formação propriamente dita, mas em outros cursos que fiz. Mas na formação propriamente dita, não. (PM8)

Percebo que hoje já há uma preocupação do curso que é ministrado pela Universidade Federal de Goiás (UFG) de trabalhar essa questão, tanto que gravei uma entrevista para alunos do curso em torno da violência de gênero. (PM9)

No meu entendimento não houve contribuição do curso para saber lidar com essa situação de violência. (PM10)

Os professores foram esclarecedores e sinceros considerando que não estão preparados a partir de sua formação profissional para lidar com a violência escolar. A propósito, Charlot (2005) convida a uma reflexão, segundo a qual o ponto de referência está entre duas lógicas, “a prática do saber e o saber da prática [...] a prática do saber é uma prática e não um saber [...] o saber da prática é um saber e não uma prática” (p. 94). Essa intenção revela unir o saber e a prática para, através de uma visão de totalidade, oferecer condições para o professor resolver situações de uma prática efetiva, resultado de um saber que proporcione certa coerência à atividade docente.

No entendimento de Charlot (2005), é possível ver situações das quais os professores se encontram afastados academicamente e, embora não tenham estudado sobre o fenômeno da violência, fazem o necessário para construir uma nova forma de lidar com essa problemática. Asseguramos aqui ser necessária a aquisição dos saberes efetivos para o trabalho na prática com a violência escolar. Isso porque o professor leva para a sala de aula a tradição, os valores, os costumes com os quais convive (cultura acumulada), para lidar com a violência. Entretanto, eles dizem que este saber não lhes basta:

Para preparar a gente na realidade, é a prática, agora é que estou pegando essa prática. (PF4)

Nunca foi abordado em cinco anos de faculdade. Agora como eu sou uma pessoa que praticamente nasci e cresci em periferia eu sempre soube que isso seria um dos calcanhares da nossa profissão, e eu acredito que ter uma posição firme e agir na hora certa é o que dá norte para poder escapar de certa situação. (PF6)

Essa realidade reafirma a necessidade de se promoverem conhecimentos que possam gerar práticas docentes capazes de auxiliar os professores no processo de lidar com a violência escolar. E, nesse processo, revela-se diante do trabalho docente, a importância de se trabalharem projetos em torno da violência escolar porque os alunos revelam viver em constante violência extramuros da escola.

Meus pais me colocam de castigo, não me deixam sair e me batem. Se eu fizer muita bagunça e desobedecer, eu apanho e sinto muita dor. Minha mãe me bate porque eu a desobedeço: ela pede para eu não sair, eu saio, ela pede para eu não pegar a bicicleta, eu pego e vou para a rua com meus amigos sem falar com ela. Lá em casa todos apanham iguais, é só fazer coisa errada que apanha, mas eu faço mesmo sabendo que vou apanhar, sei que depois vem a surra. (AM4)

Quando faço algo errado, meus pais me batem, às vezes, de cinto, outras de chinela, cipó, de galhas fininhas, são as que mais doem e ficam marca no corpo. (AM5)

Meu pai só dá bronca, ele fala que não é para teimar, mas ele não me bate, só bateu algumas vezes de cinto e de chinelo. Sei que estou errada e acho que eles estão certos em bater para corrigir. (AF6)

Estou acostumada a apanhar de chinela, de cabo de rodo, de tudo que você pensar, eu apanho. De tudo já apanhei em minha vida, de mangueira, daquele trem de amora, Nossa Senhora! Vara de amora... Já apanhei com aquele negócio de pneu, borracha de pneu, mas nunca me feriu, mas ficava um vergão. Comecei a apanhar tinha sete anos, sete anos mais ou menos comecei a apanhar, mas eu acho que eu não crio vergonha na cara não [risos]. Ai, ai, isso aí só o mundo mesmo vai me corrigir. Sei lá, eu penso aqui na minha cabeça quem vai me corrigir? Me falaram que quem quer vir é para dar. A partir daí, eu já comecei a apanhar na rua, diante de tudo isso penso que algumas vezes, dependendo o mundo me corrige, igual minha mãe diz: "Se eu não corrigir, o mundo corrige". Mas eu não tenho pensado nisso não, mas acho que vem muita cintada, paulada pela frente, porque eu vou aprontar muito ainda [sorri], eu tenho essa consciência, penso assim, porque toda criança apronta, ninguém é perfeito. Eu acho que toda criança apanha, não tem uma, eu já até fiquei em tampinha, ajoelhada em tampinha, já fiquei. Minha mãe me ajoelhou na tampinha, em saco de milho, ajoelhei em tachinha de sapato para cima. Não sangrou porque eu ficava de um jeito diferente que o trem não sangrava. Mas minha mãe não queria que sangrasse não, ela deixava também só uns três minutos, até que não dava para sangrar não. Ela já tinha essa tábua lá pronta, era só quando eu fazia alguma coisa errada. (AF8)

Minha mãe e meu pai sentam e conversam, eles me corrigem sem bater porque eles falam que bater não vai adiantar. Eu já apanhei na vida, mas eu não me lembro muito bem, mas faz tempo. Quem me bateu foi minha mãe porque eu respondi, ela me deu um tapa. Essa foi a única surra que levei. (AF9)

As crianças apresentaram em suas falas a surra como método de correção dos pais. Para os professores, essa violência que o aluno vive pode propiciar a violência escolar, das quais são vítimas, mas durante nossa observação, não se ouviu durante as aulas alguém contar o que se passa em casa ao ser vítima de violência conforme explicitaram durante as entrevistas. Não podemos apontar qual seria o argumento que os professores utilizariam para responder as questões de violência vivida pelas crianças, mas pelas entrevistas junto a eles, ainda não estão preparados para adentrar o problema da violência, para o qual, de fato, dizem não encontrar uma saída e se justificam do seguinte modo:

acho que com conversa, mostrando o que é certo, conversando, dialogando. Agora se já está no meio em que só vê coisa ruim, agressão, drogas, espancamento, fica difícil. Mas continuo a insistir que o diálogo é a principal forma de combater a violência [...]. (PM8)

A educação é processo. Não temos uma receita, eu não acredito em milagres, eu acredito em processo, e dentro dessa perspectiva de processo a gente tem trabalhado, pontuando, mostrando, orientando. O tempo todo que se a gente vê atitudes violentas, a gente chama, conversa, mostra na medida do possível a gente pede um para pedir desculpa para o outro, para ver se continua numa relação amigável. Fora isso assim, quando a coisa é mais grave, a gente chama a família e pede ajuda. (PF1)

Os professores demonstram também certo receio em tratar a questão. Eles disseram que somente em casos extremos a violência doméstica é notificada, encaminhada aos órgãos responsáveis, porque a escola não tem como atender, mas nenhum professor relatou essa ação. No que diz respeito ao conhecimento de atos violentos contra a criança, vale lembrar que a omissão está prevista em lei, conforme o Estatuto da Criança e Adolescente, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 (art. 25):

deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente: Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência (BRASIL, 2001, p. 86).

No caso dos professores da escola do campo de pesquisa, não se trata de omissão pelo fato de não terem revelado casos de crianças espancadas pelos pais; na qualidade profissional dos professores estes precisam reconhecer-se na ação: “não existe um saber-fazer desligado de implicações de valor [...] a prática transmite

a teoria que fundamenta os pressupostos da acção.” (SACRISTÁN, 1995, p. 82, grifo do autor).

Na concepção do autor, esse saber fazer implica um valor, que podemos interpretar como saberes necessários para trabalhar a questão da violência. O dia a dia do professor direciona ao entendimento dos saberes necessários para lidar com a violência no contexto escolar. Então, selecionamos os saberes que mais se aproximam dos saberes expostos na prática pedagógica dos professores da pesquisa definidos por Barth (1993), Nóvoa (1997) e Saviani (1994) que são: saber estruturado, saber contextualizado, saber afetivo, saber pedagógico e sistematizado. Isso permitiu que cada um dos professores, no momento das entrevistas, revelasse saberes e isso nos remetem as categorias dos autores que servem apenas para organizar nosso pensamento, mas não são objetos de estudo, não nesta pesquisa. Assim descreveremos de acordo com as falas dos professores a teoria que mais aproximou, a seguir:

o saber é *estruturado* porque é organizado conceitualmente através de uma rede de interconexões (cada pessoa cria sua própria rede associando tudo o que sabe ou sente em relação a uma idéia) e possui uma linguagem própria que garante sua comunicação e organiza o discurso do professor. Por exemplo, o conceito de *democracia* varia de indivíduo para indivíduo de acordo com sua experiência e suas concepções. (FIORENTINI, 1998, p. 321, grifo do autor)

3.1.3.1 Saberes estruturados revelados pelos professores

Acredito que precisava haver uma disciplina que envolvesse esse tema, ou seja, que desse suporte ao professor para trabalhar a questão da indisciplina ou da violência nas escolas. (PF1)

Acho que deveria ser trabalhado não só a psicologia da educação, mas a psicologia de forma geral. Deveria ter esse tipo de preparo sim, já que temos de trabalhar com crianças emocionalmente problemáticas. Eu acho que deveria ter um trabalho mais direcionado que nos ensinasse a relacionar os conteúdos com a violência. (PF2)

Eu acho que está faltando só uma disciplina, uma área que leve a indisciplina do aluno, a violência. Não sei se ia resolver, mas acho que é mais um estágio mesmo, deveria mostrar pelo menos em um semestre aquilo que a gente vai passar ali dentro da sala e como solucionar essas questões. (PF4)

Eu acredito que a universidade, não só nos cursos de licenciaturas como em trabalhos das instituições de segurança pública deveria ter pelo menos um momento por ano em cada escola para poder tratar da questão de violência, as causas, as consequências e também colocar os fatores principais que podem levar as pessoas a cometerem violência, como resguardar dela. (PF6)

O saber é *contextualizado* porque é no contexto que se compreende o significado do que foi produzido em um determinado momento da prática pedagógica do professor, onde estão presentes as dimensões afetivas, cognitivas e sociais. ' É este contexto que lhe irá dar sentido – ou não – e que continuará a influenciá-lo. O contexto – e a compreensão deste contexto - desempenha, portanto, um papel muito importante na interpretação do sentido como, aliás, na comunicação do sentido' (FIORENTINI, 1998, p. 32, grifo do autor).

3.1.3.2 Saber contextualizado revelado pelos professores

Eu penso que tinha que haver um trabalho específico em nossa formação que precisava ser inserido um projeto, ou novas condições, novos cursos, porque a solução, isso eu acho que ninguém tem. Porque isso é na família, é um princípio familiar, se está faltando, tinha que ter uma formação melhor para o profissional da educação. (PF3)

O caráter *afetivo* do saber docente manifesta-se quando o saber é invadido pela emoção. Quando confundimos o saber com a emoção passamos a interpretar a realidade de modo meramente subjetivo [...] O modo como julgamos o valor de um saber, mas também o modo como sentimos o nosso próprio saber avaliado pelos outros, influenciará a nossa maneira de compreender a realidade nova (FIORENTINI, 1998, p. 321, grifo do autor).

3.1.3.3 Saber afetivo revelado pelos professores

Eu acho que deveria ter uma disciplina que discutisse a relação professor aluno, específica para esse caso. (PF5)

O que pode ser inovado? Eu acho o seguinte: se a formação investisse um pouco mais na questão da ética do professor, na questão da necessidade de o professor agir com absoluta justiça. (PM8)

3.1.3.4 Saber pedagógico e sistematizado

A pedagogia é o processo através do qual o homem se torna plenamente humano. [...] a pedagogia escolar, ligada à questão do saber sistematizado, do saber elaborado, do saber metódico. A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber elaborado, do saber metódico. [...] A existência do saber sistematizado coloca à pedagogia o seguinte problema: como torná-la assimilável pelas novas gerações, ou seja, por aqueles que participam de algum modo de sua produção enquanto agentes sociais, mas participam num estágio determinado, estágio esse que é decorrente de toda uma trajetória histórica? (SAVIANI, 1991, p. 80).

3.1.3.5 Saber pedagógico e sistematizado revelado pelos professores

Eu penso que enquanto o aluno estiver fazendo o estágio que é obrigatório na licenciatura, deve ser trabalhado esse ponto da violência. Não só estágio

de trabalhar a prática na sala de aula, mas trabalhar esse ponto da violência também, observar se tem no contexto ou não. (PF7)

É, na verdade, os professores deveriam estar preparados para atender os alunos no que se refere ao ensinar, agora a educação deveria ser de casa. (PM9)

Não tenho a mínima ideia. Uma matéria para estudar sobre isso? Se alguém tiver a solução para acabar com o problema da violência pode passar que a gente está aceitando. (PM10)

Os saberes expostos significam o que conseguimos aproximar do entendimento nas colocações dos professores e, assim, pensar no papel do professor diante do fenômeno da violência escolar e em sua atitude diante dos saberes pedagógicos que, por sua vez, dizem ao que o professor necessita saber para lidar com a materialidade da violência na realidade escolar e, de certa forma precisam avançar.

Nesse sentido, os resultados indicam que deixar a prática como a mestra dos professores no entendimento da violência, não implicará grandes avanços na prevenção da violência e na intervenção sobre ela, pois a prática é insuficiente diante da complexidade do fenômeno. São necessários mais estudo e suporte teórico para que o professor construa seu próprio caminho, adquira segurança, sane suas dúvidas, e intervenha nos conflitos construindo seu próprio significado sobre um saber-fazer para agir na hora certa. Entendemos que esse poderá ser o caminho para ajudar na formação do professor, Sacristán (1995), capacitando-o a desenvolver uma práxis pedagógica transformadora onde a aproximação com os alunos se torna mais estreita, um trabalho mais direto que permite uma intervenção mais eficaz.

Acreditamos que cabe à escola, como espaço de acesso à informação, mostrar que “ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis [dos alunos] contra crianças e adolescentes é uma negação ao direito que têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.” (GUERRA, 2005, p. 32). Por isso, entendemos que os efeitos perversos da violência manifestam-se na construção de um círculo de reprodução e retroalimentação de práticas violentas, que também envolve o trabalho docente, em que novamente, meninos e meninas são as principais vítimas, Lima (2010) afirma que,

cumpra ao professor [...] a ampliação de sua visão acerca do conhecimento, dos saberes pedagógicos [...] acerca dos princípios que prezam pela

dignidade, eticidade (dentre outros) humanas: sua, dos seus alunos, de sua comunidade e do homem em todo universo de sua produção (p. 11).

Sozinho, o professor dificilmente conseguirá atender ao proposto pelo autor; compete necessariamente à formação inicial ou continuada compor meios que os levem a esse entendimento, que se pressupõe ser primordial ao combate da violência na escola e à intervenção sobre ela.

Enquanto isso não acontece, os professores continuarão a pensar não existir forma de resolver a violência que envolve e permeia o trabalho docente, pois, na visão deles, os alunos violentos são intolerantes, apáticos e possuem baixa autoestima. Como indica a fala do professor,

Alguns fatores explicam a violência dos alunos: família desestruturada, nas quais os pais dedicam pouco tempo à educação dos filhos, familiares envolvidos com drogas, roubos, vícios, e como resultado, esses jovens apresentam dificuldades no relacionamento com o outro. (PM10)

Percebemos ser este um dos pontos de violência invisível que ocorre na educação, o qual revela um professor despreparado para enfrentar a violência que abarca as escolas no dia a dia e afeta a vida das crianças, comprometendo sua aprendizagem, seus valores, suas normas e seus limites. A situação de violência deixa de fora a oportunidade de a criança ter de si uma percepção de um indivíduo como um ser “que possui uma identidade, situada em um espaço e tempo históricos.” (LIMA, 2010, p.29).

Isso indica que o professor precisa perceber as necessidades do seu aluno, o que, por não consegui-lo, sozinho o faz confundir-se, muitas vezes, com um profissional omissivo. É preciso que o coletivo da escola se envolva e elabore projetos voltados para o combate da violência. No campo de pesquisa, os próprios professores relatam não haver nenhuma proposta para intervenção nos casos de violência naquela escola, ou seja, na PPP essa ação não foi elaborada durante esses últimos anos, mesmo que alguns professores já tenham vivenciado situações de brigas entre os alunos na escola e que em muito os angustia.

Ainda na categoria trabalho docente e saberes docentes, encontram-se os caminhos identificados por Souza (2006), em *A escola: visão da complexidade*, que buscam um professor com uma dimensão de totalidade e consideram que, se houver este professor, ele deverá partir de grandes esforços em torno da construção de novas formas de “pensar e de compreender, de valorar as questões

pedagógicas” (SOUZA 2006, p. 155), que o levem a pensar e compreender novos sentidos para as concepções curriculares, com a intenção de priorizar as práticas que integram corpo, mente e todo o contexto do ser humano e da natureza. Para a autora, o processo de reelaboração dos significados facilitará a reordenação das novas formas de relações entre as pessoas e implicará novos sentidos mais solidários e cooperativos entre elas.

Enquanto isso, na escola pesquisada os professores vêm buscando resolver a questão da violência escolar, mas ainda continuam sendo submetidos a permanecer sem resolver o problema por falta de recursos suficientes para trabalhá-la; faltam caminhos que lhes permitam elaborar e executar um ensino de qualidade.

A gente tem trabalhado muito com esses meninos, orientando, pontuando, falando, mostrando o tempo todo. Se apresentam atitudes violentas, chamamos, conversamos e mostramos. Na medida do possível, conduzimos pedir desculpa para o outro, para ver se continua numa relação amigável. Fora isso assim, quando a coisa é mais grave chamamos a família e pedimos ajuda. (PF1)

O projeto é assim: é orientado sempre pela coordenação nas reuniões sobre o que está conversando, orientando os alunos, tentando fazer com que a família participe da vida escolar do aluno, para acompanhar, porque não é somente a escola. (PF7)

A escola é limitada nesse sentido. Fazemos nosso trabalho pedagógico da melhor forma possível, mas dificilmente tem como fazer um trabalho psicológico com a criança, não tem nem espaço para isso. O espaço que digo é tempo e disponibilidade de profissional. (PM8)

Não há projeto específico, se tem, eu não tenho conhecimento. Todos trabalham normal, porque queremos sanar esse problema,. Agora, a escola não é o pai e a mãe, não tem como, a escola não está aqui como educadora, está aqui para transmitir o conhecimento. Essa questão da educação é o pai e a mãe, colocar limites na criança é o pai e a mãe. (PM10)

Nesse entendimento, alguns professores (F1, F2, F4 e F6) demonstraram saberes estruturados citados anteriormente e, pelo que se pode desprender de seus discursos, acreditam que podem alterar o fenômeno da violência na escola. Para isso, no entanto, é necessário que se construa o saber coletivo sugerido por Souza (2006).

Podemos perceber, pelo interesse dos professores em querer estudar para resolver os problemas de conflitos na escola, que cada um deles reflete de maneira subjetiva a superação dos problemas do contexto. Pode-se dizer que esse movimento inclui oposição e contradição, componentes dialéticos para se entender a

realidade concreta flexível. Esse interesse, no entanto, apenas responde a necessidades do momento, a partir dos saberes despertados pelos professores na ação, que constituem especificamente uma ação contraditória, que, na verdade, depende do intercâmbio entre os professores e de uma elaboração conjunta. Para Nóvoa (1999, p. 17) “é preciso inscrever rotinas de funcionamento, modos de decisões e práticas pedagógicas que apelem à co-responsabilização e à partilha entre colegas”.

Segundo a lógica assumida pelo autor, o conflito de contrários faz avançar a realidade num processo histórico da transformação revolucionária ou descontínua, dando origem a uma novidade qualitativamente diferente. E, considerando que os saberes docentes fazem parte desse processo, percebemos que é preciso inovar em relação à realidade da escola no que diz respeito à violência escolar. Assim, confirmada pelas argumentações dos próprios professores entrevistados, há necessidade de contar com o apoio de todas as pessoas que convivem com a criança, a escola, a família; é preciso também uma união de diferentes âmbitos políticos para mediação, por exemplo, uma estruturação compartilhada que vincula a prática do professor porque “a prática do professor tem sempre um sentido político em si, independentemente de que esse sentido exista para o professor, isto é, [...] de que se tenha ou não consciência do significado político da ação educativa” (SAVIANI, 1994, p. 57).

Nesse sentido, o que se merece entender é que, diante do aluno, o professor tem condições de intervir em seu desenvolvimento social, mas é preciso apoio, pode-se dizer que “a prática profissional pode conter a apropriação de alguns hábitos gerados nesses outros âmbitos da ação social”, conforme disse Sacristán (1999 p.89). No entanto, ainda, há que se pensar no acúmulo de saberes que os professores realizam ao longo de sua vida profissional, pontuando-os como necessários e contrabalanceando-os em função das necessidades momentâneas, e as quais devem enfrentar, independente de sua formação teórica e prática.

Os conhecimentos adquiridos e o saber fazer já existente no dia a dia do professor são parte de um conjunto determinado de saberes que permite agir com assertividade ou não. Por isso, descobrimos nesta pesquisa a importância de a formação inicial e continuada contemplar o que é necessário para o professor atuar em sua prática. Sacristán faz um comentário muito valioso a respeito da formação, da profissionalização e prática, afirmando que estas não se separam, que precisam

ser analisadas juntas, que há uma diferença entre ação e prática. A ação refere-se a atitudes individuais e a prática a atitudes sociais, (SACRISTÁN, 1998). Assim, prática e ação têm pesos diferentes. A prática é construída socialmente na ambiência do trabalho.

Levando em consideração a fala do autor, verificamos na escola pesquisada, a partir da observação e da fala dos professores, que esse desenvolvimento acontece e que os professores, embora de forma prática movem-se em direção à ação que visa a resolver o problema da violência, mas acreditamos que lhes falta a reflexão na ação como processo de investigação.

As entrevistas com os professores aqui relatadas sugerem a necessidade de os órgãos competentes tanto pela formação quanto pela atuação profissional, promoverem junto aos professores o entendimento da diferença entre prática pedagógica e ação pedagógica, o que, reforçamos, só será possível através dos cursos de formação continuada para o que educadores precisam se mover. Assim, “a reflexão na ação é um processo de investigação por meio do qual o desenvolvimento do conhecimento profissional e o aperfeiçoamento da prática profissional acontecem simultaneamente” (SACRISTÁN, 1998, p. 370). Para tanto o autor ainda contribui:

quando a prática por força do tempo se torna repetitiva e rotineira e o *conhecimento na ação* se faz cada vez mais tácito, inconsciente e mecânico, o profissional corre o risco de reproduzir automaticamente sua aparente competência prática e perder valiosas e necessárias oportunidades de aprendizagem ao *refletir na e sobre a ação*. (SACRISTÁN, 1998, p. 371 - grifo do autor)

Na observação em sala de aula, verificamos que essa colocação do autor procede porque todos os professores, ao chegarem à sala de aula conduziam suas aulas no mesmo ritmo, e alguns, sem muitas explicações lançavam o conteúdo no quadro giz e cobravam a cópia no caderno dos alunos. Observou-se um gesto mecânico e numa contagem regressiva em relação ao tempo que faltava para o encerramento da aula, eram unânimes na recomendação de que copiassem logo, porque haveria troca do professor. Em análise, essa pressa para emitir conteúdo não possibilita um momento para refletir na e sobre a ação do professor, como também do aluno. Não há de fato uma construção de saberes mediante esta prática o que configura em violência invisível.

Detectamos que os saberes transmitidos nos cursos de formação inicial são aproveitados para atender ao imediato; quando os acontecimentos fogem, a rotina fica comprometida. Assim, “às vezes, alguns saberes acabam sendo mais necessários que outros, para resolverem determinados problemas” (BORGES 2004 p.278). No caso da violência escolar, é evidente que não existe um saber mais importante que o outro para atuar. Faz-se necessário levar em conta que o professor precisa de um conjunto de saberes, já que a violência é imprevisível e precisa ser trabalhada no momento em que se manifesta, quer seja por meio da fala, do comportamento diferenciado do aluno e, sobretudo, nas relações interpessoais.

Outro fator importante e necessário é que a formação propicie aos professores “refletirem sobre seus saberes profissionais, apropriando-se dos processos relativos à assimilação e mobilização desses saberes em sua prática” (BORGES 2004, p. 284). Nesse sentido, verificamos que ainda não há entendimento por parte dos professores para lidar com a situação de violência; essa lida continua fundamentada no senso comum.

Sabemos que violência não se previne, ela acontece, mas é possível prevenir através de ações que podem envolver ou desenvolver critérios que envolvam o aluno com tendência violenta. (PF1)

O tempo todo a gente vê atitudes violentas, chamamos, conversamos, mostramos, e na medida do possível a gente pede um para pedir desculpa para o outro, para ver se continua numa relação amigável. Fora isso, assim, quando a coisa é mais grave a gente chama a família, pede ajuda. (PF1)

No dia a dia é chamado para a conversa com o aluno, registra em ata, se é um caso que o aluno entra em um acordo, para a confusão, perfeito. Se ele não entra em acordo é chamado o responsável. Se o responsável vem é relatado, é explicado o que a criança está cometendo. (PF3)

Eu queria atingir esses meninos, eu queria dar conta de ensiná-los, eu queria ver se conseguia modificar alguma coisa na vida deles, mas ainda não sei como. (PF4)

Na minha forma de pensar, o ideal é uma parceria entre a família e a escola com diálogo, buscando novas formas. Com a minha filha, eu trabalho com diálogo, não sou a favor de repreender, de castigar, com minha filha que é da mesma idade dos meus alunos eu trabalho assim, acho que pode dar certo. (PF5)

Eu sou meio enérgico, meu ponto de vista é o seguinte: seria três advertências, uma suspensão, depois de três suspensões seria a transferência, porque aí eles iam pensar duas vezes antes de cometer as infrações. (PM10)

As falas permitem constatar que os saberes sobre como lidar com a violência escolar foram construídos no contexto sociocultural em que vivem os professores, o

saber comum. Os saberes sobre como lidar com a violência dos alunos na escola estabelecem-se por meio da ação dos próprios professores com a situação e das trocas entre colegas de trabalho, ou via suas próprias vivências.

Uma professora sinaliza que a formação de professores está distante da realidade de violência no dia a dia da escola e que apenas sua experiência está ensinando a superar,

eu sofri um pouco dessa diferença de não saber às vezes lidar com a violência, e quando a gente entra realmente não tem formação nenhuma, nem formação, nem informação, mas em nenhum momento eu pensei em desistir. Eu pensei em aprender, eu queria aprender como lidar com eles, com o tempo a gente vai aprendendo. Você vai experimentando, as experiências vão nos ensinando muitas coisas, eu só tenho um ano de experiência. (PF2)

Por essa razão, o professor, ao assumir a sala de aula necessita fortalecer contatos significativos e emocionais com seu aluno, que também está reelaborando processos que lhe permitam tornar-se cidadão, mas que certamente traz a marca da violência registrada, tanto na escola como na família. Um aluno conta ter revidado com violência a agressão de um colega:

Já sofri uma violência aqui na escola. Os meninos vêm querer brigar comigo. Eles me pegaram, me cercaram e me bateram, eles me empurraram deram tapa, isso aí. Eu nem falei para meus pais porque eu tenho medo deles me baterem depois. Eu também já bati em alguém. O menino me chamou de “filho da puta”, aí eu peguei e não deixei. Eu bati nele e ele apanhou. Eu já falei: “não mexe comigo não, que você vai apanhar.” Agora ele parou. (AM5)

Em sala de aula também percebemos alunos de comportamento violento acertarem a cabeça do outro a todo momento, conflito que só não segue adiante pela presença da professora. O que fazer? Como afirmou Valter Guimarães (2006), “o aprendizado da profissão é diferente do que se deu na formação inicial, quando se formava o professor para situações mais ou menos hipotéticas, desconhecidas, sem uma realidade profissional definida” (p. 147). O autor confirma a necessidade dos professores sujeitos desta pesquisa quando esses relatam que a SME precisa promover na formação continuada cursos que os ajudem a lidar e prevenir a violência porque eles não foram preparados para tal.

Essa fala retrata a realidade da escola pesquisada de que a violência física se encontra visível, e as sutis/invisíveis aparecem mediante restrições ao trabalho

dos professores, de onde emerge a necessidade de humanização e revisão de atitudes naquela escola. Assim, faz-se necessária ampla reflexão por parte dos professores no sentido de adquirir conhecimentos que permitam a identificação das contradições existentes na prática educacional de modo a lhes propiciar que auxiliem seu aluno.

As violências físicas vividas pelos alunos na escola constituem motivo de preocupação porque as crianças, nessa fase de desenvolvimento humano, necessitam de suporte para que se tornarem adultos livres da barbárie presente na sociedade. Há uma esperança, mesmo se a criança demonstra tendência à violência; por isso Abramovay (2009, p. 290) adverte: “não quer dizer que toda a agressividade vá desembocar em violência”. O controle da socialização informal, seu contexto sociocultural, sua submissão revelada pelas manifestações culturais, são o que sobrecarrega o dia a dia do educador. Um deles, em entrevista, declara:

a gente vai assumindo tanta responsabilidade que sobrecarrega, e pode dar problema, porque se a pessoa não tiver uma estrutura mental e um ritmo de vida adequado, pode sim ter problemas seriíssimo [...]. (PF6)

Nessa fala, almeja-se um controle consciente e humano das mediações sociais que envolvem o fenômeno da violência. A realidade aqui exposta diz respeito a uma escola pública apontada pela secretaria de educação local com índice de violência, o que levou-nos a conviver com os sujeitos, seu cotidiano e a observar durante dois meses em sala de aula, comparecendo, pelo menos, a duas aulas de cada professor e a constatar o fenômeno da violência tanto a visível, por suas manifestações concretas, quanto a invisível, pelos indícios de sua existência.

Entendemos que precisamos de um conhecimento científico, social e de uso geral, que supere as crenças individuais para permitir um saber sobre as ações humanas que não se prenda apenas às experiências pessoais (SACRISTÁN, 1999).

Entender o que é violência e violência escolar é fundamental para a apreensão do processo de articulação necessário à solução das situações danosas que aparecem a cada dia na escola, sobretudo porque muitos professores que convivem com a violência, naturalizam-na, ou porque não são preparados suficientemente para resolvê-la, ou porque não conseguem enxergar como violentas determinadas atitudes tanto do aluno como de si próprios.

Nesse sentido, julga-se necessário à vida profissional do professor no que toca a sua relação ao aluno, um suporte teórico sólido que o ajude a buscar solução

às questões que envolvem posturas violentas do aluno na escola, assim como do professor, que, também ele, comete sutilmente violências através de posturas alienadas e praticadas com intenção de corrigir ou conduzir determinada situação. No entanto, o entendimento dos saberes já constituídos se desfaz ao longo do processo, muitas vezes por falta de uma ação efetiva, na educação, em relação aos problemas que surgem na escola a cada momento, dentre eles a violência.

A formalidade do processo da pesquisa serviu para conhecer e clarear o seu percurso e suas descobertas na busca do entendimento de tema tão complexo, que, a cada dia, toma conta das escolas e clama por solução imediata. Supomos que a formação possa atuar como suporte ao combate da violência se houver interesse e participação de todos. Como sugere Nóvoa (1995), nenhuma pessoa tem a capacidade de suportar obrigações tão amplas como aquelas de que são incumbidos os professores, e que, muitas vezes, eles próprios se conferem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um aspecto inevitável da história, mas secundário e derivado. Não é o emprego da violência que produz as transformações sociais, são as transformações sociais que passam pela violência [...] é preciso que as condições econômicas e sociais estejam reunidas (MICHAUD, 1989, p. 96).

Os resultados encontrados pela pesquisa contribuem para compreender os conflitos vividos na educação em busca de respostas a tantos questionamentos acerca da violência escolar vivenciada e, às vezes, também praticada pelos professores em seu ambiente de trabalho, muitas vezes sem que eles percebam. E, de certa forma, entende-se que não há falta de compromisso ou omissão do professor, mas, com certeza, de preparo para lidar com a situação.

O aprofundamento dessa análise da violência, da violência escolar, do trabalho docente, da alienação e saberes docentes contribuíram para o entendimento do estado de submissão com o qual convivem os sujeitos da pesquisa e a necessidade de se construírem, por meio da formação continuada, novos esclarecimentos para que os professores se reconheçam na sutil violência que repercute na escola, e, sobretudo nos alunos, que, por sua vez, atuam com violência sem se perceber dominados por ela.

A violência escolar abrange desde a angústia pessoal até o quadro de degradação, quer seja da arquitetura da escola, do local onde ela situa, como das relações interpessoais, gerado e mantido por um conjunto de práticas coletivas. A angústia também permeia o trabalho docente, o que gera desmotivação, desgosto e o desejo - desesperador - de encontrar uma resposta para a violência escolar.

Constatamos também que os professores pesquisados mostram-se ora impossibilitados de indicar formas de superação do problema da violência ora contribuem com soluções paliativas para resolvê-lo; em outras palavras, há alguns saberes docentes constituídos que os auxiliam na elaboração de ações contra a violência no momento em que ela acontece, mas, mesmo que na maioria dos casos observados e relatados pelos professores, estes reconheçam a violência, têm medo dela, mostram-se saturados com a violência sofrida, que afeta diretamente o trabalho docente, por muitas vezes deixa-o distantes dos alunos e descompromissados de alertá-los sobre seus direitos de cidadão.

A análise dos dados da realidade com base no referencial teórico metodológico da pesquisa contribuíram para uma reflexão que possibilitou uma visão geral dos vários fatores que condicionam a violência escolar, seja em suas manifestações visíveis seja em suas formas invisíveis.

As questões levantadas na pesquisa propiciaram o reconhecimento das marcas da violência sem, de fato, nos termos direcionado a esse fim. Estas apareceram, de certa forma, identificadas no relato dos sujeitos durante as entrevistas e por meio das observações acontecidas em sala de aula.

O coletivo de professores que participaram da pesquisa revelou maturidade e interesse em participar; segundo eles, estudos como este favorecerão, por certo, um melhor atendimento do problema e a descoberta de soluções. Em relação às respostas das entrevistas dos sujeitos, em nenhum momento colhemos fatos isolados, tendo optado por apresentar apenas fatos relevantes que vivenciamos na escola em relação ao fenômeno da violência. Acreditamos que aproveitamos ao máximo tudo o que vivenciamos durante praticamente três meses de visitas.

Vale lembrar que os fatos aqui expostos são verídicos e sem alteração em obediência ao comitê de ética, que nos autorizou a realização dessa pesquisa de campo e conseqüentemente à autorização expressa dos sujeitos e seus responsáveis. Quanto à identificação da violência escolar pelos sujeitos (professores e alunos), estes revelaram que a escola apresenta um quadro desgastante de violência, mas que já se encontra controlado, embora visivelmente haja indícios dessa violência, a começar pelas condições dos prédios.

Os sujeitos relataram com veracidade o que passaram e o que presenciaram em termos de violência. Presenciamos de forma direta e indireta, um quadro de violência na escola, ou seja, os sujeitos, por meio de suas ações, contribuem para que a violência tome conta do espaço, através das brigas constantes dos alunos na porta da escola e, até mesmo, dentro da sala de aula. No horário do recreio, detectamos constantes tumultos e faíscas de violência.

Percebemos diante dos dados que há de fato violência na escola, em suas formas visíveis e invisíveis. Ficou claro também o pensamento, da parte dos professores, de que eles são vítimas da situação de violência vivida na escola, porque não lhes é dada a oportunidade de se preparar para atender a questão tão grave como a violência que invade a escola.

Acreditamos que não há negligência por parte dos professores, pois são muitas atitudes manifestas por eles cuja natureza violenta desconhecem, através das quais controlam os alunos que, em muitos casos, procuram enfrentar a organização hierárquica da escola.

A alienação possível de se enxergar foi a nítida ação de transmissores de uma cultura dominante, a qual impede os alunos de avançarem para um modelo diferente de sociedade. Revelamos aqui professores como vítimas e autores por ainda não refletirem acerca das condições sob as quais executam sua profissão e por cometerem o equívoco de se verem como de uma classe social superior à do seu aluno. Isso, de certa forma, contribui para aumentar a distância entre alunos e professores.

Percebe-se, nesse sentido, que as práticas ideais não são tentadas pelo coletivo de professores em virtude das precárias condições em que se encontra o espaço escolar, sendo visíveis o desconforto e a insegurança. Não há nas aulas e no recreio momentos atraentes para o aluno, o que configura um modelo tradicional de ensino. Consideramos propícia à violência a falta de mudanças na qualidade do ensino e no espaço físico da escola. Nesse ponto, é fundamental entender a maneira como os fatos são naturalizados, porque, embora sabidas todas essas mazelas, as coisas aconteciam como se tudo estivesse normal.

Especialmente nesta pesquisa, o que se obteve como resultado foram as evidências, na escola campo, dos aspectos visíveis e invisíveis da violência, dentre os quais alguns, de grande relevância, serão divulgados por nós. De certa forma, isto conduz a se pensar em uma nova estrutura para o ensino nas escolas que, de fato, dê possibilidades de mediação para a solução do fenômeno da violência e conscientize os responsáveis das necessidades de mediar esses conflitos.

Dentre as questões da violência visível, ficou claro que muitos alunos tornaram a violência parte integrante das relações interpessoais no cotidiano escolar, o que se evidencia através de brincadeiras grosseiras com os colegas, percebida pelos sujeitos como naturais para a idade e comuns a todos os alunos. Tratadas como algo corriqueiro, as brincadeiras de criança entre os alunos têm-se transformado, posteriormente, em algo sério como bater pra valer e intensificar as agressões. A rivalidade, a baixa estima e outros fatores têm levado ao crescimento desse comportamento violento.

O conceito de violência obtido demonstrou algo visível, de certa forma palpável, representado pela violência física e contra o patrimônio, consideradas ao extremo, podendo até levar à morte. A esse respeito, a família apareceu na pesquisa como vítima e autora da violência, sobretudo diante de sua desestruturação, o que favorece, através do exemplo familiar presente na violência doméstica, o não apoio à prevenção do aluno já comprometido com a violência.

Nesses exemplos, é evidente que as crianças descontam com fúria no colega da escola as violências domésticas presenciadas em casa, seja em relação a conflitos familiares entre pais e mães, ou mesmo, a sofrida por ele próprio, sem defesa; extravasa na escola a violência que sofre.

É visível, também, a necessidade de se ampliar a compreensão social e histórica, tanto de alunos como de professores, no que se refere à violência escolar. A violência a que é submetido ao ser obrigado a assistir uma aula monótona, cuja real importância não lhe é dada a conhecer, o aluno é vítima e reage provocando dentro da sala de aula formas de violência que conseguem atrapalhar o professor, comprometendo diretamente o processo ensino aprendizagem.

Em contraponto, percebemos que na grande maioria, os professores se preocupam em resolver a questão e condenam toda e qualquer violência, mesmo que transferindo o problema para a coordenação. A presença da violência é visível, por exemplo, na aparência do prédio escolar, invisível, no entanto, para os alunos, quando desconhecem seu direito de estudar em um prédio de estrutura de boa qualidade, que atenda aos anseios da comunidade.

Outro aspecto, embora indissociável são as formas invisíveis de violência, que muitas vezes ficam camufladas aos olhos dos sujeitos. Sabemos que os professores são formadores de opinião e, por isso, precisam saber e entender o processo que auxilia nesse desvendar da violência escolar, ou seja, o professor necessita compreender a prática pela mediação da teoria. É preciso considerar as experiências dos profissionais que atuam na escola, refletir coletivamente sobre a violência que atinge as escolas, suas causas, formas e sobretudo dar condições ao professor de saber o que fazer diante dela, com suporte teórico, científico e estrutural, saberes vinculados a uma constituição de aprendizagem que marcará significativamente o modo de pensar e agir do professor sobre a violência escolar.

Diante dessa defasagem, a pesquisa mostra também uma violência camuflada que se destaca, no geral, quando professores e alunos identificam e reconhecem algumas ações como violentas; de certa forma reconhecem a escola como violenta, agem com atitudes violentas, mas não se veem como estando envolvidos em ações violentas. Sistemáticamente, quando se perguntava aos sujeitos se a violência está presente na escola, expressavam-se através de uma resposta vaga dizendo que não, mas respondiam citando fatos de violência que envolvem o espaço escolar. Assim, até pelo fato de negar sua existência, torna-se natural a violência invisível.

Nas venturas e desventuras do exercício da profissão professor, um professor inseguro e sem condições de resolver as situações que fogem de seu controle encontra-se impossibilitado de sanar a questão da violência escolar, de reconhecer que seus direitos precisam ser respeitados dentro da unidade escolar e a necessidade de esclarecimento constante, dentro de um clima de harmonia, de modo a assegurar o bem estar da criança e do adolescente que perpassam pelas escolas com o fito de adquirir cidadania. Uma observação um pouco mais acurada torna fácil perceber essa sutil violência presente na escola, tendo em vista a angústia por parte dos professores e dos alunos que criam barreiras entre si, dificultando o reconhecimento da relação violenta que já faz parte do cotidiano profissional dos educadores e conseqüentemente de seus alunos.

Formados apenas para atender ao desenvolvimento cognitivo da criança na escola, os professores muitas vezes se tolfem na proteção da criança em seu espaço escolar por se sentirem sem as mínimas condições para fazê-lo, por não estarem preparados teoricamente para tanto. Dessa maneira, formam alunos alheios às aulas, sem compromisso, sem interesse e sem resultados satisfatórios. Prevalece apenas uma revolta embutida, possível de ser identificada, resultado da violência invisível, que aflora em atitudes de violência visível, que pode agravar-se, se não houver por parte do Estado e da escola um programa de ação que atenda às diferentes necessidades do aluno na escola, inclusive de proteção contra a violência.

Um fator que pôde ser resolvido na questão da violência invisível foi a falta de tempo programado para escutar esse aluno através de seus professores ou outro profissional apto a atendê-lo, um psicólogo por exemplo, com a finalidade de acolher para um diálogo a fim de verificar quais são as formas de violência existentes e, naturalmente, tratá-la, encaminhá-la e amenizá-la. Na inexistência de recursos

humanos e pedagógicos essa violência invisível fica patente apenas na sua parte visível, com a qual tanto alunos quanto professores convivem.

Não há indícios de violência quando os professores entrevistados desaprovam qualquer ato violento praticado às crianças em qualquer situação; parece-nos até haver um movimento para a conscientização desses professores, há atos de cordialidade, atenção e afetividade com os alunos; na forma de tratá-los, conversam com certa harmonia. As ações dos professores são mais corretivas do que preventivas; são atitudes bem intencionadas, mas que tropeçam nos direitos das crianças, e muitas vezes, impedem a transformação da realidade, pois passam pela negação dos direitos das crianças, o que impede o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, dificulta o desenvolvimento da autoestima dos alunos e dos professores, bem como a correta formação de valores entre os alunos, e os envolve em uma “exclusão escancarada”, outro sinal da violência invisível.

Há casos em que os professores disseram ser desnecessário denunciar a violência contra as crianças junto aos Conselhos Tutelares, embora em casos graves, tenham relatado que o acionam. A negação, no entanto, quando existe, é, sem dúvida, outra manifestação de violência invisível.

Assim, além do precário suporte do conhecimento científico à prática docente em relação às situações de violência escolar sofridas pelos sujeitos, os professores agem conforme sua capacidade adquirida ao longo de sua experiência cultural, mas não conseguem formar pessoas para lidar com o novo. O professor precisa ser incentivado a buscar soluções, de juntar-se a outros para pensar soluções.

Essa aceitação, esse comodismo e a falta de formação continuada, de criatividade, de posicionamento político sobre a educação e sua função, naturalizam a violência no contexto escolar e caracteriza-se por uma forma muito perversa cumprindo um papel na construção de um círculo de reprodução e retroalimentação de práticas violentas. Se esse círculo não for quebrado para despojarmos das idéias já constituídas de olhar para o fenômeno da violência existente na escola, novamente, professores, meninos e meninas serão as principais vítimas. Tanto a repulsa quanto a impotência, cristalizando as ações de violência, trazem consequências para o desenvolvimento psicológico da criança e do professor.

Aluno e professor tendem a ser vistos como sujeitos que passam de certa forma, de vítima a autor da violência escolar, outra manifestação da violência invisível que perpassa pela escola.

Ainda no que se refere à violência invisível, a pesquisa apresentou os alunos vítimas de uma violência advinda da casa, perpetrada por pais que corrigem seus filhos pela surra. Essas crianças, conseqüentemente acham também natural tratar seus colegas com tapas, pontapés e de forma grosseira na escola, o que foi observado algumas vezes em sala de aula.

A violência simbólica apresenta-se sutilmente no meio das pessoas e, de certa forma, ainda não é reconhecida totalmente pela comunidade escolar. Ao não enxergar que a escola pede socorro ao governo, o Estado perpetra uma violência com as famílias que vivem em condições precárias; ele é conivente com a violência na escola. Políticas públicas a respeito são urgentes porque os professores estão perdidos na questão da violência, limitados pelos conceitos e significados que lhe atribuem. Urge entender que é preciso despertar para o entendimento de como esses sujeitos identificam o fenômeno da violência, de como ele se manifesta no contexto escolar em suas práticas pedagógicas e de como é possível construir medidas de intervenção e prevenção. É a necessidade desses entendimentos que é revelada pela conclusão do presente estudo.

Muitos casos de violência são visíveis e resolvidos, outros caem no esquecimento, de certa forma ignorados como atos violentos, o que pode interferir no desenvolvimento psicológico da criança. Levantar algumas atitudes do professor como sutis e invisíveis formas de violência dentro do quadro de violência escolar foi uma das contribuições deste estudo, quando ele tenta estabelecer a relação do fenômeno da violência com a totalidade concreta.

As determinações nos ajudaram a superar a mera descrição dos fatos e a desvelar, pelas falas dos sujeitos, seus pensamentos e seus sentimentos em determinada situação, na qual, muitas vezes, não percebem com clareza a situação de violência e os interesses que dela decorrem, tanto no que se refere à sua ação imediata, como à sua estrutura, aos pensamentos e ações por ela despertados. Com essa contribuição, foi possível entender que, para que ocorra uma transformação em relação à violência escolar, é necessário que haja compreensão desse fenômeno complexo e também da história da educação no nosso país.

A pesquisa revelou ainda, que o educador do ensino fundamental de uma escola pública convive com uma situação de despreparo dos professores no sentido de entender e combater a violência escolar. Percebeu-se também que a violência ainda não é objeto de estudo nos cursos de formação inicial e continuada.

Entretanto, através da realização dessa pesquisa junto à escola, foi possível ver, entender e reconhecer as várias formas de violência existentes no ambiente escolar e - o mais interessante, embora seja essa uma triste realidade - descobrir que os professores ainda não as identificam por completo. Acredita-se, também, que se trata da constituição histórico-social de representações que estão por serem desveladas. Assim, fica evidente que a violência tende a ser um dos momentos que, embora vividos em sala de aula, mais impregnados estão pelo que acontece no contexto sócio-cultural mais amplo.

Nesse caso, consideramos necessário e urgente pensar nos saberes já construídos pelos professores com a finalidade de superar as práticas violentas adquiridas pelos diferentes indivíduos e disseminadas na educação, e proporcionar-lhes uma formação que lhes possibilite embora pareça utopia, intervir na violência, transformá-la, e preveni-la. A passos lentos, mas – acreditamos - que devem ser dados no sentido do início de outra prática. Pois o que detectamos foi que a questão da violência somente é discutida na escola no momento do planejamento e no cotidiano são apenas comentadas as atitudes a serem tomadas na medida que surgem os problemas.

Assim a questão da formação do professor, inicial ou continuada, aparece como uma das necessidades imediatas, para o desenvolvimento de saberes que possam ser transformados em meio para o combate a violência na escola, porque o professor em sua formação, não se tornou capaz de conhecer, aprender, resolver e prevenir a violência escolar. Eles têm lidado com essas situações sozinhos e, às vezes, compartilhando com seu colega de profissão com base em conhecimentos do senso comum.

Descobrimos que mudanças significativas se fazem necessárias nos cursos de formação com a finalidade de aprofundar o conhecimento dos professores no que se relaciona aos direitos humanos, às leis que permitem defender as crianças da violência, como o ECA, por exemplo. Entendemos que, sem essa postura, a escola não estará desempenhando a contento sua função social. Nessa ação, cabe aos órgãos competentes envolverem-se com a formação continuada de professores em exercício e conscientizá-los de que a violência escolar pode naturalizar-se cada vez mais no contexto da escola.

Com base nesse entendimento, é necessária a formação continuada do professor atuar de forma reflexiva sobre a prática dos professores de modo a alertar

os docentes para que tenham consciência de seu papel de mediadores nas interações, a fim de que sejam desveladas as formas sutis (às vezes inconscientes) de violência escolar. Isso significa torná-los professores conscientes e intencionalmente respeitadores de valores que priorizam o respeito e a afetividade entre os participantes do processo educativo, alertando também para os padrões de relacionamento entre os sujeitos da comunidade escolar, visando à melhoria da convivência através de um diálogo aberto entre todos os segmentos.

Um exemplo claro desse entendimento está no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH, 2009) que contém propostas norteadoras de novas formas de relações interpessoais e pedagógicas que ajudam a proteger a criança e o adolescente. Para a realização dessas propostas, o educador deve ser portador de um olhar humanista, devendo suas práticas educativas diárias ter gosto de vida; devem ter uma proposta de vida mais digna, mais saudável e mais humana. Só assim a práxis docente representará uma identidade constituída num caminho de construção de saberes, quer seja na vida pessoal quer na carreira profissional, pois os dados nos mostraram professores com muitas qualidades didáticas e pedagógicas, mas também com bastantes dúvidas em torno da prática docente adequada para o enfrentamento da violência, embora transparecessem gostar de exercer a profissão, demonstrando um vínculo positivo com a escola e grande envolvimento com seu trabalho e com os alunos.

A contribuição deste trabalho é despertar o professor para refletir sobre esses problemas; é chamar a atenção dos professores para a importância de planejar uma boa aula para atrair a atenção do aluno; de não chegar atrasado; de evitar sair mais cedo; de se atualizar; de não apresentar constantemente atestados ou licenças médicas; de não controlar seus alunos através de avaliações ou notas; de não ser autoritário; de estabelecer uma boa relação pedagógica e de diálogo com seus alunos. Por meio de uma relação harmônica e atendendo o aluno no espaço a ele destinado, as ações e atitudes do professor podem fazer a diferença no tocante à violência escolar, ou seja, uma pequena atitude que compromete a violência não resolvida no contexto escolar pode denotar causa de grande violência. Por isso, este trabalho pode trazer à classe de professores contribuições importantes para alertar sobre indícios de violência dentro da sala de aula.

Algumas escolas ainda não se veem violentas; acreditamos que lhes falta uma definição seja porque não querem aceitar a realidade seja porque apenas

desconhecem a verdadeira violência que as circunda a cada momento, sem que disso se apercebam.

Diante dessa naturalização, o interessante é perceber que os sujeitos reconhecem que algo está errado, mas não atinam com o que pode ser feito, o que vai agravando a situação e fazendo com que se aceite cada vez a violência visível e invisível que perpassa pela escola. Assim, encontramos alunos que disseram carecer a escola de melhores condições para atendê-los e até que os professores precisam ser mais valorizados para terem uma aula de qualidade. Em contrapartida, os professores também relataram que a escola precisa melhorar o espaço físico e oferecer melhores condições de trabalho para um melhor atendimento do aluno. Onde está a falha? Enquanto a resposta não chega, as crianças vão crescendo e se desenvolvendo nesse quadro de violência.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO Jorge e SCHULZ Matthias. A Tortura na História: a Antiguidade. *Revista Spiegel*, Online, <http://recantodaspalavras.wordpress.com>, 2009.
- ABRAMOVAY, Miriam et alii. *Escola e violência*. Brasília: UNESCO; UCB, 2002a.
- _____. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*, Brasília: UNESCO; BID, 2002b.
- _____. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO; Instituto Ayrton Senna; UNAIDS; Banco Mundial; USAID; Fundação Ford; CONSED; UNDIME, 2002c.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary. G. *Caleidoscópio das violências nas escolas*. Brasília: Mania de Educação-Missão Criança, 2006.
- ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana (RITLA); Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), 2009.
- ANDRÉ, Marli. *Pesquisa, formação e prática docente: o papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001.
- ADORNO, Sérgio. *A dinâmica da violência*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1987.
- _____. A violência na sociedade brasileira. *Sociedade e Estado*. v. 10, n.2, jul./dez., p. 299 - 342.1995,
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, Usos e abusos dos estudos de caso, *Cadernos de pesquisa*, v, 36, n. 129, p.637-651, set./dez. 2006.
- AMORA, Antônio Soares, *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 18^a ed. – São Paulo: Saraiva 2008.
- ANPED. *30 Anos de Pesquisa e Compromisso Social*. Anais da 30^a Reunião anual. Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>.
- _____. *Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação Pública*. Anais da 31^a Reunião anual, Caxambu: 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>.
- _____. *Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: Desafios e Compromissos*, Anais da 29^a Reunião anual. Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>.
- _____. *Educação no Brasil: O Balanço de uma Década*. Anais da 33^a Reunião anual. Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>

ANPED. *Sociedade, cultura e educação: novas regulações?* Anais da 32ª Reunião anual. Caxambu, 2009. Disponível em <<http://www.anped.org.br>>

AQUINO, Júlio R. Groppa. *Indisciplina o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cadernos Cedes*, n. 47, p. 7-19. 1ª Edição, dezembro 1998,

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AZEVEDO, M. Amélia e GUERRA, Viviane. (2001b). *Violência psicológica doméstica: Vozes da juventude*. Livro eletrônico disponível em: <www.ieditora.com.br>.

BALANDIER, Georges. *A desordem: Elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARTH, Britt-Mari. *O saber em construção: para uma pedagogia da compreensão*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

BLAYA, Catherine. *Educação, violência, juventude*. Campinas-SP: UNESCO, 1998.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Editora LDA, 1994.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. *O professor da educação básica e seus saberes profissionais*. 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Lições da aula*. Aula inaugural proferida no Collège de France. São Paulo: Ática, 2001.

BRANDÃO, C. R. *Humanizar é educar: o desafio de formar pessoas através da educação. Escritos abreviados*. Série cultura/educação, n.3, 2008. Disponível em: <www8.pr.gov.br/portals/portal/pde/texto_humanizar.pdf>.

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. *Lei nº 9.394 de 20/12/96 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?article807>>.

CALHAU, Lélío Braga. Bullying, criminologia e a contribuição de Albert Bandura Palestra proferida no I *Fórum Paraibano de Combate ao Bullying e incentivo á cultura de paz*. João Pessoa (PB), dia 28.03.2008.

CALLIGARIS, Contardo. Três conselhos para a educação das crianças. In: CALLIGARIS, C. et al. (orgs.). *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e ofícios, 1994.

CARDIA, N. A violência urbana e a escola. *Contemp. Educ.*, v.2, n.2, p. 26-99, 1997.

CARR, W. e KEMMIS, S. *Teoria crítica de la enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado*. Barcelona: Martínez Roca, 1988.

CASASSUS, Juan. *Fundamentos da educação emocional*, Brasília: UNESCO, Liber Editora, 2009.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Rev. Sociologias*. Porto Alegre, n.8, ano 4, p. 432-443, jul./dez.2002.

_____. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAUÍ, M. *Contra a violência*. Portal do PT, abril de 2007. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/portaltpt/>>.

_____. *Uma ideologia perversa*. São Paulo, Caderno Mais (5), p. 3, 14 mar., 1999.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência – ensaios de antropologia política*. São Paulo, Editora Brasiliense S.A. 1982.

CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CMDCA) Lei Federal, *ficha catalográfica*, Goiânia, Nov. 2001.

CONTRETAS, D.J. *A autonomia dos professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

CRIVILLÉ Alberto. A vivência dos professores que intervêm nos problemas de abuso e negligência das crianças, In: KRYNASKI, Stanislau (coordenador); José Raimundo da Silva Lippi, Salvador A. H. Célia e colaboradores. *A criança maltratada*. São Paulo: ALMED, 1985, p. 105-114.

CUNHA, Luís Antonio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*, Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

CUNHA, Maria Isabel da. *O professor universitário na transição de paradigmas*, 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 1998.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo: Cortez 1985.

DA MATTA, R. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: *Violência Brasileira* (P. S. Pinheiro, org.), pp. 14-28, São Paulo: Brasiliense, 1982.

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. *Violências nas escolas: dez abordagens européias* Brasília: UNESCO, 2002.

DUARTE, Newton. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski/Newton Duarte*. 4. ed. Campinas: Autores associados, 2007. (Coleção polêmicas do nosso tempo: v. 55).

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana / Marilda Gonçalves Dias Facci – Campinas, SP: Autores Associados, 2004. – (Coleção formação de professores).*

FALEIROS, V. de P. *Violência contra a infância*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 10, n. 2, p. 475-490, jul./dez. 1995.

FANTE, Cléo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, Verus, 2005, p.

FICHTNER, Nilo. A escola como instituição de maltrato à infância. In: KRYNSKI, Stanislau (coord.); LIPPI, José Raimundo da Silva; CÉLIA, Salvador A.H (col.). *A criança maltratada*. São Paulo: Almed, 1985, p. 87-93.

FIORENTINI, Dario; SOUZA, Arlindo José Júnior; MELO, Gilberto Francisco Alves de. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. In: GERALDI, Corinta M. G.; PEREIRA, Elisabete M. de A. *Cartografia do Trabalho Docente*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p.307 - 337.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa*, EGA, WWW.SABOTAGEM.REVOLT.ORG. Ano da Publicação Original: 1996, Ano da Digitalização: 2002.

_____. *Pedagogia do oprimido*, 17ª edição. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, M. T. de A. A Abordagem Sócio-Histórica como orientadora da Pesquisa Qualitativa. *Cadernos de Pesquisa* [online], n.116. pp. 21-39, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A formação e a profissionalização do educador: novos desafios. In SILVA, Tomaz Tadeu e GENTILLI, Pablo. *Escola S. A.* Brasília: CNTE, 1996.

_____. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani. (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 69-90.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*, Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GATTI, A. Bernadete. *Formação de professores e carreira*. Campinas: Autores Associados, 1997.

_____. Questões de método nas pesquisas em educação. In: _____. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano. Editora, 2002. Cap. 2.

GUERRA, V. N. A. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUIMARÃES, Áurea Maria, *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade*. Campinas: Autores Associados, 1996.

GUIMARÃES, Valter Soares, A socialização profissional e profissionalização docente: um estudo baseado no professor recém-ingresso na profissão. In: GUIMARÃES, Valter Soares (org.). *Formar para o mercado ou para autonomia? O papel da universidade*. Campinas, SP: Papirus, 2006, p. 129-150.

_____. *Formação de professores: saberes, identidade e profissão*. Campinas, SP: Papirus, 2004

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio (org.). *Vidas de professores*, 2. ed. Porto: Porto, 1995.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. *Violência psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor – aluno*. 2001. Disponível em <Koehler@guaranet.com.br>.

KRYNSKI, Stanislau. Considerações gerais sobre “a criança maltratada”. In: _____. Stranislau et al. (orgs.) *A criança maltratada*. São Paulo: ALMED, 1985, p. 1-10.

LESSARD Claude, A universidade e a formação profissional dos docentes: novos questionamentos. *Educ. Soc.* v. 27, n. 94, p. 201-227, Campinas jan./abr. 2006,.

LIMA, Paulo Gomes, *Formação de professores: por uma resignação do trabalho pedagógico na escola*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010.

LOUREIRO, A. M. L. Violência: paradoxos, perplexidades e reflexos no cotidiano escolar. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, v.3, n.5, p. 51-60, 1999.

LÜDKE Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. *Educ. Soc.*, vol. 25, n. 89, p. 1159-1180, Set./Dez. Campinas, 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da Violência*. São Paulo: Vértice, 1987.

_____. *Lógica da dominação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. *Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas (...)* - um estudo sobre a socialização da infância - valores, princípios e possibilidades de um educador transformador. 2004. 284 f. Tese (doutorado em educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

MAIA, Antônio C. Sobre a analítica do poder de Foucault. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, v.7 n.1-2 p. 83-103, outubro de 1995.

MALLARINO Isabel Ospina de. Criança maltratada em instituições. In: KRYNASKI Stanislau (coord.); LIPPI, José Raimundo da Silva; SALVADOR, A. H. Célia I. *A criança maltratada*. São Paulo: ALMED, 1985, p. 95-97.

MARCOVICH, Jaime. A criança maltratada. In: KRYNASKI Stanislau (coord.); LIPPI, José Raimundo da Silva; SALVADOR, A. H. Célia I. *A criança maltratada*. São Paulo: ALMED, 1985, p. 19-24.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. *Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola*. São Paulo: Annablume, 2007.

MARTINS, Vicente. Como Educar em Valores na Escola. 2005. Disponível em <<http://www.tutomania.com.br/>>. Acesso em 23 de novembro de 2009.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed. São Paulo, Nova Cultural 1988, v. 1, t. 1. (Os pensadores).

MAZZOTTI, Alda Judith Alves, Usos e abusos dos estudos de caso, *Cadernos de pesquisa*, v, 36, n. 129, p.637-651, set./dez. 2006.

MEDRADO, Hélio Iveson Passos. Formas contemporâneas de negociação com a depredação. *Cadernos Cedes* nº 47, 1ª Edição p. 81-103, dez.1998.

MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Contextualização do Debate sobre Violência contra Crianças e Adolescentes In BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria da

Atenção à Saúde. *Violência faz mal à saúde*. Coordenação de Cláudia Araújo de Lima et. al. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et alii. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciênc. saúde coletiva* [online], v.4, n.1, pp. 7-23, 1999.

MORAES, Célia Ribeiro e outros. *Diversas formas de violência no âmbito escolar: retratos de uma experiência*. Manaus: Universidade da Amazônia (UNAMA), 2005.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissionalização docente. In Nóvoa, A. (org.) *Os professores e sua formação*, 5. ed. Lisboa: Publicações Quixote, 1997, p 15-33.

_____. *Profissão professor*. Porto: editora LDA, 1995.

ODALIA, N. *O Que é a Violência*. (Coleção Primeiros Passos, n.º 85) 6. ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia e Sociedade*, v.19, n. 1, p. 90-98, Jan./Abr., 2007.

OLIVEIRA, M. K. de. Letramento, cultura e modalidades de pensamento. In, KLEIMAN, A.B. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2001a. p.147-160.

ORTEGA, R.; DEL REY, R. *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília: UNESCO; UCB, 2002.

PERRENAUD, Philippe. *Práticas pedagógicas profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória e História: as marcas da violência. *Revista de história e estudos culturais*, v. 3, ano III, nº 3, , p. 1-15, UFRGS, 2006

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: A revolução mundial e o Brasil, 1919-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PORTO, Maria Stela Grossi. Violência. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 265-277, jul./dez. 1995.

_____. Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias* [online]. n.16, p. 250-273, 2006.

PRIOTTO, Elis Palma. *Violência escolar: políticas públicas e práticas educativas*. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifca Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v.9, n.26. p. 161-179, jan. / abr. 2009.

RIFIOTIS, Theophilos. *Nos campos da violência: diferença e positividade*. Departamento de Antropologia Laboratório de Estudos das Violências (LEVIS) Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~levis/visrj.htm> 13/11/2006>.

RODRIGUES, Elizabeth Garcia, *Descaminhos de desenvolvimento humano*. In: ALMEIDA, Ângela M. de O; PULINO, Lúcia H. C. Z. (orgs.) *Projeto Bem-me-quer: Fórum de combate à violência*. Brasília: Prática, 2000.

RODRIGUES, Leila Oliveira; ARRAES Lélia A; SALES Gláucia H. A. Violência escolar, formação de professores: conceitos publicados nos periódicos da área da educação, psicologia, sociologia e saúde pública. *X Encontro de pesquisa em Educação da ANPED Centro Oeste*. Uberlândia: FAGED, julho de 2010.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis, Vozes, 1994.

SACRISTÁN J, Gimeno; PÉREZ GÓMES, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação dos professores. In: NÓVOA, António (org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995, p. 63-88.

_____. A prática é institucionalizada: o contexto da ação educativa. In: _____ (org.). *Poderes Instáveis em Educação*. Trad. Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 70-98.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 237-280, outubro, 2002.

SANTOS, José Vicente T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educação e Pesquisa*, v.27, n. 1, p. 105-122, São Paulo, Jan./Jun. 2001.

SAVIANI, Dermeval. *O legado educacional do século XX no Brasil* (Coleção Educação Contemporânea). Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. O plano de desenvolvimento da educação: análise do projeto do MEC. *Educ. Soc.* Campinas, SP, v. 28, n.100, Especial, p. 1231-1255, out. 2007.

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações* / Dermeval Saviani, - São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1991. – (Coleção polêmicas do nosso tempo ; v. 40).

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo, um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SECRETARIA Municipal de Educação de Porto Alegre. 10 pontos para prevenção no meio escolar. In: *Programa de Prevenção à Violência nas Escolas da Rede Municipal 1996-2011*. Disponível em: <<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?article81>>

SEYFERTH, G. Algunas consideraciones sobre identidades étnicas y racismo en Brasil. *Revista de Cultura Brasileña*. Madrid: Embajada de Brasil en España, marzo, p. 54-78 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Maria Aparecida Alves da. *A violência física intrafamiliar como método educativo punitivo-disciplinar e os saberes docentes*. 2008. 224 f. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A farsa do neoliberalismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira R. de. A complexidade, a escola e o aprender-ensinar. *Encontro de pesquisa em educação da região Centro Oeste*. ANPED: Campo Grande: 2006.

_____. Universidade processo de ensino aprendizagem e inovação. In: *Educação tendências e desafios de um campo em movimento*. Anais do 9º Encontro de pesquisa em educação da ANPED Centro Oeste. Brasília, 2008.

SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira R. de; GUIMARÃES, Valter Soares., MAGALHÃES, Solange Martins de Oliveira *La red latinoamericana de estudios sobre trabajo docente – nuevas regulaciones en America latina* REDESTRADO. Buenos Aires, 2008.

SPINK, M. J. Investigación cualitativa en salud: superando os horrores metodológicos. In: BRONFMAN, M.; BRONFMAN, R. Castro (orgs.), *Salud, cambio social y política*. Perspectivas desde América Latina. México: Edamex; Instituto Nacional de Salud Pública, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes. *A instituição escolar e a violência*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 1998.

_____. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*. v.27, n 1, p. 87-103, São Paulo: Faculdade de Educação da USP 2001.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAUBENSCHLAC, Ilda Moreno de. Significado do maltrato psicológico nas diferentes etapas do desenvolvimento. In: KRYNSKI, Stanislaw (coord.); LIPPI, José Raimundo da Silva; CELIA, Salvador A.H. *A criança maltratada*. São Paulo: Almed, 1985.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. Violência, insegurança e imaginário do medo. *Cad. CEDES* [online]. vol.19, n.47, p. 51-66, 1998.

TIBA, Içami. *Disciplina: limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, Gilberto. O desafio da violência. *Estud. av.* [online]. v..14, n. 39, p. 56-60, 2000,

_____. *Cidadania e violência*, Marcos Alvito. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1996.

VIGOTSKY, Lev. Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência III. Os jovens do Brasil*. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2002.

WASELFISZ, Julio Jacobo; MACIEL, Maria. *Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco*. Brasília: UNESCO, 2003.

WESTPHAL, Márcia Faria. *Violência e criança*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

WIEVIORKA, Michael. O novo paradigma da violência. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, maio, p. 54-81. 1997

XAVIER, Marlon. Arendt, Jung e Humanismo: um olhar interdisciplinar sobre a violência. *Saúde e sociedade*. [online]. vol.17, n.3, p. 19-32. 2008.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. [online]. v. 16, n. 45, p. 145-164. 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

ENTREVISTA/PROFESSOR

UM POUCO DA SUA HISTÓRIA COMO PROFESSOR (A)

SUJEITO ENTREVISTADO: (NOME LÚDICO)

DATA:

1º eixo – HISTÓRICO DO ENVOLVIMENTO COM A ESCOLA

1. Quais foram os primeiros contatos com a escola? Como esses contatos ocorreram? É concursada? Tem vínculo com a Secretaria da Educação? Quanto tempo atua no magistério? Qual sua formação e qual o curso?
2. Quando iniciou, quais eram suas expectativas quanto a escola?
3. Para você qual a maior dificuldade em atuar como professor (a)?

2º eixo- REGÊNCIA DA SALA DE AULA E CONHECIMENTO

4. Como vê a violência? Sabe dar um conceito a violência?
5. Sabe identificar os tipos de violência?
6. Como pensa que a criança deve ser corrigida? Em qual situação considera a correção da criança como violência?
7. Sabe descrever a violência escolar? Já se viu envolvida em com ela? Quer comentar?
8. Como você classificaria a violência no contexto da sala de aula e as possibilidades de mudanças para reverter essa situação.
9. Quais foram às principais dificuldades que já enfrentou até hoje com alunos no que se refere a:
 - Articulação com os alunos problema em sala de aula
 - Encaminhamentos de alunos de comportamento difíceis à coordenação pedagógica

- Exigências da escola para uma boa disciplina dos alunos

3° eixo- CORROBORAÇÃO COM A PESQUISA A QUAL PARTICIPA.

10. Quais seriam as características que você destacaria como contribuição para o êxito dessa pesquisa.
11. Na leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se destaca que essa pesquisa está estruturada para atender os requisitos de um estudo de caso numa perspectiva histórica, mostrando os caminhos trilhados pela violência escolar. Quais seriam suas considerações quanto a esse aspecto?

4° eixo- OPINIÃO PESSOAL SOBRE A PESQUISA

12. Quais são suas considerações quanto ao resultado das pesquisas, especificamente essa que se refere à violência na escola.

ENTREVISTA/ALUNO

SUJEITO ENTREVISTADO: (NOME LÚDICO)

DATA:

1° eixo – HISTÓRICO DO ENVOLVIMENTO COM A ESCOLA

Ciclo:

Turma:

1. Quais foram os primeiros contatos com a escola? Como esses contatos ocorreram?

1.1. Quais suas expectativas quanto à escola

2. Quanto tempo você estuda nessa escola?

3. O que motiva vir para a escola?

4. Para você qual a maior dificuldade encontrada na sala de aula?

2° eixo- CONVIVÊNCIA NA SALA DE AULA/CONHECIMENTO

5. Sabe falar o que é violência?

6. Sabe descrever a violência escolar?

7. Quando acha que uma pessoa está agindo com violência?

8. Observa muitas cenas de violência ao seu redor? Se sim quais e o que acha disso?

9. Quando percebe a violência entre as pessoas, o que pensa?

10. Fazendo uma retomada do que vivenciou até hoje em sala de aula, como você pode relacionar com uma ação violenta? Percebe índices de violência dentro da sala de aula? Professor ou alunos? Pode descrever? Se sim como acha que deve evitar?

3° eixo- CORROBORAÇÃO COM A PESQUISA A QUAL PARTICIPA.

11. Como pode contribuir para o êxito dessa pesquisa.

12. Quais seria sua ajuda quanto a esse aspecto?

4° eixo- OPINIÃO PESSOAL SOBRE A PESQUISA

13. Como você classifica a pesquisa sobre violência no contexto da sala de aula como possibilidades de mudanças para reverter ou prevenir essa situação?

APÊNDICE 2

Resumo das entrevistas PROFESSORES

Sujeitos Professo- res	Idade	Formação	Vida profissional/Classe social	
FEMININO	P1	52 anos	Letras e pedagogia	Trabalho nos três turnos, manhã tarde e noite, em um dos turnos não vou em casa e sim fico direto na escola, vivo da renda e tenho uma vida tranquila.
	P2	27 anos	História	Trabalho sete anos na educação, sempre na rede privada, entrei na rede pública ano passado. Fiquei muito chocada com que vi nos primeiros meses aqui, que até sonhava com a outra escola, hoje já consigo lidar melhor com as crianças, com a vida que eles tem, conforme digo: “na verdade o que eles fazem na escola é o reflexo da sociedade que eles vivem lá fora, então eu, eu sofri um pouco dessa diferença de não saber as vezes lidar e quando a gente entra realmente não tem formação nenhuma, nem formação, nem informação, mas em nenhum momento eu pensei em desistir, eu pensei em aprender, eu queria aprender como lidar com eles, com o tempo a gente vai aprendendo, você vai experimentando as experiências vão nos ensinando muitas coisas, eu só tenho um ano de experiência”.
	P3	46 anos	Pedagoga	Já passei umas dificuldades financeiras na vida eu falava: “eu nunca pensei que precisasse fazer crochê para ter dinheiro, [...] estudei e hoje trabalho de contrato especial na educação.
	P4	45 anos	Letras	Estou na educação há vinte e cinco anos, trabalho na rede estadual, na rede municipal de ensino entrei há dois anos. Eu atuo na rede estadual como professora de Língua Espanhola e na rede municipal como professora de Língua Portuguesa.
	P5	35 anos	Pedagoga	Prestei concurso para que Auxiliar de Serviços Higiene e Alimentação (ASHA), então eu trabalhava na limpeza e cozinha do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Só que assim que comecei a trabalhar, seis meses depois fui colocada em desvio de função, para ser agente educativo, depois fiz pedagogia prestei concurso passei e tomei posse e desisti do contrato de ASHA.
	P6	34 anos	Letras	Tenho um projeto de comprar uma casa, é por isso que eu peguei dobra de carga horária. Eu sou uma pessoa que nasci praticamente nasci e cresci em periferia
	P7	23 anos	Pedagoga	Nunca trabalhei na rede pública de educação, esse é o meu primeiro contrato, minha experiência é na rede privada de ensino. Encontramos algumas dificuldades como a infra-estrutura, a falta de alguns profissionais administrativos, mas apesar das dificuldades que encontrei, tenho aprendido bastante aqui, aprendi a lidar com o contexto de escola pública.
MASCULINO	P8	52 anos	Matemática	Trabalho nos três turnos, dois períodos na rede municipal e um na rede estadual.
	P9	27 anos	Educação física	Acho que se a pessoa está no meio em que só vê coisa ruim, agressão, droga, espancamento, fica difícil, mas o diálogo é a principal forma de combater a violência. Eu fui criado no diálogo.
	P10	34 anos	Matemática	Já trabalhei como pró-labore no Estado, com um ano e meio eu fiz concurso passei, então tenho onze anos de Estado. No município eu sou contrato. Estou no meu nono ano de contrato.

1º EIXO - TRAJETÓRIA DO (A) PROFESSOR (A) NA EDUCAÇÃO		
FEMININO	P1	Conheço outras realidades porque trabalho em outra escola, tenho dois concursos: um de pedagoga e outra de professora de português. Trabalho os três períodos; de manhã na rede particular e a tarde e noite na sala de aula, ambos na rede pública.
	P2	Sou concursada pela rede municipal, trabalho nessa escola desde o mês de janeiro. Na verdade eu queria assumir sala de aula, como professora de história no turno vespertino, como não tinha vaga, eles me ofereceram a vaga para coordenação de turno e eu aceitei.
	P3	Ingressei na educação trabalhando com alfabetização de adultos e até hoje estou na educação, já trabalhei em CMEI, mas não sou concursada, sou contrato no município.
	P4	Sou concursada pelo Estado e prefeitura. Estou na educação há vinte e cinco anos, trabalho na rede estadual como professora de Língua Espanhola e na rede municipal como professora de Língua Portuguesa, tem dois anos que eu tomei posse. Estou no período probatório.
	P5	Comecei a lecionar no ano de 1993, recém formada no magistério fui atuar na rede particular, passei por três escolas, sempre sai de uma e já recebendo o convite para outra, vivenciei educação infantil, ensino fundamental nessas escolas, depois desse período conheci essa escola no ano de 1999, como Contrato Especial fiquei trabalhando aqui e na rede particular. Depois prestei concurso para ASHA, então eu trabalhava na limpeza e na cozinha em um CMEI. Terminei no ano de 2006 o curso de pedagogia e prestei concurso. Passei, tomei posse e fiquei no mesmo CMEI, porque eu trabalhava lá na limpeza, eu queria tomar posse e trabalhar lá mesmo como professora. Fiquei lá e depois pedi remoção para cá.
	P6	Comecei na educação em 2002 no programa do Serviço Social da Indústria (SESI), educação trabalhador, tele curso 2000, trabalhei como estagiária de 2002 até final de 2004, após trabalhei como professora de Língua Inglesa numa escola particular. Trabalhei em duas escolas particulares no ano de 2006 e 2007. Tomei posse na prefeitura em 2009 e estou trabalhando na prefeitura pela primeira vez. Estou em estágio probatório até 2012. Mas aqui nessa escola estou como dobra de carga horária.
	P7	Trabalho como contrato especial. É o meu primeiro contrato, não tinha experiência na rede municipal nem no Estado anteriormente só na rede privada de ensino.
MASCULINO	P8	Minha trajetória na rede municipal de educação começou em 2002 quando eu fui aprovado no concurso e tomei posse direto nessa unidade educacional, Ciclo II, aqui estou até hoje, mas trabalhava também no Estado no turno matutino.
	P9	Formei-me em educação física já pensando em trabalhar na educação. Então prestei concurso e fui aprovado. Tomei posse em 2009.
	P10	Comecei há treze anos como pró-labore no Estado onde fiz concurso e passei, tenho onze anos de Estado e de município sempre sou contrato, já vou para o meu nono contrato só no município, fiz concurso mas não passei.
2º EIXO - O QUE O (A) PROFESSOR (A) ACHA DA ESCOLA		
FEMININO	P1	Gosto daqui, não quero sair daqui, é um desafio para mim, apesar da poeira que é aqui, mas eu gosto daqui. Eu me propus a cada diretor que entrar, que assumir eu me proponho a ajudar. Eu quero ser uma pessoa que vem somar contribuir, isso eu não abro mão.
	P2	Eu acho que essa escola ainda precisa melhorar muito na questão estrutural, a estrutura da escola dificulta muito nosso trabalho com os alunos, tanto pedagógico quanto disciplinar, acho que a estrutura prejudica muito o nosso trabalho.
	P3	Eu acho essa escola muito boa, tem uma equipe de trabalho maravilhosa, eu penso que essa escola só precisava ser assistida melhor pela secretaria no espaço físico, porque tem espaço e tem a necessidade, precisava ter uma quadra de esporte, eu penso que esse espaço precisava ser mais utilizado, mas enquanto escola eu gosto, não tenho nada a reclamar.
	P4	Já trabalhei em várias escolas em Goiânia da rede pública como contrato antes de prestar o concurso, já trabalhei inclusive em uma aqui no bairro vizinho, não achei muita diferença não, eu acho que é essa a maneira da criança ser, independente do lugar, é claro que tem talvez um nível de escolaridade dos pais, que pode influenciar um pouquinho, mais eu

		acho que não é tanto não, isso não atrapalha muito nossa convivência com os alunos. Eu gosto do que faço, acho que está dando um bom resultado. Eu gosto daqui do lugar que trabalho, o mais importante é você gostar do pessoal, você se sentir bem no lugar que trabalha. Eu recebi até proposta para sair, porque todo final de ano podemos remover para outro lugar que quiser, eu não quis sair daqui, eu só pedi a direção para me trocar de turno, e eu gosto de trabalhar aqui, estou me sentindo bem, estou vendo que estou tendo progresso no nosso trabalho sobre violência, está melhorando cada vez mais.
	P5	Quando eu cheguei aqui eu assustei um pouco, porque na época que eu trabalhei aqui como contrato a violência fora daqui era muito maior. O pessoal tinha acabado de vir para cá, aqui tinha acabado de ser inaugurado o setor tinha acabado de receber as pessoas que formam removidas para cá, aqui tinha muita violência. Quando retornei senti que a escola estava diferente, antes a escola parecia bem cuidada, não tinha pichações, não tinha depredações. As crianças tinham uniformes, andavam limpinhas, traziam materiais, hoje eu vejo que parece que a violência lá de fora, está disfarçada e veio para dentro da escola. Eu vejo que precisa de mais cuidados com a estética. Precisa de mais cuidados de vínculos, os nossos alunos, sentem essa falta do vínculo, da afetividade, para mim a estética da escola é o reflexo da afetividade.
	P6	Gosto muito da escola, gosto muito da equipe de trabalho, dos alunos. Ouvia falar coisas negativas dessa escola, mas decidimos formar um grupo de trabalho forte para mudar essa impressão.
	P7	Estou aqui de contrato especial, é o meu primeiro contrato, não tinha experiência na rede pública, só na rede privada de ensino e estou gostando porque eu acredito que como educadora, como formadora de opiniões eu tenho feito uma diferença aqui no contexto desses alunos e acho interessante a administração da escola pública, do esquema pedagógico, administrativo, é bem diferente e eu estou gostando dessa experiência, estou aprendendo bastante.
MASCULINO	P8	Eu gosto muito dessa escola, apesar das dificuldades que já tivemos aqui, penso que já foram bem maiores e atualmente a gente pega amor pela escola principalmente pelos alunos da escola, pega amor mesmo.
	P9	Havia muita briga e muita agressão, colegas que não tinham muita paciência com o aluno, porque aqui o aluno é barra, é filho de drogado, traficante, assaltante, presidiário, mãe comanda a boca de fumo e todo isso. Acho que por isso a SME indicou a escola para essa pesquisa
	P10	Acho aqui uma escola normal, tem a questão da agressão de um aluno com o outro o que é normal, o que acontece em todas as escolas e também é proporcional a educação que eles têm em casa, por exemplo, quando você vai chamar um pai e uma mãe para conversar, o pai e a mãe não espelha nada para o aluno, aí então se você não tem uma educação em casa como você vai se portar como uma pessoa educada.
3º EIXO - COMO DESCREVE O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS		
FEMININO	P1	Eu não os percebo motivados, percebemos que o conhecimento deixa de ser valor, se não tem interesse não tem porque está com a atenção voltada para o que está sendo dado, então eles brigam. Um agride o outro seja verbalmente até fisicamente muitas vezes, aqueles mais exaltados, se um fala uma coisa que não gostam eles são mais rápidos do que os professores. Nós enquanto professores tentamos evitar que eles se agridem seja verbalmente ou fisicamente, de ambas as formas, mas de repente eles são mais rápidos que a gente, você nem espera que o aluno tenha uma atitude agressiva, em determinado momento você nem espera. Eles são mais rápidos do que os professores.
	P2	Eles são inquietos, são muito inquietos, tem dificuldade de concentrar na aula, tem dificuldade de concentrar no conteúdo, de maneira geral, eu falo porque eu vejo do lado de fora, eu não fico o tempo todo na sala de aula, mas o que eu percebo às vezes do lado de fora é isso, geralmente todos os casos de indisciplina que a gente vê aqui na escola, ele começou nessa inquietação, aí o aluno levanta, começa mexer com o colega, deixa de fazer a tarefa e acaba surgindo uma briga, um comentário, alguma coisa, eu acho que eles são um pouco inquietos. Mas o próprio turno vespertino já comprovou que é isso pelo calor, pelo horário. Eu acho que tem alguns alunos que tem atitudes violentas, alguns alunos, não posso falar que os alunos são violentos, porque tem muitos alunos que são bem pacíficos aqui na escola, mas tem alguns alunos que transmitem violência, tanto verbal, quanto física.

FEMININO	P3	Nós temos alunos mesmo aqui na escola que é indisciplinado e é agressivo com os colegas, você chama pai e mãe para conversar, eles falam na nossa frente: “vou quebrar sua cara, lá em casa eu te acerto!”, avança no menino quase que dentro da escola, você já vê que o problema não é só na criança é na família.
	P4	Acho aqui uma escola normal, os alunos daqui são como os das outras escolas, com comportamento de crianças inquietas, sempre querendo mais, ou não querendo às vezes, conforme a aula que a gente prepara é a receptividade deles. Eu percebo assim que tem alguns que tem dificuldade de disciplina por estar muito integrada a brincadeiras e tem dificuldade de aprendizagem, porque não são ainda alfabetizados, então se não são ainda alfabetizados, leva para o lado da bagunça e no lugar de fazer as atividades que a gente sugere durante as aulas, eles aprontam bagunça.
	P5	A primeira coisa que eu ouvi quando aqui cheguei foi: “nossa, esses meninos do Ciclo II são muito difíceis [...]” e contavam coisas que aconteciam, do tipo, brigas, palavrões, não só eles faziam entre si, mas com os próprios professores. Eu fiquei até com um pouco de receio, mas eu gosto de desafios. Quando precisava pegar aquela turma, eu dizia: “eu quero ir!”. Então peguei F3 do ano passado, depois que eu peguei, alguns falaram: “você escolheu a mais difícil!” Respondi: “eu não acho que sejam os mais difíceis” pelo contrário, eu falava com eles que eles eram muito importantes para mim, que eles eram os melhores alunos da escola e fui criando uma afetividade, entre eu e eles, e a gente tinha uma parceria muito grande.
	P6	Eu percebo assim existem alunos que tem um comportamento adequado, que são interessados que querem aprender, querem passar de ano e querem ir para frente nos estudos, e tem aqueles alunos que a gente percebe que estão na escola ou por exigência dos pais ou porque na escola tem algumas atividades que lhes interessam, mas em termos de estudo, em termo de desenvolvimento de aprendizagem eles não dão muita importância.
	P7	Na sala que dá trabalho, às vezes fica complicado e altera a qualidade do ensino. Mas na escola no geral, a maioria dos alunos tem um comportamento habitual da idade de adolescente, a maior parte não tem dificuldade de disciplina, mas tem uma parcela de alunos que sobrecarregam até os professores, a coordenação pelo excesso de indisciplinada, de irresponsabilidade, mas é apenas uma parcela, não é um todo, são pequenos grupos em cada. Na sala que dá um trabalho às vezes é complicado e altera a qualidade do ensino.
MASCULINO	P8	Já presenciamos muitas brigas aqui, já tivemos necessidade de mandar muitas vezes alunos para o Departamento de (DEPAI), ter que chamar a polícia diversas vezes, já tivemos envolvidos aqui alguns alunos furtando materiais de outros alunos, a questão do bullying, aquele negócio que começa dentro da escola e vai terminar lá na rua, já tivemos pais querendo bater em aluno, em filhos dos outros aqui dentro tudo isso aqui a gente já teve.
	P9	Os alunos em minhas aulas são bem tranquilos, mas eu procuro conversar com eles, mostrar para eles os limites e as regras sem que os sintam magoados, outro dia, não sei se foi a aula que você observou, fiz uma brincadeira de postos, eles não queriam, mais aí o que fiz, coloquei os cones e determinei que tipo de brincadeiras eles queriam brincar, ou seja quando eles não querem mais eu dou um jeito para eles fazerem sem conflito.
	P10	Comparados com comportamento de alunos de outras escolas, o comportamento deles é até bom, eu mesmo não tive nenhum problema em questão de violência, tem a questão da agressão de um aluno com o outro o que é normal acontecer em todas as escolas e também é proporcional a educação que eles têm em casa, quando você vai chamar um pai e uma mãe para conversar, o pai e a mãe não espelha nada para o aluno, aí então se você não tem uma educação em casa como você vai se portar como uma pessoa educada. Com certeza, com certeza que a criança trás o comportamento violento de casa, mas nunca tive problema nessa escola.

4º EIXO - O QUE É VIOLÊNCIA, CONCEITO E O TIPO DE VIOLÊNCIA

EMININO	P1	A violência que está clara, a gente percebe através de palavras ou da agressão física. Passa também pela violência simbólica, que não é só exercida pelo professor, mas que passa muitas vezes a ser exercida pelo próprio aluno. Não parece violência mais é como as notas, o professor pode dizer assim vou dar uma prova, se não ficar quieto, não estou dizendo que ele fala, porque você me perguntou só a respeito do conceito, não estou falando no caso dessa escola, é no geral, mas o professor pode dizer: “você vai ver a prova que eu vou preparar” Então existe a gente sabe, e na pedagogia a gente estuda muito isso. Existe aquela violência que aparentemente não é violência mais é.
	P2	Violência, eu acho que é toda vez que uma pessoa agride a outra, seja fisicamente, verbalmente ou moralmente. Esses são os tipos de violência, física, moral, verbal e visual, a nossa própria visão é agredida, há violência auditiva. Toda vez que a gente se sente agredido em um desses sentidos, sofremos um tipo de violência.
	P3	Não eu não sei o nome de todos, eu só sei que eu tenho visto acontecer muitas vezes violência com as crianças. Há agressão verbal e física que as vezes assusta. Como aqui, são crianças da mesma comunidade, eu nunca penso que eles se agredem fisicamente, mas eles se agredem sim fisicamente, se não tiver a intervenção do professor o outro funcionário da escola, eles se agredem, tem coisas que eles começam em tipos de brincadeira e depois apelam.
	P4	Eu penso que violência é assim, há a bagunça normal, de menino conversar, gritar, cantar, falar muito, isso daí eu não vejo como violência, eu vejo a violência a partir do momento que ele começa a agredir aos colegas com palavras, com palavrões, ou mesmo um caso ou outro que acontece aqui que não é muito difícil, é de um jogar alguma coisa um no outro. A violência física aqui é muito difícil de acontecer, mas já aconteceu muito. de vez em quando acontece de perder a paciência, de querer bater no colega, nesse ponto eles são assim até bem unidos, um protege o outro e não briga de bater, mas com palavras às vezes acontece de um agredir o outro, até agredir aos professores, aqui quase não acontece, acontece mais a verbal, com palavras. Existe também a violência psicológica, a de fazer um tipo de castigo, essas coisas, acho que aqui não, aqui não aplica esse tipo não.
	P5	Não falou a respeito.
	P6	Para mim a violência é tudo que afeta a liberdade do outro, afeta a integridade física e mental. Tem a violência verbal também que é muito prejudicial, porque no começo dos nossos trabalhos aqui, gente percebia que o linguajar dos alunos era de muito baixo calão, a gente sabe que está dentro da casa deles, dentro da família, no círculo social. Eles não percebem que isso é prejudicial, que isso os torna mal visto pela sociedade, os torna pessoa de periferia vamos dizer assim. Agora eu vejo, assim, a violência para mim que sou do senso comum é sermos roubados, mortos, assaltados, para mim tudo isso se resume à violência, é violência contra mulher que infelizmente, apesar de estarmos em pleno século XXI, em um desenvolvimento vamos dizer assim tecnológico imenso, da força de trabalho o homem ser capaz de maltratar uma mulher para mim é uma coisa assim. Inaceitável.
	P7	Conceito de violência que conheço, não sei lhe falar, definir essa palavra agora de consciência não porque até é muito amplo, mas a gente vê a violência quando agride o outro ou a nós mesmos. Então tem a violência verbal, a violência física, emocional que é através de palavras e da agressão física mesmo, acho que essa é a que eu tenho lidado.
MASCULINO	P8	Existe a violência física, que é muito fácil de identificar, quando um bate no outro, quando um furta alguma coisa do outro, quando um fala mal do outro, essa é a violência física, essa é mais fácil de identificar, mas existe a violência psicológica também, essa é mais sutil, os alunos fazem entre si, e muitas vezes os profissionais da escola fazem também com os alunos, mas muitas vezes fazem sem perceber mesmo, a gente faz sem perceber, eu me incluo nisso também porque, embora eu tenha me vigiando cada vez mais para que isso não aconteça comigo, mas não sou isento de que aconteça não.
	P9	É meus colegas até me entrevistaram sobre a violência de gênero, então são essas até que vão surgindo aí, são vários conceitos que até se perde.
	P10	Violência como se diz respeito começa desde violência verbal, violência moral como até mesmo a agressão física.

5º EIXO - CONHECE ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA QUE ENVOLVE A ESCOLA / VIOLÊNCIA ESCOLAR		
FEMININO	P1	Os alunos aqui resolvem é batendo mesmo! Porque eles não têm argumento, não foram ensinados a dialogar, a falar: “olha você falou isso, eu não gostei”. Na verdade, a gente lida com menino, menino tem um pouco disso mesmo. A gente sabe que menina pode andar de mãos dadas ninguém fala nada, e menino já não pode, eu não posso, mas eu quero te tocar, mas eu não posso pegar na sua mão, te abraçar. Então eu te bato. Você nunca viu os meninos falar? Não professora é brincadeira! Então eles estão se batendo e estão dizendo que é brincadeira, então essa é a necessidade muitas vezes que o menino tem de estar em contato com o outro, mas não pode, então eu bato.
	P2	Eu acho que aqui tem alguns alunos com atitudes violentas, não posso falar que os alunos são violentos, porque tem muitos alunos que são bem pacíficos também, mas há alguns alunos que transmitem violência, tanto verbal, quanto física. Há alunos que batem por bater, passa vê o colega e dá um chute no colega para machucar, um chute para machucar mesmo, não é brincando não, ele quer é bater mesmo, com toda força. Aconteceu esses dias uma brincadeira na sala de aula, extremamente desnecessária e maldosa, no final da aula eles fizeram um movimento como se fosse uma dança e aí na hora que eles terminaram o movimento da dança, o último da fila saiu e deu um tapa na cabeça da colega que não estava participando da brincadeira, um tapa forte, além dela assustar pela pancada, assustou porque não estava participando, não esperava. Esse no caso é como uma brincadeira entre aspas, mas que também eu considero como violência.
	P3	Não vejo violência, só fico sabendo às vezes pelos colegas que comentam, mas eu nunca presenciei nenhuma. A violência mais frequente deles são as palavras grosseiras e palavrões, mas além dessa verbal e física não há outra não.
	P4	A violência aqui é mesmo de falar mal, de maltratar não, mas de querer fazer gracinha, de querer aparecer para o colega porque está vendo-o fazendo as atividades, está lendo os textos produzidos, e o dele não. Percebo que ele leva para outro lado, o lado da bagunça, para se destacar de alguma maneira. E isso que incomoda a aula, nesse caso temos que tomar atitude, vê o que faz, chamar esse menino para aula e modifica a maneira de falar com ele, de pedir para ele fazer, tentando até encontrar um caminho, mas assim no geral eu acho até que melhorou bastante, porque já não está tão grande a indisciplina, igual era no comecinho, no ano passado quando eu entrei aqui por exemplo, eu acho que esse ano já está dando uma melhorada, está bem visível.
	P5	Vivenciei esse ano, em minha sala, que uma aluna pegou um canivete, para amedrontar outro aluno. Mas em momento algum ela se negou a entregar o canivete para mim. Quando eu perguntei: “o que está acontecendo, porque você está com ele escondido?”. Eu blefei, falando que tinha visto, quando eu falei: “eu vi, põe na minha mão” ela, pois na minha mão, era um canivete suíço.
	P6	Em março ou abril, havia alguns alunos aqui que falavam em fazer umas correrias na hora do intervalo, depois nós descobrimos que as correrias deles era um tipo brincadeira de cadeirinha, pegar os alunos e segurar durante o recreio para só na hora de tocar o sinal soltar. É a brincadeira deles. Um aluno me encarou uma vez na sala de aula, não aqui nessa escola, mas ele só não levantou a mão para mim, mas ele me encarou com muita raiva, eu o repreendi porque ele estava com comportamento inadequado em sala e ele me encarou assim, quando eu pedi para ele sair de sala, ele me encarou de uma forma muito agressiva e eu simplesmente mantive minha postura, não demonstrei medo dele e depois ele falou que ia me pegar na saída da escola eu falei tudo bem você pode me pegar, mas passou do portão para fora eu não sou sua professora, eu sou uma cidadã comum e eu chamo a polícia para gente resolver o caso, depois ele nunca mais se manifestou. Em outra escola também o aluno me encarou da mesma forma agressiva, porque eu o retirei de sala de aula por uma atitude muito ofensiva que ele teve comigo, era eu virar para usar o quadro negro e o aluno começava a fazer barulhos obscenos e barulhos de animais, cacarejando como se dissesse à turma que eu era uma galinha, e aí eu levei o caso também ao diretor, o aluno foi banido da instituição e nunca mais veio atrás de mim, mas eu tomo providencia na instituição, só se realmente não houver resposta, não houver proteção é que eu busco auxílio policial.
	P7	Eu acredito que no início do ano de dois mil e dez foi mais complicado pelo fato de eu estar iniciando nessa nova etapa de escola pública, eu não sabia muito lidar com essa situação, então eu tentava conversar, tentava amenizar a situação e mesmo assim um aluno e outro

		partiam para a agressão independente se eu estava na sala ou não, isso no início do ano aconteceu à cena de dois irmãos brigarem de pancada mesmo, de chute, de murro, e eu tive que entrar no meio da briga para nenhum deles não se machucarem gravemente, só que eu também levei uns tapas, uma pesada no pé, agora hoje não, atualmente não, em sala de aula eu não tenho presenciado nenhum tipo de violência.
MASCULINO	P8	Nós já presenciamos muitas brigas aqui, já tivemos necessidade de mandar muitas vezes alunos para o DEPAI, chamar a polícia diversas vezes, já teve envolvidos aqui com alunos furtando materiais de outros alunos, situações de bullying, conflitos que começa dentro da escola e vai terminar na rua, alguns pais que viviam querendo bater em aluno, em filhos dos outros aqui dentro, tudo isso aqui já tivemos. Mas o pai se envolvendo dessa forma acontece mais no Ciclo I, no ano anterior um pai de um aluno queria pegar um outro aluno, não queria que ele saísse daqui de jeito nenhum porque se ele botasse o pé para fora ele pegaria, era um menino pequeno de sete anos. Nós ficamos aqui na escola, chamamos o batalhão escolar, no fim das contas eles acabaram não comparecendo, e quando já era tarde, mais de oito horas da noite, nós colocamos o menino dentro do carro e levamos em casa, assumimos o risco.
	P9	Não houve resposta para esse item.
	P10	Sei de colegas que já tiveram de enfrentar alunos aqui, ter que chamar a patrulha escolar para levar alunos ao DEPAI, registrar ocorrência, ser ameaçado, tudo isso, a gente foi presenciando. História de pai que é traficante de droga está preso, mãe que é traficante de droga e está presa, tudo isso já convivemos, hoje isso não acontece, está mais tranquilo.
6º EIXO - ACHA QUE HÁ VIOLÊNCIA ENTRE MENINA OU MENINO?		
FEMININO	P1	Eu acho que ainda há mais violência entre meninos, embora entre as meninas também, mas entre meninos é maior. Pela própria educação, pela questão de que o menino tem que ser aquele da ação, da violência mesmo, da violência ativa. A menina às vezes passa mais pela violência simbólica, mas o menino é a violência ativa mesmo.
	P2	Nos meninos em quantidade, não em qualidade, o número de meninos que tem atitudes violenta é maior do que o número de meninas que tem, mais a qualidade da violência, o tipo de violência é o mesmo que um ou que o outro comete. Mas tem um número maior de meninos que trazem as vezes essas atitudes violentas de bater, agredir, xingar, chutar mesmo os colegas. Mas nas meninas é bem menos que os meninos.
	P3	Sempre as meninas estão envolvidas, mas a maioria são os meninos.
	P4	Aqui na escola toda tem uns três casos de meninas que são mais agressivas, uma inclusive está na sala que você observa, na F3, ela é assim muito estourada com os colegas, a coisa tem que ser do jeito dela. Em todos as salas acho que tira uns três casos de meninas, que é mais agressivas, enfrenta os meninos que você tem que está ali colocando para ficar quieta rapidinho para não acontecer nada. O problema de violência mais comum acontece com os meninos mesmo.
	P5	Não houve resposta nesse sentido.
	P6	Acredito que hoje em dia está em bem balanceado, porque tem meninas que tem comportamentos às vezes mais agressivos do que os meninos.
	P7	Há violência física entre meninos e violência verbal, xingamento palavras agressivas não tem diferença, talvez até as meninas tenham mais.
MASCULINO	P8	Olha é difícil dizer, mas eu acho que está bem equilibrado, os meninos mais novos, onze, doze anos costumam ser mais violentos, mas quando as meninas começam a crescer muito, e já começam a pensar em namorar, elas podem ser bastantes violentas também, geralmente a violência delas começa nas fofocas, nos maus entendidos. Uma notícia inventada chega a vias de fatos, elas também brigam entre si também e depois a evolução depende do que acontece, depende quem que pega para si, pode ser um menino, pode ser outras meninas, tem muita briga de menino aqui, inclusive lá na rua, aí na vizinhança.
	P9	Os meninos são mais envolvidos, não sei se vai da natureza, mas eles são mais agressivos. No Ciclo I um menino jogava pedra, era muito agressivo, hoje ele já melhorou, não vejo falar mais nele.
	P10	São iguais, essa questão de que os homens era mais violento já está totalmente ultrapassado. Semana passada mesmo eu estava saindo aqui no portão, tinha duas alunas rolando, da turma F, rolando, rolando ali na terra, no portão, eu buzei, aí que elas continuaram, logo veio a coordenadora de turno para separá-las.

7º EIXO - INFLUENCIA DA FAMÍLIA NA VIOLÊNCIA		
FEMININO	P1	<p>O menino chegou unhado porque o colega lhe bateu, então pedi a presença da mãe do que bateu para conversarmos. Quando essa mãe chegou para conversar que desceu a blusa era um roxo só, aí ela falou: olha aqui! O pai tinha a espancado na noite anterior, esse menino deve ter morrido de vontade de bater no pai, mas ele não pode, ele não tem força. A mãe estava toda machucada! Ele pegou o primeiro coleguinha que encontrou no portão e descontou. Então como que as coisas são resolvidas na minha casa? É com base no diálogo, é na conversa? Essa família tem mostrado outro tipo de comportamento senão o violento? Outras vezes ele mesmo é vítima, a gente percebe um marcadinho aqui no braço da crianças e pergunta: “o que foi isso?” A criança levanta a blusa e está toda marcada. Então para livrar que eu não posso reagir, eu vou bater em quem eu posso! Tem um aluninho nosso que está tendo atendimento fora da escola, e o que ele declarou no atendimento? Que o maior sonho da vida dele é que o pai não bata mais nele! Então olha aí, ele não sonha com coisas como fantasia, ele sonha que o pai não bata mais.</p>
	P2	<p>Nós tivemos dois problemas aqui, uma é a família que não participa, pode chamar, mandar recado, a família não participa, e outro problema é que a família muitas vezes se mostra sem formação, não tem direção, não sabe como lidar com criança. Um exemplo é de um aluno que a família não sabia definir seu comportamento, em outra escola ele também era assim. Relatou que na outra escola, ele puxava o cabelo da professora com tanta força, que já chegou a arrancar um chumaço de cabelo dela, ficou até uma falha no couro cabeludo.</p> <p>Acho que na maioria das vezes não que a família influencia, mas contribui com a forma de criar a criança, de educar, algumas podem até influenciar porque eu não conheço a realidade de todas, mas normalmente acaba que é por dois tipos de problema, falta de instrução e descaso mesmo porque há crianças aqui que a gente percebe que tem total descaso da família. Família manda para escola para praticamente se ver livre dela. A criança vem sem almoçar, vem doente, vem suja. Então tem muitos casos que são assim, e aí se pergunta por que veio doente para escola, se sua mãe não está sabendo que está doente. Ele responde que ela falou para ir para escola assim mesmo. Às vezes a gente liga e fala olha o fulano está passando mal, eles pedem para esperar o final da aula. Muitas crianças já passaram mal porque não almoçou, porque a mãe não faz almoço antes do aluno vir para escola. Os pais falam muito essa frase: “ah não sei que eu faço com esse menino, eu lavo minhas mãos com ele”. Então assim eu acho que a família precisa ter uma participação maior na vida dessas crianças.</p>
	P3	<p>Sem dúvida a família influencia, porque às vezes você conversa com a mãe do aluno que está dando trabalho para o professor, ela fala assim: “não conta para o meu marido não que meu marido resolve isso é no revólver.” Aí que o menino fica custoso! Ele ainda está pequeno, ele está dando trabalho para o professor hoje, mas é trabalho pouco ainda não é dos grandes. Agora! Não conte para o pai dele não que ele resolve no revolver? Então vai resolver com quem? Eu penso que ela disse em relação ao adulto na escola, ao profissional de educação, porque são pessoas que você ouve dizer: a própria criança chega fala assim: “tia meu pai brigou com o vizinho e pegou o revólver para matar o vizinho”. O cachorro estava “enchendo o saco”, meu pai pegou um pau para bater no dono do cachorro, é expressão que a criança chega numa segunda-feira e conta para você com naturalidade, eles não acham que isso está errado não. Torna-se um hábito, é estranho, mas outro caso aconteceu ano passado quando eu trabalhava numa turma bem custosa, bem indisciplinada, quando eu voltei em janeiro e nós começamos a trabalhar, o menino virou e falou assim: “tia a senhora lembra do Talles?” Falei Lembro. “Morreu!” Uai mais como morreu? “Ah a mãe dele saiu ele foi brincar na árvore, tomou choque, e morreu”. Eu fiquei assim, para mim aquilo foi estranho, ele disse: “ah que tem tia só mais um!” Pra eles isso é normal.</p>

FEMININO	P4	Eu gosto de conversar com o aluno, chamar separado e perguntar o que está acontecendo, quando a gente vai conversar sempre há algum problema, o problema é que eles falam assim abertamente que é uma coisa, que a gente fica assim horrorizada, pelo menos eu que venho de uma família que não tem esse tipo de coisa, então eles contam, as crianças contam para gente o que presencia em casa, igual uma dessas meninas que são agressivas, uma delas eu falei assim um dia: “se você não me disser o que está acontecendo com você, eu vou à sua casa”, ela respondeu: “não vai à minha casa não, que minha casa é um ponto de drogas, boca de fumo, não vai lá não que é até perigoso.” Então eles falam assim com naturalidade. O pai dessa mesma menina foi preso e ela chegou contando até o artigo pelo qual o pai foi preso, que era receptor e não sei o que de droga, sabia até os artigos que eu não sei para repetir. Ela é uma criança muito inteligente, só que a inteligência dela está sendo muito levada para o lado errado. Ela está presenciando, não tem como não colher o que está presenciando todo dia.
	P5	Não houve resposta.
	P6	Muitas vezes acontece que a família não tem uma estrutura necessária que a pessoa precisa porque quando chega a envolver na questão da violência é indiferente da idade, a família não dá aquele suporte, não tem uma estrutura apropriada para criança ou para o adolescente e na falta disso quando vê que o colega tem ou que o colega demonstra ter mais que ele, às vezes essa violência é despertada como uma forma de defesa porque ele pode pensar: “ah porque que o fulano tem e eu não tenho?” E coloca isso para fora de forma, inconscientemente e põe isso para fora justamente no ambiente escolar, porque é aonde ele vão todos os dias, é um dos primeiros locais que ele percebe essa diferença, principalmente esses hábitos. Agora a família muitas vezes é omissa, ela sabe que o aluno é violento, ela sabe que o aluno é respondão, sabe que ele, muitas vezes tem esses os comportamentos tendenciosos à violência, pratica mesmo, só que a gente chama aqui na escola para conversar, a mãe responde: “ah eu não dou conta de fulano!” Nós não somos pais, nós somos professores, a gente pode dar conselhos, eu já dei conselho para vários alunos, conversei em particular, coloquei algumas situações que fossem úteis para eles abrirem a cabeça, perceberem que não é o caminho, porém alguma coisa acontece que esquece muito rápido, quando a gente vê já está envolvida em novas situações que só prejudicam eles de várias formas. Sabemos que o histórico de vida é muito complicado principalmente em relação à organização familiar, são pessoas que tem um filho de cada casamento, são pessoas que muitas vezes são retirantes, mas são pessoas humildes, são pessoas que quando necessário se fazem presentes na escola apesar de que muitos nem alfabetizados são, tem muitas crianças que são mantidas por avós, tios, porque a família realmente teve muitos problemas de todas as ordens que a gente pode imaginar, e assim é pacífica, eu percebo que tem uma pacificidade muito grande, inclusive na hora que a gente sai aqui da escola, eu buzo para as crianças entrando em casa, dou tchau, vejo o pai ou a mãe, eles são meio pacíficos.
	P7	Eu acredito que a família influencia e muito, não é o fato de a família ser violenta, mas o filho é violento, então a família deveria estar orientando a criança, acompanhando porque ela está em formação, mas a dificuldade da própria família às vezes pode ser um indicativo dessa violência aqui manifestado na escola. Estamos tentando fazer com que a família participe da vida escolar do aluno, para estar acompanhando porque não é só na escola, mas se tiver um apoio em casa, não resolve, acho que nem resolve aqui, acho que nem resolvem sozinhos.
MASCULINO	P8	A família influencia. Nos casos encaminhados a URE, eu não conheço, não sei qual a devolutiva deles, mas certamente trás algum problema, mas as crianças problemáticas são aquelas que vêm de famílias menos estruturadas, mais briguentas, mais violentas. Isso se percebe com certa facilidade. Agora os pais desse tipo de aluno, a gente procura, é difícil que esses pais venham aqui para uma conversa franca sobre esse assunto de violência, mais dentro do possível a gente tenta ensinar a melhor forma de fazer educação e essa relação com os filhos. Acreditamos ser porque se a família trás essa desigualdade então a escola tende a ter que fazer um trabalho diferenciado,
	P9	A família é comunicada em tudo que acontece e vai resolver com a criança, mesmo porque ela tem que assinar relatórios no que se refere ao aluno.
	P10	Quando acontece de ter um pai que acha estar acima da lei, que pode fazer tudo e transmite essa educação ao filho, o filho vai pensar a mesma coisa, se ele não tem limites em casa, se o pai e a mãe não põem limites, quem que vai conseguir colocar? Ninguém.

8º EIXO - QUAIS AS AÇÕES QUE A ESCOLA VEM REALIZANDO EM TORNO DA VIOLÊNCIA		
FEMININO	P1	A educação é processo. Não temos uma receita, eu não acredito em milagres, eu acredito em processo, e dentro dessa perspectiva de processo temos trabalhado: pontuando, mostrando orientando. O tempo todo que se a observamos atitudes violentas, chamamos, conversamos, mostramos e na medida do possível pedimos para se desculpar com o outro, para ver se continua uma relação amigável. Fora isso, quando a coisa é mais grave chamamos a família, pedimos ajuda. Falar que existe na escola um projeto para a violência aqui a tarde não tem. De manhã a violência é muito mais, se tornou mais forte quando se implantou o Ciclo III e está deixando todo muito de “cabelo em pé”. Mas o pessoal da manhã está conseguindo reverter essa situação. À tarde trabalhamos o reagrupamento, elaboramos oficina para tratar do assunto da aprendizagem não da indisciplina. O nosso foco maior era a alfabetização, agora eu posso encaixar um texto que me possibilite falar sobre essa questão, ou aproveitar a oportunidade de alguma coisa em sala que me oportunize a falar sobre essa questão da não violência, da indisciplina acho que não seria um projeto específico para um período, mas um processo ao longo do ano. Entra ano e sai ano que a gente tem trabalhado direto com esses meninos, orientando pontuando, falando, mostrando. Mas desde o início do ano a escola foi incentivada a trabalhar a violência mais sofrida, que é a violência sexual, o assédio. Fomos orientados pela SME para fazerem um trabalho nesse sentido, mas os professores tiveram certa relutância, porque é um assunto muito delicado que sabemos que quando tem é na família. Então alguns professores fizeram, mas outros relutaram um pouquinho sobre essa questão da violência sexual, porque é delicado, às vezes mexemos num assunto que quando a criança leva para casa, o pai não aceita! Então alguns não acharam bom falar sobre esse assunto. Mas trabalhamos, nesse ano, por exemplo, o texto: “Alguém trouxe um chapuzinho vermelho” que diz do chapuzinho vermelho que ela está indo para casa da vovó, encontra com o compadre lobo, é por que o compadre? Quem é que vai fazer uma maldade tanto com ela quanto com a avó? É alguém conhecido, é o compadre, então alertando, na fada, na história, o conto da história para pontuar com eles essa questão da violência de uma forma bem tranquila, abrindo os olhos. Cabe a nós também alertar nossas crianças.
	P2	Projetos específicos não trabalharam. Eu sei que existem projetos que o professor desenvolve na sala de aula, já vi várias atividades que eles desenvolvem, na sala de aula a respeito da violência, mas de projeto sinceramente não sei te falar.
	P3	A escola tenta. A coordenação esses dias elaborou uma festa aqui na escola, devido a greve e isso complicou, não houve dia de pai e mãe, então fizeram a festa da família, eu achei tão interessante, um professor fez questão de vir para comemorar, trabalhar e comemorar junto com a comunidade, ele trouxe a esposa dele é a família. Ele trouxe e mostrou para a comunidade eu sou professor da escola e eu venho com a família, mas com todo trabalho voltado a família, fizemos chamativos para esse pessoal participar e falamos sempre: “olha meninos vai haver sorteio de brinde, vai ter apresentação de vocês, vai ter o aluno destaque, vai ter uma cesta de sorteio, venham...” e mesmo assim pelo tamanho que é escola matutino e vespertino vieram pouca gente. Mas não trabalhamos projeto para essa finalidade. Agora sobre a violência não sei de nenhum projeto em específico que trabalhe único e exclusivamente não, eu sei que é citada mas não sei nem como. No dia a dia o aluno que é problema é chamado para a conversa, registra na ata, se é um caso que o aluno entra em um acordo, para de confusão fica perfeito, se ele não entra em acordo é chamado o responsável, é relatado, é explicado o que a criança está cometendo. Depois se não resolve, aciona o batalhão escolar, na pessoa do soldado militar que entra em contato com esse aluno e conversa com ele.
	P4	Eu pelo menos dentro das minhas aulas, eu tento dar umas atividades, por exemplo: igual uma aluna mais difícil que temos, ela é muito inteligente, então preparo atividades, até que extra para ela, para incentivar, mostrar o que é capaz para ela fazer e de primeira ela já entende o que você quer. Então tentamos resgatar, toda hora que falamos algo, chamamos à atenção de forma a não intimidá-la perto dos colegas, mostramos para ela o que é certo, mas ela sempre responde: “ah professora não quero saber disso não”, não sei o quê. Mas a gente está sempre chamando a atenção deles para coisas que é certa. O que se faz quando acontece algo que não conseguimos resolver é descer, levar até as coordenadoras para elas conversam com eles. Não resolvendo, se for o caso, vem o apoio da SME e conversa dando alternativas.

FEMININO	P1	Projeto? Já existe dentro da PPP um trabalho nesse sentido, só que a dificuldade é exatamente o que? Você trabalhar um projeto efetivo da escola, sem as cobranças de diagnóstico, porque qual é a grande preocupação? É IDEB, pelo menos o ano passado eu senti muito isso, eu vivi muito isso, pelo menos eu vivenciei isso, o que ele tem de competência, o que eu posso aproveitar desse aluno. O que esse aluno pode aproveitar da escola, o que a escola tem para oferecer como crescimento, porque essa questão de ficar preocupado apenas com diagnóstico de leitura, diagnóstica de escrita, diagnóstico. Dizem: “há vamos aplicar provão”, simulado para ver se esses meninos melhoram no IDEB. Foi o que se vivenciou o ano passado aqui, a pressão era imensa da SME para que a gente cumprir a meta do IDEB, então o que é mais importante? Ser humano ou vices? Eu vejo muito isso muita preocupação com isso e pouca preocupação com o ser humano.
	P6	O tempo todo visamos o combate a indisciplina, no nosso plano anual desenvolvemos vários projetos para minimizar essa questão, que fizemos? Organizamos as turmas de acordo com a faixa etária e procuramos não concentrar nem os bons nem os alunos com problema, miscigenamos bastante as turmas, porque as turmas E e F que tem tendência de ter mais alunos problemáticos pela da idade, porque estão entre pré adolescência e início de adolescência, miscigenamos bastante, fazendo com que os alunos que gostam de se enturmar não estivessem juntos na mesma sala, e isso surtiu muito efeito. Quer dizer que distribuí por igual, fez o estudo de caso dos alunos que são problema e fizemos a divisão deles e foi ótimo, porque o único momento que eles se encontram é no recreio, a gente percebe que eles vão fazendo novas amizades na sala de aula e aí vão desenformando daquele grupinho negativo.
	P7	Tem o projeto sim e é orientado sempre pela coordenação, pelo menos nas reuniões é sempre orientado sobre o que deve está conversando, orientando os alunos.
MASCULINO	P8	A escola é limitada nesse sentido, fazemos nosso trabalho pedagógico da melhor forma possível, mas dificilmente tem como fazer, por exemplo, um trabalho psicológico com a criança, não tem nem espaço para isso, o espaço que digo é tempo e disponibilidade de profissional. Temos inclusive projetos que objetivam a relação com a comunidade, é justamente para melhorar essa relação.
	P9	Não há um projeto específico, a não ser que tenha alguma professora fazendo, mas o que se faz é conversar com os alunos, acalmar nas horas difíceis, e no momento, mas um trabalho da escola para isso não.
	P10	Que eu saiba acho que não, projeto específico não. Acho que todos trabalham no normal porque a gente quer sanar esse problema, só que um projeto específico eu não tenho conhecimento, agora se tem eu não tenho conhecimento. Agora a escola não é o pai e a mãe, a escola não tem como, a escola não está aqui como educadora, ela está aqui para transmitir o conhecimento, essa questão da educação é o pai e a mãe, colocar limites na criança é o pai e a mãe, tanto que quando você quer colocar esses limites na criança ou adolescente ele fala para você assim: “você não é meu pai”, “você não é minha mãe”. Ele tem essa resposta na ponta da língua. Aqui dentro da escola esse aluno é trabalhado de uma forma diferenciada no cotidiano, e isso é trabalhado. Então o coletivo está preocupado em dar essa atenção para ele, já que na casa dele ele vive a questão da violência, com certeza a gente tenta coibir a violência de toda maneira, aí qualquer confusãozinha que dá a gente reúne os professores, principalmente de manhã que são maiores então é outra realidade e resolve, chama os pais, avisa, dá advertência.
9º EIXO - QUAL O ENVOLVIMENTO DA SME / URE NA QUESTÃO DA VIOLENCIA ESCOLAR?		
FEMININO	P1	Há sempre um acompanhamento da URE quando solicitado, por exemplo, há um em andamento, um aluno que já veio de outra instituição encaminhado, demos continuidade ao processo, então todos depois de avaliados por uma equipe da URE e constatando problemas são encaminhados ao CEMAI, após alguns trabalhos específicos, acontece uma devolutiva, que é o resumo de todo atendimento “para que se já tivesse um estrago na cabecinha dele, possa ser melhorado, fazer menos um estrago menor possível”. Acontece assim: Os alunos são encaminhados, depois eles fazem anamnese com a família, passam três dias fazendo avaliação com pedagoga, psicopedagoga, psicóloga, fonoaudiólogo e educação física, se constatar algo ele inicia o acompanhamento de acordo, se não há problemas não há atendimento. Já temos meninos que são atendidos de manhã ou à tarde, sempre no contra turno. Hoje acontecem respostas mais rápidas. Essa semana encaminhará outro aluno, que aparentemente não é um menino violenta, mas que ele já tem histórico, de um irmão que cresceu aqui que de repente está na marginalidade. Por isso temos que ficar de olho para não deixar o irmão ir pelo mesmo caminho. Então vamos encaminhar essa semana.

FEMININO	P1	<p>A SME faz um trabalho de assegurar tratamento para essa criança que tem algum problema que não é só disciplinar, pode ser problema mental, físico, alguma coisa que impede a criança de aprender, de conviver socialmente, a gente faz o encaminhamento para a URE que fazem uma avaliação das crianças. Mas com a questão da disciplina eu não recebo apoio da Unidade. Até porque o apoio pedagógico que vem aqui na escola não é de chegar e conversar comigo, somente com a coordenação pedagógica há o diálogo. Fui uma vez em uma reunião que ele convidou sobre violência na escola, mas as perguntas que eu fiz para ele, ele não soube me responder, sobre como a gente poderia resolver aqui na escola o problema e depois disso a gente nunca mais sentou para conversar. Essa reunião foi exclusivamente para nossa escola porque tinha acontecido uma situação aqui, um desses alunos que foram encaminhados para o conselho tutelar, ele ameaçou a professora, falou para ela que ia dar um tiro na boca dela, eu não sei se ele falou brincando ou se ele falou sério, eu particularmente acho que ele não teria coragem de fazer isso, mas também não sei, não posso garantir, mas o fato é que a professora se sentiu agredida, claro, ela está no direito dela e aí a URE ficou sabendo disso e resolveu chamar para conversar sobre a violência na escola. O que a Unidade fez? Apresentou para nós um projeto e eu comecei a questionar sobre esse projeto, por exemplo, sobre a estrutura da escola, uma das opções que ele deu foi o recreio dirigido, falei olha, mas como vamos fazer o recreio dirigido na escola? Não tem estrutura nenhuma. Aquele parquinho, você já olhou aquele parquinho? Aquele parquinho particularmente para mim ele devia está fechado, desativado, porque ele é um risco para os alunos, se os alunos se cortarem e se machucarem, os brinquedos estão todos quebrados, então eu falei para ele, como fazer? Com aquela estrutura o que podemos fazer além do que já existe, porque o recreio dirigido que temos aqui é o seguinte, a corda para pularem e a bola para jogarem, além disso, o que fazer? Ele não soube me responder, pedimos para que limpasse o fundo da escola, esse mato que tem aqui, essa sujeira, esse lixo que tem na escola, ele não soube me responder como deveria ser feito e se seria feito.</p>
	P3	<p>A URE sempre está a par do que acontece, eles estão conscientes, por exemplo, não é caso de violência, mas um aluno que é Deficiente Mental (DM), e tem acompanhamento, ele não é agressivo, mas ele passava mal e a família deixava a desejar alguns cuidados, eu mesmo conversei com o Apoio Regional mais de uma vez, o apoio conversou com o pai dele, mais de uma vez, e hoje o aluno tem ajudadora, não é caso de violência, mas é o caso de intervenção também do apoio, da coordenação, da direção da escola. Essa ajudadora só chegou após alguns meses de solicitação, quando estávamos quase entrando de férias. Perguntaram se ele é agressivo, respondi que ele é inquieto e quando fica sem remédio, ele tem atitudes diferentes, aí é a necessidade do remédio, mas não é atitude agressiva.</p>
	P4	<p>Os casos encaminhados esse ano só a coordenadora pedagógica sabe por que ela é que monitora isso pessoalmente, quais os que já foram atendidos, sempre que ela vai repassar algum aluno ao apoio, ela solicita de todos os professores que passam por aquela sala, mas eu não sei se algum dele já recebeu atendimento esse ano, porque parece que a fila é longa. Os atendimentos que repassamos são aqueles que os alunos têm dificuldades de aprendizagem, de disciplina eu nem sei se tem algum atendimento não. Por exemplo, no Estado eu sei que tem uma equipe que vão às escolas quando a gente solicita, mas aqui na prefeitura eu não sei como eles fazem ainda porque todos os casos que a gente teve a gente mesmo tenta solucionar. Eu não enviei ainda não, só se for enviados por todos por dificuldades de aprendizagem.</p>
	P5	<p>Presenciei um caso aonde o apoio veio conversou com uma menina que queria furar um menino e com todos os professores que atendiam essa menina, mas vejo que a coisa fica muito devagar, enquanto a educação preocupar muito com papel, em cumprir currículo, em cumprir leis, no sentido tecnicista, acho que a gente não vai progredir, em termos de violência, em termos de crescimento dessas crianças. Eu não acho que temos apoio da SME. Eu acho que cobram demais: avaliação diagnostica disso, diagnostica daquilo, diagnostico daquilo outro, e na verdade evolui-se pouco, preocupa-se muito com prova Brasil, com IDEB, com se o menino lê e escreve, mas preocupa-se muito pouco com a formação do ser humano, essa criança, por exemplo, essa criança vive o quê, faz o quê? Aonde ela está, de onde ela veio? Isso é preocupante, porque quando você vê a situação da menina, ela fez isso, o que ela queria? Ela não queria furar o colega, queria chamar a atenção.</p>
	P6	Não há respostas
P7	Não há respostas	

MASCULINO	P8	Normalmente quando conseguimos resolver os problemas aqui, não vemos necessidade de repassar o caso para a URE. Agora existem alguns casos que são reincidentes aí sim temos que encaminhar, pois eles precisam saber. Assim recebe apoio no sentido de que esse aluno precisa ser melhorado, fazemos um trabalho das primeiras coordenações e depois se for necessário a direção também ajuda.
	P9	O problema é repassado à coordenadora e esses quando graves são repassados a URE. Agora sim vejo o professor receber apoio, mas antes não, havia um apoio que só chegava aqui para punir, agora esse apoio regional não, ele é mais tranquilo, mais profissional, dá sugestão, explica, conversa com alunos, resolve o problema., muito companheiro.
	P10	Não há essa resposta
10º EIXO - MAIOR DIFICULDADE ENFRENTADA NA VIDA PROFISSIONAL EM RELAÇÃO A VIOLÊNCIA		
FEMININO	P1	Esse é um caso que aconteceu comigo, não nessa escola, mas havia uma aluna que estudava na escola, ela estudava e levava o seu bebê, um dia com a criança no colo, o namorado entrou para matá-la, ele chamou a moça para sair da sala e apontava uma arma para ela. Outro fato estava acontecendo um carnaval na escola, fazíamos um baile de carnaval na escola a noite, muito legal, eu estava cansada, final de festa, então assentei na porta, no portão da rua, trouxemos duas cadeiras, eu e minha colega e ficamos no meio dos carros, tinha um pessoal saindo. Havia um corredor até chegar à porta, o pessoal já saindo e de repente dão uns tiros na porta da escola e voltam todos correndo, caindo um em cima do outro, aí falei: “meu Deus podia morrer aqui de uma bala perdida”, então essas coisas me marcaram, a gente fica indignada porque não é da sua cultura não é da minha e às vezes ficamos indignada.
	P2	Havia um aluno aqui, eu acho que ele foi a principal dificuldade, porque aqui apesar de tudo, eles tem essas atitudes violentas, as vezes desrespeitam a gente, falam de forma agressiva, mas ainda assim eles, me parece ao meu ver que não oferecem risco para nós. Eu não sinto isso por parte deles, risco de me agredir fisicamente, o caso, por exemplo, de um aluno que podemos dizer que me bateu, essa criança não podia me machucar, ele é só uma criança pequena, eu não vejo assim como eles poderiam nos prejudicar mesmo. Agora havia um aluno aqui, no começo ele era bem mais velho, quando fui falar com ele, eu percebi claramente que com ele não adiantava conversa, era até perigoso conversar com ele. Ele alterou muito, ele gritou e ele me intimidou e falou que não era para eu falar nada. Eu fiquei com medo desse aluno, ele tinha treze anos, mas já saiu da escola, ele saiu da escola porque quis parar de estudar. A mãe dele falou não ele não estuda mais.
	P3	O apoio pedagógico veio à escola e foi conversar com uma aluna que estava dando trabalho e perguntava: “mas por que você está fazendo assim?” Ela respondia: “eu estou com ódio de tudo e de todos”. Ele explicava a ela que não podia ter ódio das pessoas assim e não podia tratar com ignorância. Ela respondeu: “Eu posso, sou criança”. O professor relatou, chamou a mãe, mas ainda assim ela trouxe um canivete para furar o colega, a coordenação convocou a mãe e deixou o apoio ciente do que ela estava fazendo. A mãe veio e a aluna desacatou a mãe na frente de professor e de coordenador, logo ela pegou a transferência e a mãe disse que ela já estava com a intenção de se mudar, morar com a avó, sei que ela não voltou mais depois da greve.
	P4	No comecinho, quando entrei aqui, havia uma equipe de professores que brigavam muito entre si, alguns se preocupavam muito consigo sem importar com os meninos, alguns professores falavam: “esse menino a gente tinha que fazer alguma coisa”, eles respondiam “ah deixa para lá ele não aprende não”, Acontecia muito isso, era desse jeito, mas com esse novo quadro de professores ficou bem mais fácil.
	P5	Vivenciei esse ano, em sala de aula, uma aluna pegou um canivete, para amedrontar o outro aluno. Mas em momento algum ela se negou a entregar o canivete pra mim. Quando eu falei: “o que esta acontecendo?”, porque ela estava com ele escondido. Eu blefei, falando que vi, quando eu falei: “eu vi, põe na minha mão” ela colocou na minha mão, era um canivete suíço, aqueles que tem um monte de negocinhos. Mas acredito que ela não veio com a intenção de machucar alguém, um colega achou na rua, colocou na mochila, estava usando para apontar lápis e ai ela encrencando com o colega, provocando-o, mas como a colega não reagia a provocação dela, ela pegou o corretivo de caneta dele, ele levantou e tomou-o de volta, ela achou ruim e pegou o canivete, dizendo: “você não sabe com quem esta mexendo”. Mas ela recuou, eu acho que ela não iria fazer nada, era só para se mostrar forte, o policial do PROERD, que estava aqui na escola conversou muito com ela.

	P6	Em outra escola um aluno me encarou de uma forma bem agressiva, porque eu retirei-o de sala de aula por uma atitude muito ofensiva que ele fez comigo, era eu virar para usar o quadro negro e o aluno começava a fazer barulhos obscenos e de animais, cacarejando como se dissesse à turma que eu era uma galinha, e aí eu levei o caso ao diretor, o aluno foi banido da instituição e nunca mais veio atrás de mim, mas eu tomo providencia na instituição, só se realmente não houver resposta, proteção é que eu buscaria um auxílio policial.
	P7	Não houve respostas afins.
MASCULINO	P8	A maior violência que acontece aqui nos finais de semana da noite para o dia é o vandalismo, é um caso muito sério. A escola já foi pichada num dia de segunda para terça-feira, foi a maior parte da pichação. Essa questão tem muito haver, pelo menos aqui na nossa região com torcidas organizadas em times, tanto que em nossa página de regras direitos e deveres está escrito lá que é proibido roupa de time de futebol aqui dentro, porque as brigas de torcidas organizadas tem tudo haver com o vandalismo, quando tem jogo do Goiás e Vila Nova por exemplo eu torço para dar empate, porque quando um dele ganha pode ter certeza que acontece alguma coisa.
	P9	Muitos professores que trabalhavam aqui falavam palavras pesadas para os alunos, falavam mal, até de pegar no braço e puxar com violência isso já aconteceu. Mas foram saindo e ficou apenas uma, sabe quando a algumas professoras que ficam muito tempo na profissão e já não tem mais incentivo, não cria vínculo e faz por fazer? Mas ela saiu daqui o ano passado, era terrível. Mas hoje o coletivo é mais compromissado, todos têm os mesmos interesses, pensamos no aluno e na forma como tratá-lo. O coletivo se comprometeu a assumir e eu mesmo já apanhei de aluno por isso eu entendo os colegas, apanhei não porque enfrentei, mas porque eles estavam brigando e eu fui retirar e um deles jogou o boné em mim não para acertar, mas pegou em minha boca, aí todos pararam e ficaram me olhando, ele se assustou e depois conversei com ele, a professora dele também conversou, sei que ele me pediu desculpas.
	P10	Em 2001 precisei levar um aluno esfaqueado para o posto de saúde, foi na primeira escola municipal que eu trabalhei, o aluno deu duas facadas no outro. Havia dois homens na escola eu e o diretor, o diretor na hora que viu sangue desmaiou, só que eu e mais duas professoras colocamo-lo dentro do carro e o levamos, inclusive o teto ficou todo manchado porque espirou sangue para todos os lados. Chegamos com ele no posto de saúde, colocaram-no na ambulância e o levaram para o Hospital de Urgência de Goiânia- HUGO, ele não morreu. Mas três semanas depois ele voltou à escola, foi lá e me agradeceu e disse: "O senhor salvou minha vida," perguntei a ele se não voltaria para escola. Respondeu que sim após resolver uns negócios e tal. Uma semana depois o que tinha dado as facadas nele apareceu com dois tiros na cabeça. Ele era adolescente, uns dezessete anos. Era gangue, um era chefe de uma e o outro fazia parte da outra, não sei se era droga ou o que era, esses detalhes a gente não se envolve, eu sei que o negócio era pesado.
11º EIXO - COMO É A COMUNIDADE AO REDOR DA ESCOLA, ELA É RESPONSÁVEL PELA VIOLÊNCIA QUE ATINGE A ESCOLA?		
FEMININO	P1	Olha quando começou esse bairro, era muito pobre, havia muita carência, hoje não, hoje já é um bairro com melhores condições, você vê ruas asfaltadas. As coisas aqui melhoraram, mas não deixa de ser ainda um bairro violento, quer dizer a gente fica sabendo de drogas, roubos, mas ao redor a comunidade é tranquila, embora a escola sofra com o vandalismo, furtos, ataques aos finais de semana e feriados, mas dentro da escola é tranquilo, tem essas coisas, mas aos poucos vamos melhorando isso daqui.
	P2	Esse bairro é violento, mas graças a Deus nunca sofri nenhum tipo de violência aqui, de assalto, essas coisas, mas o pessoal que mora aqui e trabalha na escola sempre aconselha a gente a tomar muito cuidado, por exemplo, de não ficar depois do horário na escola porque é perigoso. A escola sempre é assaltada, sempre, nas férias é assaltada, vários finais de semana quando a gente volta tem um monte de coisas faltando. Não sei se é da comunidade escolar que acontece os roubos, eu sei que é daqui da comunidade, é gente por aqui que faz isso, mas eu não sei. A escola é pichada, inclusive essa é uma das coisas que a SME devia atentar, essa é uma escola que precisa de um guarda municipal urgente, porque durante o tempo que estou aqui essa escola já foi assaltada pelo menos oito vezes, então me parece que esse bairro é muito violento. Eu já quis deixar meu carro lá fora porque aqui é muito empoeirado, mas o pessoal alerta que não deixa porque se deixar quando voltar não está lá mais. Às vezes alguns meninos da comunidade ficam querendo pular muro aqui para dentro da escola, alguns pais já veio bêbado aqui conversar com a gente. Sabemos de pais de alunos daqui que são bandidos, então tem tudo isso, os próprios alunos contam para gente, meu pai está preso, meu pai fez isso, não meu pai saiu da cadeia essa semana, eles mesmos contam.

FEMININO	P3	O pessoal fala que aqui é violento, mas eu chego para trabalhar, terminou meu horário eu saio, eu nunca vi nada de anormal, às vezes você vê movimentação da polícia por aí, na rua, mas eu nunca vi nada de anormal, agora as crianças comentam, que acontecem mais coisas é final de semana, é dia de festa. Já ouvi conversas assim: “fulana não veio à aula porque mataram o irmão dela”. Já vi professor comentar que a GIRO estava aqui semana passada. Então o professor percebe, mas eu nem vejo.	
	P4	De vez em quando a gente passa nas ruas e estão prendendo alguns nas portas das casas por onde a gente passa. Aqui perto mesmo tem uns casos complicados, mais nada que venha interferir aqui na escola não, a não ser finais de semana quando eles entram e estouram as fechaduras, assaltam algumas coisas da escola, mas não temos conhecimento ainda não, a direção todas as vezes registra a ocorrência, inclusive está tentando guarda municipal para ficar aqui direto.	
	P5	Em 1999 a escola parecia mais bem cuidada, não tinha pichações, não tinha depredações, o prédio era novo, no segundo ano também se mantinha o que havia construído. As crianças vinham de uniforme, andavam limpinhas, trazia material, hoje eu vejo que parece assim que a violência lá de fora, está disfarçada e veio para dentro da escola.	
	P6	Houve o falecimento de um aluno nosso aqui no mês de maio, disseram que foi pneumonia, me parece que fizeram uma autópsia e ele teve uma parada cardíaca, um menino de doze anos ter uma parada cardíaca? Eu não duvido nenhum minuto que tenha sido uso de droga. Então fomos ao velório do menino, eu e a outra professora levamos as turmas, porque o aluno estudava na turma F, e a gente foi se despedir, e assim não, eu acredito que a questão da violência na comunidade ela é muito assim, em relação a pessoa sem ocupação, e também em relação a droga, que na verdade não é dessa comunidade este problema é generalizado, hoje em dia até nossa escola é uma classe social que está muito discriminado, sabemos que as pessoas estão assim perdidas, perdidas no sentido de é pertencer a uma classe social inferior, quererem acender na vida e de repente pela impossibilidade, por várias questões que não tiveram uma boa educação, não tiveram também uma boa estrutura familiar, vão perpetuando os problemas e isso causa uma insatisfação muito grande em qualquer pessoa e portanto muitas vezes até o tratamento desse com os filhos chega a ser mais grosseiro e isso reflete muitas vezes de forma negativa porque a gente tende a copiar os modelos que a gente tem em casa, e nesse negocio de copiar, eles vão levando de geração em geração tudo de negativo que receberam, que os pais receberam de seus pais, de seus avós e aí vão levando tudo para frente. Mas em relação a questão econômica a gente percebe que houve uma melhora muito grande, eu por exemplo, frequentava esse setor aqui em 2004 e 2005 porque uma amiga minha que estudava na faculdade morava por aqui e eu passava muito por aqui, mas eu nunca tive receio não.	
	P7	Eu acredito que é sim um setor violento, mesmo porque tem algumas colegas que moram aqui no setor e elas sempre relatam fatos de violência em todos os sentidos de assaltos e outras violências, eu acredito que aqui é um bairro que enfrenta esse problema. E isso influencia no comportamento dos alunos na escola porque a clientela é essa, então é o tio, é o pai, é o irmão que porventura pode ser um ladrão, um assassino sei lá, usuário de droga, então influencia com certeza.	
	MASCULINO	P8	É um bairro muito ligado as drogas, isso é uma verdade, já foi mais violento, hoje em dia melhorou muito, mais ainda existe a relação com a droga A gente sabe que tem alunos daqui da escola que se envolvem com a droga também, já tivemos casos, o ano passado tinha muitos, esse ano pelo menos dentro da escola está mais controlado, não posso dizer que não tenha é, assim no sentido de que eles carregam o “trem” escondido e quando a gente descobre toma providencia, mas lá fora como é que a gente faz? Se eles saem daqui e vai usar a droga lá. Mas curiosamente a gente já encontrou droga com aluno pequeno aqui, fizemos um trabalho que foi, comunicamos ao Conselho Tutelar, a polícia e entregamos a coisa para polícia resolver, porque com o aluno maior, quando ele desconfia que você esteja atrás dele por algum motivo ele pula o muro e vai embora. Mas hoje, graças a Deus não estamos tendo esse tipo de aluno. Então eles podem ser violentos, dependendo da forma como chega até eles. Não posso dizer que a situação está tranquila, está bem mais controlada, a tendência é melhorar, mesmo porque agora a partir do ano que vem todo o Ciclo III praticamente serão os alunos da casa, até esse ano temos muitos alunos de fora, sempre vai ter, mas a partir do ano que vem a maioria serão só os da casa, então são alunos que a gente já vem conhecendo há tempo. O que acontece, eles vêm de fora para dentro, são da mesma comunidade que abriga os nossos alunos. Então se você olhar a escola está toda pichada, já tivemos inúmeros furtos de objetos, de equipamentos aqui. Uma destruição, que de repente num belo dia você chega aqui levou todas as torneiras da escola. Em minha opinião essa é a maior violência, acontece por puro vandalismo e acontece também na tentativa de obter objeto que possa ser trocado por dinheiro ou drogas, não sei.

	P9	A comunidade são os nossos alunos, e é muito violento. Em plena uma hora da tarde, três, quatro, você houve o barulho dos foguetes, você sabe o que é isso não é? É o aviso que chegou a droga, segunda-feira, terça-feira, todos os dias, os meninos mesmo falam. Então eu não conhecia esse bairro, cheguei aqui vi casas, mas aqui é um bairro pobre, que começou igual o meu que compraram lotes construíram casas, mas que está crescendo como qualquer outro que vai melhorando o poder aquisitivo, as pessoas vão tendo mais cultura, mais esclarecimento e vão mudando, mas o caminho que precisa ser resolvido que é a questão das drogas que tem muito aqui, fica.
	P10	Aqui não é questão de violência não, aqui tem muita questão de droga e por isso que tem violência, a gente fica sabendo, tem muita gente envolvida com drogas aqui, muitos traficantes. Então o que acontece, se você tem um caboclo que acha que ele está acima da lei e que pode fazer tudo, ele transmite essa educação que tem para o filho, o filho vai pensar a mesma coisa, se ele não tem limites em casa, se o pai e a mãe não põem limites, quem que vai conseguir colocar? Ninguém.
12º EIXO - COMO VOCÊ ACHA QUE UMA CRIANÇA VIOLENTA DEVE SER CORRIGIDA?		
FEMININO	P1	
	P2	
	P3	Eles são difíceis, mas gosto deles, são bons, precisam ser educados. Às vezes, são violentos sim. Temos que assumir nosso papel, não podemos fazer muito, eu sei, a família precisa ajudar, mas somente ajudando-os seremos bons profissionais.
	P4	Aqui já tinha que ter um projeto muito maior, tinha que envolver inclusive família, porque não tem como, você ficar aqui com essa criança e depois ela é solta na metade do dia, sabe lá que horas do dia que ela fica na rua na parte da manhã e a noite também, e para resgatamos essa criança para a cidadania tinha que ter alguma coisa ligada a família também, só aqui na escola não daria não. Aí já é coisa para pensar, seria um caso de um psicopedagogo na escola, temos aqui na escola pedagogas, mas psicopedagogo não tem, tem professoras com pós-graduação em psicopedagogia, estamos estudando para justamente atender esses casos. Eu comecei, eu pensei nesse curso, que eu nunca queria ser uma psicopedagoga na minha vida, eu estudei letras: português e espanhol, mas não tem nada a ver com essa área, comecei depois que entrei aqui, porque primeiro eu levei um choque muito grande, com a realidade da criança pequena com aqueles palavrões, com aquele jeito de falar um com o outro, porque eu sempre trabalhei com o ensino médio no Estado, mas eu queria dar conta, eu queria atingir esses meninos, eu queria dar conta de ensiná-los, eu queria ver se conseguia modificar alguma coisa na vida deles, então fui tentar fazer esse curso é o que está me ajudando, na medida que surge o problemas nós integramos para corrigi-lo.
	P5	Primeiro a família tem que ser parte no processo, quando você chama a família você aprende até como, você compreende o porquê da violência às vezes, nem sempre, mas muitas vezes você compreende, por exemplo, qual foi a atitude depois que eu passei a sentar com os alunos em meus horários de estudo e conversar com eles sobre a vida deles, eu percebi, que muitos sentiam falta da mãe, tinha dificuldade de relacionamento com o pai e se sentia sozinha, então o único lugar em que eles se sentiam alguém, era na escola, então eu não concordo com suspensão por suspensão, porque as vezes fala ah vamos suspender esse menino que ele conserta, isso não funciona, só que também acho que não funciona a gente fazer de conta que não está acontecendo, eu vejo que a forma adequada é uma parceria entre família e escola em que a própria família vai trazer as respostas. Não adianta a escola suspender se em casa ele ficar na rua. Agora também não adianta a escola fazer de conta que não viu se em casa ele não vai receber nenhuma forma de diálogo, então o ideal na minha forma de pensar é uma parceria entre a família e a escola com diálogo, buscando formas mesmo. Com a minha filha eu trabalho com diálogo, não sou a favor de repreender, de castigar, com minha filha que é da mesma idade dos meus alunos eu trabalho assim, olha você fez isso na escola que não é adequado, você acha que é correto você receber os benefícios que você tem, por exemplo, você tem internet, para você é como lazer, além de estudo é lazer, você acha correto você continuar tendo esse momento de lazer, ela mesmo vai falar que não, então é assim, com minha filha eu faço isso, só que isso cabe a família educar, não cabe a escola, então a escola está assumindo um papel que não é dela, essa questão de princípios, princípios é da família, respeito é família. A escola entra como co autora, não como autor principal.

	P6	Bom eu tenho uma experiência de que a gente deve primeiro conversar, chamar para uma conversa, coloca todos os pontos positivos da criança. Que toda criança, todo mundo tem ponto positivo, a gente começa salientando os positivos para chegar aos negativos, ter uma conversa franca para a pessoa se perceber, de como ela está sendo mau vista naquele grupo, porque se ela tiver essa consciência, ela vai ter uma atitude, ou de mudar ou piorar, então se ela tendo essa percepção e ela resolvendo mudar, ela muda, aí se ela resolver não mudar a gente já começa ter uma conversa mais formal com ela no sentido de que se a família, se a escola através de uma conversa não resolve, conversando com a família, pedindo um apoio familiar a gente não resolver a questão, aí a gente em última instância, a gente simplesmente chama batalhão escolar para tomar as medidas cabíveis, porque a gente sabe que existe psicose, os psiquismos, que a pessoa vamos dizer assim, ela tem uma tendência forte, a que nem ela domina, e se forem esses os casos, aí realmente a gente tem que se resguardar porque a gente sabe de muita coisa de professor que tomou chinelada no rosto, professor que já foi ameaçado de morte, apareceram mortos. Então, a gente não sabe exatamente com quem está lidando em termos de pessoas violentas, porque a pessoa pode ter um surto de loucura, de psiquismo, que ela faz as coisas até sem ver, e se ela não se controla, muitas vezes se a não agir na hora certa pode resultar em algo realmente sem volta.
	P7	Eu acho que a primeira coisa é a escola comunicar com a família, trazer essa realidade para família, tentar entender o motivo, talvez seja um motivo fútil ou então porque é uma espécie de algum problema familiar, então orientar os pais que encaminhe para um terapia ou então para um profissional da área, mesmo porque tem na prefeitura um atendimento especializado, então tentar fazer com que esse aluno tenha esse atendimento especializado, e a família ter essa responsabilidade, ter é essa consciência de que ela faz parte da formação, eu não acho que os pais devem espancar os filhos com essa violência, se você bateu no fulano então você vai apanhar ou ficar e castigo agora, acho que principalmente pelo fato dela ser violenta, não cabe mais violência com ela. Eu acho que muitas famílias não sabem, não conhecem os filhos que tem, então em casa às vezes a criança tem uma mãe que é divorciada e mora com o padrasto e com a madrasta e o filho tem a carência afetiva, em casa ele é aquela criança isolada, quieta e calada e aqui demonstra outra realidade, é o caso que eu conheço de alguns alunos daqui, que quando a gente chama a mãe para conversar, a mãe espanca e tem uma atitude completamente violenta, então acho que tem que buscar, porque é um sintoma, a violência é um sintoma, em casa ele é assim? Será que a família é violenta e por isso ele é violento? Não às vezes pode ser uma manifestação, é um sintoma de algo que não foi diagnosticado, então assim eu acredito que é isso, acho que não porque a família briga o tempo inteiro, a criança vai ser também assim, pelo contrário precisa é trabalhar.
MASCULINO	P8	Olha eu acredito muito na conversa, mas essa conversa tem que ser a sós com a criança, a sós assim, só os professores, só os coordenadores, não pode ser junto com as outras crianças, se os pais participam eu acho bom também, eu não acredito na punição constante e nem ininterrupta com as crianças, isso não adianta nada só vai torná-la mais violenta Tem hora que não é possível, tem hora que tem que tomar providencia se o fato é grave, a gente tem que tomar as providências da lei.
	P9	Não só a criança, mas eu acho que toda pessoa, até o adulto. Acho que com conversa, mostrando para ele o que é certo, conversando, dialogando. Agora se já está no meio em que só vê coisa ruim, agressão, drogas, espancamento, fica difícil, mas continuo a insistir que o diálogo é a principal forma de combater a violência.
	P10	É essa questão, tem que ver como diz os problemas familiares deles, se a criança vive uma violência em casa com certeza aquilo para ela se torna normal, aí ela vai trazer essa violência para escola, então tem que ter acompanhamento e teria que está colocando essa criança para ter um atendimento com psicóloga, assim atendimento nesse aspecto. Na verdade, eu sou meio enérgico, meu ponto de vista é o seguinte, seriam três advertências, uma suspensão, depois da suspensão e com três suspensões seria a transferência por que, porque aí eles iam pensar duas vezes antes de cometer as infrações, porque se você ficar só na advertência para o aluno, há uma advertência, ele não está nem aí, não faz nenhuma questão, então esse é um problema também.

13º EIXO - DURANTE SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA FOI PREPARADO PARA TRABALHAR A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR?		
FEMININO	P1	Tenho dois cursos: letras e pedagogia, mas todos me oportunizaram apenas conhecer a escola através dos estágios, embora eu já tivesse o conhecimento através da escola particular, mas o curso de formação precisa pensar em como trabalhar a questão da violência, eu tenho uma especialização em torno da indisciplina, mas acho que os cursos de formação precisavam direcionar temas em torno da violência para o professor ao assumir ter condições de lidar com essas situações, embora sabemos que violência não se previne, ela acontece, mas é possível prevenir através de ações que podem envolver ou desenvolver critérios que trabalhe o aluno com tendência violenta.
	P2	Não fui preparado para atender a questão da violência, inclusive até disciplinas sobre educação em si eu tive só uma que foi psicologia da educação, depois disso não, só história. Meu curso foi bem defasado nessa área. Para prestar o concurso os conhecimentos que eu adquiri foram só para prestar o concurso mesmo que eu li sobre o assunto.
	P3	Violência escolar só mesmo durante o período da faculdade com trabalhos, algumas palestras, minicursos que faculdade oferecia, quando eu podia fazer eu fazia todos, no mais são palestras, curso e as disciplinas normais, porque não tem uma matéria específica para falar sobre disciplina ou indisciplina.
	P4	Estudei curso de letras: português e espanhol, isso há dez anos, então vi disciplina de psicologia que preparava, que mostrava um pouquinho dessa realidade das escolas, tinha a prática de ensino que trabalhávamos na escola, mas era direto do Depai, uma escola da própria universidade, lá também tinha alunos agressivos, alunos indisciplinados, porque onde há crianças tem todos esses problemas. Eu trabalhei toda vida em ensino médio, em ensino fundamental eu comecei aqui na prefeitura, mas no meu curso de formação não tinha momentos para aprender a dar aula, havia a professora de prática que era muito boa, a de psicologia que era muito boa, que levava muito para esse lado da escola, quando acontecer isso o que você vai fazer, mas não existia uma disciplina que orientava a trabalhar o aluno não, para preparar a gente, na realidade mesmo é a prática, agora é que mais estou pegando essa prática, dos cursos que eu já fiz até hoje, o que mais pega é o lado da prática mesmo, mostrando a realidade do que acontece, o que se deve fazer na sala de aula e essa pós-graduação em psicopedagogia é o que está dando essa noção, o restante é mais conteúdo mesmo.
	P5	Na formação a gente vê muito pouco, na verdade o que contribuiu mais foi à questão do meu tema da monografia ser relação professor aluno, foi quando passei a conhecer um pouco mais dessa relação, da importância dessa relação, aí eu passei a ver uma das coisas que pode vencer a violência na escola que é a relação de afetividade, se não houver afetividade entre professor aluno eu acho que é fadado ao fracasso, acho que quase 100% haverá violência.
	P6	No ambiente acadêmico (curso de letras) muitas coisas eu não tive suporte, inclusive em relação a violência, porque até em seminários, simpósios, nunca trabalhou assim de forma específica a violência, o que o professor poderia sofrer no ambiente de trabalho em sala de aula, isso nunca foi abordado em cinco anos de faculdade. Agora como eu sou uma pessoa que nasci praticamente nasci e cresci em periferia eu sempre soube que isso seria um dos calcanhares da nossa profissão, e acredito que se a gente tiver uma posição firme e agir na hora certa é o que dá o norte para poder escapar de certa situação. Uma professora da faculdade só mencionava alguns fatos que havia acontecido com ela em São Paulo, porque ela era muito brava, muito exigente, e um dia ao sair de uma escola pública que fazia estágio, ela viu os quatro pneus do seu carro no chão, rasgados por alunos, mas mesmo assim ela reclamou à direção da escola e a direção nada fez e ela ficou com o prejuízo. Por isso, então é como já se sabe: que apoio a gente tem? Não tem! Portanto a gente tinha que se virar mesmo para poder se resguardar de algum dano material ou mesmo físico.
	P7	Sou pedagoga e na escola campo que eu fiz estágio no período noturno era EJA, era bem tranquilo, muito diferente da realidade de hoje. E mesmo porque, no estágio não estamos todos os dias na escola para saber o contexto, temos algumas visitas que fica focado nos objetivos que o professor deve usar. Às vezes até tinha violência, mas a gente não observava aquele grupo. Mas pensando bem: é por isso que fiquei surpresa por encontrar um aspecto de violência principalmente nessa questão do Ciclo II que são pré-adolescente ainda. Eu penso que enquanto o aluno/professor estiver fazendo o estágio que é obrigatório na licenciatura, deve ser trabalhado esse ponto, não só estágio de trabalhar a prática na sala de aula, mas trabalhar e observar sobre a violência escolar, se tem ou não no contexto.

MASCULINO	P8	Na minha formação acadêmica, tive alguns momentos assim de discussão desse assunto em cursos, não na minha formação propriamente dita, mas em outros cursos que eu fiz: cursos de pós-graduação, de extensão, mas na formação propriamente dita não. A minha formação é na área de exata, então eu tive didática na área de exata, na área de física, na área de matemática, foram às disciplinas nessa área, de didática geral, mas também não chegou a abordar a questão de violência. Eu fiz uma pós-graduação, onde muitas vezes discuti esses assuntos, na verdade são vários nomes, mas a gente sempre teve a oportunidade em discutir, agora na minha formação continuada, não vou saber lembrar específicos não.
	P9	Fiz Educação Física e a matéria que me ajudou foi história da educação e psicologia, mas a prática não. Foram apenas seis meses e não dá muito para conhecer a realidade de uma escola, precisava melhorar nisso daí. Mas percebo que já há uma preocupação do curso que é ministrado pela UFG em trabalhar essa questão, tanto que gravei uma entrevista para alunos do curso de Educação Física em torno da violência de gênero.
	P10	No meu entendimento não houve contribuição no curso para saber lidar com essa situação hoje, principalmente na universidade que estudei, porque meu curso é Licenciatura em Bacharelado, então a gente aprofunda na licenciatura, a parte da licenciatura tem poucas matérias que você preparara para a sala de aula. Então não tem base, em todos os sentidos, não prepara. Você vai preparar mesmo é no dia a dia da sala de aula. Você tem muita matéria na parte do bacharelado, que nunca usará em termo de ensino fundamental e médio, usará apenas na docência superior que não é o caso aqui.
14º EIXO - DURANTE SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL A SME PREPARA PARA TRABALHAR A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR ATRAVÉS DA FORMAÇÃO CONTINUADA?		
FEMININO	P1	A SME promove muitos cursos ao longo do ano para o professor participar fora do horário de trabalho, que possibilita a atividades pedagógicas do professor, mas direcionada a violência, ou como lidar com a violência não.
	P2	Olha às vezes a gente fica sabendo de alguns cursos que tem divulgado aí, mas eu acho que deveria ter cursos obrigatórios que devíamos fazer, principalmente para os novos concursados, sobre educação no Ciclo, sobre violência, tudo isso e a gente não sabe.
	P3	Não, não, não, não, eu não conheço.
	P4	Eu não tenho conhecimento, sou novata, tenho pouco tempo de prefeitura, então eu poderia responder referente ao Estado, que é onde eu tenho mais experiências, com a prefeitura eu não tenho ainda contato. Venho aqui, fico dentro da sala dando aula e não tenho contato para saber os projetos que eles estão fazendo na SME, não tenho contato com eles para saber o que está sendo feito. Participei só de uma vez, promovido pela prefeitura, que foi Olimpíadas da Língua Portuguesa, que inclusive eu desenvolvi com os alunos aqui, mandei dois poemas dos meninos para participar, então esse eu participei e fui até o final, mandei para ver o resultado, se escolhem algum da escola ou não. Só esse de participação, foi bom, mas não tenho conhecimento dos demais. Sempre tem uma lista que eles pregam de cursos que a prefeitura está dando, só que em horário contrário de sala de aula. Mas acontece que estou com aula na prefeitura e no Estado, e não sobra tempo para fazer, ainda estou na pós-graduação em psicopedagogia, então não sobra tempo para esses cursos, mas já vi que existem alguns cursos que tem uns temas bons, mas eu não fui ainda. Quem sabe o ano que vem.
	P5	Eu acho que não tem, pelo menos eu nunca vi, a não ser no ano passado houve um simpósio, coisa rápida. Eu vejo assim, com a estrutura que tem o Centro de Formação, eu acho que deveria montar esses cursos mais longos de pós-graduação para discutir a relação professor e aluno: quem é meu aluno, quem é o professor. Porque quando eu começar fazer essa discussão, talvez a gente consiga ter multiplicadores dessa idéia, que ao valorizar o meu aluno eu sou valorizado, eu vejo que o grande entrave é esse. Eu escuto muito isso, "ah você fala isso porque você é nova na rede". Eu tenho dezesseis anos de educação, mas eu escuto: ah você é nova na educação, você é mãezinha. Olha o professor está refém do sistema, o sistema é que está mecanizando automatizando, virtualizando tudo.
	P6	No último concurso que teve na prefeitura, esse de 2007 que eu prestei, foi campeão em pedido de exoneração no primeiro mês de trabalho, eu conheço três pessoas da faculdade que cursei na Universidade Federal de Goiás, letras português e inglês que pediram exoneração, falta o quê? Ajuda da SME para entender o processo.
	P7	A SME oferece alguns cursos sim, mas eu não sei se a gente que é contratada pode pegar. Mas da violência escolar, esse eu nunca vi.

MASCULINO	P8	Na formação continuada dentro da SME participei de alguns cursos que será difícil lembrar e específicos agora.
	P9	A SME não está preocupada com a violência ainda, não investe, o governo deveria resolver esse problema, melhorar o salário dos professores a estrutura da escola, dar um mínimo de dignidade ao professor. As instituições particulares dão até o protetor solar, não tem protetor solar para trabalhar nesse sol. Não há quadra de esporte, trabalhamos no sol, na poeira, não tem quadra, não tem telhado, é muito difícil e quem são as pessoas que elegem esses candidatos? Os pais de nossos alunos, que pagam impostos, pagam assim, quando compra arroz, feijão, e outras coisas que eles precisam comprar para viver, eles elegem e os políticos sabem que precisam deles.
	P10	Eu não sei, porque sou contrato da rede municipal de ensino. Os cursos oferecidos pela SME são somente para os efetivos, para contrato não tem curso ainda não.
15º EIXO - O QUE PRECISA INOVAR NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA CONTRIBUIR NO COMBATE A VIOLÊNCIA?		
FEMININO	P1	Acredito que necessariamente precisava haver uma disciplina que envolve esse tema, ou seja, que dá suporte ao professor trabalhar a questão da indisciplina ou violência nas escolas, embora considerando coisas de menino nessa faixa etária, mas é preciso prevenir para que não se torne um adulto violento, entendo que a violência começa de uma simples brincadeira que pode gerar um ato violento se não for esclarecido que aquilo é violência e que está sendo reproduzida de alguma forma pela criança em relação ao adulto, portanto a formação inicial e continuada deve sim contribuir para o entendimento do professor em relação a violência.
	P2	Acho que deveria ser trabalhado não só a psicologia da educação, mas a psicologia de forma geral deveria ter esse tipo de preparo sim, já que temos de trabalhar com crianças emocionalmente problemáticas, eu acho que deveria ter um trabalho mais direcionado para relacionar os conteúdos com a violência da nossa própria disciplina, eu acho que no próprio estágio a gente devia trabalhar isso porque as vezes fazemos estágio naquela escola toda certinha, eu mesmo fiz estágio em uma escola onde tudo era certinho, eu não presenciei problemas, uma estrutura ótima, uma escola ótima, alunos ótimos, não tinha nenhum desafio propriamente dito e deveria ter, nós deveríamos ser preparados para essa realidade.
	P3	Eu penso que tinha que ter um trabalho específico como tem em língua portuguesa, em matemática, em filosofia e psicologia. Tinha que ter um trabalho capacitando melhor o profissional da educação porque se a família atuasse orientando seus jovens bem, mas se ela não atuar, quem tem que atuar é o profissional da educação não é? Fica a cargo do professor, eu penso que na nossa formação precisava ser inserido, um projeto, ou novas condições, novos cursos, porque a solução, eu acho que ninguém tem, porque isso é na família, é um princípio familiar. Se estiver faltando na família tinha que ter uma formação melhor para o profissional da educação. Não tem pensadores que trabalham na área de tecnologia, não têm outros que trabalham na área de saúde, não têm outros que se especificam mais na área da música? Não têm outros que querem pegar a inclusão e são especialistas e não fazem até mestrado em cima disso? Não tem os especialistas que trabalham em cima da história? Tinha que ter alguém que trabalhasse em cima de disciplina, da indisciplina e da violência e que se formasse melhor nisso.
	P4	Eu acho que os cursos de formação inicial precisavam ter um estágio em escolas diferenciadas, já que está preparando para ser professor não tinha que ser só lá na escola X ou Y igual acontecia, não sei agora, se é assim ainda, mas tem a escola e os professores para fazer o estágio, porque a gente aprende mais é com a prática e lá quando pega a prática mesmo. E nessa hora o professor já não está mais ali perto para orientar o que você deve fazer para resolver aqueles problemas. Então eu acho que está faltando, só uma disciplina, uma área que leve a indisciplina de aluno, de violência, não sei se iria resolver, mas acho que é mais que um estágio mesmo. O professor estar por ali para mostrar pelo menos em um semestre aquilo que a gente passa ali dentro da sala. Ai o professor às vezes com o preparo ele mostrará como é a realidade. Pensando eu enquanto aluno, lá novamente, inexperiente, mostrar a reação que tenho quando acontecer isso. Que reação eu tenho que ter para incentivar o aluno a... Porque a minha maior dificuldade quando eu entrei aqui é incentivar o aluno a querer fazer, a querer vir para aula, porque muita coisa da prefeitura de ter o Ciclo, que passa o aluno por idade, isto prejudica, porque o aluno, a comunidade, ela não está

	<p>preparada para isso. Igual os meninos da turma I, havia uma turma I que o professor no começo falava iiiii, já sabia que iam para a turma I de tão custosa que era. Eu fiquei mais assustada assim que cheguei, foi por culpa dessa turminha. Essa turma precisava de uma orientação, de uma conscientização. Quer dizer, de uma orientação entendendo que estudar é importante, porque eles falaram assim para mim: “você é nova na prefeitura, porque aqui nós não toma bomba não, aqui fez a matrícula passa”, isso eram os menores que falavam, fez a matrícula passa, essa é a turminha da I do ano passado que eu peguei quando eu entrei aqui. Agora os pequenininhos aqui, já são mais fáceis de conscientizar, porque mostramos pela necessidade, eu faço é assim: fulano você ficou dois dias sem vir a aula, o que aconteceu com você estava doente? Não pode ficar sem vir à aula se não tiver doente não, só quando ficar internado, tem que trazer atestado”, para ver se chama esse menino para escola, porque eles já aprenderam que fez a matrícula passa.</p>
P5	<p>Eu acho que devia ter uma disciplina que discutisse a relação professor aluno, especifica para esse caso, cujo foco dessa disciplina seria a relação professor e aluno, o que trás de benefício, que obstáculos podem ser gerados desta relação, porque como pode? Eu acredito que você deve ter vivenciado aqui, o olhar nesse sentido, um professor que tem um maior vínculo com a turma no termo de relacionamento, uns a turma se comporta de uma forma. Um professor que se mantém mais distante, a turma é mais agressiva, mais agitada, eu acredito que você tenha vivenciado isso também. Na minha formação eu vivenciei isso, quando eu comecei fazer o trabalho de campo tinha uma professora uma senhora que faltavam dois anos para se aposentar, eu ficava maravilhada com a forma que ela conduzia, eu nunca entrei na sala dela que a turma estivesse em fila, era sempre em círculo e essa mesma turma ainda um professor que trabalhava aula de educação física. Entre o professor de educação física e ela tinha uma diferença muito grande, porque os alunos brigavam nas aulas de educação física, eles gritavam, eles falavam mal. O professor foi chamar a atenção deles, eles falavam “cala a boca você fala demais”. E com essa senhora não, só pela idade não é, era uma relação de afetividade que não deixavam esses transtornos. Eles brincavam dentro da sala de aula, ela os retirava da sala, eles brincavam, mas não havia brigas. Então pude vivenciar, esse olhar. É isso que trago da relação professor, quanto mais eu valorizar o meu aluno, mais ele vai me valorizar. Então isso trago como uma disciplina para a formação do professor, para o curso de pedagogia a relação professor aluno.</p>
P6	<p>Eu acredito que a universidade, não só nos cursos de licenciaturas como em trabalhos das instituições de segurança pública deveria ter pelo menos um momento por ano em cada escola para poder tratar da questão de violência, as causas, as conseqüências e também colocar os fatores principais que podem levar as pessoas a cometerem violência, como resguardar dela, porque sabemos que muitas pessoas vivem num mundinho que eles acham que é um mundo perfeito, porém um dia ele pode sofrer uma violência e isso tudo vai mudar na cabeça dessa pessoa, porque nós não temos um mundo perfeito, não é porque a gente mora no condomínio tal, nos jardins tal que a gente não vai ser vítima de violência, a violência está por toda parte e nós a qualquer momento podemos ser vítimas delas e as instituições educacionais, as instituições públicas de segurança teriam sim que ter um trabalho junto as escolas, junto a comunidade em geral para poder buscar soluções juntos, formar comissões para ter soluções para resolver. Começar de forma isolada em cada região e depois de forma conjunta para que realmente solucione o problema, porém a gente sabe que se resolver o problema, aí acaba a política, porque o discurso da política é saúde, educação e segurança e ponto final.</p>
P7	<p>Eu penso que enquanto o aluno estiver fazendo o estágio que é obrigatório na licenciatura, deve ser trabalhado esse ponto da violência, não só estágio de trabalhar a prática na sala de aula, mas trabalhar esse ponto da violência também, observar se tem no contexto ou não. Eu acho que o estágio deveria trabalhar essa questão como ponto de observação e de intervenção, como a gente tem um estágio de observação e intervenção no pedagógico, então acredito que contribuem bastante se no ponto de observação fosse a questão da violência e quando for intervir utilizar essa observação para saber lidar com a situação, orientar o professor.</p>

MASCULINO	P8	O que pode ser inovado? É uma pergunta difícil de responder, mas eu acho o seguinte, se a formação investisse um pouco mais na questão da ética do professor, na questão da necessidade de o professor agir com absoluta justiça quando se vê frente a um problema com os alunos eu acho que isso poderia começar a melhorar, porque o que muitas vezes vemos é o seguinte, acontece que nem é culpa do professor, é porque os acontecimentos são muito rápidos, as vezes e muitas vezes o aluno fica com a impressão de que está havendo dois pesos e duas medidas, muitas vezes o aluno questiona: “por que você fez assim com ele e não está fazendo assim comigo?”, é onde o professor precisa ter muita clareza de como proceder com relação a essa parte, agora a violência propriamente dita é uma questão difícil de resolver, porque eu acho que a violência vem da própria sociedade, não é própria só do aluno. Estamos num sistema de vida extremamente competitivo, onde as pessoas, cada uma quer mais que a outra, as vezes quer o que é do outro é, quer o lugar do outro no trabalho, quer ganhar o salário do outro. É uma bola de neve, assim que chega dentro da escola é inevitável a violência. Se o professor tiver clareza da ética e justiça ele não vai cometer tanta violência psicológica, ele vai conseguir perceber quando ele estiver assim, na situação de cometer uma violência psicológica.
	P9	Na verdade os professores precisam ser preparados para atender os alunos no que se refere o ensinar, agora a educação deveria ser de casa, mas no caso da violência acho que ninguém está preparado, e muito complicado.
	P10	O que deveria incrementar para atender essa questão da violência? Sinceramente? Não faço a mínima ideia. Uma matéria para estudar sobre isso? Se alguém tiver a solução para acabar com o problema da violência pode passar que a gente está aceitando. O professor preparado para ministrar aula e lidar com a situação de violência? Isso aí é uma coisa que não tem como planejar uma solução para ela, porque nunca se sabe qual a violência que irá acontecer, é uma coisa do momento, quando vê, já aconteceu! No meu ponto de vista, acho que não tem como fazer um planejamento para tratar a violência. Medida preventiva? Como diz, a gente sempre tenta, colocam os pontos no que é certo, no que é errado, na convivência com os alunos, no respeito com os alunos, no respeito com o colega, no respeito com o professor, no respeito com os funcionários, muitas vezes você fala entre pelo um ouvido e sai no outro. Como exigir do aluno que ele respeite, porque se ele não respeita o colega, ele não respeita funcionário. Se estiver na casa dele, o pai e a mãe não têm um bom relacionamento: um chega e grita e já enfia a mão um no outro, um fica agredindo o outro, usando drogas na frente da criança. Temos um caso aqui mesmo na escola, de manhã é o que se vê: ah por que você está faltando aula? Meu irmão morreu. O que foi com ele? Ele saiu da cadeia deram três tiros nele. O irmão era traficante de droga. O pai tinha saído da cadeia pouco tempo por causa de droga e a mãe era prostituta. Quer dizer, qual é nossa moral, onde essa criança cresceu? Não tem formação, moral nenhuma, tipo assim era tudo normal, o fato do irmão dele ter sido assassinado, achou normal, o fato de o pai ser traficante e ter ficado na cadeia, normal, a mãe prostituta normal. E eu ainda estava comentava com as colegas, que a mulher é uma mulher livre, então normal, não tem nada demais, como diz o cidadão, o errado é vir para escola, estudar, a ralar, isso é errado.
16º EIXO - QUAL O ENTENDIMENTO EM TORNO DA PESQUISA SOBRE VIOLÊNCIA?		
FEMININO	P1	Para a violência não aumentar mais do que já está será necessário que todos envolvemos para um ensino de qualidade, onde todos envolvidos com a educação dediquem mais às nossas crianças e possamos favorecer um melhor entendimento para a violência, porque como vamos combater aquilo que desconhecemos, entender como lidar com essa situação para depois saber trabalhá-la.
	P2	Eu queria dizer dois pontos para melhorar, primeiro ponto: precisa haver políticas que levem as famílias a participarem mais da educação dos filhos, em todos os sentidos, tanto na educação moral quanto na educação do conhecimento mesmo. Eu acho que cada ano que passa a família está se distanciando mais, e é por isso que hoje a gente vê um quadro tão assustador de violência em algumas escolas. Segundo ponto que a SME contribuía mais para melhorar o ambiente escolar, na estrutura da escola, na capacitação dos profissionais direcionado a prevenção e o combate à violência, dispondo profissionais para atuar nas escolas, por exemplo, em nossa escola tem ambiente informatizado, mas não tem o profissional, não pode usar, tem a sala de leitura, mas não tem o profissional, então não resolve. Tem que haver profissionais preparados, assim como todos nós, tem que ser capacitados para trabalhar com esse tipo de situação. A SME precisa perceber a comunidade que a escola está inserida e trabalhar com esses profissionais em cima dessa comunidade,

	em cima dos problemas que tem, dos desafios, das famílias da região. Às vezes me parece assim: está aí você tem que resolver, joga a responsabilidade totalmente para escola. Eu até vi essa semana, li no jornal que foi aprovado a lei do bullying, pensei: “nossa que interessante! O que será que foi aprovado que obriga a escola a desenvolver um trabalho que conscientizem os alunos contra o bullying?” Mas isso as escolas já fazem, nós fazemos isso constantemente, todos os dias na sala de aula deparamos com um aluno que é racista, que apelida o outro e faz um monte de coisa e a gente já está trabalhando isso, então não precisa aprovar, nós precisamos é de direção em vários sentidos e que faça a diferença dentro do ambiente escolar.
P3	Nós enquanto profissionais da educação, enquanto professores, penso que não conseguimos mudar o mundo, mas podemos contribuir da melhor maneira possível, porque estamos formando cidadãos e a criança que eu trabalho com ela hoje, pode ser o profissional da área de saúde, de educação, pode ser o motorista do coletivo daqui dez, vinte anos, isso se ele for bem orientado. Eu penso que a SME precisava nos ajudar, desenvolvendo um trabalho na formação continuada de cursos para professores que atendam a necessidade de auxiliar o professor a prevenir e combater a violência. No CEFPE tem pic de alfabetização, pré-letramento de alfabetização, pré letramento de matemática, GT de coordenadores para melhorar o trabalho de professores em sala? Então precisava ter uma reunião, um encontro, um momento, palestras para desenvolver um projeto ou um trabalho voltado à indisciplina, porque é um problema social. Não é só nessa escola, não é só nesse bairro, não é só na nossa escola, só na nossa cidade, para todo lado que a gente vira está expandindo, seria quase que a mesma coisa da droga, ela está proliferando, é uma questão de independência para tudo isso. Eu penso que precisava de alguém despertar e começar a estudar e trabalhar para nos ajudar nessa área, por exemplo, o seu trabalho quando concluído poderá ajudar pessoas por onde vocês passaram ou pessoa que não te conheceram, porém vai ver um estudo voltado a isso, e poderá ajudar alguém, então eu penso que a SME tinha desenvolver um trabalho mais amplo para orientar melhor, não tem o PROERD que veio para escola por causa das drogas, é um programa do Estado e entra até nas escolas municipais contra as drogas, mas só atua nas drogas, na violência não. Então tinha que ter outros programas também, e que os profissionais trouxessem para dentro da escola.
P4	
P5	O professor está refém do sistema, o sistema é que está mecanizando automatizando, virtualizando tudo. Eu acho que nessa pesquisa podia colocar o humano, a necessidade do humano, a necessidade do contato humano e quebrar com a burocracia, com o vínculo e literalmente mesmo humanizar o aluno como ser humano, o professor como ser humano, porque é difícil também cobrar de um professor que trabalha de manhã a tarde e a noite com alunos carentes e ter tempo, ter ânimo para vivenciar o humano, porque como ele proporcionará alegria, lazer se ele não tem tempo e nem dinheiro para isso. Eu vejo que uma das grandes dificuldades são essas, eu espero que essa pesquisa contribua no sentido de pensar que a violência só existe porque cada vez mais nos preocupamos com globalização, com virtualização, com índices, e cada vez menos nos vemos seres humanos, não vemos nossos alunos como seres humanos, vemos como sujeitos que precisam ser aprovados em índices, vemos a escola como espaço para preparar para o índice, eu acho que precisa quebrar isso, que coloquemos o humano. Trazer a família para escola, trazer a escola a autonomia e não ficar só no papel. A escola hoje não é autônoma, se resolvermos parar com todos os currículos, todos, se resolver hoje quebrar todos os paradigmas, ninguém é professor de disciplina, você vai trabalhar com a turma que se identifica com você, e você junto com sua turma vai decidir o que vocês querem discutir, mas não podemos fazer isso. Então é por isso que temos que obedecer aos papéis, a gente tem a obedecer as leis no sentido burocrático e fica afastada dos nossos alunos. Eu me sinto violentada nesse sentido, no meu direito de ser autônoma, no meu direito de discutir o que eu quero discutir com meu aluno, de parar tudo. Achei até interessante quando aconteceu uma situação de violência dentro de minha aula, quando a aluna pegou o canivete para cortar seu colega, foi triste, mas naquele momento eu recebi autonomia da escola, eu pedi: quero parar tudo eu preciso discutir isso com meu aluno, eu preciso saber onde está o foco, o que é isso, de onde veio isso, porque mexeu comigo e foi bom para mim e foi bom para a turma. Foi um salto, um crescimento.
P6	O aluno está em um nível de superioridade hoje em relação ao professor, porque os pais abandonaram os filhos na escola, isso não é coisa de escola pública, é qualquer escola, abandonam os filhos lá e acham que os professores tem que dar formação moral, até a questão da higiene muitas vezes a gente tem que passar para os alunos, certa coisas que seria o papel da família, porém a gente vai assumindo tanta responsabilidade que se vê

		sobrecarregado, e pode dar problema porque se a pessoa não estiver uma estrutura mental e um ritmo de vida adequado, pode sim ter problemas seriíssimo
	P7	
MASCULINO	P8	Espero que essa pesquisa consiga detectar causas e eventualmente sugerir soluções, não sei se são exatamente os seus objetivos, mas espero que possa ajudar e venha ajudar no futuro.
	P9	Quero reforçar que o governo não investe em educação e fica difícil, querem pessoas sem conhecimento, pois por uma troca de favores eles vendem seus votos dizendo que o político tal é bom. Eles não veem que os impostos são pagos a eles para retribuir em escola e mesmo assim a população está dominada pelo que o governo oferece que é o mínimo. Não sei, mas eu não vejo expectativa na educação. Essa educação que está aí onde não há interesse do governo em resolver os problemas, estão preocupados com IDEB, índices e o que precisa não atendem que é a questão do aluno, das condições que estão às escolas esse é um fato muito difícil e precisa ser resolvido
	P10	Quero dizer que essa pesquisa contribua para o combate a violência física e o vandalismo na escola.

ALUNOS

Sujeitos alunos		Idade	Turma	Classe social
MASCULINO	A1	11	F 3	Meu pai trabalha de pedreiro, mas ele vendeu a casa e foi para Portugal, mas nós já temos dinheiro e compramos outra, tenho quatorze irmãos.
	A2	11	F 3	Minha mãe trabalha em outro setor, ela trabalha no centro da cidade, mas pega menos ônibus. Em caso moramos eu, minha irmã, minha mãe e meu padrasto.
	A3	13	F 3	Minha mãe bebia, bebia, bebia muito, meu pai nós pegou e levou para morar aqui com ele.
	A4	12	F 3	Moro de aluguel.
	A5	11	F 3	Meu pai bebe, minha mãe briga.
FEMININO	A6	11	F 3	Moro com meus pais em casa própria.
	A7	11	F 3	Mudei para cá porque é mais barato morar aqui.
	A8	11	F3	Tenho casa própria
	A9	13	F9	Moro com meus pais, mas minha casa é longe da escola.

1º EIXO - TRAJETÓRIA DO ALUNO NA ESCOLA

MASCULINO	A1	Estudo aqui a um ano, moro perto dessa escola, gosto dessa escola, estudo aqui porque minha mãe escolheu aqui para estudar, ela achou aqui bom.
	A2	Eu não moro aqui, é a primeira vez que estou estudando aqui, estudo aqui porque a gente mudou daqui e estava difícil, porque a minha mãe trabalha muito longe daqui, tem que pegar muitos ônibus e ela trabalha lá no centro, mas pega menos ônibus, eu venho só e volto. Lá perto de casa tem escola, mas eu estudo aqui porque minha mãe me colocou aqui, eu não pude escolher, ela não tinha tempo para me trazer para outra escola.
	A3	Eu morava com minha mãe em outro Setor, mas minha mãe bebia muito, aí meu pai pegou nós para ele, viemos morar aqui com meu pai e viemos estudar aqui. Lá eu não estudava, ficava em casa, mas eu já estudei antes, hoje moro com meu pai aqui perto, mas não sei porque que ele escolheu esta escola para estudar.
	A4	Minha mãe escolheu essa escola para estudar porque não havia outros colégios que tinha vaga, nós moramos aqui perto aqui, então minha mãe colocou meu irmão e eu para estudar aqui.
	A5	Já tem uns sete anos que eu estudo, seis anos estudava em outro município. Essa é a primeira escola que estudo aqui em Goiânia, minha mãe escolheu essa escola para estudar porque era mais perto. Gosto da escola porque fica perto de casa e eu conheço todo mundo.

FEMININO	A6	Meus pais escolheram essa escola para estudar porque era a única que existia para estudar comecei meus estudos aqui nessa escola e até hoje permaneço aqui. Eu acho a escola boa porque desde a primeira série eu estudo aqui, eu gosto dela.
	A7	Minha mãe escolheu essa escola para estudar porque é mais perto da minha casa. Eu acho aqui boa também, os professores são legais, tem um ensino bom, sou frequente, não falto aula
	A8	Cheguei aqui há um ano e meio. Então tem um ano e meio que moro aqui nesse bairro, tenho casa própria. Não foi bem eu que escolhi essa escola para estudar, foi minha mãe que pois eu aqui mesmo. É uma escola mais próxima de minha casa. Eu morava em outro setor, lá eu tinha muitos relacionamentos, muitas amizades, era muito fácil de vizinhos, totalmente diferente daqui, a vida era tranquila. Eu estudei quatro anos em escola particular, aí eu quis, eu mesmo quis vir para escola municipal porque eu não gostei muito de particular, minha madrinha pagou para mim os quatro anos de escola particular, depois estudei também no outro setor em escola pública municipal, mas a escola era totalmente diferente, era uma escola nova, tinha cinco anos só de existência, ficava atrás de minha casa, ela tinha quadra, tinha um pátio enorme, tinha estacionamento, tinha quadra de vôlei, quadra de futebol, totalmente diferente daqui.
	A9	Tem dois anos que eu estudo aqui, venho de outra escola, de outro setor. A escola lá era boa. Fiquei um ano lá, depois terminei o ano e vim para cá e tem dois anos que eu moro aqui. O outro setor é aqui perto é por isso que eu estudava aqui, é por isso que tem dois anos que eu estudo aqui. Escolhi essa escola para estudar porque todo mundo me falava que aqui era muito legal estudar, aí eu vim estudar aqui. Eu acho bom estudar aqui. Eu gosto daqui, porque os alunos são legais. Já faltei muito às aulas, mas agora já basta. Esse ano não faltei muito as aulas, algumas faltas é porque estava doente, uma falta é causa que eu matei aula mesmo, fui para casa de minha colega, não estava com vontade de estudar, estava com preguiça, ficamos lá, assistimos televisão.
2º EIXO - O QUE MAIS GOSTA NA ESCOLA		
MASCULINO	A1	O que mais gosto dessa escola é porque as professoras ensinam.
	A2	Eu acho essa escola muito boa.
	A3	Ah eu gosto das professoras, do recreio.
	A4	Acho que a professora ensina para nós, ensina a aprender ler, escrever e outras coisas.
	A5	Gosto da educação física, dos alunos, de tudo.
FEMININO	A6	Eu gosto dos professores
	A7	Professores são legais, tem um ensino bom.
	A8	Ah das amizades, dos professores. O que mais gosto, mais gosto mesmo são dos professores, dos alunos e meus colegas. Gosto de todos, não tenho inimizade com nenhum. (contradição houve a briga na porta da escola).
	A9	O que eu mais gosto é do recreio porque estão reunidos os colegas e todo mundo fica junto.
3º EIXO - O QUE MENOS GOSTA NA ESCOLA		
MASCULINO	A1	De fazer bagunça.
	A2	Daquela casa, aquelas coisas que eu vejo aqui. Precisa de uma quadra de esporte, um campo aqui no lugar desse mato.
	A3	Menos gosto é quando os professores brigam com a gente.
	A4	
	A5	Menos gosto é porque essa escola é só na terra não tem nada de bom! Podia ter pelo menos uma quadra de futebol, algum dia aqui podia ter um parquinho para brincar, podia colocar grama, mudar o visual.
FEMININO	A6	Não gosto do mato, quando chover o mato vai crescer rapidão, eu gosto das árvores, mas não dessa casinha abandonada que tem aí.
	A7	Sei não
	A8	Ah eu acho que esta escola está bem precária, não tem nenhuma quadra para brincar, não tem estacionamento para os carros, porque eles ficam aqui junto com a gente. Igual um dia quebraram o vidro do carro da professora na hora do recreio, porque não tem espaço.

	A9	Não gosto de jogar bola, quando vão jogar eu fico sentada no banco vendo os outros jogar na aula de educação física porque a educação física é realizada na terra.
4º EIXO - QUAL A MAIOR DIFICULDADE QUE ENFRENTA AQUI NA ESCOLA		
MASCULINO	A1	
	A2	
	A3	
	A4	De escrever porque eu escrevo errado e no lugar de escrever, por exemplo, o L com som de U, coloco apenas o U. Quando eu escrevo o E eu esqueço de por assento. Tenho vontade melhorar nessa questão.
	A5	É estudar, ficar lá treinando para fazer prova aí a gente esquece, assim ficar treinando sobre o sistema solar, o núcleo humano, estudar essas coisas, porque a gente não grava muito na mente. Gostaria de estudar outra coisa que não seja essa que falei, por exemplo português, educação física, artes, eu já tenho essas matérias, mas queria estudar mais.
FEMININO	A6	
	A7	É Geografia.
	A8	Não tenho dificuldade, tudo normal, eu me relaciono muito bem com os professores, com os alunos, com os amigos.
	A9	Minha dificuldade é em leitura, mas estou procurando melhorar, eu leio em casa de vez em quando, quando não tenho nada para fazer eu leio em casa e em sala também, quando a professora não passa nada eu fico na sala lendo gibi. As vezes fico sem fazer nada, fico com preguiça só pensando o que eu acho.
5º EIXO - FALE UM POUCO DE SUA VIDA		
MASCULINO	A1	Meu pai vendeu a casa e foi para Portugal, nós não tínhamos dinheiro e só ficava mudando, agora nós temos dinheiro e temos casa. Meu pai trabalha de pedreiro. Moro com meu pai, minha mãe, minha avó e meu irmão de catorze anos. Ele estuda na escolinha de futebol.
	A2	Moro com minha irmã, minha mãe e meu padrasto. Minha mãe trabalha e o meu padrasto também e minha irmã estuda, ela tem treze anos. Meu pai mora em Minas Gerais, não lembro o nome da cidade, eu tenho um irmão com meu pai.
	A3	Eu morava com minha mãe em outro setor, aqui perto, mas minha mãe bebia muito. Meu pai pegou nós para ele, hoje minha mãe não bebe, mas não quero morar com ela.
	A4	Participo do projeto amar, é de Deus, lá oferece almoço, tem o momento devocional e quando acaba o devocional eles te ensinam a fazer tudo que você quiser, a fazer a tarefa, ler, a escrita, a matemática. É um projeto da igreja evangélica. Eu moro com meu pai, com minha mãe com meus irmãos, tenho dez irmãos, sou o caçula, o mais velho tem vinte e dois anos, o mais novo tem quatro anos. Nem todos moram dentro de minha casa, lá mora a terceira mais velha, eu, meu irmão, e o restante casaram e estão morando pra lá.
	A5	Moro com minha mãe, meu pai e meus três irmãos de oito, catorze anos e vinte e três. As vezes eu trabalho de carregar cerâmica lá perto de casa, a mulher me chama para trabalhar e me dá dinheiro, ela dá cinco reais, carregamos no carrinho de mão, trabalha eu e meus irmãos. Ela paga cinco reais para gente dividir, trabalhamos três vezes por semana, meu pai e minha mãe sabem, eles falam que é bom porque a gente ganha nosso dinheiro. Eles não acham pouco o que ganhamos. Eu gasto meu dinheiro comprando coisas para comer, o que sobra vai para lan house. Divido com meus dois irmãos de oito e catorze anos, fica assim, um e cinquenta para cada, aí a gente compra uma bolacha de cinquenta centavos e não sobra nada, fica um e cinquenta para cada um dos três. Eu acho bom está trabalhando porque não precisa toda hora pedir dinheiro para o pai, mesmo que de vez em quando ele dá. Meu pai trabalha de pedreiro, minha mãe de lavar roupa, passar e arruma a casa dos outros.
FEMININO	A6	Eu tenho oito irmãos, com a idade de vinte e um, dezesseis, treze, onze, uma irmã de oito anos, um de seis, uma de três anos e uma recém nascida. Eu considero uma família normal, não passamos necessidade, é uma família tranquila.
	A7	Moro com meu pai, com minha mãe e dois irmãos, um de dezoito e outro de nove anos.
	A8	Tenho quatro irmãos, comigo são cinco. O mais velho tem catorze anos, o mais novo tem

		três, tenho uma irmã de nove e meu irmão de cinco anos. Estuda nessa escola eu e minha irmã de nove anos, meu outro irmão de catorze é só de parte de pai e não mora conosco. A vida lá no setor que morei era boa, tinha muitos relacionamentos, muitas amizades, era muito fácil de vizinhos, totalmente diferente daqui.
	A9	Moro com meu pai, minha mãe e dois irmãos, de dezenove e dezessete anos e eu sou a caçula. Minha mãe não trabalha fora, só meu pai trabalha.
6º EIXO - COMO VOCÊ É CORRIGIDO EM CASA QUANDO FAZ ALGO CONSIDERADO ERRADO?		
MASCULINO	A1	Eu procuro não fazer de novo, porque meus pais não me batem, mas eles falam para eu não fazer mais.
	A2	A minha mãe e eu sentamos no lugar e conversamos, mas já ganhei Chineladas nas costas, minha mãe me bateu porque eu faltei. Eu disse para ela que eu faltei aula a toa porque não sou de mentir, mesmo assim ela me bateu. Mas foi só essa surra que levei, que eu me lembre sim. Moro com meu padrasto, mas ele não me bate, nunca me bateu.
	A3	Ah eu fico de castigo sem assistir desenho, sem sair para fora, não apanho, mas já apanhei do meu pai, de cordão, ele me bate de cinto. Ele me bate quando eu faço alguma coisa errada, dói muito, mas eu achei que ele estava certo quando fez isso porque estava me corrigindo, mas eu não acho certo corrigir batendo, corrigir com tapa não é certo.
	A4	Eles me colocam de castigo, não deixam sair e me batem, se eu fizer muita bagunça e desobedecer eles. Aí eu apanho de chinelo, sinto dor, minha mãe me bate mais porque eu a desobedeço, ela manda eu não sair, eu saio, aí ela manda eu não pegar a bicicleta eu pego e vou para a rua com meus amigos sem falar com ela. Lá em sua casa todos apanham igual é só fazer coisa errada que apanha, mas eu faço sabendo que vou apanhar que depois vem a surra. Mas quando eu saio, eu penso que se eu for minha mãe vai me bater, aí eu falo "ah mais é pouca coisa ninguém vai saber", aí a mulher vizinha de casa que sempre conversa com minha mãe e as pessoas que vê conta para minha mãe, mas eu penso que minha mãe não descobre, aí quando minha mãe descobre eu apanho. Eu não acho que tudo que faço e minha mãe me bate é certo, porque eu a desobedeço. Eu não gosto de desobedecer minha mãe, não sei por que faço isso.
	A5	Quando faço algo errado meus pais me batem, as vezes de cinto, outras de chinela e cipó, essas galhas fininhas são as que mais doem e fica marca no corpo.
FEMININO	A6	Meu pai só dá bronca, ele fala que não é para fazer isso de novo, mas ele não me bate, só bateu algumas vezes de cinto e de chinelo. Sei que estou errada e acho que eles estão certos em bater para corrigir e na hora não sinto dor, só fico olhando, não choro porque estou errada e fiz a coisa errada e meu pai me corrigiu e a surra é para não fazer mais.
	A7	Meus pais me corrigem conversando, às vezes deixa de castigo, me deixa sem ir ao computador, me deixa sem assistir televisão, fico só no meu quarto. Eu não apanho, ganho uns tapas, bate aqui no braço, não muito doido, porque fiz alguma coisa errada, por exemplo, falei mal do meu irmão, aí minha mãe me dá uns tapas. Os dois me batem, mas meu pai me bate mais, ele me bate com a mão, isso quando eu fico perturbando o meu irmão. Mas quando eu apanho acho que é porque eu fiz alguma coisa errada, e só está me corrigindo para nunca mais fazer. O que faço para merecer esse castigo é só porque invento brincadeiras sem graça com meu irmão, que ele não gosta, aí meu pai me dá uns tapas.
	A8	Quando faço algo errado me põe de castigo e batem. No dia da briga com a menina na porta da escola meu pai me bateu de cinto. Ele falava assim "você quer virar uma maloqueira não é? Ficar batendo em todo mundo!". Falou e eu fiquei de castigo também, sem sair para rua durante uma semana. Ele sabe que eu apanhei também, mas ele pensa que eu não dei conta de bater na menina. Ele queria que eu batesse, ele falou assim: "ô pelo menos você batesse né?" Eu acho que está incorreta a fala dele, ele tinha que vir e conversar com a menina, mas mesmo assim ele me bateu. Doeu muito, foram pelo menos três cintadas. Minha mãe falava que ia contar para o meu pai porque não dá conta mais de mim, aí na hora da surra ela dizia: "toma, vai, ninguém mandou você brigar com a menina." Mas eu não senti nada, só senti os momentos da apanhada mesmo, sabia que ele estava me corrigindo. Eu acho que ele não podia me bater, ele tinha que vir aqui conversar com a mulher, com a menina que me bateu e também saber porque eu bati. Algumas vezes quando desobedeço meu pai, eu sempre apanho. Minha mãe também me bate, mas quando é muito grave ela deixa para o meu pai. Meus outros irmãos ainda não são tratados assim, quer dizer só meu irmão, os outros pequenos. Eles ainda não apanham, vai depender do comportamento deles, hoje eles são corrigidos falando que não pode e eles

		<p>param na hora. Eles me veem apanhar, eles ficam assustados e meu pai fala para eles “isso vale para vocês também.” Eles ficam olhando, a minha irmã de nove anos fica rindo de mim, mas quando ela apanha, eu ri também. Estou acostumada a apanhar de chinela, de cabo de rodo, de tudo que você pensar eu apanho, já apanhei em minha vida de mangueira, daquele trem de amora, Nossa Senhora! Vara de amora, já apanhei com aquele negócio de pneu, borracha de pneu, mas nunca me feriu, mas ficava um vergão. Comecei a apanhar tinha sete anos, sete anos mais ou menos comecei a apanhar, mas eu acho que eu não crio vergonha na cara não (risos), ai, ai, isso aí só o mundo mesmo vai me corrigir, sei lá, eu penso aqui na minha cabeça que vai me corrigir falando que quem quer vir é para dar. A partir daí eu já comecei a apanhar na rua e diante de tudo isso. A partir daí penso que algumas vezes, dependendo o mundo me corrige, igual minha mãe diz: “se eu não corrigir, o mundo corrige”. Mas eu não tenho pensado nisso não, mas acho que vem muita cintada, paulada pela frente porque eu vou aprontar muito ainda. (sorri), eu tenho essa consciência penso assim porque toda criança apronta, ninguém é perfeito. Eu acho que toda criança apanha, não tem uma, eu já até fiquei em tampinha, ajoelhada em tampinha eu já fiquei. Minha mãe me ajoelhou na tampinha, em saco de milho, Nossa Senhora! Sabe em que mais, ajoelhei naquele trem de tachinha de sapato pra cima, não sangrou porque eu ficava de um jeito diferente que o trem não sangrava. Mas minha mãe não queria que sangrasse não, ela deixava também só uns três minutos, até que não dava para sangrar não. Ela já tinha essa tabua lá pronta, era só eu fazer uma coisa errada. Um dia eu fugi da escola, fui para casa do meu colega, da minha colega e do meu colega, eles foram comigo, quando chegamos lá nós não escutamos bater o sino, porque a casa era acima da escola um pouquinho, estávamos jogando vídeo game. Fomos olhar já era de noitão, cheguei lá em casa meu pai e todos me procurando. Mas ainda acho que vou ainda aprontar muita bagunça, vou fazer muita coisa, vou xingar muita pessoa, ah eu vou bater em muita pessoa ainda, eu me sinto assim, tenho essa vontade, não sei porque, tenho esse instinto assim de bater nas pessoas, xingar, vou mexer como brincadeira, não é para ofender, é brincando mesmo, não é para humilhar, nem para fazer nada não, só brincando mesmo. Alguns não gostam, mas se elas reagirem de uma forma bem violenta, eu ajo de uma forma bem violenta também. Na minha frente, ninguém fala nada para mim, não sei pelas costas. Eu gosto de bater assim brincando, mas eu não sou vingativa não. Em algumas hipóteses acho que bater é brincadeira. Meu pai me bate porque eu apronto demais. Nossa senhora, eu apronto! Eu faço tanta bagunça, falo mal das pessoas, sou ignorante, arrogante. Acho que precisa melhorar essa arrogância minha, eu parar com essa arrogância, parar também de fazer muita bagunça, como você viu lá na sala, eu faço bagunça na sala.</p>
	A9	<p>Minha mãe e meu pai sentam e conversam, eles me corrige sem bater porque eles falam que bater não vai adiantar. Eu já apanhei na vida, mas eu não me lembro muito bem, mas faz tempo, quem me bateu foi minha mãe porque eu respondi ela, ela me deu um tapa, essa foi a única surra que levei.</p>
7º EIXO - COMO ACHA QUE DEVE SER CORRIGIDO QUANDO ESTÁ ERRADO?		
MASCULINO	A1	
	A2	<p>Não acho certo corrigir com surra, com tapa porque assim a criança vai ficar com aquilo na cabeça e vai ser revoltada. Eu não concordo com isso, a gente tem que resolver é sentar a criança no lugar e conversar com ela. Senão ela vai lembrar daquilo pelo resto da vida. Ela ficará lembrando daquilo, talvez ela pode até fazer aquilo com o filho dela porque pensa assim: ah minha mãe fez isso comigo eu tenho que fazer isso com meu filho. Eu penso que ela deve ser corrigida, conversando com essa criança, se não resolver pode levar para um orfanato, ou então FEBEM.</p>
	A3	<p>Acho que conversando resolve, colocar de castigo resolve. Eu acho que só conversando resolve problema, sou revoltado porque já apanhei, eu já sofri tanto! Só que aí não faço mais.</p>
	A4	<p>Não acho que corrigir é batendo, é colocando de castigo, não deixar sair. O castigo que acho mais doloroso é apanhar.</p>
	A5	<p>Não bater, só deixar de castigo e ir falando que não é para fazer mais.</p>

FEMININO	A6	Resolver é com a surra para não fazer mais.
	A7	
	A8	Eu acho que no dia que eu briguei na escola, meu pai não podia me bater, ele tinha que vir aqui conversar com a mulher, com a menina que me bateu e também saber porque eu bati também.
	A9	Acho que está castigando errado com a surra, porque bater não vai adiantar. Eu acho melhor sentar e conversar igual meus pais faz.
8º EIXO - O QUE VOCÊ ENTENDE POR VIOLÊNCIA?		
MASCULINO	A1	É bagunça chutar os outros e bater.
	A2	Violência para mim é briga, é responder o professor e outra coisas.
	A3	É bater, quando alguém bate.
	A4	É bater para machucar, é agredir, ameaçar, só.
	A5	Ah eu entendo que violência é muita briga. Brigar e matar.
FEMININO	A6	Por violência não entendo nada. Só já ouvi falar, mas o significado não sei.
	A7	É pegar o cinto e bater muito na criança.
	A8	Violência, eu entendo que é bater, é machucar, é ofender, isso para mim que é violência.
	A9	Não sei o que eu entendo, mas entendo que as pessoas fazem essas coisas assim que eu acho muito errado, as pessoas serem violentas, as pessoas serem maldosas, matar, essas coisas que eu acho muito errado.
9º EIXO - VOCÊ CONHECE TIPOS DE VIOLÊNCIA?		
MASCULINO	A1	É bater, espancar.
	A2	É briga, gente brigando com o outro, dando porrada, essas coisas assim.
	A3	Bater, quando alguém bate. Nenhuma mais além dessas que já falei.
	A4	É matar.
	A5	Tem tanto tipo! Cuidar mais do menor, ah não sei explicar isso não.
FEMININO	A6	Os pais espancando os filhos.
	A7	Brigar.
	A8	Eu acho que existem outros tipos de violência, tipo violência verbal. Violência no tapa, no murro, violência física mesmo.
	A9	Existe. Existe violência, é difícil de explicar, mas têm violência de matar, violência de espancar, essas coisas.
10º EIXO - FORA DA ESCOLA, NA FAMÍLIA JÁ PRESENCIOU ALGUMA VIOLÊNCIA?		
A1		
A2		
A3		Já vi meu irmão bater no meu cunhado, meu irmão chegou e deu murro no nariz do meu cunhado. Eles brigavam porque meu cunhado falava muito dele. Já vi meu pai e minha tia discutindo, brigando com a mulher dele.
A4		
A5		
A6		Já vi os vizinhos brigando, o homem falou assim: vai para o seu quarto, você não vai sair e ele jogou a faca lá para dentro, aí começou a falar, depois a vizinha foi e chamou a policia. Já vi também na televisão a mulher apanhando do marido. Já vi pais espancando os filhos. Eu já vi o pai batendo no menino de pau e de fio, na televisão, mas eu vi. Um dia eu vi o namorado da amiga da minha prima, ele falou que ia botar as duas num quarto e as fazer beijarem na boca, também falou que ia atirar na cara dela.
A7		
A8		
A9		

11º EIXO - O QUE VOCÊ ENTENDE POR VIOLÊNCIA ESCOLAR?		
MASCULINO	A1	
	A2	Violência escolar é quando as pessoas respondem as professoras algumas vezes.
	A3	
	A4	Não sei, mas eu vejo ameaça aqui.
	A5	Eu acho que violência escolar é quando a pessoa está xingando a outra, ela já está partindo para a briga, é isso aí.
FEMININO	A6	Violência escolar é quando os outros mandam tomar naquele lugar, xingar aquela palavra da mulher pelada, o que muitas vezes já vi aqui, os meninos batendo nos colegas de pau, machucando os outros meninos.
	A7	Violência escolar é quando os alunos fazem a briga ficar violenta.
	A8	Violência escolar é uma aluna brigar com a outra. Na minha opinião é quando uma aluna briga com a outra, é xingar professor, é o professor xingar o aluno, é ficar bagunçando dentro de sala de aula, acho que é isso aí.
	A9	Violência escolar é quando os professores batem nos alunos. Eu sei que alguns professores aqui tiram os alunos de briga, tem briga na porta do colégio, já aconteceu essas coisas, então isso é violência escolar.
12º EIXO - QUAIS OS TIPOS DE VIOLÊNCIA QUE VOCÊ JÁ PRESENCIOU NA ESCOLA		
MASCULINO	A1	Aqui embaixo vi os meninos brigando na pancada. Os dois estavam caçando encrencando, e depois começaram a bater um no outro, aí a professora foi lá e soltou os dois.
	A2	Vi pessoas respondendo as professoras algumas vezes. Eu já vi brigas, gente brigando com outro, dando porrada, essas coisas assim entre criança e adolescente, aqui dentro e ali na porta da escola. Aqui dentro foi um menino que estava caçando conversa com outro aí o outro falou assim, eu não quero brigar com você. Aí o outro deu uma porrada na cara dele e começou a briga, aluno com aluno na hora do recreio, depois as pessoas separaram. A outra briga foi de duas meninas, ali fora do colégio aí, aí na porta, a menina puxou o cabelo da outra, xingou de puta, levou porrada, puxão de cabelo, tapas, jogaram no chão. Só acabou quando chamou alguém aqui da escola que eu não lembro quem e apartou a briga, aí parou. Dentro da sala de aula a professora brigou com um aluno e ele falou assim: "ah não estou nem aí." Depois a professora falou que é bom ele sair, aí foi o menino desceu para a secretaria, a professora estava um pouco nervosa. Outra situação foi o menino que caçou conversa com o outro, começou essa briga só porque um era "mala" sabe? Ai ele chamou uns dez meninos pegou o menino e meteram a surra nele, mas isso foi em outra escola que estudei. Aí a mãe do menino foi lá, aí eu não sei o que aconteceu mais não. Não lembro o que aconteceu com ele.
	A3	Duas alunas começaram a brigar, puxar os cabelos, isso na hora que terminou de brigar que a professora foi tirar. Mas antes elas caíram no chão, puxaram os cabelos uma da outra, uma menina é da nossa sala e a outra é da F2. Os alunos aqui são agressivos dentro da escola, dentro da sala de aula também. Uma vez eu participei de uma brincadeira? Só que a maioria dos meninos não sabia que ia fazer isso. Eu não acho que foi por maldade, eles iam fazer sem querer, iam bater no boné, foi e pegou bem na cara da colega. Nós estávamos brincando, nós não sabíamos de nada que ia acontecer. Nós só estávamos fazendo assim ô (gesto de tapa no rosto), achando que ia bater só de brincadeira. Ai foi na hora que deu o último tapa, foi na última menina que deu o tapa. Eu estava brincando, mas sentado.
	A4	Os meninos ficavam caçando conversa, um deles falava assim: "ah quando estiver na hora de embora vou te bater", ficava ameaçando, aí o outro menino quando bate o sinal sai correndo com medo de apanhar. Outro dia uma menina estava perturbando a outra, ela falou que ia pegá-la na hora da saída, ela respondeu assim: "então tá", porque ela gosta de brigar. Quando chegou a hora de ir embora, uma delas não quis brigar, mas a outra que puxou seu cabelo começou a briga. Mas é porque ela gosta de brigar só para os outros falarem assim: "ah ela bateu!" Fica assim se exibindo que bateu nos outros, ela gosta de sentir que é forte. Outro dia eu vi na televisão alguém matando aluno de escola. O menino foi entrar no colégio, o cara passou e deu o tiro nele, foi esse mês, acho que foi dia dezessete de setembro, nessa hora eu senti que não pode mexer com os outros, andar com gente errada. Dentro da sala de aula, havia uma menina que quando estudou aqui ainda esse ano ela trouxe um canivete para o colégio. O menino não gostava dela, aí ela tirou o canivete que estava no bolso de outro colega foi furar o menino que ela não

		gostava e estava quieto na cadeira fazendo a tarefa. Não furou porque ele desviou. Foi uma confusão, a professora chamou a coordenadora de turno, levou ele para baixo, isso aconteceu no último horário, chamou o DEPAI (Delegacia de Polícia de Atos Infracionais), só que o pai do menino veio buscá-lo e a mãe da menina veio buscá-la também. O pai do menino pediu a transferência dele e a mãe da menina também. Dentro da sala de aula a gente vê brigas, murro, chute. Vê meninos brigando, outro dia na sala deu um rolo lá que eu esqueci, sei que o menino xingou o outro de não sei de quê, o menino partiu pra cima dele, deu um chute, uma porrada nele, mas não havia professor, o professor havia saído da sala não sei pra quê, assim quando o professor chegou separou, o menino saiu, mas mesmo assim o outro foi lá deu outro murro na cara dele. Ninguém chorava e ficou por isso mesmo.
	A5	Eu acho que tem muita violência aqui na escola, de manhã é o que mais tem, só tem briga. Briga de esquadrão, da força jovem, eu já vi alguma briga de esquadrão da força, o pessoal da escola separa e chama o batalhão escolar e resolve na hora. A violência na escola que me chamou mais a atenção foi da menina que brigou esses dias, uma deu pesada uma na cara uma da outra, puxão de cabelo, foi aqui na porta, depois da saída da aula, uma xingando a outra, quem separou a briga foi a professora, depois foram embora e não chamou o batalhão escolar. Eu achei essa cena muito chocante. Para acabar com essa violência eu acho que tem de ficar vigiando, chamar o batalhão escolar para ficar aqui vinte e quatro horas. De manhã está chamando o batalhão escolar e não está resolvendo, então não adianta nada, mas de tarde está adiantando porque são menores e eles têm mais medo e se esses meninos que crescerem assim violentos vão cada vez mais para bandidagem. Sempre os maiores vêm para cá caçar confusão com os meninos.
FEMININO	A6	Já vi os outros mandar os outros tomar naquele lugar, falar aquela palavra da mulher pelada, muitas vezes já vi os meninos batendo nos meninos de pau, machucando os meninos aqui na escola ali naquele mato na hora do recreio, pegando o pau e batendo nos meninos pequenos que não dá para se defender e mesmo assim os meninos maiores vão lá e batem neles, batem de pau, de pedra, eles choram e eu acho maldade. Mas nenhum dos funcionários da escola vê, depois é que eles saem chorando, aí professora fala para lavar o rosto, eles lavam e vão para sala de aula e fica por isso mesmo. Aqui na escola, uma menina da minha sala, chegou à outra menina e do nada, bateu na cara dela, jogou ela no chão e começou a bater nela, foi sexta-feira passada, depois acho que foi a coordenadora de turno que separou a briga, isso é violência, porque a menina chegou, bateu na cara dela, jogou ela no chão e começou a chutá-la.
	A7	Na sala de aula houve uma brincadeira muito infeliz, onde o último deu um tapa assim na cabeça do outro colega. A professora chamou a coordenadora de turno, pegou e anotou os nomes, falou que isso está errado, não pode fazer isso e na próxima vez que for de novo vai ganhar uma advertência. Depois houve outra briga aqui na porta da escola, onde duas meninas se esmurramam aí na porta. Já vi menino falando para o outro, se você bater, vou arregaçar sua cara. Já vi aluno falar mal de professor, falar que ele é mentiroso, falso. O professor não escuta porque ele sempre fala baixinho para o professor não escutar, mas quando ele escuta, manda descer e falar com a coordenadora. A escola fala para não brigar, faz de tudo mais não tem jeito.
	A8	Um dia na porta da escola do bairro que eu morava, um menino ia embora de ônibus escolar, aí o menino pegou o outro de dentro do ônibus, retirou-o e saiu arrastando. Assim que chegou lá fora deu tanto soco no menino, mais tanto soco, que saiu sangue no nariz, na boca, no olho que ficou roxo. Eles deviam ter a idade de Catorze e treze anos. O que bateu era de treze, o que apanhou era de catorze. Eu vi tudo e fiquei horrorizada e saí correndo. Na hora que terminou eu puxei o beco, fui embora porque senti medo, depois sobra para mim também, mas não senti pena de nenhum dos dois, foi uma situação normal, era briga por causa de namorada. É porque o de catorze tinha roubado a namorada do de treze. Depois nunca mais vi os dois, eu estava só buscando minha prima que estudava lá nesse colégio cedo e eu estudava à tarde.
	A9	No ano passado na sala de aula vi dois alunos brigando de tapa aqui na escola. Foi assim: eu fui ao banheiro, quando voltei já estavam na pancada, brigando lá no chão, tinha professor na sala de aula, foi aí que o professor correu e separou, separaram, mas eles disseram que iam resolver na saída. Mas não houve briga porque a coordenadora descobriu e os levou na casa deles, chegou em casa eles resolveram com os pais deles. Na semana passada aconteceu um dia que a colega levou um tapa na cara, eu não vi assim exatamente, porque eu tinha descido com a professora de arte para ajudar fazer um trabalho, aí eu subi na sala fiquei sabendo que tinha batido na cara da colega e ela

	disse que ia dar o troco, mas eu não presenciei. Mas aqui sabemos de casos como o de professor que deixa menino de castigo, menino que esvazia o pneu do carro dele, estraga o pneu, teve um carro da professora no ano passado, que ela deixou um menino de castigo porque ele esvaziou o pneu e quebrou o retrovisor do carro dela.
13º EIXO - VOCÊ JÁ SE VIU ENVOLVIDA EM VIOLÊNCIA AQUI NA ESCOLA?	
A1	Não.
A2	
A3	Já senti intimidado aqui, ameaçado, alguém já me ameaçou só que foi de manhã, eles falaram que iam me bater, mas não bateu.
A4	Aqui na escola aconteceu comigo de menino falar: “vou te pegar na hora da saída”, eu e os meus colegas, eu falei assim, “não quero brigar não”. Ele falou assim: “mais vou te bater mesmo assim”. Ele veio para cima de mim, eu deixei ele me bater, aí quando ele me deu um murro aqui na cara, eu fui pra cima dele. A briga ficou empate porque os meus colegas separaram. Eu senti ruim na hora que estava brigando, porque era meu colega, nós dois fazemos projeto juntos lá na igreja e aí lá cheguei no projeto e pedi desculpas à ele, porque eu não podia brigar com meu colega, todo dia e brinco com ele na hora do recreio. Eu estava triste, eu fiquei desprezado, sem nenhum amigo para brincar. Quando eu estava na quinta série, eu fazia bagunça, aí os meninos me chamavam para me ensinar a fazer tarefa, mas também me chamava para sair da sala, aí eu saía e a professora falava que eu ia repetir o ano e eu não sabia ler, fazer as tarefas porque eu fazia bagunça demais, a professora mandava eu sentar eu não sentava, a professora mandava eu ficar quieto eu não ficava, andava pela sala brincando de correr, pular em cima das mesas isso quando a professora saía de dentro da sala, então a professora pedia para os meninos anotarem os nomes, eles anotavam, e quando a professora chegava, a professora pedia o papel para falar o que cada um estava fazendo. Eu não fazia tarefa porque não gostava de escrever muito e não gostava da professora, eu não gostava dela porque ela enchia “meu saco” e eu não gostava muito de escrever e a tarefa que era muito difícil, por exemplo: a professora passou um texto que eu não vim no dia, aí eu tinha que fazer a tarefa, eu só não gostava de uma professora porque quando eu fazia bagunça o professor chamava minha mãe, aí ela ia se meter na conversa, ela falava para minha mãe que eu fazia muita bagunça aí minha mãe me batia. Minha mãe me batia por causa da fala dela. Depois fui reprovado só por causa dela, porque se e eu não passasse na aula dela, na matéria dela, eu não passava nas outras. Eu também já sofri tipo de violência aqui, um menino me falou que me pegaria na saída, eu e os meninos, eu falei assim: “não quero brigar não”. Eles falaram que iam me bater mesmo assim. Ele veio para cima de mim, eu deixei ele me bater, aí quando ele me deu um murro aqui na cara eu fui pra cima dele. Até agora, a última confusão foi uma brincadeira onde os meninos ficam como se fosse uma corrente e o último tem que dá um tapa na cabeça da última pessoa. Eu estava na brincadeira e fui o último e os colegas me mandaram dar o tapa em uma menina que eu pensei que estava brincando, os meninos repetiam para dar nela, eu fui e dei na cabeça dela. Ela estava com boné e ainda pegou de raspão no boné dela que caiu no chão. Mas ela não estava brincando. Eu senti assim, nossa, vocês hem? Eu falei assim: “não porque vocês não me falaram que ela não estava brincando, vocês mentiram”. Eles falaram assim, “uai mais era uma brincadeira”, eu falei assim: “agora a professora vai lá conversar conosco e vai chamar a coordenadora de turno para nós e dá advertência”. Eu tenho medo de ir preso, por exemplo, eu brigar no colégio, o professor chamar o policial o eu ir preso. Mas eu provoço, eu falo assim: “você vai ver, eu vou te pegar”, aí os meninos falam que não quer brigar, mas eu falo que eu vou te pegar mesmo assim. Mas quando chega na saída, que eles vem para cima de mim, eles brigam comigo e eu com eles. Só faço isso porque quando eles mexem com minha irmãzinha pequena, batem no meu irmãozinho pequeno eu tenho que defendê-los para não deixar os meninos baterem neles, mas se nessa ameaça eu apanhar eu paro de brigar, eu gosto é de ameaçar, mas gosto de bater também para sentir o fortão, mas eu não enfrento rapaz maior que eu não porque ele me bate, são só os menores eu enfrento.
A5	Já sofri uma violência aqui na escola, os meninos vêm querer brigar comigo, eles me pegaram, me cercaram e me bateram, eles me empurraram e deram tapa. Eu nem falo para meus pais porque eu tenho medo deles me baterem depois. Eu também já bati em alguém, um menino me chamou de “filho da puta”, aí eu peguei e não deixei e bati nele, ele apanhou, eu já falei, não mexe comigo não, que você vai apanhar. Agora ele parou.
A6	Não.

A7	Não.
A8	<p>Já briguei com uma menina faz pouco tempo aqui na escola, ela dizia que eu xinguei ela, na minha versão eu não xinguei, a escola inteira está falando que ela é puta e ela vem e coloca a culpa só em mim, não sei por que, ela não deve ter batido com minha cara. Eu estava saindo daqui da escola e bateu o sinal para ir embora, ela falou assim: “vamos embora ali conversar”, eu perguntei se era só conversar. Quando eu fui sair, meu colega que eu não quero citar o nome me chamou para ir embora, aí eu olhei para trás para falar com ele quando ela grudou por trás me jogou no chão, aí a hora que ela me jogou no chão, ela tentou pisar em mim, eu segurei o pé dela, joguei ela no chão e montei em cima dela, nos cabelos dela, dei murro, tapa na cara, de todo jeito. Eu acho que ela tem minha idade, doze anos mais é muito maior que eu. Consegui bater nela, mas eu apanhei também, ficou empatado, não vou falar que eu não apanhei, mas também não vou falar que eu não bati. Hoje ela me olha como se eu fosse uma pessoa que xinga qualquer pessoa, uma pessoa que ofende qualquer pessoa. Não sei por que é só chegar uma novata e cisma comigo, não sei por que. Na hora que estava batendo nela, eu senti raiva, ódio. Naquela hora se eu pudesse! Nossa senhora, eu acabava com a vida dela. Quem tirou dessa briga foi a coordenadora de turno que levantou ela e eu continuei ainda batendo nela, aí ela ainda veio em cima de mim, mas eu sozinha saí, nós duas saímos da briga. Só o professor de matemática e a coordenadora de turno que viu. O professor de matemática não fez nada, só olhou e falou para parar de brigar e foi embora, na hora a gente estava rolando no chão. Depois fomos chamados para conversar eu e minha mãe viemos aqui na escola, a mãe dela veio sem ninguém chamar, eu chamei espontaneamente minha mãe, aí ela disse que segunda-feira vinha na escola e ela veio. Aconteceu sexta-feira passada, ela veio na segunda-feira. A menina que me bateu veio na terça-feira, a mãe dela veio conversou comigo e com a coordenadora pedagógica. No meu caso resolveu, registrou, mas nem olhar na cara dela eu não quero olhar, não sei nem o nome da menina, por mim eu ainda quebrava a cara dela, a escola toda falava dela e ela só vem em cima de mim? Não pretendo fazer nada com ela não, não tenho ódio tanto assim não, rancor. Eu já briguei com muitas outras pessoas em escola, aqui mesmo nessa escola já foram umas sete brigas, algumas de tapa, outras verbalmente, se for contar tudo dará mais de quinze. Não que as pessoas fizeram comigo, eu é que fiz com elas. A maioria das vezes são eles que começam, não sou muito de caçar muita briga não, assim quando eu estou assim chateada e quero desconto em alguém, é assim que eu caço. Mas é de vez em quando, só assim, quando eu estou assim, um trem, igual pela menina, que eu queria arrebentar ela. Isso quando estou por aqui, estou no limite, aí eu enfrento, mas eu tenho medo de morrer, todo mundo tem que ter medo da morte. A morte é a única coisa que não tem solução aqui nessa terra, mas eu tenho que encarar. Encarar o que eu aprontei, encarar o que eu fiz. Medo eu tenho, mas mesmo assim eu enfrento, eu gosto de aventura, eu gosto de caí nos murro, estou falando isso com sinceridade, com toda a verdade desse mundo. Meus pais falam que é errado, mas mesmo assim eu continuo, não dou ouvido, entra por um e saí pelo outro, eles dão conselho, com certeza, agora nessa escola há violência nessa escola de 100%, 30% existe violência. Comigo também aconteceu aqui de briga entre eu e outra menina, mas eu não apanhei, eu bati e ela saiu machucada. Bati nela porque eu estava jogando bola no campo, ela deu um murro na minha boca, saiu sangue, aí eu não fiz nada, mas ela chegou e me deu um tapa na minha cara e na saída ela começou a bater em mim, e eu fui e revidei, depois a situação ficou normal, ninguém ficou sabendo de nada, e não fizeram nada porque foi para fora da escola. Outro dia eu estava sentada fazendo tarefa, aí meu colega pegou e fez a ôla, sabe como é ôla? Uma brincadeira de bater acontece assim: bate em tudo que está atrás e mete a mão na cabeça do que está na frente, e eu estava na frente e tinha um menino que estava atrás de mim, aí eu não estava brincando não, mas ele veio e “pique”, meteu a mão no meu rosto. Nesse dia eu senti uma raiva, até ameacei ele, eu falei que isso não ficaria por isso e que eu iria dar o troco, mas na hora não reagi, porque era menino, eu gosto de bater é em menina. Meu negócio é menina, porque eu sou menina e eu quero bater em menina, porque eu vou usar da força com a mesma força de mulher. Vou dar minha força para pessoa da mesma força que eu. Menino para mim significa que eu fico em desvantagem, mas dependendo de alguns meninos se forem os mais fraquinhos eu pego. Mas as meninas eu não estou nem aí, se for mulher já feita, não estou nem aí. Mas nesse caso da sala de aula, a coordenação deu advertência para os meninos que estavam brincando, depois chamou a mãe de alguns, dos principais envolvidos, mas o importante é que tomou atitude.</p>

		Nesse caso não contei para meus pais, porque eu falei: “ah deixa quieto, vou apanhar mais, pra quê?” A escola para acabar com essa violência precisa dar mais orientação para os alunos, perguntando o quê quer dessa vida e parar de brigar. Perguntar se quer continuar brigando. Assim no geral não é só comigo, mas com todos. Mas no meu caso não tem nada que resolve meu problema não, isso aí é só eu mesmo e quando eu quiser porque eu acho que há uma revolta em mim, não é dos meus pais, é de mim mesmo. Acho que eu não aprendi a bater com meu pai, aprendi foi sozinha mesmo, foi o instinto que me fez ser desse jeito, de bater. Eu criei esse instinto, acho que não tem idade para começar, foi sempre assim, embora que não quero ficar assim, eu quero me curar sozinha, eu consigo, mas sinto que estou mais para o lado de continuar, essa necessidade vem de dentro. Eu penso em parar quando não tiver mais jeito de continuar a lutar. Pode ser adulto, velhinha já. Assim não vou provocar não, se caçar aí que eu vou bater.
A9		Não.
14º EIXO - QUAL A ATITUDE DO PROFESSOR QUE MAIS TE MARCOU?		
MASCULINO	A1	
	A2	Eu vi a professora falando e o menino pegou e deu uma tirada nela. É que, a professora brigou com ele e ele falou: “ah não estou nem aí”. Depois a professora falou que era bom ele sair, aí ele desceu para a secretaria. A professora estava um pouco nervosa.
	A3	O que menos gosto aqui é quando os professores brigam com a gente. Eles falam que se a gente fizer muitas coisas erradas, eles vão chamar o juizado de menor, ontem mesmo eu já ouvi, porque quando a gente fica doente, eles falam se faltar muito vai mandar o juizado de menor ir buscar vocês, eu acho isso uma ameaça, é uma violência e aí eu penso em ficar lá. Meu pai falou que vinha aqui conversar com elas, porque ficam nos ameaçando, isso elas falam para a sala inteira, nesse caso foi somente uma professora que falou. As outras obrigam a fazer tarefa, elas falam: “antes de bater o sinal tem de dar conta”, se não der conta elas levam para secretaria, eu não fui, mas os meninos lá vão fazer tarefa lá na secretaria, mas tem meninos que fazem bagunça em sua aula. Ah eles são assim, sobe em cima das mesas, ficam dançando na sala na hora que a professora não está lá e muitas outras bagunças.
	A4	Eu não gostava da professora porque ela enchia meu saco e eu não gostava muito de escrever, a tarefa era muito difícil, por exemplo: a professora passou um texto que eu não vim no dia, aí eu tinha que fazer a tarefa, era porque eu também não gostava da professora, eu não gostava dela porque ela enchia meu saco. Quando eu fazia bagunça o professor chamava minha mãe aí ela ia se meter na conversa, ela falava para minha mãe que eu fazia muita bagunça e minha mãe me batia. Tinha professoras aqui que falava que se não ficasse quieto iria chamar o conselho tutelar, isso era com a outra direção, essa não fala assim não.
	A5	Uma professora que eu não gosto muito, que é enjoada, não deixa a gente fazer nada, não pode beber água, não pode levantar, só no terceiro horário que pode beber água, tem que encher a garrafinha na hora do recreio e levar para sala, mas só que na hora que nós vamos encher e voltar para sala, ela está fechada, trancada, senão os outros ficam mexendo em nosso material; depois vou brincar e fico sem água porque eu não desço mais com minha garrafinha para encher. Tem professor também que não pode fazer nada, ir ao banheiro, não pode levantar e conversar, gostaria de levantar e conversar de vez em quando, falar sobre as coisas que acontecem. Eu tenho uma dificuldade dentro da sala de aula, que é de estudar, ficar lá, tem que treinar para fazer prova, aí a gente esquece.
FEMININO	A6	
	A7	
	A8	Há professor que obriga você fazer a tarefa, assim a gente não quer, ele obriga a gente fazer, se você não fizer, fica fazendo chantagem, se você não fizer você vai descer, se você não fizer vou contar para coordenadora de turno, assim, desse jeito.
	A9	Muitos alunos falam que o professor de matemática é sem educação, que não deixa os alunos fazer tal coisa, começa a gritar com eles em sala de aula, eu acho que é tudo mentira, porque eu não vejo isso com ele, eles estão exagerando.

15º EIXO - COMO ACHA QUE RESOLVERIA A VIOLÊNCIA ESCOLAR?		
MASCULINO	A1	
	A2	Em minha opinião as pessoas precisam se conscientizar e não bater nos filhos porque isso não adianta, não vai adiantar bater no seu filho porque ele fez aquela coisa, como eu disse você tem que sentar com ele e conversar, porque bater não adianta, não vai adiantar, seu filho vai ficar cada vez mais é com raiva, revoltado com você e descontar na escola.
	A3	
	A4	Eu acho que para a escola acabar com a violência é por segurança no colégio, vigiar para não deixar brigar, separar e falar para não brigar, porque não é só falar, mas separar, o professor não separa, eles falam, mas deixam e vão embora, porque os alunos gostam de brigar é na hora da saída, aí a professora sai, pega o carro e vai embora, no outro dia conversa, mas na hora lá ninguém separa.
	A5	
FEMININO	A6	
	A7	
	A8	
	A9	Acho que deve colocar mais segurança na escola, na porta das escolas, que aí não vai acontecer mais violência não. Acho que a polícia resolveria.

ANEXO

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____ RG _____ CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “ **A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO DA ESCOLA**” como sujeito colaborador. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora **Leila Oliveira Rodrigues**, dos procedimentos nela envolvidos, assim como os benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do sujeito colaborador da pesquisa _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito colaborador a participar.

Testemunhas (não ligadas a pesquisadora)

Nome _____	Assinatura _____
Nome _____	Assinatura _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____ RG/CPF nº _____, abaixo assinado, concordo que meu filho (a) menor de idade participe do estudo “**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO DA ESCOLA**” como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora Leila Oliveira Rodrigues sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes dessa participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção do (a) aluno (a) em seu acompanhamento escolar.

Goiânia, ____ de _____ de 2010.

Assinatura do (a) responsável